

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

MICHELE ANDREA MARKOWITZ

**FAZER PARTE DA CLASSE MÉDIA:
Práticas discursivas em um bar no Rio de Janeiro e em um café em Buenos Aires**

**Niterói
2011**

MICHELE ANDREA MARKOWITZ

**FAZER PARTE DA CLASSE MÉDIA:
Práticas discursivas em um bar no Rio de Janeiro e em um café em Buenos Aires**

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal Fluminense (UFF), como requisito parcial para obtenção do grau de doutor. Área de concentração: Etnografia Urbana.

Orientador: Professora Doutora SIMONI LAHUD GUEDES

**Niterói
2011**

Markowitz, Michele Andrea.

Fazer parte da classe média: Práticas discursivas em um bar no Rio de Janeiro e em um café em Buenos Aires – Niterói, 2011.

Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal Fluminense, 2011

Etnografia Urbana. Sociabilidade. Classe Social. Bar e café.



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Centro de Estudos Gerais
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
Programa de Pós-Graduação em Antropologia



DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins que o(a) aluno(a) **MICHELE ANDREA MARKOWITZ** defendeu no trinta e um de janeiro de 2011 sua Tese de Doutorado, com o título **"FAZER PARTE DA CLASSE MÉDIA: Práticas discursivas num bar em Rio de Janeiro e em um café em Buenos Aires"**, sendo a banca constituída pelos(a) professores(a) doutores(a): Simoni Lahud Guedes (Orientadora), Luiz Fernando Dias Duarte (PPGAS/UFRJ), Edison Gastaldo (UFRRJ), Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto (PPGA/UFF), Edilson Márcio Almeida da Silva (PPGA/UFF), Brigida Reinoldi Conicet (suplente Universidad Nacional de Misiones) e Laura Graziela F. F. Gomes (suplente PPGA/UFF), no Programa de Pós Graduação em Antropologia.

Niterói, 31 de janeiro de 2011.

Prof.ª Dr.ª Ana Paula M. de Miranda
Vice-coordenadora Pós-graduação Antropologia
Inst. de Ciências Humanas e Filosofia-UFF
Matr. SIAPE 1692024

Agradecimentos

Achei mais difícil escrever os agradecimentos do que a própria tese por dois motivos. O primeiro é que não tenho facilidade para expressar sentimentos. Além disso, agradecer significa fazer escolhas, pois se eu fosse agradecer a todos que me ajudaram de alguma maneira ou foram bons comigo nos últimos quatro anos, sejam amigos, profissionais, eventos, acasos, etc., esse pequeno subcapítulo acabaria se tornando um volume à parte. Assim, limitei-me a agradecer todos aqueles mais diretamente ligados à fabricação da tese. Espero que aqueles que não incluí aqui se sintam apreciados de outras formas, já que procuro nunca ser ingrata com ninguém.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a CAPES pelo apoio financeiro que me concedeu durante três dos quatro anos do doutorado, o que simplesmente me possibilitou a realização do projeto. Também menciono nosso programa, PPGA, pelo apoio burocrático durante todos esses anos. Agradeço minha orientadora, Simoni, que, desde o primeiro momento, antes mesmo de pertencer ao PPGA, confiou plenamente em mim e em meu projeto, que ela bancou sem pedir nenhuma modificação. Esse apoio e essa confiança continuaram quando tive que interromper minha pesquisa por causa de um problema de saúde. Agradeço a todos que participaram da banca por seus comentários e crítica. Faço menção especial a Luiz Fernando Dias Duarte, que também foi da minha banca no mestrado e teve um papel importante na minha formação como antropóloga. Da UFF, gostaria de agradecer ao apoio e aos comentários dos professores Paulo Gabriel Hilu Pinto, Mello e Delma Pessanha, que, de alguma forma, acompanharam este trabalho desde que entrei para o programa. Laura Graziela Gomes, além de professora, foi uma das melhores companhias que tive em Buenos Aires, onde, por acaso, ela chegou a morar durante dois meses enquanto eu fazia campo lá. Durante a estadia em Buenos Aires, onde ela estava de missão, recebi inúmeras sugestões e observações.

Em Buenos Aires, menciono todo o apoio acadêmico que recebi de Sérgio Vizachovsky, que desde o início se interessou pelo meu tema e se dispôs a me dar toda espécie de ajuda. Foi muito frutífera minha participação no grupo de pesquisas que ele coordena no IDES sobre Classes Médias. Espero continuar participando desse grupo tão estimulante e raro na antropologia sul-americana. Também gostaria de agradecer aos colegas do grupo, especialmente Patrícia Vargas, que virou uma amiga e cuja tese me esclareceu muito sobre novas classes médias, além de Nicolas Viotti, que me apresentou à literatura argentina contemporânea menos conhecida, que citei ao longo da tese.

Destaco alguns amigos que me ajudaram com a tese. Do lado brasileiro, agradeço a Monique Aguiar, que falou comigo sobre meu campo, visitou o campo e sempre estava disponível para um bate-papo *online* enquanto eu morria de frio em Buenos Aires. Lucieni Simão sempre tinha algum livro ou amigo em mente para me ajudar com a pesquisa. Pedro Pio me ajudou a explorar todos os bares do Rio e, muitas vezes, ele sabia quem eram os frequentadores, seus nomes e profissões. Agradeço também a Lênin Pires por sempre ter um ouvido e uma ideia. Rolf Ribeiro de Souza foi um interlocutor constante e foi quem mais me estimulou a seguir com meu projeto. Fundamental também foi Paulo Thiago de Mello que sem nem me conhecer me emprestou toda sua bibliografia e se encontrou comigo num bar para trocar ideias sobre a tese. Beatriz e Virtudes Arosa para tudo. Minhas professoras de graduação, Márcia Perreira Leite e Sandra Carneiro que nunca deixaram de seguir minha carreira e tomaram interesse especial no meu tema, dando-me entrevistas e me visitando em campo.

No Rio de Janeiro ainda, agradeço todo o carinho do Sr. Edgar e Chico, da Tasca, que tanto ajudaram minha pesquisa de campo carioca.

Do lado argentino, Guillermo Jans Pereyra foi um amigo da primeira hora que me levou para conhecer os bairros mais distantes na franja sul de Buenos Aires, além de tomar café comigo em muitos cafés. Laura Zapata e Rolando Silla, que já conhecia da época do meu mestrado, tornaram-se amigos do peito e conversei horas e até durante dias com eles sobre minhas impressões da cidade e de tudo o mais. Eles eram entre os melhores interlocutores que tive em Buenos Aires. Laura Colabella, também amiga de mestrado, nunca deixou de me apoiar, especialmente durante o período de campo em Buenos Aires. Tive a felicidade de conhecer Andrea Mastrangelo em Buenos Aires e também minha nova amiga, Melisa Fernandez Marrón, que caminhava durante horas comigo para conhecer os bairros portenhos e fazer comentários. O fascínio dela com a cidade só é comparável com o meu e essa argentina não-portenha foi a cúmplice perfeita para desvendar os mistérios de Buenos Aires. Cecília Alemanni me deu inúmeros textos para xerocar sobre a história da cidade, material que eu não teria conhecida de outra forma. Também cúmplice para minhas aventuras em Buenos Aires foi uma amiga brasileira, Norma Cabral, que facilmente trocava todas suas impressões do ponto de vista de menina nova criada nos subúrbios cariocas sobre as terras portenhas, seja nos bares, nos cafés, nos bairros, nas lojas. Brígida Reinoldi, além de amiga querida de muitos anos, me ajudou a articular novos amigos e lugares nos dois países e ainda professores, livros, ideias. No final da pesquisa ela ainda me prestigiou como suplente da minha banca. Obrigada por tudo. A irmã dela, Korina, levou-me a quase todos os *cafés notables* em 2006. Em La

Plata e no Rio, Mariana Paladino e Adelaida Colangelo também foram sempre presentes na pesquisa, mandando artigos, acolhendo-me e me oferecendo suas comparações.

Quatro pessoas que não tiveram nenhuma relação com o conteúdo da minha pesquisa merecem menção especial. A primeira delas é o bibliotecário do Instituto Cervantes do Rio de Janeiro, Carlos Alberto Della Paschoa, que me deixava trabalhar tranquilamente na sua biblioteca durante toda primeira fase da minha pesquisa, às vezes até quando a biblioteca estava em reforma e eu nem deveria estar lá. Silêncio, ar-condicionado, banheiro limpo, água fresca, café e o acolhimento no primeiro lugar onde estudei espanhol no Rio são as lembranças que tenho desse oásis onde me acampeei durante os primeiros dois anos da minha pesquisa. Minha professora de pilates em Buenos Aires, Alejandra San Martin, levantou-me física e psicologicamente da grande crise existencial dos primeiros meses em Buenos Aires quando achei que a comparação entre as duas cidades não iria levar a nada. Foi assim que entendi que realmente o corpo e a mente trabalham sempre juntos e a disciplina e consciência de um estimulam o outro e vice versa. Antes disso, quando eu ainda passava mais tempo no hospital do que na universidade, Dr. Fernando Vargas me ajudou a voltar “do outro lado” – conversava comigo sobre minha tese, em vez de me reprovar por ficar uma tarde inteira trancada na biblioteca com uma barra de chocolate para o almoço; arrumava-me antiácido para o estômago e me mandava de volta para a biblioteca. Ele foi o primeiro e praticamente única testemunha das pelo menos primeiras 60 páginas escritas. Esse é meu agradecimento. A quarta menção vai para minha psicanalista, ela que escutou tudo. Finalmente agradeço aqueles que me deram vida e estímulo para criar meu próprio destino, meus pais, Bernard e Elaine Markowitz, que também me acolheram durante a fase final da tese. Foi por causa desse acolhimento que o bebê finalmente podia nascer.

Resumo

O objeto da minha pesquisa é tentar entender o que significa querer ser reconhecido como *classe média* através do uso de duas instituições distintas, o bar e o café, em duas cidades igualmente distintas, Rio de Janeiro e Buenos Aires. O aproveitamento desses espaços é intenso nas duas cidades como também a produção de discursos sobre esses lugares. E são justamente os mesmos produtores de discursos que são os frequentadores mais ávidos de tipos específicos de bares e de cafés. Dentro dessas instituições, porém, seus discursos reivindicatórios não são escritos no papel, mas através de performances feitas através de uma *apresentação de si* que se manifesta na escolha do lugar, das comidas e bebidas, roupa, gestos – além, naturalmente, das suas falas. Argumento que esses sujeitos querem ver e ser vistos em público, mesmo se isto significar como é frequente em Buenos Aires, em estar só, sentado à janela de um café. É através desta performance que pretendo contribuir para desvendar a linguagem de classe média em cada cidade, interpretando o que significa em cada contexto e como o status de classe média é reivindicado.

Palavras-chave: Etnografia urbana, sociabilidade, classe social, bar e café

Abstract

The aim of this project is to understand how to gain recognition as *middle class* in two very different cities, Rio de Janeiro and Buenos Aires, using two equally different public institutions, the bar and the café. As different as they may be, though, the usage of bars in one city and cafés in the other are equally intense, as is the production of discourse on these two public spaces. Those who produce such discourse are generally the most avid regulars in bars and cafés. Within these spaces, however, claims to status are not written on paper, but rather acted out by way of a *presentation of self* made evident by the choice of a particular bar or café, the kinds of food and drink ordered, personal style, and other modes of self expression. Regulars in bars and cafés want to see and be seen in public even if this means, as it frequently does in Buenos Aires, spending an afternoon alone sitting behind a window. It's by way of this *presentation of self* that I wish to define a middle class jargon in each city and define what this vocabulary means in each context explored, thus learning how such demands of status are made.

Key words: Urban Ethnography, sociability, social class, bars and cafés



O café Havanna de Buenos Aires e a Tasca do Edgar no Rio de Janeiro, locais onde realizei meu trabalho de campo

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1: O ex-“Xodó da Alice” e atual “Tasca do Edgar”, na Rua Alice	104
Foto 2: Seu Edgar, na Tasca da Rua Alice	107
Foto 3: Chico, o garçom-chefe da Tasca, e Antônio, ao fundo	109
Fotos 4 e 5: O cotidiano do bar, sábado à noite.....	117
Fotos 6 e 7: “El Colecionista”, visto do lado de fora (esquerda) e sob a marquise aquecida para fumantes no inverno (direita).....	141
Foto 8: Um casal conversa dentro do Café em um dia de semana	142
Foto 9: Até aos domingos há solitários lendo no Café Havanna de Caballito	143

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
I. FAZENDO PESQUISA EM DUAS CIDADES DIFERENTES	10
Comparando Brasil e Argentina	10
Como escolhi meu campo	11
Sociabilidade, Status e Território	49
II. UM PASSEIO PELO RIO DE JANEIRO	52
História dos cafés no Rio de Janeiro	53
Bairros	55
Conclusões	74
III. UM PASSEIO POR BUENOS AIRES	76
A geografia da cidade	76
Cafés e bares em Buenos Aires	80
Conclusões	101
IV. FAZENDO CAMPO NAS DUAS CIDADES	102
Parte I	102
Da casa ao escritório: o campo carioca e o campo portenho	102
1. A Tasca do Edgar, meu segundo lar no Rio de Janeiro	103
2. O Havanna de Caballito, meu escritório portenho	140
Parte II: Contrastes	152
V. O GRANDE CONTRASTE	159
Parte I: Cidades incomparáveis	159
Parte II: Bares e cafés incomparáveis	169
VI. CONCLUSÕES PARCIAIS	189
CONCLUSÕES GERAIS	208
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	216

INTRODUÇÃO

Um tema inusitado?

Quando disse aos amigos e colegas que minha tese de doutorado iria comparar a sociabilidade nos bares no Rio de Janeiro e nos cafés em Buenos Aires, a primeira coisa que me saltou a atenção era como os brasileiros e argentinos reagiram de maneiras completamente distintas ao meu tema. Os amigos cariocas riram e felicitaram algo ironicamente por minha escolha, fazendo comentários do estilo “você vai se divertir muito no campo (bebendo cerveja)”. Poucos, na verdade, levavam-me a sério. Os brasileiros que não nasceram ou vivem no Rio de Janeiro já reagiram de formas diversas. Ouvi desde “carioca tem essa coisa de bar, né?” (gaúcho), “carioca acha que é dono do bar, mas em Belo Horizonte há mais bares do que no Rio” (mineiro). Ou seja, comentários que reconheciam a eficácia de certo discurso sobre o bar ou o estilo de sociabilidade que seria característica nessa cidade. Ao ler um artigo de Magnani (2003), ele contava que muitos alunos de graduação (em São Paulo) escolhiam um botequim suburbano – para poder beber no trabalho. A ironia a respeito de quem trabalha em bar (onde justamente não se vai para trabalhar) novamente ficou evidente.

Angariar material e ajuda para desenvolver meu projeto, então, não foi fácil. Como vi que Pedro Paulo Thiago de Mello tinha defendido uma dissertação sobre sociabilidade de bar em 2003 na UFF (Universidade Federal Fluminense), porém, fiquei esperançosa. Foi o próprio que me emprestou toda sua bibliografia sobre o assunto, a qual usei para escrever meu projeto de doutorado. Depois eu fui até UFF para fazer um concurso e por acaso encontrei com um velho amigo de graduação que me estimulou a falar com Simoni Lahud Guedes, que também foi da banca de avaliação da tese de doutorado de Mello. Ela foi uma das poucas pessoas que me levou a sério e aceitou meu projeto. Por coincidência ou não, ela não bebe, nunca bebeu nem tem o hábito de frequentar bares, nem para comemorar as defesas dos seus orientandos, como é tradicional na UFF. Possivelmente, por estar mais alheia ao assunto, ela se interessou mais por ele como tópico antropológico.

Para minha felicidade, consegui alguns contatos com jornalistas no Rio de Janeiro, inclusive Paulo Thiago. Estes já reagiram bem ao meu projeto, mas não à ideia de trabalhar com o conceito de “classe média”, pois para esses contatos, o “autêntico” bar tinha o jeito do “povo”, como disse outro jornalista que gentilmente me ajudou, apresentando-me a funcionários de alguns bares no Rio durante o levantamento que fiz em 2007. Todos se encantam com a ideia do bar como lugar noturno, com a chamada boemia e as intermináveis

conversas e cervejas que as acompanham. Este discurso é antigo no Rio de Janeiro, desde que João do Rio frequentava a Rua do Ouvidor no início do século XX. Ainda hoje, é seguido por quase todos os cronistas que usei como referências bibliográficas. Há também a ideia geral de cerveja como uma espécie de intermediação democrática, niveladora das diferenças, no discurso atual sobre o bar, como veremos na discussão sobre o “autêntico bar e botequim”.

Com amigos e colegas argentinos, a reação à minha ideia de tese de doutorado foi bem diferente, tanto entre argentinos que moram no Rio de Janeiro quanto para aqueles que vivem na Argentina. Todos achavam a ideia muito interessante e tentaram encontrar qualquer tipo de apoio bibliográfico possível para me ajudar. Uma amiga de La Plata me mandava coisas no correio, e outra reproduzia letras de tango e rock. Muitos me contaram aonde costumavam ir tomar seu café na Argentina, o que eles achavam dos bares do Rio e quais eram as diferenças, na opinião deles, entre as duas cidades. Os professores argentinos que consultei também gostaram da ideia e nunca, assim, fiquei inibida de contar a eles sobre o projeto. Quando especifiquei que eu queria trabalhar especificamente com segmentos médios, não houve nenhum tipo de espanto, até porque no IDES (Instituto de Desarrollo Económico y Social) existe um grupo de estudo multidisciplinar sobre classes médias. Diferentemente do Rio de Janeiro, em Buenos Aires, “classe média” é um assunto mais corriqueiro. A única resistência, porém, foi quando cheguei a Buenos Aires e alguns comerciantes, ou eventualmente um amigo ou outro, não entenderam o que eu queria dizer com “classe média”, pois como para eles todos já eram de “classe média”, então eu estaria falando sobre a população geral.

Para mim, enfim, esses dados já me ofereceram uma previsão (que, na realidade, só entendi depois) sobre os tipos de problemas que enfrentaria ao tentar fazer uma comparação entre as duas cidades.

Mas o que então me teria levado a escolher um tema complicado assim? Resolvi estudar Ciências Sociais por causa do comportamento bizarro (no meu entender) dos colegas de uma editora, onde trabalhei durante seis anos, recém-chegada ao Brasil, vinda dos Estados Unidos, onde nasci e vivi até 21 anos. O que me parecia era que os colegas dentro do escritório mantinham opiniões, professavam crenças e davam conselhos, mas nas suas ações práticas agiam de forma distinta daquilo que falavam. Comecei a observar o comportamento das pessoas até para tentar me proteger dentro do ambiente às vezes hostil do escritório, mais ainda num país cujas sutilezas de costumes eu não senti dominar. Eu esperava algum apoio dos colegas americanos, mas esses pareciam ter adotado os modos locais e eram americanos do seu jeito, mas dentro do contexto local, ou seja, “gringos”. Eles haviam aprendido já a

seguir os padrões de comportamento dos colegas locais, geralmente avessos a qualquer comentário que poderia instigar uma discussão.

Uma noite, depois de umas caipirinhas a mais em casa, um então colega me disse que eu pensava como antropóloga. Disseram-me que eu deveria estudar antropologia. Não imaginei que antropologia pudesse estudar qualquer curiosidade do cotidiano e, sim, povos indígenas. Por qualquer motivo eu queria estudar grupos mais próximos a mim. Na graduação, fascinei-me com os intelectuais, especialmente professores das ciências sociais com os quais mantinha contato por causa dos meus estudos. Estes apareciam na televisão, participavam em comissões governamentais e organizações públicas para mudar o currículo dos estudos universitários, opinar sobre a política; enfim, gozavam de muito prestígio. Parecia-me que no Rio de Janeiro os poderes da palavra e do título valiam mais do que onde nasci. Mas igual ao escritório, aquilo que as pessoas professavam não necessariamente correspondia às ações cotidianas. Ninguém brigava com ninguém, mas todos sabiam de algo que não podia falar “em todas as letras”. Senti-me vulnerável, pois os brasileiros pareciam saber ler muito bem nas entrelinhas, mas eu não.¹

Mas como nossos discursos como intelectuais da academia podem ser capazes de ter consequências maiores, atingindo um público maior graças a nossas publicações e consultas, além, obviamente, das hordas de alunos entrando na faculdade para ouvir a mesma aula repetida ano após ano, resolvi estudar os intelectuais. Depois de fazer uma pequena monografia infantil e sem maiores consequências, decidi que iria tentar levar o assunto mais longe no mestrado, no Museu Nacional, onde havia antropólogos interessados nesse tipo de problema. Eu, mais especificamente, queria abordar o problema da relação entre a produção de discursos, intelectuais acadêmicos e a reivindicação de poder. A saudosa professora Lygia Sigaud me aconselhou pensar bem, pois lidar com os próprios seria suicídio intelectual para mim. Acabei, à sugestão de meu orientador do mestrado, por fazer um estudo sobre intelectuais financeiros, na verdade, elites financeiras. Em retrospectiva, acho que meu problema, como muitos alunos inexperientes que fizeram uma leitura primária de Bourdieu sobre o seu conceito de “o poder”, era achar que as “estratégias” e “lutas” eram meios de conscientemente tomar o “poder” no sentido de uma revolução política e não como um simples exercício de sobrevivência cotidiana, um exercício que visa a sobrevivência do próprio ego, a regulamentação das relações, a possibilidade de melhores perspectivas futuras,

¹ O Professor Robert Kant de Lima, no seu livro *A antropologia da academia: quando os índios somos nós*, (1985) fala da experiência inversa quando ele fez o doutorado nos Estados Unidos e se surpreendia com as pessoas por sua aparente frieza, pois estas falavam de maneira curta e sucinta aquilo que pensavam.

o nem tão simples “dar sentido” a um mundo que, por si mesmo, não é dotado de causas e efeitos.

Terminei a dissertação sobre banqueiros depois de inúmeras dificuldades para conseguir informações sobre eles e de quase ser processada por um deles. Foi assim que me desencantei definitivamente com elites, dinheiro e poder político. Se eu ainda não sabia exatamente com que tema trabalharia no doutorado, sabia sem dúvida que estava na hora de “baixar a bola” e trabalhar com pessoas mais próximas a mim, até porque eu teria mais margem de manobra para falar com as pessoas que pretendia pesquisar e saberia onde as encontrar. Entendi isso melhor em relação ao meu fascínio com a sociabilidade pública, pois sempre me diverti muito sentando nos bares do Rio e observando como as pessoas conversavam entre si de forma tão animada, como os lugares enchiam de gente e como as pessoas pouco se importavam se “passavam do ponto” (no meu entender na época) na bebida.

Raramente parecia haver algum objetivo maior para essa sociabilidade a não ser simplesmente estar em público e conversar. Quando fui pela primeira vez a Buenos Aires em 2005 vi que tudo aquilo que acontecia nos bares no Rio de Janeiro acontecia nos cafés do lado portenho, só que além de gente conversando, havia muitas pessoas que iam sozinhas para o café para ler ou trabalhar, ao mesmo tempo em que estas faziam questão (pelo menos é assim que me parecia) de sentar a janelas, como se estas se fizessem de “vitrines” solitárias, desfilando sua solidão. Mas não ficavam nas suas casas e, sim, bem nas ruas para ver e serem vistos. Por que as pessoas agiam assim e qual o prazer de fazê-lo?

Levantei minhas perguntas para amigos e colegas, conhecidos, jornalistas, antropólogos, profissionais e graças a essa indagação reencontrei-me com meus intelectuais através do “discurso”, pois todas essas pessoas eram adeptas à “cultura do bar” e mantinham um discurso quase que científico sobre ela, abordando classe, raça, caráter, relações sociais e outros pontos que nós antropólogos adoramos. Além disso, essas pessoas adoram falar, assim são bem mais interessantes do que elites sociais e econômicas, pois sempre estão querendo provar algo para o interlocutor que lhes empresta ouvido.

Levei, então, minha curiosidade mais adiante para a bibliografia. Em termos históricos, o crescimento de grupos intermediários no cenário europeu é associado ao desenvolvimento de um estilo de vida urbana com o crescimento das cidades que, por sua vez, auferiu a possibilidade de uma cultura de cafés públicos. Afinal, apenas com cidades há ruas e apenas com ruas há sociabilidade pública. O nascimento dos *burgos* coincide com o

nascimento dos *burgueses* e o café é onde esses grupos iriam para discutir seus assuntos ao estarem em público², especialmente assuntos de política e cultura.

Na América Latina, as coisas se desenvolveram de forma parecida, embora mais tardiamente. Como demonstra Oliveira (2004), os cafés em Buenos Aires são do início do século XIX, e, no Brasil, na chamada “Belle Époque” até o fim da Segunda Guerra³. Em relação a outras cidades latino-americanas, Buenos Aires e Rio de Janeiro, destacam-se pela extensão desse tipo de sociabilidade como observei nas minhas andanças.

Por outro lado, conforme diz a crítica Beatriz Sarló (2008) sobre os cafés portenhos, há certo perigo de idealização sobre essas instituições. Nas palavras da autora,

“Si todos los días, porque es un ocioso, un visitante sin apuro toma su trago en un bar y mira por la ventana mientras escucha una mezcla de sonido de televisión y conversaciones entre mozos y clientes, esa sociabilidad se convierte en *lo propio* de los bares de tal ciudad.” (SARLÓ, 2008, p. 187).

Isso não é apenas um problema portenho, mas de toda uma mitologia do nascimento do burgo e do burguês, como remarca Richard Sennet (1974), lembrando os cafés londrinos do Século XVIII:

“The coffeehouse was a meeting-place common to both London and Paris in the late 17th Century, though, due to England’s greater control over the coffee market, the coffeehouses were more numerous in London. The coffeehouse is a romanticized and over idealized institution: merry, civilized talk, bonhomie, and close friendship all over a cup of coffee (...). Moreover, the coffeehouses performed a function which makes it easy to romanticize them in retrospect: they were the prime information centers in both cities at this time.” (SENNET, 1974, p. 81).

Nas duas cidades onde empreendi minha pesquisa, há uma forte idealização do café-bar como um espaço democrático onde todos podem encontrar-se com velhos e novos amigos e um lugar que estimula por si só as boas conversas. Mas novamente vi um contraste, pois me chamou a atenção que no Rio de Janeiro ainda não vi nenhuma crítica ou sátira dessa idealização, muitas pessoas realmente acreditam que o bar seja parte de um estilo de vida carioca, e digno de exportação. Já em Buenos Aires, conforme a ideia de Sarló (2008), os portenhos teriam mais distância crítica do café, reconhecem-no como uma parte da vida da cidade e também como um produto para exportação, mas no sentido de pintar um quadro algo falso para atrair turistas. Um dos objetivos dessa pesquisa é justamente explicar o porquê dessa idealização e de quem lhe faz, como também explicar por que a idealização funciona

² Veja, por exemplo, Habermas (1984) e Sennet (1974).

³ Para Rio de Janeiro, veja Gomes (1989). Para São Paulo, Gama (1998). E, para Porto Alegre, Lewgoy (1992).

melhor em um caso do que em outro. De qualquer maneira, a extensão da “cultura do café”, no caso da capital argentina e a intensidade do bar (numa sociabilidade mediada pelo álcool) no caso do Rio de Janeiro, são dignas de observação mais aprofundada, sejam turísticas ou, como no presente trabalho, antropológicas – esses espaços continuam sendo muito usados por partes consideráveis das suas populações.

Lembrando da citação de Sennet (1974), é óbvio que cultura de bar e café não é apenas um fenômeno no Rio de Janeiro e em Buenos Aires. São fenômenos universais, pois algum tipo de espaço público designado ao uso de alguma substância lícita capaz de provocar ligeiras alterações de estado de ânimo (café, chá, álcool, fumo, açúcar, ou qualquer outra vertente de acordo com os costumes do local em questão) é a norma em qualquer país. O café provavelmente vem do Yemen e a cerveja já se encontrava na época dos faraós no Egito (para facilitar a viagem para o céu, os bondosos parentes deixavam a iguaria guardada em urnas nos seus mausoléus). O vinho está na bíblia. Mas em cada um desses lugares, a substância preferida e o lugar público designado para usá-la desfrutam de significados próprios, em termos da longevidade do uso, de quem pode consumi-la, onde, em que horários e como a coisa e o lugar são vistos por grupos distintos. Eu proponho agora falar sobre dois lugares específicos e seus conceitos de sociabilidade, status e estilo de vida.

Essas duas cidades, Rio de Janeiro e Buenos Aires, não fazem usos equivalentes dos seus espaços públicos e eu estou quase sempre fazendo uma comparação por contraste. No Rio de Janeiro, para mim, é curioso o consumo socialmente sancionado de bebida alcoólica, especialmente cerveja, praticamente todos os dias, desde durante o dia até à noite. Não importa se o frequentador trabalha ou estuda no dia seguinte nem que esteja reunido com um colega, chefe de trabalho, ou professor para discutir um assunto profissional. Em Buenos Aires, o café tradicionalmente se destacou pela multifocalidade do seu uso bem como sua frequência. O café é socialmente sancionado para assinar contratos, fazer e desfazer sociedades e matrimônios, trabalhar, descansar, organizar a agenda, estudar e simplesmente passar uma tarde de domingo. Quase todas as ruas comerciais dos bairros da cidade, e mais ainda no centro financeiro, têm pelo menos um (ou até quatro ou mais) e é perfeitamente comum o transeunte ou morador parar mais de uma vez por dia em um café.

Se o uso concreto dos lugares nessas cidades não é equivalente, os discursos sobre eles, isso sim, são mais parecidos, pois essas culturas públicas são valorizadas como um estilo de vida nacional (por mais localista que sejam), que contam com equipes de intelectuais, de grupos medianos e produtores de discursos como jornalistas, professores e urbanistas, por exemplo, interessados em preservar essas formas de sociabilidade, as quais seriam parte de

um patrimônio nacional. Penso assim que a peculiaridade dessas duas sociabilidades nos permitira compreender algo sobre a configuração dos grupos sociais em dois lugares, bem como o discurso que os próprios usuários fazem sobre si mesmos, revelando diferenças e semelhanças na ideia de *reivindicação social* nas duas cidades. Assim, parti para aquilo que Dumont (1993, p.12), na introdução do seu livro, *O individualismo*, chama de comparação radical, ou seja, comparar pelo contraste entre o universo do observador (minha infância, no caso) e o universo sendo observado. A ênfase tem que ser dada pela diferença, para poder estabelecer os valores globais de uma sociedade específica, no meu caso, saber por que uma instituição tem valor igual em duas sociedades diferentes e quais valores estariam embutidos na frequência dessa instituição? Diferente de Dumont, porém, eu acabei por fazer uma triangulação, pois não demorei a perceber que muitas experiências da minha própria infância nos Estados Unidos se relacionavam muito melhor com coisas que observei em Buenos Aires do que no Rio de Janeiro. Entretanto, essa experiência pessoal se mantém no fundo, quase como ferramenta analítica, pois o foco do meu trabalho é Rio de Janeiro e Buenos Aires.

De todo modo, Dumont procura desenvolver uma ideologia moderna ao observar algo que não seja moderno, no caso dele, o *Homos Hierárquicus* indiana. Eu proponho usar a comparação radical para estabelecer duas formas distintas de fazer parte da “classe média” e reivindicar esse status através da sociabilidade pública, de frequentar regularmente o bar ou café. Não por acaso, esse tipo de sociabilidade é propriamente de setores medianos. Nos dois extremos, a sociabilidade é distinta. Os mais elitizados desfrutam de um amplo circuito social que já provém do âmbito familiar, assim dispensando de ter que criar contatos entre estranhos⁴. Assim, esses grupos vão para clubes restritos, casas particulares e restaurantes onde o preço e as condições de acesso servem efetivamente para impedir que a maioria da população frequente esses lugares assim evitando o contato. As elites não são assíduas de bares (grupos mais altos em Buenos Aires podem ir para cafés nos seus bairros onde o ambiente em si já age como barreira para a entrada de gente de fora).

As pessoas que eu pesquiso são professores universitários, jornalistas, urbanistas e outros oriundos de famílias que não dispõem desse nível de autonomia social e, então, usam a arena pública para aparecer, fazer contatos e mostrar quem são para seus pares. Como suas vidas são regidas por suas profissões, essas pessoas se deslocam para mais de um ambiente e não se fincam estritamente nos seus “pedaços”, como é comum entre os mais pauperizados. O

⁴ Veja, por exemplo, na França, San Martin (1993) e Pinçon (1997). Para Buenos Aires, Sebreli (2003) e Losada (2008). Para Brasil, veja Markowitz (2004).

Pedaço, conceito de Magnani (1984, p. 135), no Rio de Janeiro se chama *Área* e designa a geografia moral de um indivíduo, geralmente com alguma interface entre o bairro e a família. De todo modo, essa rede de vizinhança e família tem primazia sobre contatos profissionais⁵.

Mas eu proponho estudar sobre pessoas que frequentam bares e cafés nas grandes cidades como uma extensão da sua vida profissional, baseada “na palavra”, quer dizer, os produtores de discursos. Há pouco trabalho sobre essa forma de sociabilidade tão típica da cidade, entretanto. Além disso, ainda há poucos trabalhos sobre a chamada “classe média”, especificamente no que diz respeito a formas de sociabilidade cotidiana e socialmente sancionada (e não desviante). Espero, assim, poder falar algo sobre a relação entre essas sociabilidades e certa ideia sobre ser da “classe média” e, mais especificamente, sobre como o primeiro serve para reivindicar o segundo.

No segundo capítulo, falo sobre a metodologia que usei para elaborar o trabalho. Passei vários meses no Rio de Janeiro, onde moro faz 20 anos, fazendo um campo exploratório até encontrar um bar adequado para minha pesquisa. Quando o encontrei, passei lá quatro meses fazendo campo. Durante esse tempo eu tive muitas oportunidades para falar com o dono, os garçons e os fregueses. Como eu já conhecia o bairro onde trabalhei, inclusive já morei lá, eu também pude falar com outros moradores e até amigos e professores.

Na Argentina, a situação foi diferente. Morei lá oito meses e passei os primeiros cinco meses conhecendo a cidade, a língua e como as pessoas entendem noções como “bairro”, “classe média” e sociabilidade. Falei com amigos e estranhos na rua, além de levantar bibliografia específica sempre que a encontrei. Depois de finalmente me sentir melhor ambientada em Buenos Aires, encontrei um campo. Durante os primeiros dois meses ninguém falou comigo, mas quando voltei depois das festas de fim de ano, uma das sócias⁶ finalmente foi perguntar o que eu fazia no café dela (de maneira extremamente formal e cordial). Depois foi mais fácil conversar com os outros empregados, mas não com os fregueses do lugar. Isso já me disse muito sobre a noção de espaço nas duas cidades.

Eu também falo sobre o amplo levantamento bibliográfico, não só de fontes propriamente antropológicas, mas também históricas, literárias, da área de urbanismo e arquitetura, além de guias sobre bares e cafés que fiz nos dois países para poder demonstrar como cheguei às noções que desenvolvo posteriormente sobre meu tema.

⁵ Para ver mais sobre essa sociabilidade no Brasil, veja Magnani (2003) e Ribeiro de Souza (2003).

⁶ Em Buenos Aires o responsável para uma franquia, ou outro estabelecimento do qual não é o proprietário, é chamado de “sócio”.

No terceiro e quarto capítulos faço um passeio pelo Rio de Janeiro e Buenos Aires para que o leitor possa compreender melhor como é viver nas cidades, como a cidade é estruturada, como são seus bares, como a população se diverte e também as condições climáticas e físicas peculiares. Espero que, dessa forma, o leitor tenha um “feeling” dessas cidades.

No quinto capítulo falo sobre os campos que escolhi em cada cidade e faço a descrição etnográfica desses campos. No sexto capítulo explico por que foi tão difícil de estabelecer um parâmetro entre as duas cidades e seus bares e cafés já que a história dessas cidades e as ideias que as pessoas mantêm sobre espaço público, intimidade e sociabilidade são geralmente distintas. Também aproveito para explicar sobre aquelas instituições, tanto públicas quanto domésticas, como *bar* e *praia* no Rio de Janeiro e *pizzaria* e *churrasco* em Buenos Aires, entre outras, que constituem valores e não meras designações para o produto ou serviço oferecido nelas.

No sétimo capítulo conjugo essas explicações com os discursos feitos sobre elas. Destaco o contexto em que esses discursos foram produzidos para demonstrar que a peculiar condição social e histórica de cada cidade fez muito para criar a configuração atual de sociabilidade e noções de “classe”. Depois faço conclusões mais gerais.

I. FAZENDO PESQUISA EM DUAS CIDADES DIFERENTES

Comparando Brasil e Argentina

Um estudo comparando estereótipos do brasileiro e argentino me esclareceu sobre alguns aspectos desse “espelhismo” que acaba tendo eficácia, tanto para quem faz o retrato como para aquele sendo retratado, no caso dessas duas cidades (e, por extensão, os países) (FRIGERIO; LINS RIBEIRO, 2002, p. 15 et. seq.). O mais relevante, para mim, foi perceber a imagem que o argentino tem do Brasil, representado através do Rio de Janeiro e da Bahia, o samba e o axé, a praia, as mulatas (ou negros em geral), mas não de algo muito claro para quem mora no Rio de Janeiro, que é a influência portuguesa.

Qualquer “autêntico bar e botequim” no Rio de Janeiro inclui no seu cardápio especialidades portuguesas, especialmente do mar, mas também caldo verde. Turistas brasileiros são um dos primeiros a aproveitar essas especialidades (depoimento de colegas paulistanos, uma colega de Manaus). Entretanto, a herança lusa, ou imigratória, não faz parte do imaginário da “democracia racial” no Brasil nem o “exotismo” (em que mais valem elementos não europeus). Isso também pode ajudar explicar por que na Argentina muitos argentinos não me viram como brasileira, a não ser que estes já tenham vivido no Brasil, especialmente no Sul, onde há mais brasileiros altos e claros. O mesmo exotismo⁷ reforça no Brasil, por contraste, o “europeísmo” do argentino, como o próprio portenho gosta de se enxergar, como um tipo ideal.

Em *Passiones Nacionales*, Grimson (2007), num artigo sobre novela e identidade nacional, de Rufino, enxerga numa novela argentina a integração de uma família de alienígenas:

“Esta alteridad total con los personajes argentinos Del barrio de Mataderos, funciona como excusa para la caracterización minuciosa de los terráqueos, o sea de los argentinos...La mayor parte de los personajes pertenece a la clase media, lo que remarca la caracterización del argentino “típico” como porteño, de clase media [...]” (GRIMSON, 2007, p. 400).

Na novela brasileira analisada, a autora enxerga uma forte divisão entre zona norte e zona sul no Rio de Janeiro, além do fato das hierarquias sociais serem lembradas a toda hora na escolha de parceiros amorosos e destinos profissionais, usando o exemplo de uma

⁷ “Os brasileiros não são estigmatizados, mas exotizados.” (FRIGERIO, 2007, p. 15).

personagem que desiste de namorar um jornalista de zona sul em favor de alguém mais próximo a sua fixação social e espacial, na Baixada Fluminense (RUFINO, 2007, p. 407).

Como escolhi meu campo

Com essas reflexões, saí em busca de um campo. Como eu já morava aqui, comecei no Rio de Janeiro. Observar produtores de discursos significa descobrir quais lugares estes frequentam e foi assim que, em 2007, fiz uma espécie de “missão de reconhecimento” de bares que poderiam servir para minha pesquisa no Rio de Janeiro. Eu quis determinar quais seriam os bairros considerados como de “classe média” (sem ser muito alto, mas tampouco considerados como “bairro trabalhador” ou “suburbano ou, como dizem no Rio, “popular”). A busca não foi tão difícil porque as hierarquias, de fato, são mais delimitadas no Rio e os circuitos mais estreitos. Além disso, eu já estava inserida no circuito que queria pesquisar.

Delimitei minha busca à zona sul da cidade, pois o conceito de “bar e botequim”, algo idealizado, como veremos no capítulo sobre Rio de Janeiro, foi desenvolvido nesse lado da cidade. Nos bairros do outro lado há menos lugares onde grupos de mulheres vão sem acompanhamento masculino, para não falar de turistas brasileiras e estrangeiras. Além disso, os grupos que quis encontrar me conduziram frequentar a zona sul, pois o circuito social delas é quase sempre lá. Isso não quer dizer que não há bares do estilo “botequim carioca” em outras partes da cidade. A hoje franquia Manoel e Joaquim nasceu no bairro suburbano antigo Engenho de Dentro. Há também a chamada Praça da Lapa no shopping Nova América no bairro suburbano industrial, Del Castilho e a zona de lazer noturna denominada Baixo Iguaçú, na cidade de Nova Iguaçú na Baixada Fluminense, para citar possíveis exemplos. Moradores desses bairros também criam suas atrações culturais como, por exemplo, cineclubes e teatros, mas estas não são significativas se comparadas com a infra-estrutura de lazer da zona sul. De modo geral, os circuitos sociais, culturais e profissionais dos meus grupos alvos favorecem a permanência nas regiões mais centrais ou da região do lado sul.

Através de observação e de entrevistas, cheguei à conclusão que os bairros mais “intermediários” de zona sul são aqueles onde haja certa mistura e os transicionais onde é difícil identificar qualquer perfil de morador. Esses bairros também coincidem com aqueles onde professores e jornalistas que conheço me falaram que eles costumam ir. Estes são: Flamengo, Laranjeiras, Botafogo, Humaitá e Copacabana. Catete e Glória são os bairros mais transicionais, entre zona sul e o centro.

O problema com Copacabana me parecia ser o excesso de variedade. Lá visitei bares que são ou já foram reconhecidos no Rio Bottequim, basicamente o Pavão Azul (em frente a uma delegacia, o que cria uma mistura interessante entre policiais e pessoas do bairro), o Chope Real e a Adega Pérola. Esses bares estão localizados próximos a estações de transporte coletivo, como metrô e ônibus, o que facilita essa mistura tão característica de Copacabana, um bairro com vários sub-mundos, que é quase uma cidade à parte. Basicamente, não consegui identificar um estilo de (ou mesmo dois ou três públicos).

Em Humaitá e Botafogo simplesmente não consegui identificar algo que poderia chamar de “vida de bairro”, no sentido de um bar frequentado por moradores locais de uma forma mais ou menos regular e constante, de modo a criar vínculos com os donos, funcionários, ou outros fregueses do bar. Há muitos bares perto do complexo de cinemas em Botafogo que atraem um público do cinema. Em Humaitá, o centro do movimento é o Cobal, um grande local de encontro com centenas de mesas do lado de fora, mais ou menos junto com o estacionamento. Sim, os grupos alvos que queria pesquisar frequentam esses lugares, mas fazer um campo neles seria praticamente impossível, pois esses espaços são grandes demais para poder controlar o público com o olho e o caderno.

Flamengo é um caso curioso, um bairro tradicional que envelheceu, junto com seus bares. Os mais jovens, leia-se, com 30 anos ou menos, vão mais para bares mais novos e temáticos, mais escuros e com grandes televisões e/ou música, enquanto os nostálgicos vão para Lamas e o Picote, por exemplo (cujos públicos mudam nos fins de semana). Como Flamengo é um bairro algo saturado em termos de possibilidades imobiliárias, onde há muito apartamento com vista interna e quase nenhuma casa (um pouco como em Barrio Norte em Buenos Aires), muitas famílias mais jovens foram para Laranjeiras. Como eu já morei em Laranjeiras e fui para seus bares com colegas e professores de faculdade, voltei para a Tasca do Edgar, onde cheguei a escrever parte da minha dissertação de mestrado. Senti-me “em casa” na mesma hora, tanto com o ambiente como o público e lá resolvi ficar.

Em Buenos Aires, eu não podia escolher um campo sem previamente fazer o reconhecimento da cidade como um todo. Isso significou *flanar*⁸ pelos bairros. Cheguei à conclusão, alguns meses depois, de que não havia nada de comparável entre essa cidade e o Rio de Janeiro – o conceito de sociabilidade, de bairro, de classe média e até de *pessoa* são distintos – daí minha estratégia metodológica seria apelar para a comparação através do contraste, como queria Dumont, ao ver a especificidade de cada caso e que essa

⁸ Explico como eu usei esse conceito logo a seguir.

especificidade pode nos dizer sobre a “paisagem mental” (DUMONT, 1993, p.18) de cada lugar. Depois de cinco meses, cheguei a um café onde havia pessoas que fazem trabalho intelectual nos seus computadores ou cadernos, além de profissionais liberais e famílias que vivem na região (e os que apenas trabalham por perto). As razões da minha escolha, no entanto, não foram tanto os *habitués* específicos senão um lugar que poderia resumir uma espécie de estilo de vida idealizado, a vida urbana portenha, onde o indivíduo sozinho pode ficar à vontade em público.

Usei apoios teóricos específicos para orientar tanto a minha busca por um campo, bem como a observação que fiz dentro do campo. Para justificar minha escolha de um campo, usei os conceitos de Magnani (2002) de *trajeto*, *mancha* e *circuito*. Como eu argumento que prestígio social é vinculado à fixação territorial no Rio de Janeiro, esses conceitos foram úteis para descrever a localização de serviços e como o usuário faz suas escolhas para aproveitar ou não esses serviços.

O *trajeto* é o caminho que um indivíduo costuma seguir na sua vida cotidiana, seja relacionado ao trabalho, estudo ou lazer. No Rio de Janeiro, por exemplo, um jornalista com quem falei vai para a praia do Leme pela manhã cedo, vai para sua casa em Laranjeiras e almoça. Em seguida se dirige para a redação do jornal, para um bar, volta ao jornal, vai para outro bar no caminho, para casa e dorme. No caso, o *trajeto* dele seria principalmente entre a zona sul e o centro. Ele gosta de bares de subúrbio onde há rodas de samba e choro (como uma apreciação de um patrimônio cultural da cidade), mas estes não fazem parte do *trajeto* cotidiano, sendo algo mais excepcional.

A *mancha* é uma área onde um tipo de atividade predomina como a zona industrial perto do shopping Nova América no subúrbio de Del Castilho. Há, por exemplo, uma fábrica da White Martins entre outras indústrias, fora as fábricas têxteis e outlets de grifes de roupa. A região não é muito apropriada para morar ou passear, pois fora o shopping não conta com atividades de lazer e fica deserta à noite, mas faz com que o shopping em si seja de luxo, pois atrai os trabalhadores de “colarinho branco” durante o dia, além de ter restaurantes e bares e até uma universidade lá dentro. Assim, é um shopping um pouco *sui generis* em relação a outros shoppings dos subúrbios e da Baixada. À noite, os bares da Praça de Lapa nesse shopping são procurados por estudantes da universidade privada dentro do shopping, além de grupos mais abastados da região, pois os preços das bebidas e das comidas são mais caros e há mais variedade do que haveria em bares do estilo “bar de bairro”.

Especialmente interessante para meu trabalho é o conceito de *circuito*, pois isso determina a localização da moradia e do lazer dos grupos que pesquiso. No Rio de Janeiro, o

circuito de cinema de arte é localizado em Botafogo, já o das boutiques de luxo, no Jardim Botânico, Ipanema e Leblon, dos grandes jornais, no centro da cidade. Em Buenos Aires, há produtoras de cinema e televisão em Chacarita e Colegiales, teatro alternativo no Abasto e teatros populares em Corrientes, especialmente entre 9 de Julio e Callao. Não é tão penoso para alguém que mora fora da cidade desfrutar dessas atividades ou trabalhar na cidade – sem barreiras físicas como montanhas, ruas estruturadas em quadrados, facilidade de condução pública barata, farta e razoavelmente segura à noite, o deslocamento de um lugar para outro não é tão problemático como no Rio.

A grande diferença é que no Rio de Janeiro a estrutura física e social da cidade compromete a facilidade desse deslocamento, então o indivíduo deve levar em consideração a distância do seu local de trabalho, um colégio bom para os filhos, distância dos amigos e as oportunidades de lazer quando escolhe um lugar de moradia. Se o indivíduo morar muito longe do trabalho, vai gastar muitas horas em trânsito, não vai poder participar em atividades de lazer com facilidade com amigos por ter que pensar em como voltar para sua casa e, especialmente à noite e nos fins de semana, vai enfrentar problemas de frequência de condução e, eventualmente, segurança. Pessoalmente tive essa experiência no Rio, pois sempre que morei em bairros do centro e zona sul, não era problema sair à noite, voltar, chegar até médicos, entrevistas e outros programas. Se era muito tarde, estava com pressa, ou muito cansada, eventualmente pegava um táxi. Por outro lado, quando morei na zona norte, mesmo nas adjacências da Tijuca, o cansaço de ter que chegar até o centro ou zona sul e voltar muitas vezes desestimulava saídas supérfluas bem como o preço do táxi.

Durante minha trajetória no Rio de Janeiro, aprendi que para ser antropólogo no sentido social, quer dizer, participar dos *circuitos* em que andam os colegas, é preciso morar num lugar razoavelmente “central”, ou seja, perto do centro da cidade e zona sul. Se não, por causa dos problemas de transporte, segurança e locomoção, o sujeito acaba se isolando desse circuito social. No Rio, esses circuitos são razoavelmente estreitos e são compostos por reuniões domésticas nas casas de amigos, reuniões em bares geralmente na zona sul ou Lapa, eventos musicais e artísticos também no centro e na zona sul. Como observa Gilberto Velho (1989, p. 27 et. seq.), na *Utopia Urbana*, a oferta de serviços e lazer e a proximidade da praia fazem com que uma parte da cidade (a zona sul) seja mais prestigiada do que outra, mesmo quando isso vem com o preço de conforto, como no caso de seus pesquisados que foram morar em conjugados apertados para estar em Copacabana.

Assim, eu observei que colegas meus de faculdade, nascidos nos subúrbios cariocas e na Baixada Fluminense fazem uma espécie de *travessia* de uma geografia social (tanto que

física) quando se envolvem em carreiras intelectuais (veja o subcapítulo sobre a *travessia* no capítulo VII). Esses não são amigos que apenas estudam uma carreira, mas que participam nos eventos e circuitos sociais ligadas a ela e que querem seguir essa carreira de forma plena. Amigos em Buenos Aires que nasceram fora dos limites da cidade acabam fazendo o mesmo. A divisão zona norte – zona sul no Rio se expressa como “morar em Buenos Aires – morar na província” nessa cidade. Por outro lado, dentro de Buenos Aires, com a facilidade de deslocamento e a segurança para fazê-la, essa escolha, que passa a ser regida mais por uma escolha de estilo de vida (mais tranquilo, agitado, familiar, perto de árvores, perto de equipamentos urbanos) ou pelas possibilidades financeiras do indivíduo e/ou da sua família do que no Rio.

Isso foi o caso de um jovem casal de amigos, por exemplo, que comprou uma velha casa chorizo na zona sul de Buenos Aires. Nem todas as ruas são seguras à noite e há prostituição e imigração mais recente no bairro, mas isso não serve de impedimento para reformar uma casa nem criar um filho pequeno, como no caso deles. Não há uma farta oferta de serviços e lazer perto deles, mas eles podem facilmente se deslocar para outro bairro onde os haja. E, mesmo quando eu morei no outro lado da cidade, praticamente em Belgrano, nunca foi problema ir até a casa deles de ônibus ou metrô e voltar de ônibus até de madrugada.

Daí, o *circuito* do indivíduo no Rio de Janeiro abrange sua vida profissional – há grupos de professores universitários na área das ciências sociais e exatas que vivem na região em torno de Laranjeiras, por exemplo – e que têm seus circuitos de lazer nesse local. Há outros *circuitos* perto das outras grandes universidades tradicionais para evitar o deslocamento, como em Niterói (UFF) e a região da Tijuca (UERJ). Já em Buenos Aires, os circuitos de lazer e profissionais são mais flexíveis e o local de trabalho influencia menos a escolha da moradia. Em outras palavras, no Rio de Janeiro, o *circuito* do sujeito vai englobar seu *trajeto* também, fazendo com que um bairro e uma região da cidade influenciem todos seus movimentos, enquanto em Buenos Aires o indivíduo pode frequentar *circuitos* diferentes, já que seu *trajeto* é menos impedido pela estrutura física e social da cidade.

Em Buenos Aires eu tive que começar praticamente do zero e me familiarizar com toda a cidade, sua estrutura, seus bairros, seus circuitos, horários e estilos de vidas distintos. Daí eu passei quase cinco meses fazendo flanagem. *Flanar* é a arte de passear pela cidade, observando tudo sem objetivo fixo, o que não quer dizer de forma desinteressada. Tendo originado mais em literatura, especialmente Baudelaire no Paris do século XIX, para o

antropólogo, a flanageria é uma forma de observação “flutuante”⁹ (PÉTONNET, 1982) que permite ganhar uma perspectiva mais geral sobre as cidades, e, mais especificamente no meu caso, sobre sua sociabilidade pública nos seus bares e cafés. Ao flagnar, eu busquei extrair aquelas impressões que mais me interessavam e que achei que poderiam me servir mais.

Mas quando digo que não flanei de forma *desinteressada*, quero enfatizar que flagnar não é o mesmo como ser viajante, turista, mas de observar um lugar que, do jeito que for, é nosso (seja Baudelaire no seu Paris ou João do Rio no seu Rio de Janeiro). Meu *interesse* era, especialmente no caso de Buenos Aires, saber como é viver como “nativo”, o que significa ter uma sensação do tamanho e das distâncias na cidade, como é o trânsito, fazer e manter amizades, frequentar lugares, sentir-me na cidade, com objetivo específico de me adaptar aos códigos culturais da cidade. Falei com seus moradores, consegui relatos de comerciantes e taxistas. Passei mais ou menos cinco meses flagnando por Buenos Aires para poder estabelecer meu campo antropológico e saber como abordar minha questão. Assim, reparei que quase todos os cafés mais tradicionais eram frequentados principalmente por gente mais velha e que cafés franquias atraíam mais jovens.

Flagnar pela cidade do Rio também foi importante para que eu pudesse encontrar um campo. Apesar de morar muito tempo na cidade, nunca me ocorrera quais bairros têm quais características e que isso poderia significar para minha pesquisa. Caminhar pelas ruas, entrar nas lojas e bares, beber nos bares, observar as pessoas é muito diferente do que ler sobre um lugar ou ouvir um relato. Eu tinha que estar lá, pois há todo um “clima” que a estrutura física e social do lugar ajuda a criar. Foi assim que percebi que em Copacabana há uma mistura tão grande que não permite caracterizar bem o público dos bares dessa região enquanto em Flamengo vi duas temporalidades diferentes num bar tradicional, algo que se repetiu em outros bares em bairros medianos, com os frequentadores mais antigos, da época da construção da fama desses bares, que têm por volta de 60 anos hoje, e outras pessoas mais jovens de nível socioeconômico mais baixo.

Ao finalmente escolher um campo adequado para empreender minha pesquisa em cada uma das duas cidades escolhidas, foi esse campo que acabou por dar o rumo da pesquisa e grande parte das minhas conclusões provém de eventos ocorridos nos dois locais onde fiz o trabalho, em cada cidade respectiva. No Rio de Janeiro, fiz o campo regularmente durante quatro meses seguidos e voltei duas ou três vezes nos intervalos da minha estadia na Argentina. Essa volta ao campo depois de uma ausência tinha uma importância especial para

⁹ “The “floating observation” method consists in keeping one’s responsiveness, not focusing one’s attention upon any specific object.” (PÉTONNET, 1982, abstract).

meu trabalho, pois ajudou a consolidar minha posição como pesquisadora séria e não “turista”. Assim, consegui falar com fregueses com quem eu nunca tinha falado antes, além de estreitar laços com o dono e os empregados. O mesmo aconteceu em Buenos Aires (se de forma mais modesta).

Entretanto, flunar em si não foi o suficiente para entender as diferenças peculiares entre as noções que cada cidade representa sobre sociabilidade, status e território. Observei ao flunar pelas duas cidades que “bairro” é um estilo de vida parecido em certos aspectos com o subúrbio do Rio de Janeiro (predomínio residencial com pouco comércio), mas sem o estigma que este carrega como ‘subúrbio’. Na *Utopia Urbana*, de Gilberto Velho, sobre moradores de Copacabana, na zona sul do Rio, o bairro é visto como um lugar para reivindicar status social, o que fez moradores do interior e dos subúrbios procurarem os pequenos conjugados do edifício Estrela, apesar do desconforto e distância de amigos e familiares. Para os moradores desse edifício, o importante é dizer que mora em Copacabana. Os entrevistados também citaram a maior oferta de infra-estrutura e lazer no bairro, especialmente a praia, mesmo quando eles não chegavam a aproveitar esses serviços. A própria construção de edifícios de conjugados seria um esforço para “democratizar” a zona sul, na mesma medida que a proibição dessas construções seria uma maneira para não desvalorizar essa região. O que o autor fez de mais interessante para minha pesquisa é reconhecer um mapa de espaço hierarquizado no Rio de Janeiro:

“Parece importante o fato de que este mapa, em que os diferentes locais recebem sinais positivos e negativos, está bastante claro para quase todos os indivíduos pesquisados. Aqueles que não gostam de Copacabana não estão, necessariamente, pensando fora desse mapa. Há quem considere, por exemplo, Ipanema um bairro mais “moderno” do que Copacabana. Para esta pessoa, portanto, existe um outro bairro que está no alto da hierarquia mas está sempre *hierarquizando* segundo, basicamente, as mesmas categorias empregados pelo resto do universo.” (VELHO, 1989, p. 79).

Os critérios dos moradores são basicamente possibilidades de lazer e comércio.

Subúrbio no Rio de Janeiro carrega a noção de *sub-urbanizado*, no sentido pejorativo. Isso quer dizer que falta infraestrutura adequada e serviços. Essas deficiências se converteram em representações sociais negativas, pois hoje em dia com a melhoria nas estradas (para ter acesso à cidade de carro, por exemplo) e serviços (como shopping centers), ou tendo um rendimento ou estilo de vida mais cômoda do que contrapartes na zona sul, ser chamado de *suburbano* é, não obstante, uma ofensa no Rio. Por isso, na mídia é evitado o uso do termo *subúrbio*, mesmo tendo respaldo nos setores de planejamento urbano. Qualquer bairro do outro lado da montanha é referido como sendo da *zona norte*.

Em Buenos Aires, um subúrbio é simplesmente um estilo de vida residencial e não urbanizada. Não-urbanizada quer dizer com jardins e árvores. Por exemplo, para o arquiteto argentino Diez (1996, p. 84), não existe mais subúrbio na cidade de Buenos Aires, pois sua forma urbanizada é o bairro, assim sugerindo outra forma de integração com a cidade, “*como las áreas urbanas van mutando y los subúrbios terminan por convertirse em Barrios de la ciudad, de la misma manera los tipos edilícios se van adaptando a estas circunstancias...*”. Ofensa mesmo em Buenos Aires é ser chamado de *negro* e não suburbano ou provinciano¹⁰. Os *negros* (ou moradores mais humildes, geralmente com traços indígenas, especialmente imigrantes das províncias mais longínquas da Argentina) muitas vezes moram fora da cidade, mas não exclusivamente. O estigma é mais baseado na *pessoa* e não na sua fixação territorial.

Assim, *bairro* não é *subúrbio* no Rio, mas se “vida de bairro” é mais pacato e residencial em Buenos Aires, no Rio, todo e qualquer bairro deveria idealmente ser uma comunidade, no sentido de vida na rua e familiarização entre vizinhos. Por exemplo, as grandes construções urbanas são tema do trabalho de Mello e Vogel (1985), *Quando a rua vira casa*, que contrasta a sociabilidade de um bairro tradicional do Rio de Janeiro, Catumbi (centro), com aquela criada num complexo de edifícios no Leblon (zona sul), a Selva da Pedra. Moradores do Leblon se classificam como classe média, mas não desfrutam de uma vida de “bairro”, pois os conjuntos de prédios não podem substituir a vida de rua e dos vizinhos. Assim, enquanto grandes edifícios fazem parte da “democracia portenha” ao permitir que o cidadão viva no centro da cidade, no Rio de Janeiro destroem um estilo de vida ideal, baseado no personalismo.

Estudos de planejamento urbano e arquitetura que encontrei em cada cidade me serviram muito bem para falar sobre a demarcação de espaço social dentro do espaço geográfico nessas cidades. A ideia de explicar a cidade através do seu planejamento veio da minha pesquisa em Buenos Aires onde arquitetos e urbanistas são os ideólogos por excelência da cidade e onde o planejamento do crescimento urbano foi controlado com uma mão de ferro. Não encontrei nenhuma dificuldade em encontrar literatura a respeito. No Rio de Janeiro, por outro lado, encontrei pouca literatura. Eu teria que ir direto para as bibliotecas universitárias para ler teses, mas preferi me fincar com autores já estabelecidos já que o foco principal do meu estudo é sociabilidade e reivindicação de status e não urbanismo. De todo modo, o papel do arquiteto e urbanista em Buenos Aires me parecia com o de

¹⁰ Perguntei a amigos portenhos se havia ou não alguma ofensa que poderia ser dirigida a pessoas oriundas do campo, das províncias distantes, ou dos bairros mais pobres nos arredores de Buenos Aires. Ninguém conseguiu me responder nem entender que *suburbano* é ofensivo no Rio. O conceito simplesmente não fazia nenhum sentido para eles.

jornalista/cronista no Rio de Janeiro, até porque encontrei mais material oriundo de cada tipo de profissional em cada cidade respectiva.

A experiência argentina com a literatura urbanista também me ajudou no Rio porque vi que o problema complicado de explicar como a zona norte da cidade é menos prestigiada do que o lado sul é explícito no planejamento urbano. Novamente, essa questão polêmica não é o foco principal da minha pesquisa, mas eu precisei demonstrar que o tipo de sociabilidade que eu pesquiso no Rio é vinculado a um tipo de fixação territorial. Trabalhei principalmente com o clássico estudo *Evolução Urbana*, de Maurício de Abreu (2008, p. 48 et. seq.). O planejamento urbano favoreceu o lado sul da cidade em detrimento do lado norte, pois os códigos que regularam a infraestrutura, o loteamento, a designação comercial e industrial da cidade criaram bairros residenciais dotados de transporte e equipamentos cômodos na região da Tijuca e Zona Sul enquanto na grande região que beira a linha do trem isso não ocorreu (em termos de pavimento de ruas, por exemplo)¹¹. As migrações do interior do Brasil, nos anos 50, para a periferia da zona norte acabaram coroando o estigma social desse lado da cidade - quando *suburbano* se torna pejorativo, o que também acontece na periferia sudoeste de Buenos Aires na mesma época, (RATIER, 1971)¹². A cidade já foi planejada para contemplar essa divisão social já nos planos oficiais dos anos 20 (o plano Agathe), que pretendia oficializar de vez as designações sociais das zonas (zona sul praiana para os mais abastados, zona sul antiga para os funcionários, zona norte para os trabalhadores). *O Rio nas alturas*, de Cardeman e Cardeman (2004), está em sintonia com essa visão. Reparei também que o uso do termo “subúrbio” apenas ganha um significado negativo nos anos 1950, com o começo das migrações de nordestinos para Rio de Janeiro. Nos anos 1920 e 1930 do século

¹¹ O Plano Agache, datado aproximadamente de 1930, legalizaria uma situação que já existia de fato: “Quanto às áreas residenciais, os bairros oceânicos da zona sul seriam destinados às classes abastadas, especialmente Leblon e a Gávea, que ainda estavam esparsamente ocupados e que deveriam se transformar numa “cidade-jardim dos esportes”. Já os bairros mais antigos da zona sul (Catete, Laranjeiras, Flamengo e Botafogo) deveriam abrigar – juntamente com Andaraí, Vila Isabel, Tijuca, Aldeia Campista e Rio Comprido – as residências “burguesas de classe média”, restando São Cristóvão e os subúrbios para a população operária.” Para Cardeman e Cardeman, “[...] o plano Agache apresentou um exame comparativo das diversas partes da cidade, os bairros, os jardins e as favelas e previu os perfis sociais que prevaleceriam na cidade a partir dali, anunciando que a Zona Sul seria a região das classes abastadas, enquanto os bairros mais tradicionais, de Botafogo a Andaraí, abrigariam as classes burguesas, restando aos funcionários públicos do Estado o isolamento de Santa Teresa e, aos operários, os subúrbios. Por esta visão objetiva, do qual o Estado Novo não compartilhava, o Plano não foi adotado na íntegra [...]” (ABREU, 2008, p. 48). Observamos que para estes autores, “a zona sul velha” de Botafogo nem é Zona Sul. O que efetivamente foi adotado do plano foi a conversão do centro da cidade em área puramente comercial e financeira.

¹² O livro de Ratier, *El Cabecita Negra* (1971), não é acadêmico, sendo mais militante, mas é interessante reparar que com o fim do peronismo nos anos 50, o migrante das regiões não pampeñas (de maior imigração europeia), ou seja, com traços mais indígenas, passam a ser “favelados” (RATIER, 1971, p. 81) e os bairros das franjas sudoeste, beirando ao Riachuelo, onde foram concentrados os conjuntos habitacionais perdem prestígio.

passado ainda era usado para designar bairros de fora do centro¹³, uma acepção mais universal, mas com a construção da rodovia Rio-Bahia, *subúrbio* ganha um sentido pejorativo. A construção da Rio-Bahia coincide com as leis de zoneamento que designavam o antigo bairro nobre e agora subúrbio de São Cristóvão como zona industrial, daí a nova mão de obra retirante (expulsa do nordeste) aglomerou em torno das fábricas (CARDEMAN, 2004, p. 58). Era também a mesma época do *boom* de Copacabana quando morar à beira-mar virou moda.

Para Buenos Aires usei *La Grilla y el parque* de Adrián Gorelik (1998, p. 126). O urbanista e historiador social, que forma parte de um grupo que discute planejamento urbano e suas consequências sociais, argumenta que a cidade de Buenos Aires foi planejada para incorporar socialmente todos aqueles dentro dos limites do município, rodeado pela Avenida General Paz¹⁴. Outro desses urbanistas argentinos, Jorge Lierner (2008, p. 138) vê uma segregação em zonas feita de forma consciente no Rio de Janeiro enquanto o sistema de tabuleiro portenho com seus parques públicos seria para criar maior nivelção e integração dentro do município de Buenos Aires (mas não fora desses limites onde haveria mais pobreza e negligência de planejamento)¹⁵. Lierner ainda comenta a falta completa de regularidade na construção de ruas e casas suburbanas no Rio de Janeiro, pois isso não é o caso em Buenos Aires. Vemos, por outro lado, no livro didático do arquiteto Fernando Diez (1996), que comenta que o tipo de casa e prédio residencial construído desde o início do século XX em Buenos Aires é inteiramente previsto. O autor simplesmente mostra toda a evolução de todos os tipos de casas e prédios na cidade, o que me proporcionou uma divertidíssima atividade nos ônibus, tentando identificar todos.

Averigüei, assim, da janela do ônibus que realmente é possível identificar todos os tipos de edifícios de acordo com essa tipologia, além de adivinhar a antiguidade do bairro e

¹³ O então prefeito Carlos Sampaio fala sobre a ocupação de Leblon e Ipanema, “uma questão de saneamento de um subúrbio de nossa Capital, que será sem dúvida num futuro próximo, um dos mais belos e mais importantes.” (ABREU, 2004, p. 78).

¹⁴ Já em 1881 era discutida a incorporação de Belgrano e Flores para dentro do município, para serem usados como “[...] formar uma cintura higiênica que, por supuesto, debía tomar cierta distancia del casco consolidado [...] pero justamente para servirle de limite y contención.” (GORELIK, 2004, p.126).

¹⁵ Sobre as diferenças entre a recepção das ideias hausmanianas nas duas cidades; “Si se unen estas diferencias, podrá advertirse que ambas ciudades o estaban experimentando procesos sociales similares. Junto con la demolición de buena parte de un sector de centro de Rio, El embellecimiento costero concentrado en las zonas más ricas Dio a la transformación carioca un carácter menos equilibrador que El que aportaban a Buenos Aires las medidas señaladas. En este sentido el proceso porteño incorpora elementos “norteamericanos” a la matriz parisiense. La grilla extendida a todo el territorio de la capital federal debe leerse como un intento de introducir en el mercado un instrumento regulador, mientras que los parques tienen que ser entendidos no sólo como accidente paisajístico, sino como medio de nivelación social de los desequilibrios del mismo mercado.” (LIERNER, 2008, p.138).

por quantas reformas deve ter passado. Em bairros recentemente revitalizados, como Palermo Soho/Hollywood, por exemplo, ainda predominam casas chorizos e outras construções típicas de famílias sem grandes recursos, mas mesmo assim, a casa segue uma tipologia mais ou menos pré-estabelecida. Em bairros que se modernizaram nos anos 1950, época do auge da ideologia da classe média em Buenos Aires (como veremos logo a seguir), vemos edifícios de apartamentos altos com uma divisão interna distinta das casas chorizos e pátios, que já favorece a privacidade. Acabei aplicando esse exercício ao Rio de Janeiro também, mas à minha maneira, pois nunca encontrei uma obra tão prática e didática como essa do lado carioca. Percebi que apenas bairros mais antigos de zona norte gozam de qualquer regularidade arquitetônica, sendo o resto da região sujeita aos desejos e possibilidades dos que ergueram suas casas aí. Na zona sul, dá para perceber os bairros também mais antigos pela presença do sobrado português. Nos bairros da praia que foram excessivamente desenvolvidos entre os anos 1930 e 1970 do século passado, quase não há sobrado e, sim, edifícios altos. A linha do horizonte é mais homogênea nesses bairros.

As diferentes noções de desenvolvimento físico e social da cidade também contribuíram para criar distinções culturais mais gerais, especificamente um forte contraste entre o individualismo que permeia Buenos Aires, onde a impessoalidade é um valor, e a cultura de grupo – ou de “nós” – inevitável no Rio de Janeiro, onde a personalização é um valor na mesma medida. Isso não significa que uma cultura seja mais moderna que outra, mas que o tipo de individualismo presente em cada cidade varia. De acordo com Simmel (1971, p. 266 et. seq.), no seu artigo *Group Expansion and Development of Individuality*, no Rio haveria uma *individualidade coletiva* e em Buenos Aires uma *individuação da coletividade*. Há três tipos de círculos sociais para Simmel, o primeiro é o mais rudimentar, como, por exemplo, a família nuclear, enquanto o terceiro abrangeria, digamos, a humanidade. O segundo círculo seria mais intermediário, de grupos, onde o indivíduo é relativo e o grupo é dotado de uma personalidade.

Numa cidade tão hierarquizada como o Rio de Janeiro, as relações básicas do sujeito tendem a ocorrer dentro de grupos, seja a família extensa, o grupo profissional, a rede de amigos e outros de interesse geral do participante. A mentalidade carioca, como eu a tenho vivenciado, estipula que é melhor fazer sacrifícios pessoais para não criar conflitos dentro do grupo. Isso significa, por exemplo, ver um filme que não esteja tão a fim de ver, dividir um prato menos apetitoso para o indivíduo (afinal, nos restaurantes cariocas, as porções são geralmente para duas ou mais pessoas compartilharem), ou mudar o local do encontro para acomodar alguém que não vive por perto. Até o bar onde fiz minha pesquisa era “minha

segunda casa” e lá manteve relações sociais com fregueses e funcionários. Isso talvez explique o personalismo do Rio, pois como o círculo abrange um grupo em várias circunstâncias (profissionais e sociais), a pessoa tende a conhecer os integrantes dos seus grupos e tratá-los com confiança.

Entre grupos portenhos com um estilo de vida mais baseada na vida profissional e urbana, as relações pendem mais para o primeiro e terceiro círculos. O primeiro círculo é o isolamento familiar que faz com que um amigo que se case “suma” da vida social dos amigos para ficar mais em casa com os amigos. Isso me justificou porque nas ruas de Buenos Aires sempre vi muita gente jovem e muita gente com mais de 50 anos, mas poucos entre essas faixas, imagina-se por serem casados e/ou com filhos pequenos. No Rio, pelo menos no meu circuito acadêmico, o casal continua saindo com os amigos a não ser que tenham filhos pequenos, especialmente quando não haja um parente para ajudar com as crianças. O primeiro círculo também poderia explicar porque é mais comum em Buenos Aires não passar o Natal ou outros grandes feriados religiosos junto com familiares. Basta fazer reserva num restaurante ou ficar em casa com o par, fenômeno mais raro no Rio de Janeiro, onde o costume é juntar o grupo familiar com amigos que se encontram sem família. O primeiro círculo indica também um maior gosto pela solidão.

O terceiro círculo seria uma comunhão com a humanidade, explicando assim o cosmopolitismo que o portenho desses circuitos professa ser adepto e também o tratamento mais impessoal em geral nas ruas e nos lugares. Isso me foi demonstrado pelas experiências que tive no café, onde ninguém nunca falou comigo até muitos meses depois quando uma das *sócias* me perguntou que eu fazia lá. Mesmo assim, quando tirei fotos da loja, a mesma *sócia* não me deixou tirar fotos dela. Não consegui me incorporar como parte do ambiente, pois não havia papel para eu cumprir a não ser não fazer barulho excessivo e pagar minha conta. Provavelmente não importaria se morasse ou não de forma mais permanente em Buenos Aires e, de todo modo, eu não era amiga das *sócias*. Não havia interação entre as mesas, embora a *sócia* cumprimentasse fregueses mais antigos e conhecidos podiam acenar, ou eventualmente entrar para cumprimentar uma amiga sozinha na mesa, digamos, para depois sair (sem sentar-se à mesa) e deixar ela em paz. Já no campo do Rio, como em outros bares da cidade, as mesas tendem a crescer, com a chegada de conhecidos e até eventualmente estranhos e os grupos são maiores. Em Parque Patricio, bairro mais trabalhador onde eu cheguei a morar durante um mês e meio, os garçons do café-bar-restaurante (franquia) da esquina faziam mais questão de conhecer meus gostos, fazer sugestões, fornecer cinzeiro (raríssimo em Buenos

Aires) e o jornal do dia. Mas se alguém ficasse curioso sobre “la brasileña” essa pessoa perguntava discretamente qualquer coisa ao garçom e jamais me abordava diretamente.

Nada disso aconteceu na Tasca, onde fiz campo no Rio, pois no bar do Seu Edgar eu virei personagem do bar, a pesquisadora, e quase todos os outros personagens do bar chegaram a me conhecer, inclusive falei com muitos deles e com um casal até deixei currículo para talvez conseguir trabalho depois de terminar meu doutorado. Entendi melhor como as relações sociais no espaço de um bar de bairro no Rio de Janeiro são regidas pela base de confiança, pois em nenhum momento tive medo de deixar minha bolsa, celular, ou caderno na mesa enquanto eu ia para o toailete ou sair na rua para falar com alguém (ou tirar uma foto). Tenho o telefone do Chico e ele, Seu Edgar e algum freguês ou outro têm o meu. Até hoje o velho português se chateia se eu ficar muitas semanas sem aparecer por lá (e menciona quem pode ter perguntado por mim) e faz questão de me dizer que lá é minha casa.

Essa forma de sociabilidade, além de ser inclusiva e agregatória, também pode ser, e é, invasiva. Noites em que eu não estava de bom humor por qualquer motivo eu simplesmente deixava de fazer campo, pois eu teria que me esforçar demais para “incorporar meu papel”. O bar no Rio simplesmente não é um bom lugar para ir quando se quer privacidade, como, aliás, é o caso da rua em termos mais gerais. Em Buenos Aires, isso não é problema, os sócios e garçonetes são capazes de ler o rosto do freguês e rapidamente se afastam ao perceber uma falta de receptividade. Como o cliente tem que pagar pelo espaço, aquele espaço é dele. Mas no Rio, eu nem sento antes de cumprimentar a todos os funcionários, começando com o dono, e os fregueses que posso conhecer.

Deve ficar evidente, então, que o processo de trabalho de campo foi baseado principalmente em intensa observação direta, seja dentro do bar ou café, em volta desses lugares, ou na cidade de forma mais geral. Dentro do campo, essa observação paciente me permitiu compreender melhor as formações mais típicas de grupos e indivíduos, os horários em que grupos distintos frequentam o lugar, o tempo mais típico de permanência, os padrões de interação entre os garçons e funcionários, como grupos diferentes se vestem e comem (se apresentam em público) e, muitas vezes, pela expressividade corporal, o tom da conversa. Entendo, contudo, que nenhuma observação é perfeita. Assim, fui falar com fregueses do bar, e isso foi muito importante para esclarecer observações duvidosas e lacunares, mas nunca fiz uma entrevista formal no Rio de Janeiro. Isso tampouco foi necessário, pois tive fácil acesso ao dono e aos outros empregados do bar que, mais ainda depois de ganhar mais intimidade, amavelmente me explicaram tudo sobre fregueses, o bairro e suas próprias trajetórias. Achei francamente que uma entrevista formal seria algo forçado. Sem pressão, as pessoas acabaram

falando tudo que eu (achei que) necessitei ouvir. Os filtros que tive que usar ao avaliar as falas dos meus interlocutores eram as trajetórias pessoais, valores morais e discursos-padrão sobre bar, café e cidade.

Em Buenos Aires eu não quis forçar uma entrevista ou um reconhecimento do meu trabalho porque eu não me senti familiarizada com o país ou com o ambiente o suficiente, daí achei melhor deixar meus interlocutores agirem por conta própria. Entrei como qualquer cliente e fiz minhas anotações junto a outros trabalhos de leitura, revisão de papéis e fichamentos. Depois de três meses, na volta de férias no Rio de Janeiro, uma das *sócias* finalmente foi falar comigo e me ofereceu informações – no formato de uma entrevista, provavelmente para não tirar a formalidade do clima. Mais para o fim de janeiro, a outra *sócia* me pediu uma receita de brigadeiro (por sorte sei fazer bem o doce brasileiro). Dessa forma recebi uma identidade brasileira e feminina através da confecção de um doce considerado como típico do país onde teoricamente nasci (nunca tive a oportunidade de explicar onde realmente nasci)¹⁶. Senti-me, assim, mais ‘reconhecida’, e de uma forma positiva (compartindo o universo feminino de confecção de doces), mas isso não teve repercussões diretas sobre outros empregados, sócios, ou fregueses, muitos dos quais provavelmente nem sabiam o que eu estava fazendo ali.

Se Simmel me esclareceu mais sobre os tipos de individualismo moderno, para dar sentido à maneira que eu escolhi para abordar o campo, e especialmente ao meu papel dentro do campo, usei a teoria da comunicação/teatralidade do Goffman, que creio especialmente apropriada para situações de intensa interação face a face e a questão da *apresentação de si no cotidiano*, não apenas como uma *apresentação*, se não uma *reivindicação*.

No ensaio *Estigma* (GOFFMAN, 1978) o autor demonstra que a identidade pessoal é a *identificação* feita da pessoa através de estereótipias (um “perfil” de acordo com as expectativas normativas), que cedem apenas quando o sujeito ganha mais intimidade com seu interlocutor, que passa a enxergar esse sujeito de acordo com suas qualidades gerais e não apenas atrelá-lo ao estigma. Essa identificação é uma ordenação completa de suposições virtuais sobre um indivíduo qualquer, ou seja, expectativas padronizadas, marcas da sociedade impressas na interação, designadas a colocar cada um no seu lugar (de acordo com a hierarquia social do grupo). Como a identidade social virtual (a expectativa, por exemplo, que uma moça vestida com roupa apertada e que tenha cabelo loiro comprido e solto não é

¹⁶ O brigadeiro é basicamente composto de apenas leite condensado e chocolate (cacau em pó ou chocolate meio-amargo), daí facilmente traduzível para Buenos Aires onde esses ingredientes não são nem exóticos nem difíceis de encontrar no supermercado. O doce também não é de todo diferente da *dulce de leche*, muito consumido em todo o país. Alguns delicatessens, inclusive, vendem a iguaria como *dulce de chocolate*.

inteligente) nunca está totalmente de acordo com a identidade social real (ela é socióloga com doutorado e trabalha com pesquisa), cria-se uma lacuna para *manipulação*, que o estigmatizado usa para melhorar suas possibilidades de aceitação entre os normais (demonstrar a intelectualidade através da conversa). A lacuna aparece quando o sujeito trava relações com seus interlocutores. As manipulações do eu e da identidade são atreladas a todas as relações que o sujeito mantém, sendo essas relações recíprocas. No meu caso, como estrangeira, às vezes podia ser mais vantajoso me representar como brasileira, européia, ou norte-americana, de acordo com o contexto social específico e as possibilidades da pessoa acreditar em mim. A sociabilidade pública é essencialmente um teatro público de representações em que estar em público significa ser visto por outros e fazer uma apresentação de si. Como veremos nos capítulos respectivos sobre os campos carioca e portenho, o estar no bar e no café geram identificações e reconhecimentos de acordo com a *performance* do freguês – como ele se veste, quando frequenta o ambiente, o que pede, quanto tempo permanece.

Para começar a identificar as pessoas e para que elas me identificassem, obviamente precisei travar algum tipo de relação, ou seja, contato, familiaridade com o ambiente onde eu tentava me inserir. Como estrangeira e no meu papel de pesquisadora, não duvido que todo o primeiro mês que eu passei dentro do bar foi necessário para que os funcionários e fregueses pudessem começar a me situar como sujeito social dentro do bar. Aos poucos, os contatos que consegui travar com fregueses, além de informá-los sobre meu papel no bar – e como freguesa não habitual (uma estrangeira sozinha que morava fora do eixo mais comum de frequentadores) – ajudou-me a entender quais seriam as expectativas sociais no bar em relação a mim. Em mais ou menos três meses, consegui me sentir mais “à vontade” (naturalizar meu papel e sentir que esse papel foi naturalizado em relação a minha pessoa). Também consegui identificar muitos fregueses através de como estes agiam no bar, de saber que eles fazem, quando aparecem, que costumam beber e comer, e, por sua vez, eles conseguiam me identificar socialmente, pois depois de passar certo período, acostumaram-se com as noites das minhas visitas, meu caderno de campo, minha aparência, amigos eventuais que podiam aparecer no bar, etc. Essa naturalização criava espaço para comentários e brincadeiras, por exemplo, sobre meu cigarro feito à mão, a voracidade com que eu escrevia no meu caderno e comentários sobre equipes de futebol, quantos chopes uma freguesa conseguia beber, etc.

Os códigos de contato social em público, são bem descritos por Goffman (1978), especialmente para caracterizar grupos “medianos” (como o próprio autor acaba confessando,

por exemplo, em *Behavior in Public Places*: “my own experience has been with middle-class conduct [...] and it is to this that most of my comments can apply.” (GOFFMAN, 1966, p. 5)). O que Goffman, através dos seus exemplos, entende por “classe média” é que quase todos os “personagens” do autor trabalham em escritórios ou exerciam algum papel profissional. Os fregueses nos dois campos e nas duas cidades que escolhi podiam variar, havendo mais disparidade entre o nível social do frequentador nesses campos, sempre de acordo com os conceitos locais.

Se Goffman me serviu bem dentro do campo, tive que incorporar sua microsociologia a uma teoria macrosociológica, pois achei inicialmente que iria comparar sociabilidade entre grupos intermediários dentro do espaço de um bar carioca e um café portenho, vi que, na verdade, eu teria que estudar mais sobre as duas cidades para eu poder justificar exatamente o que eu estava comparando. As sociabilidades que encontrei refletiam essas diferenças. Obviamente, isso criou uma série de complicações para meu projeto, pois tive que ir além do meu foco principal dentro de um espaço urbano para falar sobre o espaço urbano em si. Entretanto, se não tivesse encarado esses desafios, eu estaria fazendo uma mera descrição etnográfica sem poder falar sobre por que as coisas aparecem e como aparecem, como um palco previamente montado.

Enfim, para descrever o que vi no palco, tive que entender como esse palco foi montado, daí usei o conceito de “sociogênese” de Elias (1996), que ele descreve no prefácio como sendo um,

“processo específico de ‘crescimento’ psicológico nas sociedades ocidentais, que com tanta frequência ocupa a mente de psicólogos e pedagogos modernos, nada mais do que o processo civilizador individual a que todos os jovens, como resultado de um processo civilizador social operante durante muitos séculos, são automaticamente submetidos desde a mais tenra infância, em maior ou menor grau e com maior ou menor sucesso. A psicogênese do que constitui o adulto na sociedade civilizada não pode, por isso mesmo, ser compreendida e estudada independentemente da sociogênese da nossa ‘civilização’. Por efeito de uma ‘lei sociogenética’ básica, o indivíduo, em sua curta história, passa mais uma vez através de alguns dos processos que a Ocidente experimentou ao longo da sua história.” (ELIAS, 1996, p. 15 et seq.).

Ao aplicar essa ideia aos conceitos de “civilização” e “cultura”, Elias (1996) descobriu que alemães, franceses e ingleses entendem esses termos de forma bem distinta:

“Palavras como ‘civilização’ em francês, ou inglês, ou o alemão ‘kultur’ são inteiramente claras no emprego interno da sociedade a que pertencem. Mas a forma pela qual uma parte do mundo está ligada a elas, a maneira pela qual incluem certas áreas e excluem outras, como a coisa mais natural, as avaliações ocultas que implicitamente fazem com elas, tudo isso torna difícil defini-las para um estrangeiro.” (ELIAS, 1996, p. 24).

Dumont (2003, p. 21), como Elias, também usa o conceito de *configuração* para descrever o conjunto de uma ideologia que compõe a modernidade ocidental. A configuração, para ele, é também uma série de relações (Ibid., p. 23). No meu trabalho, há uma configuração específica da ideologia classe média no Rio de Janeiro e em Buenos Aires em que está embutida uma ideia de moradia, sociabilidade pública e estilo de vida. Entender como esses termos se juntaram e fazer a sociogênese permite estabelecer a configuração existente hoje. Para chegar a algum significado específico para os termos “classe média”, “bar” e “bairro”, de acordo como essas noções são atualmente usadas no Rio de Janeiro e Buenos Aires, fiz uma pesquisa histórica que iniciei com as modernizações que as duas cidades experimentaram, desde meados do século XIX em Buenos Aires e os fins do mesmo século no Rio de Janeiro. Isso me ocorreu depois de enumerar aparentes contradições nas falas de pessoas que me deram informações em ambos os países sobre esses conceitos-chave para mim. Ao olhar mais cuidadosamente para as peculiaridades histórico-culturais dessas cidades, fui percebendo que a estrutura física dos “bairros” de Buenos Aires não pode ser compreendida sem a rigorosa ideologia arquitetônica do período em questão, como nem a ideologia de “cultura popular” no Rio e a cultura de “classe média” em Buenos Aires. Da mesma forma, creio que o café portenho é peça chave da ideologia do “europeísmo” portenho enquanto o bar carioca é uma apropriação de algo teoricamente entendido como “cultura popular” (LINS RIBEIRO, 2002).

Isso, para mim, é uma vantagem mais geral de fazer uma comparação através de um contraste, como queria Dumont (2000, p. 23), que diz que “somente podemos aprender configurações globais de ideias e valores em contraste com outros”. Ao começar, então, a vislumbrar “a lógica” de Buenos Aires, eu pude enxergar o Rio de Janeiro mais como uma cidade qualquer, com sua lógica própria e muito menos como “minha casa”, livrando-me dos vícios do nativo que domina e incorpora os códigos locais. Foi assim que me apareceram as falhas do meu trabalho carioca e comecei a perceber noções que eu usava para falar sobre o Rio de Janeiro como teoria nativa, por exemplo, todo o discurso sobre o “popular” como sendo parecido com o discurso sobre “classes médias” em Buenos Aires. A partir disso, deletei qualquer uso desse termo no trabalho a não ser quando o qualifiquei, pois não é termo analítico, se não termo nativo. Além disso, como todo meu treinamento superior foi no Rio de Janeiro (vim dos Estados Unidos com o secundário completo), fui educada para valorizar a “questão brasileira”, cara à antropologia local. Acredito que esse posicionamento, inevitável diante da inserção do país no teatro das nações, leva a certo autocentrismo, danoso por não enxergar a localidade como parte de algo maior.

Por outro lado, a pesquisa não é simétrica porque moro já há 20 anos no Rio de Janeiro, mas morei apenas nove meses em Buenos Aires, onde ainda eu tive que lidar com problemas de ordem logística, como aprender a manejar o transporte público, a língua e os códigos culturais do lugar. Além disso, tive que estabelecer contatos acadêmicos e pessoais sem estar vinculada a uma universidade ou instituição em caráter oficial, o que me deixou um pouco solta. As adaptações, no final das contas, levaram por volta de cinco meses, quando finalmente me estabeleci em meu campo portenho. É por esses motivos que eu tive que confiar demasiado em fontes secundárias para apoiar o trabalho, como também nos portenhos que falaram comigo, embora eu sempre procurasse averiguar mais profundamente qualquer afirmação que me fora apresentada. Reconheço, assim, que o trabalho, no final das contas, vai falar mais sobre Rio de Janeiro do que Buenos Aires, mas, assim mesmo, espero ter contribuído em alguma medida para estudos sobre grupos medianos em Buenos Aires, se nada mais, ao oferecer um contraste.

Para, então, “montar o palco” e tentar compreender por que cada cidade se representa com termos distintos, tive que recorrer à historiografia sobre as duas cidades, crônica e literatura. O levantamento que fiz não é compreensivo. Afinal, não sou historiadora e não tive tempo nem recursos para levantar dados primários dessa natureza, mas eu queria entender melhor como em cada cidade foi configurado o estilo de sociabilidade presente no meu trabalho de campo, especialmente depois que cheguei a Buenos Aires e percebi que minhas questões cariocas simplesmente não faziam sentido em terras portenhas. Daí, escolhi seguir obras que eu achei relevante, sabendo que também há outros pontos de vista, baseados em outras interpretações que igualmente poderiam ser válidas. Especialmente para Argentina, simplesmente uso toda referência que encontrei ou que me foi recomendada por colegas. Mas como a ideia é ter um panorama mais geral, acredito que encontrei pontos de vistas razoavelmente consensuais como, por exemplo, que quase todos os moradores da cidade de Buenos Aires se veem como classe média enquanto no Rio de Janeiro não costumam se referir a si dessa maneira. Também, em Buenos Aires, não há uma noção de *subúrbio* como pejorativo, enquanto no Rio virou uma ofensa dirigida a pessoas que vivem em boa parte da zona norte da cidade. Nos dois países foi mais fácil encontrar historiografia sobre sociabilidade, vida na rua e bares e cafés durante a chamada Belle Époque (1880-1930), que os historiadores consideram como período fundador da modernidade.

No Rio de Janeiro, a historiadora Isabel Lustosa (2004) apresenta um quadro de jornalistas, escritores e outros profissionais de grupos médios que frequentavam a Rua do Ouvidor nos anos 1920 à noite. Nessa época, então, havia uma fortíssima sociabilidade

baseada em “estar na rua” e intermediada pela bebida alcoólica entre segmentos médios profissionais, especialmente os jornalistas e literatos¹⁷. Chaloub (2001) dá conta de uma sociabilidade específica da cachaça entre grupos de trabalhadores no porto do Rio, em que o *botequim* era o lugar por excelência de encontro entre esses homens.¹⁸ Danilo Gomes (1989), na sua *História dos Cafés no Rio de Janeiro*, está em sincronia com essa visão. Para ele, o *botequim* já seria um pouco mais humilde que o bar e o café mais tradicional¹⁹. Uma possível cultura de café, como pode ser encontrada em Buenos Aires, teria existido até os anos 1950 no Rio de Janeiro também. Mas depois da Segunda Guerra, no Rio, muitos donos resolveram colocar balcões para não perder dinheiro com um cliente sentado tomando apenas um cafezinho²⁰. De acordo com o autor,

“foi por isso que surgiu o **café em pé**, que servia no balcão, vendendo fichas na caixa. Daí para frente, muitas casas perderam suas características, porque os freqüentadores assíduos se afastaram. Tal fato se deu com o **Nice**, o qual, por último, aderiu ao novo estilo e acabou cerrando definitivamente as portas em 1954. Alguns dos compositores e cantores que lá se reuniram ainda tentaram ocupar o **Atlântida**, no térreo do **Hotel Serrador**, esquina da Praça Mahatma Gandhi com Álvaro Alvim, mas a maioria se dispersou, mesmo porque também esse último adotava a moda do balcão.” (GOMES, 1989, p. 22 e 140).

¹⁷ A autora aponta que “num período em que o mercado livreiro era ainda muito estreito, o prestígio dos literatos se fazia basicamente a partir de dois eixos: a imprensa, que os abrigava nas páginas, e na vida social (...)” (GOMES, 1989, p. 35-36). Claro, nem todos se encaixaram diretamente em salões literários, mas “as facilidades que experimentavam os jovens poetas e escritores recém-chegados ao Rio, na iniciação no meio literário, também estavam ligadas à morfologia da rua-vitrine.” (Ibid., loc. cit.). A ideia era frequentar a Rua do Ouvidor.

¹⁸ “[sobre uma notícia policial num jornal da época] revela claramente a tentativa de estigmatização da principal opção de lazer dos pobres urbanos do sexo masculino: a conversa informal que esses homens levam no *botequim*, ao redor de uma mesa ou encostados no balcão, sempre sorvendo goles de café, de cachaça, cerveja, ou algum vinho bem barato.” (Ibid., p. 256-257).

¹⁹ “[...] que muitas vezes **café** se confundia com **botequim**. Por certo, tal sucedia com os cafés de categoria inferior. Não se fazia justiça a uma casa como o Café Armada (luxuoso estabelecimento) perpegando-lhe o epíteto de *botequim*... É provável que os termos se tivessem tornado sinônimos porque nos *botequins* se vendia café. É o próprio Ernesto Senna quem, depois de destacar os melhores cafés da cidade, no fim do século XIX e começos deste, conclui assim o parágrafo: ‘além de mais 362 *botequins* onde se vendia café, bebidas e se explorava o jogo de bilhar, estabelecidos em várias ruas da cidade desde a Ponta de Caju ao Jardim Botânico’.” (Ibid., p. 22).

²⁰ Vemos, com isso também, o fim da vida social mais democrática no centro do Rio, como fica evidente nessa citação do jornalista Nestor de Holanda, citado em Gomes na mesma página: “O cafezinho custava 100 reis (um tostão). Com o advento do cruzeiro em 1942, seu preço não subiu logo. Permaneceu, por algum tempo, os 10 centavos. Depois é que a xícara passou para 20 e a chávena (a média) para 40 centavos. Mesmo assim, os estabelecimentos comerciais do gênero continuaram tendo prejuízos, porque a maioria dos fregueses ocupava as mesas durante horas, em longas palestras, e gastava, tão só, o correspondente a duas ou três xicrinhas. E, ainda por cima, os cínicos os que pediam ao garçom:- Traz um copo d’água, um jornal de ontem e um palito de dente...” (Ibid., p. 140). Por outro lado, no caso de Porto Alegre, no sul do Brasil, onde ainda há certa cultura de café nas ruas de alguns bairros, o antropólogo Bernardo Lewgoy (1992) cita um freguês que culpa a influência norte-americana depois da Segunda Guerra pelo declínio do café sentado e o surgimento do balcão.

O resultado foi que tomar um café em pé, seja na padaria, na lanchonete, ou em uma cafeteria mais luxuosa ganhou aceitação cultural plena e é perfeitamente normal hoje entre quase qualquer grupo social. Mas, ao mesmo tempo, perdeu sua função de sociabilidade pública (veja sobre *sociabilidade* mais embaixo), pois se toma o café pelo gosto do café e não como álibi para estar em público ou para conversar. Novamente, seguindo Gomes,

“Hoje, com a generalização do serviço em pé, a infusão perdeu a nobreza que tinha, e que consistia precisamente em servir de pretexto para coisas mais altas. O café era secundário, era subordinado, mas há certas subordinações que conferem maior dignidade que a autonomia. Hoje o café é autônomo. Toma-se por ele mesmo, com a frieza racional e funcional com que se ingere um laxante ou um analgésico. Tomam-se um café egoísta, solitário, vertical.” (CORÇÃO, 1954 apud GOMES, 1989, p. 38).

Em Buenos Aires, de acordo com Gayol (2000) e Ferreras (2006), o uso que se fazia do café não era tão distinto com as novas massas de imigrantes estrangeiros encontrando-se nos cafés para tomar vinho e jogar cartas. Ambas as populações eram alvos de investidas da polícia, mas no caso portenho, havia políticas públicas explícitas para absorver e integrar os novos imigrantes (até porque esses chegavam a superar a população hispânica original) através da criação de um sistema de parques e passeios públicos (também o argumento de Gorelik), além de teatros e festas, que “además de entretenimiento ‘formador de buen gusto estético’ deviene instrumento capaz de generar una ‘conciencia nacional’.” (GORELIK, 1998 apud GAYOL, 2000, p. 82)²¹. Como vimos, não havia tais políticas de integração social dentro da cidade do Rio de Janeiro, apenas a exclusão através da perseguição da polícia²².

Por outro lado, o Buenos Aires dos anos do seu auge mitológico, os anos 1920, quando a cidade se tornou um grande capital internacional, exhibe cafés com um discurso bem “carioca” sobre sociabilidade de café, que foi muito repetido por muitos moradores de Buenos Aires. Nunca verifiquei essas práticas empiricamente, mas imagino que devem fazer parte do imaginário do discurso sobre o portenho, embora essa citação do jornalista, cronista e autor, Roberto Arlt, escrita nos anos 1920, seja quase uma sátira sobre a cidade vizinha, vista como

²¹ “Todos los acontecimientos festivos pretendían ser utilizados para modificar comportamientos y eran tolerados y promocionados dentro de ciertas pautas y sin sobrepasar determinados límites. Los parques, paseos, plazas, el teatro y el Carnaval ofrecían vastas posibilidades y multiplicidad de utilidades. Frente a los beneficios que hemos señalado, ¿qué proporcionaban los despachos de bebidas y cafés? Si seguimos la apreciación de los discursos, nada que no fuera ‘despilfarro’, ‘desorden’ e ‘inmoralidad’.” (GAYOL, 2000, p. 83).

²² Só que distinto do que fala Gayol e Ferreras em relação a Buenos Aires, de acordo com Chaloub (2002, p. 260), os próprios donos de botequins ajudavam a polícia, “restringir os hábitos populares de conversar e bebericar ao espaço interno do botequim significa, então, tornar mais explícito o antagonismo entre o pequeno proprietário e seus fregueses, transformando o primeiro num aliado mais efetivo da força policial na vigilância contínua que se quer exercer sobre os homens pobres.”

bem mais provinciana, La Plata (capital da província de Buenos Aires). Vejamos esse ótimo esboço:

“Los cafés están repletos de gente que hace filosofía al margen de una tacita de achicoria. Los mozos parecen conocer a todo el mundo, porque veo que la gente se levanta de las mesas sin pagar y en vez de ocurrir una tragedia como ocurriría en esta ciudad de filisteos, el mozo exclama: - Hasta luego, don Joaquín, o hasta luego, Noy! E eso es todo.” (ARLT, 2005, p. 16).

No entanto, é interessante observar a atitude satírica do autor portenho sobre o caráter provinciano da capital da província de Buenos Aires, que o mesmo entende como distante da vida cosmopolita e impessoal da capital federal. Esse caráter provinciano já é idealizado pelo discurso do “autêntico bar e botequim” no Rio de Janeiro.

Literatura de e sobre os anos da resistência à ditadura e a chamada contracultura (PUJOL, 2002; SEBRELI, 2003) mostra a auge do café entre jovens universitários e outros moradores que usavam o espaço do café para resistir à ditadura e participar da chamada contracultura que chegava de fora do país²³. Os anos 1960 seriam idealizados pelos dois autores como uma época em que o café era usado para debate e conversação entre amigos, apesar do controle feito pelos militares que pediam documentos quando havia mais que quatro pessoas no grupo, o que não necessariamente impedia sua permanência, de acordo com duas pessoas de aproximadamente 60 anos em Buenos Aires. Nos anos 1970, o nascente movimento de música rock, hoje umas das formas musicais predominantes nessa cidade, foi cultivado dentro do café²⁴.

De certo modo, esses grupos seriam teoricamente os equivalentes aos que fundaram o “autêntico botequim carioca” no Rio de Janeiro, mas enquanto os últimos hoje são consagrados como uma *doxa*, os primeiros viveram seu auge naquela época e o declínio depois. Vejamos Sebreli (2003) sobre o fim da sociabilidade pública idealizada (culpa das mulheres!),

“La vida del café ha decaído por el cambio de las costumbres. La igualación de los sexos y el abandono de la mujer del “gineceo” hogareño alentaron, por un lado, a los miembros de la pareja a salir juntos y, por otro, debilitó la amistad entre varones, típica del café de ayer. Lo habitual hoy es ir al restaurante en pareja, y frecuentemente se reúnen dos parejas. Esas salidas se alternan con las comidas en casa, donde aumenta el número de las parejas, y cuando se invita a una persona sola se la suele compensar con otra en la misma situación. (...) Carece el restaurante – o la comida privada – del rasgo esencial de la sociabilidad urbana, tal como se daba en

²³ Diz Pujol (2002, p. 72) do artigo sobre juventude: “[...] los hippies porteños podían pasar varias horas en el café La Paz de la avenida Corrientes movilizarse desde plaza San Martín hacia el Obelisco[...]”.

²⁴ Adriana Franco, no artigo sobre rock como patrimônio cultural (bom, se existe até trabalho acadêmico sobre isso...), declara: “Así, se o tango tuvo un Cafetín de Buenos Aires, El rock tuvo su Cueva y su Perla. Lugares donde recalar, donde hacer un alto, lugares de encuentro.” (FRANCO, 2006, p. 28).

el café: la posibilidad del encuentro imprevisto, del conocimiento de extraños o del fluir incesante de los que se agregan a la mesa.” (SEBRELI, 2003, p. 279).

Há dois historiadores contemporâneos, do grupo de estudos em que eu participei, no IDES, que questionam os “mitos fundadores” sobre a chamada classe média argentina. Esses mitos seriam que todos realmente sejam de “classe média” (no sentido de desfrutarem de posses e oportunidades parecidas) e que essa configuração já existia desde os anos 20 e que esses grupos sempre apoiavam o partido político UCR (Unión Cívica Radical, primeiro partido que explicitamente apoiava a democracia republicana, hoje associada a grupos sociais mais altos). Ezequiel Adamosky (2009) escreve uma pioneira *História da Classe Média* na Argentina desde o início do século XX até os primeiros anos do século atual. Para o autor, a classe média cresce como um *discurso* a partir dos anos 1950 (e não nos anos 1920), com a queda de Perón, quando não convinha mais dizer que se é das classes trabalhadoras, que sofrem uma perda de status²⁵. Como esse sujeito passa a ser estigmatizado pela reação política, ele prefere se considerar como classe média, como a maioria dos moradores da cidade e seus arredores o fazem hoje. Daí o discurso sobre esse tipo de status social passou a ter eficácia prática²⁶.

O também historiador Henrique Garguin, num artigo em também pioneiro livro sobre a identidade classe média (VISACOVSKY; GARGUIN, 2009) argumenta que a noção de classe média é baseada no tipo ideal do portenho, como esboçado por Scalabrini Ortiz nos anos 1920, o homem da Rua Esmeralda com Corrientes (no microcentro)²⁷. Para Garguin, esse é um imigrante europeu (ou seja, só se for de um país europeu cristão e branco) que vive preferencialmente em Buenos Aires, ou seja, a imagem de classe social é vinculada à branquura

²⁵ Sobre o problema de “desperonizar o povo”: “La persistencia del peronismo más Allá de Perón era El obstáculo que impedía ‘recuperar’ el consentimiento del pueblo y con él la legitimidad del orden social y político. Pero había una presencia que quizás podría ayudar a resolver el problema: la de una masa social que ya todos llamaban de ‘la clase media’ y a la que asumían como una fuerza obviamente antiperonista. En efecto, en el amplio debate que se produjo en esos años, el papel político de la ‘clase media’ estuvo mucho más presente y en un lugar mucho más central que en ningún momento previo de la historia política nacional.” (ADAMOSKY, 2009, p. 329).

²⁶ A naturalização da “clase média” pela mídia em meados dos anos 50: “Existe evidencia de la presencia de una identidad de clase media extendida, por ejemplo, en El modo em que la prensa referia a Ella. En efecto, desde medianos de la década de 1950 los diarios y revistas de circulación masiva por primera vez comenzaron a utilizar la expresión “clase media” de manera casual y espontánea y sin tener que aclarar a qué se referían.” (Ibid., p. 365).

²⁷ “El Hombre de Corrientes y Esmeralda, El porteño blanco, es el argentino. Y pertenece a los sectores medios, ya que su referente no puede en verdad ser cualquier porteño, sino uno con cierto nivel de vida, que le permitía desentenderse de los problemas del trabajo y la subsistencia, acudir por las tardes a los cafés del centro, eventualmente viajar a Europa cuando ahorra unos pesos [...]” (ORTIZ, 2005 apud GARGUIN, 2005, p. 78).

da pele, origem étnica, cultura e um estilo de vida urbana, pelo menos na região pampenha, assim excluindo todos os argentinos que não cabem dentro dessa descrição²⁸. O “europeísmo” (cultura de café, estilo de vida urbana, formas culturais europeias ou europeizadas) então, torna-se obrigatório para poder reivindicar o status social desejável.

Já para Florência Garramuño (2007), em *Tango e Samba e a construção da nação*, o samba virou uma identidade brasileira ao incorporar o problemático elemento negro²⁹ enquanto o tango como uma identidade teria fundido um mítico elemento gauchesco com o europeu imigrante³⁰. Na verdade, a origem das duas formas musicais tem muito mais em comum do que diferenças (inclusive no que diz respeito às suas origens africanas), mas as necessidades sociais e culturais de cada país teriam criado duas formas musicais distintas, criando assim um Brasil “exótico” e uma Argentina “europeia”.

Muitas crônicas escritas por jornalistas (vários dos quais que também escreveram novelas) que trabalharam no Rio fazem ampla referência ao bar. O culto à bebida alcoólica e à noite ficam evidentes em quase todas que usei. Esse tipo de literatura é fácil de encontrar, pois é valorizada pelo certo discurso sobre o carioca, idealmente visto como amante da sociabilidade noturna e alcoolizada (a *boemia*). A maioria dos livros dos jornalistas que encontrei foi escrita por gente que não nasceu no Rio. Tentei usar cronistas de épocas variadas para sentir melhor como era viver em períodos distintos na história do Rio de Janeiro. Essa literatura é apreciada e levada a sério pelos grupos intelectuais e quando pedia ajuda para encontrar literatura que abordasse a cultura dos bares, quase todos os livreiros, colegas e professores que consultei me recomendaram esses cronistas. É justamente esse conceito de *boemia* que foi vulgarizado depois através do discurso do guia *Rio Botequim*, por exemplo.

²⁸ “[...] la representación de la nación dominante hasta mediados del siglo XX fue en gran parte el resultado de la extensión de la experiencia de los sectores medios urbanos del Litoral a la totalidad del país, subsumiendo tanto a los habitantes del interior como a los sectores menos favorecidos del propio Litoral. Se construyó así una idea de nación homogéneamente blanca-europea (por oposición a la representación que se hacía del resto de las naciones latinoamericanas) y carente de clivajes sociales significativos, hecho que, por añadidura, no propiciaba la circulación de la noción de clase media. La irrupción del peronismo estimulará el *descubrimiento* de que aquella imagen racializada no era aplicable a la nación toda sino a una parte de ella, parte que entonces sí sería identificada como clase media.” (GARGUIN, 2009, p. 63).

²⁹ “[...] En el Brasil el legado africano debe ser recuperado para poder proponer una modernidad posible, ya que según las teorías racistas vigentes durante el siglo XIX, no había posibilidad de futuro para una cultura con fuertes componentes africanos.” (GARRAMUÑO, 2007, p. 97).

³⁰ “En la Argentina, por el contrario, el imperativo parece tener una dirección diferente. Se trata más bien de inventar un pasado para formas velozmente cambiantes que, como el tango, inauguran un conflicto que no logra resolverse: mientras que en su elaboración la intervención de la población de origen inmigratorio es absolutamente innegable, su condición de producto “típico” resulta para muchas artistas e intelectuales en una percepción del tango como dispositivo insoslayable para construir una identidad nacional.” Simultáneamente “nacional” y “cosmopolita”, el tango y su imagen en las primeras décadas del siglo acompaña las vicisitudes del nacionalismo cultural argentino, y las contradicciones que éste abrigaba en su seno.” (Ibid., p. 97-98).

As bebidas de preferência são geralmente cerveja e uísque. Observo que a cachaça, ou aguardente, atualmente valorizada como patrimônio nacional, não aparece em nenhum relato, mostrando o quão recente é sua valorização como bebida digna de grupos sociais profissionais e intelectualizados.

O jornalista carioca Luís Martins (1964), na sua juventude, era assíduo da Lapa, no auge desse bairro (que teoricamente seria o modelo para a “nova Lapa” de hoje, já devidamente “esterilizada”) antes da ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas em 1938, quando a cultura *boêmia* sofre sanções desse governo (e o próprio jornalista, de forma muito amarga, acaba sendo “exilado” para São Paulo). *Boêmio* nessa época se referia a uma cultura juvenil noturna que misturava muita cerveja e uísque com visitas a cabarés e bordéis. O interessante dessa época é, através da biografia do autor, o fato dos setores medianos, de onde saíam jornalistas, viverem num cordão mais perto do centro da cidade – Rio Comprido e Glória, por exemplo (onde o jornalista e seus amigos viveram) e esses acabam se afastando mais para a zona sul e Tijuca depois da Segunda Guerra³¹. Nenhum bar ou cabaré da sua época sobreviveu hoje. O autor é claro que os literatos frequentavam o centro (como em Buenos Aires) e os boêmios, Lapa (MARTINS, 1964, p. 25). Depois da Segunda Guerra, quando a vida social se desloca para zona sul, essa distinção fica borrada.

Memórias do Café Nice, do jornalista pernambucano Nestor de Holanda (1970), fala dos anos 1940 e 1950, logo quando acabam os bondes no centro da cidade e o lazer se desloca para os bairros, especialmente os bairros beirando a praia. O Café Nice era onde se negociavam músicas de samba para os carnavais. O café fechou as portas em 1954, parcialmente em função da deterioração dos transportes e o deslocamento definitivo do lazer para os bairros. O fim do Nice reflete uma mudança cultural mais ampla na cidade, quando a mistura entre grupos e tribos sociais distintas no centro da cidade entra em declínio, bem como certa cultura diurna de tomar café sentado. O também jornalista pernambucano, Fernando Lobo (pai do grande compositor e cantor de MPB, Edu Lobo), conta suas memórias do café Vilarino, também no centro da cidade, onde cresceu o movimento Bossa Nova nos anos 1950 e 1960. Os grupos – jornalistas e músicos – se reuniam no fim do dia até a noite. O interessante aqui é observar que a ligação entre bar-jornalista e músico não leva uma conotação classe trabalhadora, como no caso das milongas e cafés tangueras em Buenos

³¹ O jornalista descreve sua infância na Rua Haddock Lobo, na Tijuca quase Rio Comprido, a mudança para Flamengo e depois para Catete – Glória, na Rua Santo Amaro, onde também chegou morar o poeta paulistano Mário de Andrade. Na página 13, já se referindo aos anos atuais (1960, no caso) ele fala dos moços “que vivem sobre o signo de Copacabana” para contar para eles sobre as “histórias da Lapa daquele tempo.” (MARTINS, 1964, p. 56-57).

Aires, embora exista um corte entre o samba, mais comum entre setores medianos ou mais baixos, e bossa nova e MPB, como música de setores mais abastados, depois dos anos 1960. O Vilarino ainda existe no centro e faz questão de vender sua história, especialmente da Bossa Nova, a última manifestação musical carioca e a primeira a assumir uma identidade zona-sulense, de status mais alto.

Depois do Lobo, encontrei um livro panegírico sobre o bar Bip-Bip em Copacabana, que ganha fama nos anos 1970 por suas rodas de samba, mas com uma clara evidência acento de MPB da zona sul (os autores nem escondem a preferência para o estilo musical e cultural da zona sul). A roda semanal e o bloco de rua ainda são apreciados hoje, inclusive em guias turísticos. Os hoje frequentadores costumam ser mais intelectualizados e velhos (minhas próprias observações). Vale à pena mencionar que nos anos 1980 e 1990 há um renascimento dos blocos de carnaval de rua em zona sul, quase todos os quais, como seus congêneres de outras zonas nasceram dentro dos bares, como o Bip-Bip (ou meu campo em Laranjeiras). Seus fundadores são os mesmos jornalistas e outros “produtores de discursos” como professores, por exemplo. Esses blocos atraíam pessoas de outras zonas além de turistas e hoje em dia o carnaval de rua do Rio de Janeiro já é considerado como produto de exportação (os blocos constam nos guias turísticos).

Outros cronistas não tiveram ligação específica com a música, especialmente a geração posterior (mais dos anos 1970 e adiante). Esses cronistas viviam em Copacabana e Ipanema, que já está mais afastada do centro. Acontece que nessa época Rio de Janeiro já deixou de produzir modas musicais, da mesma maneira que deixou de ser a capital federal do país. O *revival* de samba, nos anos 1990, já como patrimônio da cidade e como parte do discurso do “autêntico bar e botequim” cria mais destaque novamente para Rio de Janeiro, mas agora já como patrimônio da cidade, a *doxa*, e não mais como uma inovação musical como era tempos atrás. A vantagem dessa crônica não-artística, digamos, para minha pesquisa, nessa época algo complicada dos anos 1960 a 1990 (abrangendo o período da ditadura militar), é que os cronistas falam mais sobre a cidade e seus problemas. Parece-me que há menos trabalho que abarca questões culturais nesse período em ambos os países. Jaguar é desenhista e faz os quadros em vários bares da zona sul do Rio de Janeiro³². O lendário fundador do jornal da sátira (que fazia resistência à ditadura), *O Pasquim*, em 1969, também gostava de escrever sobre seus bares preferidos (*Confesso que eu bebi*, de 2001). Ele é um adepto e propagador da “cultura de botequim” sobre a qual desenvolvo meu trabalho.

³² Tirei informações a seu respeito de Castro (1999), em uma compilação sobre personagens de Ipanema num livro que revive as memórias desse bairro praiano elegante justamente até os anos 1980.

Em muitos bares que constam no *Rio Botequim*, estão quadros que ele fez. O mineiro José Carlos de Oliveira (2005) dá um bom panorama da vida e questões sociais do Rio de Janeiro entre os anos 1960 a 1980, o que possibilita ver mudanças nessa época. Este já bebe mais em zona sul e, como outros jornalistas, é forçado pela idade a limitar suas atividades etílicas por causa de danos cumulativos ao fígado (Luís Martins também menciona o fim das suas atividades etílicas assim). O também mineiro Paulo Mendes Campos (numa coletânea chamada justamente *Os bares morrem numa quarta feira*, de 1980) lamenta o fim dos bons bares do centro e culpa os problemas de transporte para isso³³. Os últimos dois viveram em Copacabana, como o também cronista mineiro João Antônio, que em *Ô Copacabana!* (1978) relata o lado marginal e decadente desse bairro. Até os anos 1980, então, vemos claramente um período de transição que deve desembocar na configuração atual, a partir dos anos 1990, sobre a qual trabalho.

Não vi esse tipo de crônica em Buenos Aires, o que não quer dizer que não exista, mas simplesmente que não a encontrei. Professores e colegas me recomendaram os cronistas já consagrados como literatura, especialmente Roberto Arlt (2005), cronista da vida urbana dos anos 1920 e 1930. As *Aguafuertes porteñas*, do Arlt, retratam uma Buenos Aires em ascensão internacional, nos anos 1920 e 1930. Menos idealista, Arlt tem alguns pontos em comum com o pensador social e político, Scalabrini Ortiz (2005), como o tédio de domingo³⁴, a atomização do indivíduo que caminha pelo centro e se dirige aos cafês³⁵, quase que como um desocupado, eventualmente conhecendo a algum estranho com quem comparte uma conversa.

Hoje em dia, é mais comum encontrar crítica cultural, literária e panfletária em Buenos Aires. Sebrelli (2003), citado acima, faz parte da geração rebelde dos anos 1960 que usou o café para discutir ideias políticas. Nesse século, Esteban Schmidt (2008) já ironiza a decadência de um tipo de classe média intelectual (do setor público e o bairro de Caballito) e seu deslocamento para as novas profissões como design e gestão, para os novos bairros requalificados que compõem parte de Palermo. Assim, o café teria mudado seu formato, se tornando mais “yuppie” e superficial. Além disso, a decadência de Caballito é ligada à

³³ Mas algumas brechas iam se abrindo no trânsito compacto do crepúsculo e os boêmios começaram a deixar a cidade mais cedo e a criar alma nova na Zona Sul (CAMPOS, 1980, p. 14).

³⁴ El hombre es animal de contrastes. Y el domingo no ofrece ninguno. A no ser el de las casas cerradas, las cortinas metálicas corridas, los bancos con aspecto más duro que semblante de gerente con un cliente que no levanta un pagaré, y los vestíbulos de los teatros y cinematógrafos colmados de gente que quiere divertirse a toda costa (ORTIZ, 2005, p. 27).

³⁵ Y es que, en verdad, para todo hombre desesperado, la ciudad es como un desierto donde no cabe esperar piedad y ni socorro de nadie (Ibid., p. 24).

chegada de migrantes da região não-pampenha³⁶ de Argentina (ele cita Catamarca, no noroeste de Argentina) além de estrangeiros de países andinos, no caso Equador. Ou seja, Caballito estaria ameaçado a perder seu status de branco³⁷. Finalmente, as reformas feitas no café mais tradicional de Caballito, *El Coleccionista*, seriam responsáveis por sua decadência (e realmente vi que apenas aparecem idosos por lá). Beatriz Sarlo (2009, p. 187), na *Ciudad Vista*, entende a cultura do café como algo “para o turista ver” (não por coincidência, o guia de cafés notáveis foi lançado pelo governo da cidade em 2004). A ideia do portenho viver no café seria um mito, uma primeira impressão de um turista casual, que era, aliás, minha primeira impressão. Isso cria parte da problemática da minha pesquisa nessa cidade.

Muitos dos bares do Rio de Janeiro, entre os anos 1960 a 1980, que fundaram o que hoje em dia se chama “botequim”, têm livros do estilo panegírico escritos preferencialmente por seus frequentadores assíduos. Entre estes, encontrei memórias sobre Lamas, O Vilarino, Bip-Bip e Antônio’s. Fora O Vilarino, no centro da cidade, todos esses bares se localizam na zona sul.

O guia *Rio Botequim* (2000, 2001) até poucos anos atrás era quase o guia oficial dos amantes do chope. O guia portenho, *Cafés de Buenos Aires* (2003) faz a mesma coisa de uma forma diferente, ou seja, procura preservar um patrimônio nacional. Mas no caso portenho se tem a sensação de que a preservação seja em prol de uma espécie em extinção, enquanto o guia carioca está mais preocupado em dizer qual é o “autêntico bar e botequim” e legitimar certa visão da cultura do bar. Podemos especular se isso é ou não um sinal de declínio do café, o fato de haver mais literatura para catalogar, enquanto no Rio predomina crônica, ou seja, aventuras recentes nos bares. Hoje em dia, o guia serve mais para glorificar (e vender) a comida de bar que, já em si, virou uma especialidade gastronômica, semelhante às tapas espanholas.

³⁶ A região das Pampas se refere às terras planas do centro e litoral de Argentina, como oposto à Patagônia no Sul, às Cordilheiras vizinhas de Bolívia no noroeste e o Chaco ao norte do país. As pampas são responsáveis pelo cultivo de gado e trigo, produtos alimentícios metafóricas da prosperidade argentina (carne e pão), além de atrair a maior parte da imigração européia no país. As outras regiões seriam mais representativas de América Latina não européia, com índices econômicos piores e, assim, estigmatizadas.

³⁷ Para o ex-jornalista do *Rolling Stone*, correção política não é a questão, como vemos aqui: “Una catamarqueñización desenfreada. Um abrazo enorme a todos los compañeros de Catamarca, desde luego, y a todos los burritos de la precordillera. Si nuestra gente es más pobre, come más perros calientes, y una heladería que en los mejores años cerraba todo el invierno, como la Gelatería Silvio de Acoyte y Yerbal, con sus cucharitas de madera y la mezcladora a la vista, terminó vendiendo cosas calientes, café al paso y churros, el cuadro completo resultó una expulsión violenta para los ilustrados. Una represión en el Parque Lezica pero a delantalazos. Y El Coleccionista, una coqueta confitería perfectamente trasladable a Milán, se había mudado de golpe a Quito. Hablemos crueldades, quién carajo quería vivir en Quito?” (SCHIMIDT, 2008, p. 34).

Em Buenos Aires, encontrei três volumes de *La História Sencilla de los cafés* (1999), que não é propriamente historiografia, senão recordações de lugares, a maioria dos quais se perderam no tempo. Também encontrei um guia de *bodegones*, escrito por um jornalista italiano que mora em Buenos Aires (PIETRO, 2009). O *bodegón* é um meio que entre um bar e um restaurante caseiro (como muitos bares no Rio), quase um “autêntico bar e botequim”, a não ser pelo fato de que não se vangloria de uma cultura específica no que tange ao consumo de bebidas alcoólicas, cultura alcoolizada e, sim, “comida de *bodegón*”. Achei curioso que não ocorreu à prefeitura de Buenos Aires a ideia de “salvar” esse tipo de estabelecimento e, sim os cafés e as pizzarias que, pelo jeito, se estabeleceram mais como *valores* em Buenos Aires, como os bares no Rio.

Em Buenos Aires há muita literatura do estilo panegírico sobre bairros, e muito disso está na internet. Essa literatura fala também sobre as equipes de futebol e os cafés dos bairros respectivos. Em Buenos Aires, os bairros costumam ter seu dia de comemoração e as associações costumam ser razoavelmente fortes em termos de fazer demandas ao poder público. No Rio de Janeiro, a prefeitura lançou alguns livretos explicando a história dos bairros cariocas, mas esses são mais recentes e já saíram de edição. Em livrarias usadas achei alguns livros escritos por indivíduos de zona sul (que geralmente financiaram a publicação do livro) sobre seus bairros (Leblon e Glória). O que mais me ajudou a ter uma noção de como funciona o bairro no Rio de Janeiro foi recorrer a fontes mais do que nada literárias, pois a literatura é um ótimo caderno de campo para fazer antropologia urbana, especialmente quando o campo não pode ser observado mais³⁸. *A Alma Encantadora das Ruas*, escrito na virada do século XX pelo cronista e literato (combinação frequente na minha bibliografia, João do Rio (2008) foi frutífera, para mim, neste sentido. Ele complementa essa ideia de bairro com a de rua, o que pode compreender uma sub-região de um bairro que tem suas próprias características³⁹. Ele ainda descreve a rua como um *grande palco* no Rio de Janeiro⁴⁰, ao contrário dos autores portenhos dos anos 1920 que descrevem a Rua de Buenos Aires como um lugar para se esconder, ou nas multidões, ou dentro de um café ou cinema, mas sempre

³⁸ Num artigo extraído da coletânea *O Fenômeno Urbano*, Robert Park, um dos criadores da chamada “Ecologia Urbana” da chamada Escola de Chicago dos anos 1920 disse que “[...] estamos em débito permanente com os escritores de ficção em nosso conhecimento mais íntimo da vida urbana contemporânea.” (PARK, 1979, p. 28). O autor reclama estudos científicos mais dirigidos, mas creio que, mesmo quase um século depois, o débito permanente continua como mostrarei mais adiante.

³⁹ “Nas grandes cidades a rua passa a criar o seu tipo, a plasmar o moral dos seus habitantes, a inocular-lhes misteriosamente gostos, costumes, hábitos, modos, opiniões políticas.” (Ibid., p. 41).

⁴⁰ “O carioca vive à janela.” (JOÃO DO RIO, 2008, p. 7).

um arauto de cosmopolitismo urbano (algo solitário), enquanto no Rio de Janeiro o bar é um teatro de sociabilidade, igual ao “grande palco” que é a rua. O conto do autor contemporâneo carioca, Vitor Guidice (1989), *Salvador janta no Lamas*, é uma ótima idéia do que é a sociabilidade de bar no Rio de Janeiro. O bar é um espetáculo público onde ninguém tem direito à privacidade. O protagonista, Salvador, morre de vergonha, pois não sabe como lidar quando misteriosamente todo o bar começa olhar para ele. Depois ele volta e, do lado de fora, vê que os outros personagens também sofrem com essa atenção inesperada, mas apresentam espetáculos para seus pares e são aplaudidos por esses espetáculos (truque com baralho, danças). Em outras palavras, reconheceram seu papel como sendo essencialmente público, como um dever de estar *disponível* para as pessoas na arena pública.

Esse contista e romancista carioca nasceu e viveu no subúrbio antigo de São Cristóvão. Em quase todos seus contos, os personagens são nascidos ou vivem nos subúrbios mais antigos do primeiro cordão (especialmente São Cristóvão, mas também Méier e Engenho de Dentro, por exemplo). Ascensão social de um personagem é quase sempre simbolizada como uma travessia para Tijuca, o ponto de chegada máximo desejado por um morador de um subúrbio, talvez por esse bairro mais nobre da zona norte, possuir uma boa estrutura física e recursos de um bairro de “classe média”, mas ao mesmo tempo, preservando o estilo de vida mais familiar dos subúrbios. Também me esclareci melhor sobre a noção de subúrbio no Rio de Janeiro na época que essa divisão se formou, entre 1880-1930. Em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, por exemplo, o protagonista Bento alcança maturidade ao fazer a travessia entre Engenho Novo (subúrbio) para Glória (zona sul). Os personagens de Lima Barreto são quase todos referidos por ele mesmo como *suburbanos*, familiares a esse escritor que nasceu, viveu e morreu nos subúrbios e é o maior cronista do Rio de Janeiro conheceu desse lado da cidade, e também um dos seus maiores críticos, com um humor ácido e irônico.

Em Buenos Aires, como em Nova Iorque, por exemplo, cidades com uma tradição de imigrantes, há muita “literatura de bairro”. O jovem autor Fabián Casas escreve sobre sua infância no bairro tanguero de classe média baixa de Boedo, na zona sul da cidade. Apesar do discurso comum de que toda a cidade seria “classe média”, nesse livro de contos vemos, por exemplo, um personagem nos *Lemmings* (2006) que nasceu em Palermo (isso já nos anos 70) e foi para Boedo. O temor é que ele, de grupo mais alto, não vá se integrar bem na escola pública do bairro classe média baixa de onde, por sinal, sua família descendeu. As sofridas e manipuladoras moças casadoiras nos contos de Roberto Arlt (nos anos 1920 e 1930) vivem todas nos “bairros” (de origem imigrante), onde todos sofrem com o tédio opressivo do dia de domingo. Seus personagens masculinos andam perdidos pelo centro, parando nos cafés para

“fazer hora”. Em *Sobre Heróis e Tímulos*, Ernesto Sábato (1961) explora a herança decadente das legítimas elites hispano-descendentes (a decadência é que nunca teriam saído do antigo bairro nobre de Barracas, hoje de migração interna, na zona sul portuária da cidade) e a vida precária de grupos intermediários de origem imigrante que moram em zonas precárias no centro, como Once e apagam seus sobrenomes italianos e russos para parecerem mais “argentinos”.

Em termos de sociabilidade, os personagens em romances argentinos costumam aparecer muitas vezes sozinhos ou em pares dentro dos cafês, e não em grupos maiores, especialmente Sábato e Arlt. O jovem autor dos *Lemmings*, Fabián Casas, no entanto, mostra jovens da nossa época se reunindo com seus pares (e não outras faixas etárias) em bares noturnos com música onde se toma bebida alcoólica.

Fora a literatura bibliográfica, a estratégia de pesquisa voltou-se para mim mesma e para meu próprio *milieu*. Afinal, como estou interessada em grupos produtores de discursos, minha pesquisa é inevitavelmente uma autoantropologia⁴¹, pois investiguei grupos próximos de mim, já que eu também pertencço a uma camada intelectualizada que trabalha com produção de discursos. Assim, no Rio de Janeiro, trabalhei num bairro onde moram muitos dos meus professores e vários colegas das faculdades que cursei. Alguns deles me deram entrevistas informais ou por escrito, outros me encontraram no campo onde eventualmente já frequentavam independentemente do meu trabalho, pois o bar atrai esse tipo de público. Em Buenos Aires, os contatos que fiz através do IDES (ou por fora, com outros amigos argentinos) acabaram me fornecendo informações valiosas e não podia ser diferente, já que era com eles mesmos que eu precisava conversar.

Como eu também sou uma produtora de discursos, faço uma etnografia autobiográfica, não porque isso foi minha pretensão desde um primeiro momento, mas porque isso acabou sendo inevitável, necessário e até desejável diante dos temas que resolvi abordar, especificamente classe social e produtores de discursos. Não pretendi, nem quis, entrar em episódios da minha vida pessoal no projeto, mas como eu mesmo sou uma ‘nativa’, isso tem suas consequências e resolvi arcar com elas. Algumas percepções foram mais incômodas e dolorosas, pois me vi forçada a reavaliar minha própria infância para explicar reações e impressões que eu tive no campo. Eu nunca havia experimentado antes a fazer objetivações da minha própria subjetividade, mas encontrei um estranho paralelismo entre impressões sobre Buenos Aires e sobre Nova Iorque, onde vivi dois anos, onde nasceu e viveu meu pai. O

⁴¹ “Strathern ha definido la “auto-antropologia” como “antropologia realizada em el contexto social que la produce como disciplina.” (STRATHERN, 1987, p. 17 apud ARCHETTI, 1999).”

próprio fato de eu ser estrangeira esclareceu muito sobre o que seria o *nacional*, como um espelho do outro, em cada cidade. Em Buenos Aires, tive o duplo benefício de ser confundida tanto como brasileira como europeia e norte-americana, assim também entendendo melhor o que seria um brasileiro para o argentino.

Há implicações metodológicas ligadas às minhas experiências pessoais, em campo e fora dele. A antropologia hoje em dia já não acredita mais em neutralidade científica, o que obriga ao pesquisador maior transparência em termos de condições de pesquisa. Isso se torna crítico para alguém que trabalha com o espinhoso tema de “grupos sociais”, pois se “classe social” é uma categoria de acusação e não uma categoria analítica, como eu defendo, então se torna vital detalhar exatamente como o pesquisador e cada um dos seus pesquisados se posiciona diante de um quesito sempre incômodo por causa de suas implicações de prestígio ou desprestígio e reconhecimento ou estigma social. Nenhum de nós é isento dessas categorias e qualquer juízo de qualquer pessoa com quem falamos vai depender da sua própria trajetória, assim delimitando seu próprio universo de experiências através das quais vai julgar o mundo. Eu, por exemplo, sou uma daquelas intelectuais que fez a *travessia* de um estilo de vida e formação mais trabalhadora para uma vida de intelectual, com seus circuitos e gostos, bares e cafés. Não é à toa que quis investigar grupos sociais e estilos de vida como também não foi para Bourdieu, em cujas teorias me embaso. Em *Esboço de uma auto-análise* (2007), publicado após sua morte, o antropólogo e sociólogo francês descreve sua própria travessia e as implicações disso no seu trabalho. Ele, como eu, defendemos que a vida e as experiências pessoais devem constar na pesquisa, embora de uma forma impessoal em que a pessoa seja receptora dessas experiências que servem, por sua vez, para falar melhor sobre o mundo social em que vive mais do que sobre si mesmo.

Igualmente importante para a metodologia da pesquisa são os próprios acasos das experiências do pesquisador, pois eu tive certas experiências de moradia, sociabilidade, fiz meus contatos e segui trajetórias, mas outro pesquisador teria suas próprias experiências, o que bem poderia mudar o conteúdo das suas conclusões sobre o mesmo assunto. Assim, deixo ao leitor decidir até que ponto eu fui feliz no meu empreendimento e se as experiências relatadas justificam as conclusões sobre o tema que proponho explorar.

Conforme indiquei acima, para tratar do problema difícil de grupos e segmentos sociais, uso a teoria do *campo*, do *habitus* e *trajetória* do Pierre Bourdieu, na sua obra *La Distintión*, (1979), pois a mim me parece que o método do sociólogo francês para posicionar fragmentos de classes, especialmente aqueles cujo capital é mais cultural do que econômico – o caso de muitas pessoas com quem trabalhei (ilustrado através do gráfico na página 144 da

edição francesa) me permite situar melhor os grupos sociais que frequentam meus campos, assim demonstrando a presença de marcadores sociais, tais como o *hexis* corporal, o modo de se vestir e comer, fatores que podem ser usados para determinar status melhor do que as autodenominações (muitas vezes acusativas e defensivas em lume de pré-noções locais). Olhando no gráfico e pensando nos grupos que frequentam meu campo no Rio de Janeiro, vejo que eles – desde comerciantes e professores de colégio até produtores, profissionais liberais e professores de nível superior – caíam muito próximos um do outro, talvez sugerindo certo espectro fixo de mobilidade.

Para Bourdieu (1979), a distinção se define numa prática, como resultado de uma confluência de fatores (profissionais, sociais, educacionais, familiares) que levam um indivíduo a ter certas preferências de gosto:

“A classe social é definida pela estrutura das relações entre todas as propriedades pertinentes que conferem a cada uma delas e aos efeitos que ela exerce sobre as práticas, seu próprio valor.” (BOURDIEU, 1979, p. 118 - tradução minha).

Ela mantém a primazia dos donos dos meios de produção, como queria Marx, na sua equação de “capital econômico”, mas introduz o conceito de “dominante dominado” em que o “capital cultural” permite a um grupo ocupar uma posição alta na pirâmide social sem, contudo, estar provido da última instância marxiana. De todo modo, não há dominação econômica sem a dominação simbólica, forma cultural, o que, dessa maneira, coloca a cultura no mesmo nível que a dominação econômica⁴².

As práticas, assim, são um estilo de vida, o resultado de todos os capitais que o sujeito acumula (simbólicos, culturais, econômicos), mais um habitus, aquilo que ele naturaliza durante sua carreira pessoal (trajetória) diante do campo em que se insere. O campo intelectual brasileiro, como qualquer campo, tem sua lógica própria e se vincula à cooptação de famílias decadentes pelo governo Vargas nos anos 1930. Segundo Miceli (1979), o período, bem como a natureza dos cooptações, acabou impondo certo valor ao intelectual e ao portador de título universitário. Daí, ao ser reconhecido como bacharel, funcionário e intelectual, independentemente de ser designer negra em ascensão ou originária de uma família em descenso, no Brasil, os dois sujeitos podem reclamar seu status de “classe média”, pois esse signo é atrelado a dotações culturais específicas. Obviamente, o acúmulo de capitais diferenciado desses indivíduos influencia nas oportunidades que se apresentam a eles bem como serão recebidas em situações diversas. Mas o discurso cultural comum permite que os

⁴² “A estrutura da distribuição do capital econômico é simétrica e inversa à estrutura da distribuição do capital cultural.” (BOURDIEU, 1979, p.131 - tradução minha).

dois possam frequentar o mesmo bar, por exemplo, da mesma forma que desfilar como “intelectual” ao passar horas organizando papéis na janela de um café reclama certo status de “porteñidad”. O espaço não iguala as pessoas que o frequenta, mas permite que estejam juntos. Algo em comum têm.

Entretanto, como Bourdieu entende classe social como algo objetivo e mensurável, eu também uso a teoria das classes do historiador inglês Fairbanks (1986) que, numa obra inovadora, procura desconstruir a noção de *classe social* como categoria analítica. Para Fairbanks, a noção de *classe* funciona primordialmente como categoria de acusação⁴³. Mais do que algo objetivo, de acordo com a maneira que a noção de *classe social* é usada em contextos distintos, dá para aprender muito sobre os valores que regem um grupo. Assim, o que eu procuro fazer no meu campo é entender como as pessoas que pesquiso se consideram e consideram os outros, e fundir essa análise com fatos empíricos como foram explorados por Bourdieu em *La Distinción*. É por isso que prefiro falar em termos de *reivindicações sociais* e *marcadores sociais* e não em *classe*, que, como veremos, é dotado de pesos e medidas muito diferentes nos lugares onde faço minha análise.

Por *reivindicação social* eu entendo que o indivíduo lança mão de alguma ação prática para reclamar um status social para si, um status que através de uma linguagem comum, o que possibilita que essa reivindicação seja reconhecida e aprovada por seus pares. Assim, por exemplo, em meu campo no Rio de Janeiro, manter certa postura corporal, vestir-se de forma “despojada” e tomar cachaça em dose são maneiras de reivindicar o status de intelectual. Se o pretendente conseguir incorporar esse “modelo” (o que pode encontrar dificuldades devido à cor de pele, sotaque regional, estatura física, entre outros fatores), provavelmente será reconhecido assim.

Por *marcador social*, eu entendo um sinal distintivo que denota status (seja esse sinal valorizado ou estigmatizado). No Rio de Janeiro, o lugar de residência funciona como marcador. Em ambas as cidades, cor de pele também é um marcador, embora a negociação de “brancura” é muitas vezes flexível. O status pode ser um reconhecimento, que nos bares tem muito a ver com antiguidade no bairro e muito tempo de frequência no bar. Por exemplo, em um bar no Rio de Janeiro havia um grupo de fregueses que recebia mais atenção dos donos do que outro (de cor de pele mais escura e modo de vestir mais humilde), pois os fregueses

⁴³ “Debemos desechar toda idea de que las clases “realmente “existen. No son cosas reales, sino ficciones o marcos imaginarios que las personas proyectan sobre los demás y cuya necesidad diferirá según la persona que haga la proyección y las razones que la impulsen a hacerla; además, las mismas personas construirán esos marcos de modos diferentes en distintos contextos y según la presión que ejerzan sobre ellas las diferentes circunstancias.” (FAIRBANKS, 1986, p. 31).

“brancos” eram mais velhos e mais antigos no bairro e conheciam melhor o bar, embora a outra “categoria” de freguês consumisse da mesma maneira.

Cada cidade vai ter seus marcadores sociais para determinar o perfil geral de um bairro. No bairro onde morei inicialmente em Buenos Aires, por exemplo, não consegui encontrar uma *tarta de acelga* (empadão vegetal) que não tivesse queijo e/ou ovo e especialmente presunto. Em Boedo, bairro também de origem predominantemente trabalhadora, mas com pretensões mais medianas, consegui encontrar a iguaria já sem presunto. Em Almagro, bairro vizinho mais heterodoxo, eu comprei tarta de acelga e abóbora com um único pedaço de queijo branco fino entre um vegetal e outro. No mesmo bairro, também vi versões dessa comida em lojas de produtos naturais. Em todos os bairros, o preço era praticamente o mesmo, sendo a única diferença o gosto do mercado – mais ou menos “saudável”. Quando ao chegar a um bairro mais elitizado, a gordura volta, mas em outro formato. Em um café em Ipanema, por exemplo, o freguês pode desfrutar uma perna de pato confit (banhado frio na sua própria gordura) ou terrine, rico em colesterol, mas do tipo que apenas aqueles versados em alta cozinha francesa conhecem e desfrutam.

Como aparecem as mulheres? Na minha experiência, quanto mais um bairro se identifica com um nível mediano ou alto, mais as mulheres serão capazes de ficar à vontade sozinhas em estabelecimentos como bares e cafés. Em Parque Patrício, onde morei em Buenos Aires num primeiro momento, apenas vi moças sozinhas no café no horário da manhã para estudar durante o semestre escolar e eventualmente uma mulher mais velha para almoçar ou tomar café durante o dia no horário apropriado. À noite, a única mulher sozinha era eu, com meu livro. Já em Caballito, vi mulheres sozinhas lendo livros a qualquer hora do dia ou da noite. A estética feminina é outro marcador. Nas duas cidades onde fiz minha pesquisa, cabelo curto e grisalho (sem pintar) e roupas mais soltas são mais comuns em bairros mais prestigiados. O corpo mais esguio é também mais valorizado em bairros de nível mais alto. Já certa imposição de uma feminilidade mais à antiga, com cabelos longos, curvas e roupas apertadas para denotar melhor as curvas femininas ainda predominam em bairros mais operários.

Um bairro mais simples não costuma ter hotéis, ou pode ter hotéis apenas para certas categorias de fregueses, como homem solteiro ou estrangeiro recém-chegado. Um bairro elitizado já terá muitos e bons hotéis, além de albergues e pousadas para estrangeiros jovens. O bairro, aliás, não apenas tem hotéis como também aparece em guias turísticos, ou mesmo no mapa de qualquer guia ou mapa turístico. A mesma escala vale para livrarias (especialmente as mais especializadas), centros culturais e cinemas. Isso não quer dizer que

bairros mais humildes não tenham centros culturais, mas esses tendem a ser mais autóctones e menores. O direito de uma região fazer parte da geografia social da cidade me ensinou muito sobre as diferenças entre Rio de Janeiro e Buenos Aires, que, como um valor historicamente construído, pode mudar de signo, adquirindo um valor distinto em outro contexto. Por exemplo, no Rio de Janeiro, produtos de cozinha natural e até orgânicos podem ser encontrados em bairros mais simples e em certos subúrbios, enquanto em Buenos Aires quem procura esses produtos terá mais dificuldade. Por outro lado, tomar café em uma cafeteria é sinal de status no Rio de Janeiro, enquanto em Buenos Aires qualquer bairro com um mínimo de infraestrutura tem seu café. Dentro do Rio de Janeiro, “cachaça” (aguardente típica) possui um significado em bares de grupos mais abastados de zona sul (apreciação de um patrimônio nacional) e outro em botecos de trabalhadores (miséria e embriaguez).

Como as hierarquias sociais são distinções sociais que se manifestam através de práticas culturais, sendo a apresentação de si (que passa pela questão do que se come, como se veste, onde se bebe, onde se compram os móveis da casa, que cinema mais se frequenta, para onde ir quando se está de férias) mostra-se tão importante como o poder econômico. A Antropologia de Consumo proposta pela Mary Douglas define esse tipo de distinção cultural como acesso a um tipo de informação⁴⁴. A cerveja e o café são consumos culturais em que a apresentação, a escolha do palco funcionam como uma mensagem compartilhada. Obviamente, o meio de emitir a mensagem difere de acordo com a figuração de cada lugar. Assim, uma das primeiras coisas que chamam a atenção ao pesquisador brasileiro é a importância da questão “classe média” na Argentina e, mais especificamente, em Buenos Aires. Sobre pensamento social geral (político, sociológico), no entanto, – e sintomático sobre as variações de discurso, bem como a própria configuração histórica nas duas cidades – encontrei mais bibliografia específica sobre “classe média” em Buenos Aires. O mito do “país da classe média” é tão forte que não carece de literatura a respeito, especialmente para o sociólogo Gino Germani. Citando Adamovsky (2009), em seu artigo sobre classe média como tema acadêmico,

“Las publicaciones y las iniciativas inspiradas por la ciencia social norte americana tuvieron un enorme impacto en América Latina, especialmente en la difusión del concepto de ‘clase media’ y la idea de que ella podía encerrar en la clave de la ‘modernización. Entre los argentinos, el impacto se hizo sentir especialmente en una figura clave ‘Gino Germani.’” (ADAMOVSKY, 2009 apud VISACOVSKY e GARGUIN, 2009, p. 104).

⁴⁴ Douglas e Isherwood (2006, p. 141) descrevem o consumo e o acesso a determinados tipos de bens como informação capaz de incluir e excluir.

Apenas mais recentemente aparecem estudos questionando os fundamentos desses mitos.

Raúl Scalabrini Ortiz (2007), em 1922, fez o que ficou conhecido como a bíblia da alma portenha (o próprio autor coloca esse subtítulo), *El hombre que está solo y espera*. Eu ainda vejo a perspicácia do autor hoje, por minhas observações em Buenos Aires. Ele fala do homem que se perde nas massas⁴⁵, que se esconde no café⁴⁶, no cinema, que escapa ao tédio dominical⁴⁷ ao ir para o centro, o fazer o footing nos grandes bulevares⁴⁸ (vide capítulo sobre Buenos Aires para essa descrição). Scalabrini Ortiz não vê o café como lugar de encontro de grupos de amigos, senão do homem solitário que se encontra com algum colega. A atomização do homem e a cidade como uma espécie de personagem acolhedora desse homem é uma constante no livro, além da desconfiança do portenho. Muitas pessoas que me ajudaram em Buenos Aires culpam desde a ditadura até a internet para essa atomização hoje, mas eu já a vejo como algo clássico e até desejável em Buenos Aires. É possível que o ideal do “grupo” seria da época dos anos 1960-1970 e do indivíduo autônomo os anos 1920, mas aquilo que de fato se encontra empiricamente hoje em Buenos Aires difere desse discurso e ainda é muito diferente dos arranjos empíricos encontrados no Rio de Janeiro, onde solitários são quase inexistentes.

Nos anos 1950, o também pensador político Arturo Jauretche (1996) descreve uma classe social peculiarmente portenha, *el medio pelo*, um sujeito em ascensão que tem pretensões de subir, o “aspiracional”. Como também vejo em Roberto Arlt (2000), a questão da ascensão social, seja qual for o ponto de partida, é sempre um problema. Em Arlt, são as moças casadoiras de bairro. Enquanto Lima Barreto tem pena delas por não terem o direito de querer outro destino (como vemos na novela *O triste fim de Policarpo Quaresma*, de 1915 em que a moça que leva um bolo do noivo acaba se suicidando), Arlt as vê, bem como suas famílias, como mercenárias que querem melhorar sua situação social a qualquer custo, como no conto *El Jorobadito* (o corcunda), de 1933, em que um sujeito conhece um corcunda num

⁴⁵ Um aforismo sobre os eternos prazeres de caminhar pela cidade: “ME DIJO EL HOMBRE. – En los días de pesadumbre, esos días en que uno se derrite en una tristeza de rumiante, me gusta zambullirme, anegarme, en esa corriente humana que ambula por las calles, abandonarme a sus flujos y reflujos, a sus vaivenes: disolverme en ella.” (ORTIZ, 2007, p. 118).

⁴⁶ “Gandulea por sus calles, vagabundea por los parques, por los cafés [...]” (Ibid., p. 70).

⁴⁷ Aforismo: “DOMINGO – el domingo porteño es tristemente célebre por su tedio. Ahora, por lo menos están los profesionales del fútbol.” (Ibid., p. 132).

⁴⁸ “[...] recogen en las tardes de domingo el emperifollado elogio de los grandes bulevares: Cabildo, Triunvirato, Santa Fe, Rivadavia [...]” (Ibid., p. 43).

café e este acaba desvelando (de forma bem humorística) a mesquinhez da noiva daquele, mais especialmente a mãe dela. Trechos do bairro onde fiz meu campo em Buenos Aires são eventualmente descritos por moradores locais dessa forma, como *meio pelo*, no sentido dos seus moradores quererem aparentar mais do que efetivamente têm.

A primeira “think tank” do Brasil, ISEB, nos anos 1950, consolidou o conceito do popular, como a massa do povo brasileiro (ao contrário da Argentina onde as massas são descritas como “classe média”). Usei Mota (1987) e Ortiz (2001) para falar sobre uma ideologia de cultura brasileira baseada no “popular”. Devido a essa ideologia do popular, a literatura antropológica sobre grupos intermediários me parecia escassa, pois não há muita literatura antropológica específica sobre sociabilidade entre grupos medianos nem sobre sociabilidade de cafés e bares, mais ainda nas duas cidades onde escolhi fazer a pesquisa. Aquilo que encontrei trato em parte como “teoria nativa” por causa do viés da época e do lugar em que foi escrita. Na verdade, o que predomina na literatura brasileira, seja na de antropologia ou na de história social, são estudos sobre os chamados “grupos populares”. A antropologia sempre privilegiou estudos sobre grupos mais pobres do que aqueles que os pesquisam. Isso começou mudar nos anos de 1970 com os estudos sobre antropologia urbana, especialmente Gilberto Velho, que foi pioneiro em estudos sobre grupos médios, bem como estudos na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Grupos de zona norte não são estudados como grupos intermediários, senão populares até o trabalho do meu também colega Rolf Ribeiro de Souza, de 2003, sobre um churrasco de esquina num subúrbio carioca, também falando sobre a sociabilidade masculina típica de rua. O interessante do trabalho de Ribeiro de Souza é que sua dissertação trata especificamente dos subúrbios cariocas, onde vive a maioria da sua população, inclusive o autor da obra. Essa “classe média de massa” carioca ainda deveria ser pesquisada de forma mais extensa pela antropologia.

Há pouca literatura que trata especificamente de bar no Rio de Janeiro. O primeiro e mais conhecido estudo é o artigo já clássico de Luiz Antônio Machado, *O significado de botequim*, de 1968, em que o autor trata da sociabilidade específica de botequim. Não creio que essa data seja fortuita, justamente quando o significado de botequim começou a mudar entre os circuitos intelectuais⁴⁹. No seu artigo, o autor define o botequim como qualquer “casa de bebidas” (MACHADO, 1986, p. 161), mas distingue essas casas de bebidas pela predominância de fregueses de origem social mais baixa (Ibid., p. 162). A exceção seriam os

⁴⁹ O objetivo dele: “Acredito que ficará demonstrado que o botequim desempenha importante papel na vida de uma ponderável parcela do que se costuma chamar ‘a massa’. É justamente esse papel que procuro explicar – ou apreender, melhor dizendo.” (MACHADO, 1969, p. 77).

artistas e boêmios, permitindo assim bares com interação e grandes distinções de classe ao mesmo tempo, ideal declamado por quase todos os cronistas, como veremos a seguir. Ele também trata da sociabilidade específica do lugar, cujas regras podem ser aplicadas a outros grupos, como demonstrou, em 2003, o antropólogo (também jornalista e colaborador do Rio Botequim), Pedro Paulo Thiago de Mello, que defendeu mestrado sobre a sociabilidade de um bar já na zona sul da cidade. Mello (2003) generalizou a questão da sociabilidade para incluir todos os grupos masculinos, enfatizando a questão da exclusão por gênero⁵⁰. Nessas obras, como na obra de Ribeiro Souza (2003) sobre o churrasco em Irajá, podemos ver a importância de estar na rua, de territorializar um espaço público como uma espécie de segundo lar e fazê-lo com certa regularidade. Mello (2003) e Machado (1986) demonstram como o bar ainda é um meio de conseguir serviços e resolver problemas através de uma rede de sociabilidade específica, enquanto Ribeiro de Souza (2003) demonstra que a rua pode virar território particular em certos momentos, mas que essa apropriação da “esquina” é vista como legítima pelos outros moradores, que respeitam a demarcação temporária.

Em termos de literatura internacional sobre o bar, encontrei mais interesse na chamada cultura dos jovens, como uma referência francesa sobre bares noturnos, frequentados por estes (DESJEUX; JARVIN; TAPONIER, 1999). A etnografia mostra uma sociabilidade específica de jovens fregueses com menos de 30 anos, como um período liminar em que um bar mais informal, do estilo franquia internacional, é preferido, assim evitando o controle social do café tradicional⁵¹. Achei essas conclusões relevantes para esses grupos nas cidades onde fiz minha pesquisa também, especialmente em Buenos Aires. Em Buenos Aires, seguindo a ideia do indivíduo autônomo numa grande cidade internacional, a cultura jovem prepara o indivíduo nessa etapa para uma vida adulta plena, junto a seus próprios pares. Há lugares, horas e dias

⁵⁰ Como explica na sua etnografia: “em contraste com este botequim, o bar do Garrincha e os bares estudados por Guedes e Machado da Silva, a Adeguinha é uma casa de frequência mista, ou seja, as mulheres a frequentam sem grandes problemas. Mesmo assim, é incomum encontrar uma freguesa sozinha em uma de suas mesas. Em geral, a frequência feminina ocorre em grupos de mulheres, especialmente colegas de trabalho no “*happy hour*”, ou então em grupos mistos. No grupo principal de fregueses da Adeguinha, as mulheres têm algum tipo de vínculo com os homens, seja marital ou de parentesco. O mais comum é que as mulheres ocupem as mesas da calçada ou o salão mais reservado, o que deixa o balcão como um espaço mais reservado aos homens, embora não seja impossível ver uma ou outra mulher no balcão comprando cigarros, por exemplo. Uma delas, chamada Ana e conhecida de todos da casa, bebe em pé junto ao balcão, onde participa das conversas dos homens. Percebo que embora a aceitem ali, normalmente não aprovam sua atitude e muitas vezes insinuam que está “caçando um homem”. Outras vezes, a consideram um pouco louca, o que atenuaria o fato de estar no lugar dos homens, bebendo com eles.” (MELLO, 2003, p. 90).

⁵¹ Vemos a vantagem do bar noturno, Café Oz, para os jovens: “En effet, la nature de la relation entre les clients et les barmen Du Café Oz diffère de celle qui peut s’établir Dans un café français où des liens sociaux relativement forts unissent les serveurs aux clients.” (DESJEUX; JARVIN; TAPONIER, 1999, p. 26).

específicos para jovens no Rio, mas isso fica muito menos bem delineado do que em Buenos Aires ou, de acordo com a etnografia citada acima, Paris.

O que predomina nos estudos internacionais de cunho sociológico e antropológico sobre sociabilidade de bar e café, porém, até os anos 1980 são os chamadas *alcohol studies*, ou trabalhos que abordam os usos da bebida alcoólica, seja para defender seu uso ou demonstrar seus perigos. Na França, nos anos 1960, Dumazedier e Suffert (1962) fizeram um artigo defendendo o café francês como lugar de sociabilidade, contudo, não sem as devidas precauções a respeito dos excessos da bebida. Gusfield (1984) demonstra nos Estados Unidos que a questão de dirigir embriagado foi mais construída através do puritanismo do norte-americano do que propriamente um perigo real. No Rio de Janeiro, na minha faculdade, essa pesquisa ainda existe. Garcia (2003) explora um AA-rural para mostrar a ressocialização, através do café, de indivíduos que não são capazes de administrar a bebida alcoólica, bebida de sociabilidade por excelência no Brasil. A autora, mais tarde, no seu doutorado (2009), mostra os usos e significados diferentes que a bebida adquire em uma comunidade do interior. Apesar da população pequena do lugar, havia uma variedade de tipos de bares, cada um para um tipo de frequentador diferente, demonstrando assim uma segmentação de grupos sociais por estilo de vida.

Sociabilidade, Status e Território

Antes de prosseguir com as descrições etnográficas, gostaria de conceituar os termos-chave para meu trabalho de maneira a esclarecer para o leitor como vou tratá-los. Frequentar um espaço público é parte da sociabilidade urbana. Para Simmel (2006, p. 63-65), a sociabilidade é o triunfo de forma sobre conteúdo, é um “jogo formal” em que o convívio social é mais importante que qualquer finalidade desse convívio, ou o conteúdo dele. Em outras palavras, o que eu estou investigando não é uma pessoa que vai para um bar ou café para beber, arrumar um emprego, ou *apenas* estudar, mas uma forma de convívio social regido por suas próprias regras. Assim, para um estabelecimento ser considerado um lócus de sociabilidade, o estabelecimento deve ser mais conhecido pelo ambiente do que aquilo servido nele. Não é que a comida ou bebida seja necessariamente ruim, mas mesmo que fosse, o freguês não deixaria de frequentar o local. Já fui a bares, especialmente em bairros do Rio de Janeiro, onde os petiscos eram muito gordurosos e a cerveja nem tão gelada assim, mas continuam atraindo sua freguesia. Num caso, encontrei com amigos de faculdade durante o

carnaval num bar. Eles já não moravam mais no bairro, mas não deixaram de frequentar o bar, embora perto da nova casa deles houvesse outros bares mais conhecidos pela qualidade do chope e dos petiscos oferecidos. O fato é que eles estavam acostumados com aquele local e se sentiram bem no ambiente. Em Buenos Aires, eu prefiro trabalhar num ambiente onde “me sinto bem”, pois um refrigerante ou água não vai mudar de qualidade de um lugar para outro.

Cultura, afinal, é sobre o ambiente e não o sobre produto. E, dessa maneira, o produto em si não tem importância. É por essa razão que achei o café mais forte e quente no Rio de Janeiro e a cerveja mais “encorpada” em Buenos Aires! Há concursos oficiais no Rio sobre quem tem o melhor chope, como operar a serpentina, a temperatura, etc. Sem levar em conta essas considerações, contudo, o produto é basicamente o mesmo e a maioria de argentinos, uruguaios e outros “gringos” acham que a cerveja comercial do Brasil é fraca (um colega de faculdade colocou a culpa, novamente, em cima das mulheres, pois como elas saíam agora para beber, a indústria faria uma bebida mais fraca, para agradá-las). O inverso ocorre com o café argentino, na opinião de muitos brasileiros com quem eu falei sobre o assunto.

Outra condição é estar presente nos bairros, especialmente bairros mais humildes, e não apenas no centro comercial e financeiro da cidade. Cafés cresceram muito no Rio de Janeiro, mas ao sair dos bairros mais turísticos e do centro (ou shoppings), começam escassear. Por outro lado, não existe bairro sem bar no Rio, nem bairro sem café em Buenos Aires, seja qual for a condição socioeconômica do bairro. Mais que um luxo, um lócus de sociabilidade será considerado como parte integrante do cotidiano. Assim, o dinheiro gasto para essa atividade não será visto como um estorvo.

Sociabilidade pública é inevitavelmente imbricada com prestígio social e reivindicações de status, temas polêmicos e sujeitos a muita discussão. No entanto, eu preciso escolher um vocabulário padrão para descrever pessoas, grupos e lugares no meu trabalho sem me apoiar num discurso nativo. Para a prefeitura do Rio de Janeiro, os bairros de zona norte que beiram a linha do trem são considerados como os subúrbios. Já a região em volta da Tijuca (Vila Isabel, Grajaú, Muda, Usina) é tecnicamente considerada zona norte. Eu vou aceitar esses termos, pois, se não, eu não tenho como fazer distinções inteligíveis sobre o espaço urbano do Rio de Janeiro. Até os anos 1920-1930 do século passado, qualquer bairro afastado do centro era tecnicamente um subúrbio, mas a percepção local mudou. Hoje em dia, a primeira região administrativa da prefeitura abrange toda a zona sul e o centro é considerado como o centro. O segundo e terceiro cordão do Rio de Janeiro já é o subúrbio, incluindo os bairros mais históricos como São Cristóvão, Méier, Ramos e Engenho de Dentro. O terceiro cordão é a periferia (visto de forma mais negativa ainda que o subúrbio no discurso comum) e

um quarto cordão é a Baixada Fluminense, que já fica fora dos limites municipais da cidade, e, por isso, não vou considerar essa região no meu trabalho. Por outro lado, ser chamado de *suburbano* no Rio de Janeiro é uma ofensa. Por isso, uso “suburbano” apenas entre aspas e morador de subúrbio para descrever esse sujeito.

Retirei quase toda menção ao *popular* do trabalho por reconhecer esse conceito como nativo. Uso *classe média baixa, alta e mediana* meramente para fazer distinções entre grupos intermediários. O termo *classe média* em si, no entanto, já é tão carregado de preconceitos nativos que prefiro não o usar (a não ser que o deixe entre aspas para fazer referência ao uso desse termo dentro da teoria nativa) e, ao invés disso, usar *grupos intermediários* ou *segmentos medianos*. *Rico e pobre* também são termos carregados de acusações, por isso optei por usar *abastado* ou *elitizado*, ou *pauperizado*, ou grupos com mais ou menos recursos, de acordo com o contexto. Finalmente, como estou discutindo o conceito do *portenho* e do *carioca* como discursos, prefiro não usar esses termos para descrever *pessoas* que moram em Buenos Aires ou no Rio de Janeiro, novamente por causa da carga do imaginário que esses termos carregam (mais ainda como um tipo ideal que vê o portenho como um frequentador branco de cafés, ou um carioca como alguém alegre que curta o bar, a praia e o samba). Além disso, uma parte maior da população, maior do que se queira imaginar, das duas cidades não nasceu nelas (esse seria meu caso), mas já incorporou os códigos culturais desses lugares e integra o ambiente. Daí, uso “morador de Rio de Janeiro ou de Buenos Aires”. Por outro lado, mantenho *portenho* e *carioca* como adjetivos para descrever “coisas”.

Com esses esclarecimentos, faço agora uma descrição das duas cidades onde trabalhei.

II. UM PASSEIO PELO RIO DE JANEIRO

Não se pode falar sobre Rio de Janeiro sem falar sobre sua geografia acidentada. Não sendo uma cidade planejada como um tabuleiro, como em Buenos Aires, o visitante desavisado pode guiar-se pelo mar atlântico ao sul, a Baía de Guanabara a leste, a imponente floresta da Tijuca com o Corcovado, partilhando a cidade em zonas norte e sul, e as serras que separam tudo isso da zona oeste da cidade. Ou seja, a orientação da cidade é essencialmente visual, com referências físicas.

Essas mesmas atrações geográficas permeiam o lazer do carioca, que, no final de semana, procura as praias, o aterro de Flamengo (em frente à Baía), a Lagoa Rodrigo de Freitas e a Floresta da Tijuca, que divide a cidade. Assim, não há um sistema de grandes parques como em São Paulo, Porto Alegre, Buenos Aires ou Nova Iorque, por exemplo. O lazer já nato veio como um dado, por assim dizer. Bastava à cidade desenvolvê-lo para ser aproveitado pelo morador. Por outro lado, os acidentes geográficos criaram uma cidade mais dividida social e fisicamente por zonas geográficas, e menos fácil de navegar, criando grandes distâncias e privilégios. Morar num bairro mais afastado – na zona norte – coloca bons cinemas e atrações naturais longe de casa, significando certo trâmite para chegar e voltar desses lugares, assim privilegiando lazer mais caseiro. Fora essa divisão, a cidade não goza da mesma segurança que em Buenos Aires e sair depois de meia noite sempre faz a pessoa depender das possibilidades de transporte, que, muitas vezes, podem significar ter que chamar um táxi, pedir carona com algum amigo que tem carro, ou dormir na casa do amigo. Embora muita gente viva e desfrute a cidade sem maiores problemas, a possibilidade de ser abordada na rua ou assaltada dentro do ônibus é sempre presente.

Em toda a cidade, a rua é vista como lazer, se nada mais, para tomar uma cerveja na calçada, ir às feiras livres de que cada bairro dispõe uma vez durante a semana, etc. Pode ser que o portenho tenha uma vida noturna mais agitada em termos de opções para onde ir, mas no Rio de Janeiro a questão é estar na rua, seja perto de casa, num evento público, ou na praia. O calor do verão pode ser tão desagradável quanto em Buenos Aires, mas o morador do Rio costuma burlá-lo ao permanecer mais tempo na rua (inclusive dormindo menos horas), especialmente tomando uma cerveja para “refrescar”. Para quem gosta, ainda, depois das férias de Natal e o Ano Novo, há muitas atividades pré-carnavalescas durante o mês de janeiro, precedendo o carnaval em si, geralmente em fevereiro, que chega a atrair milhares de turistas brasileiros e de fora do país. Por outro lado, o inverno é razoavelmente ameno e

difícilmente a temperatura abaixa mais que 18° C. Se por um lado os moradores do Rio não costumam gostar do frio, por outro, atividades como rodas de samba e pagode e apresentações em praças não são interrompidas. As pessoas vão e aproveitam essas atividades, embora em número menor do que no verão.

Rio de Janeiro, apesar de ser uma cidade de porte internacional, mantém seu caráter de cidade de província, no sentido de que as pessoas se conhecem pessoalmente, olham-se na rua, fazem dos seus bares um segundo lar e mantêm relações baseadas em confiança olho-no-olho. Para o urbanista argentino Lierner, citando a historiadora brasileira Maria Alice Carvalho de Resende, isso seria um resíduo do modelo monárquico da cidade, ao contrário das transformações metropolitanas de Buenos Aires:

“Bajo la figura de una ciudad-Estado (el modelo monárquico), la vida social, en tanto puesto al margen del mundo público, permanecía referida a los valores de aldea, en su versión comunitarista, solidaria, no competitiva, desregulada, sin que ello introdujese perturbaciones en la composición general del sistema del orden.” (RESENDE, ano???, apud LIERNER, 2008, p. 132).

[KAS1] Comentário: Michele, lembre-se de inserir a referência de Maria Alice Carvalho de Resende nas Referencias Bibliograficas.

A falta de visão metropolitana e até republicana, fez com que, distintamente de Buenos Aires, Rio de Janeiro perdesse a primazia do seu centro da cidade, que em termos de lazer, especialmente noturno, foi girando para perto da zona praiana, isso já a partir dos anos 1920 quando os morros no centro da cidade foram aplanados e seus moradores expulsos para os bairros suburbanos ou favelas. O centro da cidade foi reservado para comércio, finanças e burocracia governamental (ABREU, 2004, p. 86-87). Até a Segunda Guerra Mundial, ainda havia muitos bares e cafés, restaurantes, teatros e cinemas no centro, e ainda permanecem alguns desses estabelecimentos nos dias de hoje. Mas, até os anos 1950 o lazer foi gradualmente se deslocando para os bairros, sendo que hoje a zona de restaurantes, teatros, casas de shows, boutiques, etc. está na zona sul. Isso recentemente foi amenizado com a construção de shoppings e casas de shows (privadas ou de iniciativa pública) em bairros suburbanos, além de iniciativas próprias dos moradores dessa zona, no sentido de criar teatros e cineclubes, embora estes ainda apresentem uma oferta muito inferior à zona sul.

História dos cafés no Rio de Janeiro

No Rio de Janeiro, a cidade, como o país, sofreu a influência da cultura norte-americana depois da Segunda Guerra Mundial. Antes disso, os bares se chamavam café-bar,

ou café, onde o sujeito podia tomar tanto café, cachaça, ou cerveja. Entretanto, os donos de muitos desses cafês achavam que estavam perdendo muito dinheiro com clientes que se sentavam horas a uma mesa com um mero cafezinho. Assim, adotaram o formato do balcão, o que já seria típico em lanchonetes nos Estados Unidos, e o café deixou as mesinhas para ser bebido em pé (GOMES, 1989, p. 41). Diferentemente dos Estados Unidos hoje (onde as pessoas levam seus cafês em copos de plástico para a rua), no Rio se afirmou uma espécie de cultura de café em pé, em que o cliente tira um pequeno descanso em pé num balcão de lanchonete ou padaria. É perfeitamente comum convidar um amigo para acompanhar o café, mas nos dias de hoje não é tão comum entre pessoas mais jovens que tomam mais sucos e refrescos sentados a bancas. Mesmo assim, há, ainda hoje, reminiscências desses cafês dos anos 1950, como o Gaúcho, em Castelo no centro comercial, no aeroporto Santos Dumont, também no centro da cidade, como também na Praça Seanz Peña, coração da Tijuca. Muitas lanchonetes mantêm um balcão separado para café.

Diferentemente do argentino, quem mora no Rio de Janeiro toma café num lugar, lancha em outro e bebe (bebida alcoólica) num terceiro. O café é servido em lanchonetes, mas é melhor no balcão de café, enquanto o salgado é melhor na lanchonete, e bar é para sentar e beber, embora em algumas lanchonetes a cerveja possa ser encontrada e muitos bares oferecem salgados. A padaria é muito usada para tomar café da manhã e da tarde também, eventualmente dobrando como lanchonete ou até bar. Na Argentina, a lanchonete não existe, como nem o hábito de parar na rua para lanchar, e sim “ir para um café” (no Rio de Janeiro, isso seria “tomar um café” ou “lanchar”, “fazer um lanche”). Já o argentino costuma tomar cerveja em garrafa ou chope nos cafês, no horário do lanche da tarde. Para o brasileiro, no entanto, “encontrar num bar” ou “ir para um bar” é outra coisa.

Nos anos 1990, com a globalização das franquias, começaram a surgir cafês em muitos bairros da zona sul do Rio de Janeiro, no centro e nos shoppings. Essas casas se dedicam a servir café, bem como salgados e doces apropriados para acompanhar essa bebida (isso quer dizer, mais ênfase no doce e sem salgados fritos, que acompanham melhor a cerveja). Entretanto, depois de fazer um campo exploratório nesses estabelecimentos, vi que isso não provocou nenhuma mudança de comportamento dos moradores diante dessa bebida. Igual a um balcão, o cliente entra, senta, pede seu café, come algo e sai. É muito raro encontrar um jornal e, na minha experiência, o tempo de permanência média é menor que num bar. No centro da cidade, há algumas práticas parecidas com as argentinas, como grupos de colegas discutindo algum problema de trabalho e advogados levando pastas para ler. Entretanto, no primeiro caso, isso não chega a ser uma prática sistemática e se restringe a

grupos mais medianos e altos. No segundo caso, vi isso num café perto do fórum que foi posteriormente transformado num café sofisticado (iguais àqueles de zona sul). Antes, o sujeito pegava seu café num balcão, podia fumar e se sentava. Agora, com a formalização do ambiente, o cliente não se sente mais à vontade e, assim, essa prática acabou. Além do que, esses estabelecimentos não são baratos.

Bairros

A maioria dos bares que fazem parte da “cultura de bar e botequim” que exploro neste trabalho está localizada no centro e nos arredores do centro do Rio de Janeiro, bem como na zona sul. Por isso, dedico mais atenção a essas partes da cidade.

Centro

Não há consenso sobre o que é o “centro”. Pessoas que moram no centro velho do Rio, em lugares como Bairro de Fátima, por exemplo, dizem que vão “para a cidade”, embora teoricamente já estejam no centro. O centro financeiro, no entorno de Avenida Rio Branco, tem poucos lugares residenciais e quase todas as pessoas se referem a esse lugar como “a cidade”. Entretanto, para moradores de outros bairros, o centro pode ser tudo “no meio” da cidade, seja o bairro e área de lazer noturna chamada Lapa, seja Avenida Rio Branco. Diferentemente de Buenos Aires onde bairro, governo, centro etc. se confundem e onde morar na região cêntrica é um estilo de vida, no Rio de Janeiro o morador vive no seu bairro e resolve seus problemas burocráticos “na cidade”. Esse espaço central é também conveniente para encontros entre colegas de trabalho que moram em bairros ou cidades diferentes. Na cidade, os bares podem funcionar de segunda a sexta-feira por até a meia-noite aproximadamente, quando todos voltam para suas casas. No final de semana, fora um ou outro museu, teatro, ou centro cultural, o centro da cidade fica deserto e não é usado para o lazer. Por outro lado, durante o carnaval, geralmente entre fevereiro e março, o uso normal corriqueiro da cidade é invertido, sendo tomada por hordas de pessoas participantes em blocos carnavalescos que saltam pelas ruas centrais. As áreas no entorno de museus e edifícios governamentais esquecem-se das suas funções normais e se tornam parte do carnaval. Em janeiro, muitos funcionários e empregados estão de férias e a cidade é mais transitável, mas diferentemente de Buenos Aires, nenhum comércio costuma fechar, apenas há menos gente na rua.

O lado norte da cidade é rodeado por bairros mais tradicionais e mais pobres. Na direção noroeste fica a Cidade Nova e o Catumbi. Estes bairros são bem antigos e sempre foram operários e continuam assim até hoje. A Cidade Nova é a casa da prefeitura, os Correios e a sede do jornal *O Globo*. Catumbi foi praticamente destruído com a construção do túnel Santa Bárbara nos anos 1960. Seguindo nessa direção passamos por Praça XI e o sambódromo, construído nos anos 1980 no bairro que foi o berço do carnaval de rua. Ao lado é Estácio, também bairro operário e tradicional com sua tradicional escola de samba que, no entanto, não é tão procurada como as escolas de Madureira e Mangueira.

Diretamente para o norte da cidade há a região também antiga do porto, uma região habitada originalmente pela colônia portuguesa. O porto tem seu valor sentimental hoje em dia para os patrimonialistas e existem tours guiados na região, há o mosteiro de São Bento e nos galpões abandonados acontecem *raves* e feiras. Uma vez por mês, há mais de 10 anos, o grupo carnavalesco Escravos da Mauá se apresenta na Gamboa, próximo ao edifício-sede da Polícia Federal. O bloco carnavalesco seguiu uma tendência nos anos 1990 de grupos de profissionais da zona sul no sentido de reviver os blocos de rua. Como o bloco atrai esse tipo de público, ficou viável, mais recentemente, a inauguração de bares por perto, como o Trapiche da Gamboa e a reabertura do Kabaré Kalesa, aproveitando a fama “underground” de uma região de marinheiros e bordéis, para virar uma boate de sucesso. Depois de anos de discussão, a região finalmente vai ser reestruturada para as Olimpíadas. No entanto, o único bairro até agora que sofreu um influxo efetivo de pessoas oriundas de segmentos sociais mais abastados é o Morro da Conceição, outro antigo enclave português, que parece um bairro da velha Lisboa.

Ao lado oeste da cidade estão os bairros centrais mais valorizados atualmente em termos de especulação potencial imobiliária e instalação de serviços e de lazer. Santa Teresa, um bairro no alto de um conjunto de morros, estende-se desde Catumbi, dando a volta pela Lapa, passando pela Glória, Laranjeiras e Cosme Velho. De acordo com o morro e a colina onde vive, o morador de Santa Teresa acaba fazendo parte de um circuito com esses bairros (muitos frequentadores da Tasca, por exemplo, vivem perto da descida de Santa Teresa em direção a Laranjeiras). Como o Rio de Janeiro era pantanoso e houve uma epidemia de febre amarela na segunda metade do século XIX, grupos mais abastados já procuravam áreas mais elevadas das colinas para escapar do calor e dos mosquitos (como procuravam Tijuca também). Por isso, há muitas mansões antigas, onde permanecem famílias com sobrenomes também antigos no bairro, o único da região central com resquícios de nobreza.

Depois da Segunda Guerra, o bairro entrou em declínio e foi “redescoberto” nos anos 1970 por artistas e hippies (a chamada contracultura), mas negligenciado pelo poder público, sendo assim considerado perigoso por falta de policiamento. Mas, a pressão imobiliária e a atração que o “bairro” ofereceu em termos de opção de tranquilidade e boa localização, inclusive (ou especialmente) para muitos estrangeiros, mudaram essa situação. De fato, para pessoas que não têm condições de alugar imóveis na zona sul, mas que querem fazer parte do circuito intelectual, etc., Santa Tereza tem sido uma opção. Esta também é interessante para pessoas de zona sul como Laranjeiras, por exemplo, que querem trocar um apartamento para morar numa casa com mais espaço e área verde para suas famílias.

Hoje em dia, Santa Teresa já desfruta de boutiques, hotéis e restaurantes para fregueses mais abastados, graças ao interesse de estrangeiros que instalaram pousadas intimistas, restaurantes caros e boutiques. Ao mesmo tempo, estão ateliês jovens e ONGs, bares do circuito de estudantes, jornalistas e moradores locais. Também há uma série de feiras e eventos como o “Portas Abertas”, basicamente uma feira de artesanato, que atrai gente de outros bairros para Santa Teresa. Hoje em dia, as regiões mais valorizadas do bairro, que correspondem aos bairros respectivos da zona sul (sendo mais barato o mais perto que chega de Catumbi), estão bem mais caras, chegando quase ao nível dos seus vizinhos de zona sul.

Com o aumento de preços em Santa Teresa, descendo os morros em direção ao centro, os bairros vizinhos começaram a receber também o influxo de estudantes universitários e jovens casais procurando ficar perto do centro e da zona sul. O Bairro de Fátima é uma espécie de oásis no centro com prédios mais modernos, que fica numa rua rodeada de árvores. O bairro é literalmente uma rua, mas acabou englobando outras áreas ao redor dela. Como a parte correspondente de Santa Teresa para cima, o bairro de Fátima é mais trabalhadora e, como quase todas as áreas residenciais do centro, há muitos descendentes de nordestinos, além das famílias portuguesas e italianas que já moram há várias gerações no bairro.

Ao redor do Bairro de Fátima está o restante do velho centro, que inclui a Praça Cruz Vermelha. Caminhando em direção ao sul, as ruas já se incorporam à Lapa, bairro emblemático no Rio de Janeiro. Lapa já foi bairro mediano, principalmente no início do século XX, concentrando bordéis e cabarés. Nos anos de 1920 a 1930 até sua decadência depois da Segunda Guerra (MARTINS, 1964, p. 130), a Lapa virou uma mancha de lazer noturno que, além dos bordéis, também ficou conhecida pelos bares e casas de samba (numa versão esterilizada do que era nos anos 30 quando Martins frequentava o bairro). Como os bairros “tangueros” em Buenos Aires, a Lapa é tema de músicas, contos e memórias e é hoje vista como um patrimônio cultural da cidade. A Lapa segue um pouco o destino de Santa

Teresa em termos de abandono e revitalização, tornando-se o bairro de casas noturnas para ouvir samba. O interessante hoje é que a zona noturna revitalizada é capaz de reunir principalmente jovens de todas as zonas da cidade e inclusive favelas, bem como além de turistas brasileiros e estrangeiros. Como em Santa Teresa, essas mudanças acabaram atraindo restaurantes, lojas e condomínios para a região que hoje começa a ser valorizada, especialmente depois da desativação do IML (o Instituto de Medicina Legal) na Rua Mem de Sá. Com o fim do ambiente funesto (e cheiro de cadáveres que invadia as ruas atrás do prédio) o eixo de valorização deve se estender. Sintomática dessa valorização foi um empreendimento imobiliário, um condomínio que vendeu tudo na planta, antes mesmo de começar ser construído.

Zona sul

A Zona Sul não é homogênea. Para os urbanistas como Abreu (2004, p. 87), há uma zona sul mais antiga, basicamente Botafogo, Laranjeiras, Catete e os bairros mais antigos, da época do império. Esses bairros são mais afastados da praia.

Como Glória é tecnicamente parte da zona sul, as ruas que chegam até à Lapa e onde historicamente se concentravam bordéis, hoje estão virando “Glória”. O bairro recentemente tem sido uma opção para quem não tem condições de morar em bairros mais consagrados da zona sul, mas hoje em dia começa a ser valorizado. A maioria das pessoas com quem conversei prefere Glória a Catete. O bairro, como Lapa e Santa Teresa, sofreu um período de decadência quando os segmentos medianos para altos que moravam mais perto do centro começaram a se deslocar para os bairros mais afastados. Mas ainda não tem a mesma qualidade de comércio e serviços que os bairros mais da direção sul.

Catete, como partes da Glória e partes de Copacabana, é um bairro transicional, com trechos que aparentam ser da zona sul, onde fisicamente se localizam, e outros parecendo mais com o centro velho, com feições mais típicas de bairros trabalhadores. Catete já foi nobre, quando o palácio do governo se localizava no Parque da República, até porque senadores e deputados de outros estados costumavam morar por ali. Depois da transferência da capital, o bairro caiu em decadência e quem passeia hoje pela Rua do Catete verá uma fileira de sobrados portugueses parados no tempo, como se nada tivesse acontecido nos últimos 60 anos. Nas ruas laterais, há muitos edifícios que alugam com depósito (ou seja, não precisa de fiador) e, talvez em função dessa facilidade, muitas famílias recém-chegadas do nordeste optam por morar nos pequenos apartamentos desse bairro conveniente para o centro

e para a praia. Catete também virou o bairro de pousadas baratas para mochileiros que chegam do exterior para visitar o Rio de Janeiro, embora esse arranjo esteja mudando graças à abertura de novos albergues mais próximos da praia.

No Catete há uma rua mais prestigiada, o lado praiano de Silveira Martins, considerado “Flamengo”, como também parte da praia em si, chamada “praia do flamengo”. O restante é considerado “Paraíba” (nome de estado nordestino que faz referência a todos os migrantes nordestinos, mais ou menos como “gringo” para estrangeiro), principalmente pelos moradores do Flamengo. O caráter transicional do bairro⁵² também se demonstra pelo tipo de comércio que oferece, mais simples, com algumas grandes franquias na Rua do Catete. Um dos indícios de “bom bairro de zona sul” é a presença do supermercado Zona Sul, uma rede presente em Flamengo, Botafogo, Humaitá, Jardim Botânico e Gávea e os bairros da praia. Esse supermercado costuma oferecer uma grande variedade de produtos importados e outros nacionais que são mais difíceis de encontrar em outros lugares. Como não é um supermercado muito econômico para comprar produtos do dia-a-dia, restringe-se àqueles lugares onde seus proprietários entendem haver mais público em potencial para adquiri-los.

Os bairros medianos são Flamengo, Laranjeiras, Botafogo, Humaitá e Copacabana. Cosme Velho, vizinho de Laranjeiras, é considerado mais alto, mas ainda é ligado ao vizinho, embora seus moradores que vivem em mansões nas colinas dificilmente tenham contato concreto com as pessoas na rua. Em geral, esses bairros são mais misturados em termos de moradores, tendo partes mais nobres, possivelmente com famílias que vivem já há muito tempo no local, e outros trechos com edifícios de conjugados com moradores mais pobres. Esses bairros, à exceção de Copacabana, são mais históricos enquanto os mais próximos da praia são mais recentes.

A grande divisão entre Catete, Flamengo e Laranjeiras é o Largo do Machado, a praça para onde convergem os três bairros. A praça já é um grande núcleo de comércio e transporte com muitos estabelecimentos comerciais como também restaurantes e bares. A praça, como quase todas as praças do Rio, costuma reunir jovens à noite, especialmente de origem nordestina e grupos de aposentados que jogam cartas durante o dia, além de desocupados. Quem mora no Largo do Machado provavelmente vai dizer que mora em Laranjeiras ou Flamengo e quem mora no Catete, se for perto da praça, pode dizer que mora no Flamengo também.

⁵² “Antiga zona aristocrática da cidade, o Catete, por sua vez, passou a fazer parte do cinturão degradado que envolvia o centro, e seus antigos sobrados senhoriais transformaram-se em casas de cômodo, ou passaram a abrigar novas funções.” (ABREU, 2004, p. 113).

O bairro das laranjeiras⁵³

O bar onde fiz pesquisa se localiza no bairro das Laranjeiras. A Rua das Laranjeiras é tão velha quanto o Império no Brasil, tendo surgido no século XVI. Junto com Botafogo, Glória, Catete e Flamengo, é a zona sul não praiana. Foi nessa época que o rei de Portugal dividiu as terras em sesmarias. Uma destas abrange Cosme Velho, que foi outorgada ao paulista de Santos, Cristóvão Monteiro (hoje mais conhecido através da família Monteiro de Carvalho). No século seguinte, iniciou-se a captação das águas do rio carioca até o centro da cidade, sendo que esse aqueduto levou a construir os arcos da Lapa, ligando, assim, os bairros de Laranjeiras e Cosme Velho com Santa Teresa, Catete, Lapa e Centro. Até o século XIX os dois bairros abrigavam chácaras de fidalgos, mas, em 1880, foi instalada a Companhia de Fiações e Tecidos Aliança, na atual Rua General Glicério. Com a fábrica, foram construídas vilas operárias onde se instalaram imigrantes portugueses.

Com as reformas de Perreira Passos no Centro da cidade, este foi perdendo seu caráter residencial para se tornar um centro comercial e financeiro. Assim, os moradores foram se afastando do centro e a ocupação de Laranjeiras foi intensificada por causa do seu acesso fácil ao centro da cidade, através do bonde. A mesma reforma designou a zona norte para uso industrial e, por isso, a fábrica fechou em 1938 e muitos trabalhadores então se deslocaram para os subúrbios, elitizando o bairro. Nos anos 1950, profissionais liberais e de novas profissões como ciências sociais e exatas, muitos dos quais eram descendentes de judeus⁵⁴ e japoneses (a sede dessa comunidade e seu antigo consulado já ficava no bairro vizinho Flamengo), foram para o bairro. O túnel Santa Bárbara foi construído em 1961, ligando o Centro com Laranjeiras e o túnel Rebouças em 1965, ligando Rio Comprido, na Zona Norte com Cosme Velho e a Lagoa. Assim, além de bairro residencial, Laranjeiras também virou um ponto de passagem.

Essa época corresponde a uma onda de especulação imobiliária, com muitos prédios altos de apartamentos, inclusive de conjugados. Tudo isso estimulou a vinda de moradores mais pobres. Sintomáticos da percepção local do empobrecimento são três edifícios de

⁵³ Para ter uma panorâmica mais geral sobre esse bairro, usei *Bairros do Rio: Cosme Velho e Laranjeiras* (1998, p.10-23), parte de uma série lançada pela prefeitura, além de Abreu (2004) que não discute tanto o bairro em si, mas a construção dos túneis e as antigas fábricas de bairros de zona sul.

⁵⁴ Havia um bairro judeu no entorno de Praça Onze, no centro da cidade que sobrevive apenas na memória hoje em dia. As reformas do Estado Novo, nos anos 1940, arrasaram esse bairro e, assim, alguns dos seus moradores foram em direção a outros bairros, como Laranjeiras (FRIDMAN, 2007).

conjugados que muitos moradores do Rio me descreveram como “favelas verticais”, pois eram conhecidos (embora não atualmente) para abrigar traficantes e marginais. Além do edifício Sol y Mar (que tem um posto da Polícia Militar no pátio interno) e outro edifício no centro que não me lembro ter visto pessoalmente, há o *favelão*, como ainda é conhecido, na Rua das Laranjeiras. A construção de conjugados, que começou nos anos 1940, foi proibida desde os anos 1980. Laranjeiras é hoje caracterizado por seus moradores como um bairro “classe média” ou “classe média alta”, mas também há grotões de grupos mais humildes, sejam moradores dos conjugados, ou descendentes das famílias portuguesas que viviam ali quando ainda havia a fábrica.

Um passeio pelo bairro

Meu passeio pelo bairro de Laranjeiras começa no Largo do Machado e segue a Rua das Laranjeiras, que desemboca na Rua Cosme Velho, no bairro do mesmo nome. Eis o centro nervoso do bairro.

O *flaneur* também pode seguir depois do Largo do Machado e entrar na Rua São Salvador para chegar à praça do mesmo nome, onde há um o supermercado Zona Sul com uma pizzaria e alguns bares e lojas espalhados pelo entorno da praça. No Bar Brasil, na praça, é que foi inventado o bloco carnavalesco “Bagunça meu Coreto”, que costuma fazer apresentações uma vez por mês. Como há muitos edifícios de conjugados, esse trecho do bairro é um pouco mais heterogêneo do que outros no mesmo bairro. Assim, alguém que queira morar em Laranjeiras, mas tem seus recursos limitados, pode optar por procurar locais mais próximos a essa praça. Ao mesmo tempo, há além do supermercado Zona Sul, um restaurante italiano caro e uma casa de sushi. Há também alguns edifícios mais luxuosos.

Mas, se começarmos nosso passeio desde o Largo do Machado, verificaremos que até chegar à altura do túnel Santa Bárbara, a Rua das Laranjeiras tem mais comércio e menos árvores. O mesmo vale para Rua Conde de Abaeté, atrás da Rua das Laranjeiras, caminho obrigatório para chegar até a Praça desde Cosme Velho, pois a Rua das Laranjeiras é mão única até depois do túnel. Os anúncios imobiliários geralmente anunciam apartamentos nesses trechos como “colados ao metrô”, uma conveniência apreciada, mas que vem ao custo de menos visão das áreas verdes e menos silêncio. Mas nem tudo é barulho e trânsito, pois há um trecho quase colado à praça e ao metrô, muito valorizado no mercado: a tranquila e escondida Rua Gago Coutinho que também sai da praça, mas do extremo norte, do outro lado da igreja da praça, fazendo um caminho rodeado por árvores. Ao entrar na Rua Gago Coutinho,

encontramos um colégio japonês, um pequeno motel (uma localização discreta), uma sinagoga polonesa, um dos bares do Juca, outro bar e o Instituto Pereira Passos, onde comprei alguns livros sobre urbanismo. Antes de chegar ao Instituto, entrando à direita, há uma pequena rua sem saída, Marquesa dos Santos, que termina com dois prédios de luxo com apartamentos duplex. Mas a coroação da rua bucólica é o Parque Guinle, saindo da direita antes de Gago Coutinho virar para a esquerda e encontrar com a Rua das Laranjeiras.

No Parque Guinle, os edifícios foram desenhados por Oscar Neimeyer e o parque pelo Burle Marx, nos anos 1950. Os apartamentos são grandes com janelas dos dois lados. A entrada do parque é protegida 24 horas por um carro com dois policiais. O potencial de insegurança da pequena favela atrás do morro, Tavares Bastos, que desce no bairro do Catete, foi anulado quando um esquadrão de elite policial (BOPE) ocupou o morro e instalou seu quartel acima dele. Assim, os moradores privilegiados do parque não se preocupam com esse morro.

Depois, saindo do mesmo lado da Rua das Laranjeiras, a Rua Pereira da Silva, que curva atrás até chegar a uma favela com o mesmo nome. As imobiliárias costumam esconder a localização de imóveis na Pereira da Silva na “parte de trás”, mesmo a favela “pacificada” pelo BOPE, onde não há atualmente presença de traficantes e, sim, moradores dessa comunidade que sobem o morro através da rua com suas próprias Kombis que saem do Largo do Machado. Há um colégio francês e um curso pré-vestibular reconhecido na rua.

Debaixo do viaduto do túnel Santa Bárbara, fica a Rua Pinheiro Machado onde está o Palácio do Governo do Estado do Rio de Janeiro. A rua divide Flamengo de Laranjeiras. Apesar de muito arborizada, a rua é uma passagem entre Botafogo e o túnel Santa Bárbara, o que explica a característica muito barulhenta, mas outras ruas laterais são silenciosas e arborizadas como a Álvaro Chaves, onde fica sediado o clube Fluminense, uma das quatro grandes equipes de futebol do Rio de Janeiro. Não é por acaso que há muitos torcedores dessa equipe no bairro, cuja sede é também um clube recreativo apreciado pelos moradores que fazem aulas de esportes, refrescam-se no verão ao lado da piscina e fazem suas festas. Quem não é fã de futebol (ou desse clube) pode não apreciar o movimento dessa rua, mas seguindo para trás, ela começa ficar mais calma e arborizada. Aí há uma escada que sobe para a parte mais alta da Rua Cardoso Junior. O encosto do morro é um verdadeiro bosque com uma cascata de água que desce com a chuva. Virando à direita já é Rua Soares Cabral, outra rua nobre (por ser residencial arborizada e algo isolada do tráfego da Rua das Laranjeiras), apesar de ser uma saída para Pinheiro Machado e Conde de Abaeté. Há clínicas médicas e edifícios valorizados.

Voltando para a Rua das Laranjeiras, depois do viaduto, o *flâneur* percebe que o clima já é outro, com menos comércio. Encontramos o Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES), da época do Império, e seguindo a rua do mesmo lado direito encontramos um mercadinho japonês, um fotocopiadora, cabeleireiro e um vídeolocadora que também é livraria e café, e que eventualmente apresenta shows de música. Já atravessando a rua, chegamos à esquina de Rua Leite Leal, onde está edificado o prédio das Casas Casadas, dado como o primeiro prédio de apartamentos (embora eram “casas casadas”, ou uma casa colada à outra). A casa era de um ministro de Dom Pedro II. Seguindo para trás, vemos uns prédios mais contemporâneos e caros e outros mais antigos. Atrás, a rua vira Sebastião Lacerda, no meio da qual se localiza uma velha vila portuguesa onde descendentes de operários da fábrica ainda vivem. Subindo um morro que dá em Cardoso Júnior, também uma colônia portuguesa, há outros prédios mais simples e um mais luxuoso.

Voltando para a Rua das Laranjeiras outra vez, deparamos no outro lado da rua com o Clube Hebraica e o *Favelão*. Moradores deste edifício me disseram que ele já teve má fama, por ter brigas de traficantes e prostitutas, porém, faz vários anos que não se ouve mais sobre crimes ou problemas. No entanto, também me disseram que prostitutas e outros moradores estigmatizados costumam morar nos primeiros andares, por isso, as pessoas que não querem ser caracterizadas dessa forma procuram os andares mais altos. Os anúncios imobiliários de edifícios perto dali sempre falam “em frente à Hebraica” e jamais o interessado conseguirá saber muito sobre o prédio do lado de qualquer agente imobiliário. Não é que estejam perturbando alguém – os tais moradores dos primeiros andares têm seus botecos próprios, em frente – mas eles simplesmente destoam do perfil de outros moradores do bairro. Na verdade, há de tudo no edifício, como qualquer edifício de conjugados em zona sul. Afinal, alugar um conjugado no *favelão* sai em torno de 350 reais por mês, assim atraindo pessoas e famílias oriundas dos subúrbios e do nordeste do Brasil, moradores do bairro que saíram da casa dos pais, o jornaleiro, conhecido no bairro, que fica em frente e até estudantes que não têm como permanecer no bairro de outra maneira (já me sugeriram alugar ali também quando eu procurava moradia). Na esquina depois, do mesmo lado da Rua das Laranjeiras é Rua Alice, que sobe para Santa Teresa, sendo que a descida é por Mário Portela. Essas ruas serão descritas na parte sobre o bar.

Atravessando outra vez a Rua das Laranjeiras, chegamos a uma pequena rua que sobe um morro, formando uma comunidade no alto cujo nome é o mesmo da rua, Cardoso Junior. A irmã e filha do dono da Tasca moram nessa antiga colônia portuguesa, bem ao estilo português, com suas casas pequenas e quase sem nenhum comércio. Há, no entanto, um bar,

O Cardoso, que eventualmente oferece uma roda de samba e que já entrou na lista do Rio Botecoim. A Rua Cardoso Junior atravessa o morro, passando a se chamar Rua Mundo Novo, que sai em Botafogo e é um caminho alternativo para quem não quer pegar o trânsito de Rua Pinheiro Machado no fim do dia.

Descendo por outro lado do morro, ou entrando pelo mesmo lado da Rua das Laranjeiras, o *flaneur* chega à Rua General Glicério e as ruas que fazem círculo sobre esse *cul-de-sac*, formando uma comunidade à parte, muito valorizada e procurada, dotada de muitos prédios com amplos apartamentos e árvores. Ela nem sempre foi uma rua nobre, pois até 1938 era sede da fábrica têxtil Aliança. Depois planejaram o “Jardim Laranjeiras” (o “jardim” como conceito de bairro residencial era uma tendência internacional). Aqueles candidatos muito interessados em se mudar para essa parte do bairro acabam apelando para os prédios antigos sem elevador nas ruas em volta de General Glicério, mas estes são cada vez mais escassos e valorizados.

Voltando à Rua das Laranjeiras, a rua vai apresentando mais árvores, e as casas vão ficando mais caras e se tornam Cosme Velho e Rua Cosme Velho, onde há um clube português, a sede do Dataprev (a previdência do Banco do Brasil) e dois colégios muito conceituados nos índices de educação no Rio de Janeiro, o Sion, da Igreja Católica, e o São Vicente, de outra facção da mesma Igreja. Uma curiosidade é o condomínio francês, uma comunidade de blocos de prédios construídos iguais a uma vila francesa, com os quartos de empregada em cima, separados das casas. Na Rua Marechal Pires Ferreira, há uma subida para Santa Teresa. Na esquina com a Rua Cosme Velho há uma placa lembrando que Machado de Assis morava ali. Seguindo adiante, há uma favela no alto e o Corcovado, que atrai um fluxo de turismo nacional e internacional. Depois, o viaduto do túnel Rebouças que atravessa desde Tijuca até Cosme Velho para finalmente chegar à Lagoa Rodrigo de Freitas. Depois do túnel, Cosme Velho vai subindo os morros onde há casas e mansões escondidas, inclusive da família de Roberto Marinho, dono de um dos maiores conglomerados de mídia na América Latina, O Globo.

Seguindo adiante da praça em direção ao sul, o caminhante chega ao Flamengo, um bairro bifurcado entre Ruas Senador Vergueiro e Marquês de Abrantes, rodeado pela praia do aterro e a Rua Oswaldo Cruz, região mais nobre como também aquela próxima à praia, endereço da elite do bairro. Como qualquer bairro de nível mediano, há também vários prédios de conjugados, um conjunto habitacional e uma favela atrás de Rua Marques de Abrantes, por exemplo. O comércio anda um pouco decadente, mas há sinais de que se trata de um bom bairro de zona sul ainda como alguns supermercados da rede *Zona Sul*, com

pizzarias, delicatessens com muitos produtos importados (e eventualmente uma área para tomar café), bem como alguns bares representados no Rio Botequim (Lamas, Picote, Brasil), outros mais caros e novos e uma rua, Barão de Flamengo, com produtores de cinema (onde estão localizados os bares mais modernos como o Mofo, por exemplo, além de uma choperia alemã), alguns restaurantes especializados em sushi, um peruano, o consulado britânico e outros consulados, de alguns outros países, remanescentes de quando a região era mais o centro das coisas. A outra lembrança nobre são as palmeiras reais, especialmente na Rua Paissandu, uma das ruas mais valorizadas do bairro. Há também vários professores universitários, bem como funcionários públicos de médio escalão, que vivem por lá.

Seguindo a Rua Oswaldo Cruz ou Barão de Itambé, atrás da Fundação Getúlio Vargas, *think tank* carioca, o *flaneur* chega a Botafogo, bairro antigo e populoso da velha zona sul. Como Copacabana sem praia, em Botafogo há de tudo e, hoje em dia, o olhar teria que reconhecer os vários sub-bairros dentro do bairro grande. Perto da praia e dos cinemas ele é mais comercial e “popular”, com uma grande Igreja Universal, metrô, vans para São Gonçalo, muitos ônibus e mercados populares (leiam-se, barracas e camelôs). Também não é longe da imponente favela Dona Marta (subindo atrás da Rua São Clemente). Há casas velhas e simples, e sobrados que lembram o caminhante do passado do bairro⁵⁵. Botafogo até tem seus sambistas como Walter Alfaite (que aparece numa roda de samba que sai do Cobal) e Paulinho da Viola, que também chegou a morar no bairro (este entre samba e MPB). Há casas nobres tão antigas também, como a de Rui Barbosa e a da família Guinle. Botafogo ainda é o centro do circuito de cinema de arte, na região perto da Baía, na Rua Voluntários da Pátria, estendendo-se para o *Arteplex* na praia. Chegando mais perto de Humaitá há um pólo gastronômico, uns quarteirões de restaurantes de luxo com cozinheiros de grife, bem como alguns bares do estilo (ou efetivamente constando no) Rio Botequim como *Belmiro's*, *Aurora*, o *Plebeu* e franquias como *Belmonte*. Há boutiques requintados nessa região também.

Botafogo tem uma região mais nobre perto de Humaitá, quase na Lagoa Rodrigo de Freitas, chegando perto do Jardim Botânico, cortado pelo viaduto do Túnel Rebouças. No enclave de Humaitá fica a Cobal, uma espécie de mercado central com hortifruti, peixes, vinhos e outros produtos especializados, além de restaurantes, bares, cafês e boutiques.

Humaitá segue em direção à Lagoa e ao Jardim Botânico. O Jardim Botânico, além de ser a casa do próprio jardim (e do Parque Lage, com sua escola de belas artes), é um bairro

⁵⁵ “Enquanto os bairros oceânicos da “nova zona sul” se adensavam rapidamente, a “antiga zona sul” pouco se transformou. A população de Botafogo, por exemplo, manteve-se praticamente estável no período 1940-1950.” (ABREU, 2004, p. 112).

mais residencial, com casas subindo o morro do lado flanco sul da Floresta da Tijuca. Os estúdios da TV Globo, um dos maiores conglomerados de mídia na América Latina, também estão localizados aí. Há muitas boutiques de grife como também restaurantes e bistrôs exclusivos.

A Lagoa é o metro quadrado mais caro do Rio de Janeiro. Além de não estar perto de nenhuma favela, o bairro é rodeado por vizinhos nobres como Humaitá, Jardim Botânico, Gávea, Leblon, Ipanema e o final de Copacabana. O morador da Lagoa faz suas compras num desses bairros e aproveita a visão desimpedida da própria Lagoa e o silêncio rodeado por natureza (se não for vítima do trânsito indo e vindo do túnel Rebouças).

A zona sul praiana foi urbanizada no século XX. Copacabana é mais antiga desses bairros, tendo sido beneficiada com pavimento, um túnel de ligação com Botafogo e linhas de bonde. O bairro, como toda a zona sul (e Tijuca) antiga, tinha casas grandes com quintais. Nos anos 1930 e 1940, o bairro sofreu um “boom” imobiliário com a verticalização dos edifícios e levas de novos moradores que inicialmente vinham de outros bairros e depois de outros estados também. Nos anos de 1960, o bairro começou a entrar em decadência e muitos moradores começaram a migrar para Ipanema ou Leblon. *A Utopia Urbana*, de Gilberto Velho, é de 1973, quando, graças aos edifícios de conjugados, pessoas da zona norte e de outros estados, podiam pensar em morar mais perto da praia. Em *Nobres e Anjos*, do mesmo autor, defendida como tese nessa época, mas apenas publicada em 1998, ele e seus amigos já todos viviam em Ipanema e Leblon.

A zona praiana também sofre um influxo considerável de “turistas”, tanto estrangeiros como também cariocas dos bairros suburbanos, nos fins de semana, tanto para ir à praia em si como também para ir aos bares e restaurantes conhecidos à noite. Há eventos anuais que atraem gente da zona norte para a zona sul também como a árvore de Natal na Lagoa, shows gratuitos na praia de Copacabana e o Réveillon na praia de Copacabana.

Copacabana é um universo à parte onde há desde grupos mais elitizados, recém-chegados no Rio procurando um conjugado barato, estrangeiros, executivos e estudantes que ficam no bairro para uma curta temporada e, de acordo com taxistas e moradores com quem falei, até prostituição em que várias moças dividem um apartamento pequeno. Eu já morei numa rua mais nobre, perto da Lagoa, mas onde me disseram que o síndico mantinha uma padaria clandestina dentro do seu apartamento. Há muitas variações entre esses dois extremos. Ainda considerada a “princesinha do mar” por muitos moradores do subúrbio, para outras pessoas de outros bairros da zona sul, Copacabana só tem “Paraíba e turista” (declaração de um homem de Botafogo). Típico de padrões dos mais abastados, muitos sub-bairros mais

valorizados são escondidos, como o Bairro Peixoto e 5 de Julho. A orla da praia é altamente valorizada. Quanto mais perto de Ipanema, mais caro o imóvel. Quem mora no fim de Copacabana já diz que mora no Arpoador, no início de Ipanema. A proximidade do mar mantém os preços dos imóveis caros, bem como a conveniência para condução.

O comércio reflete o bairro. Há um pouco de tudo e praticamente não há nada que não se encontra em Copacabana. Há boutiques especializadas, geralmente abertas por moradores locais, em Botafogo, Humaitá, Laranjeiras, Flamengo e Cosme Velho, mas não encontrei nada desse estilo em Copacabana. Por outro lado, há padarias e confeitarias que oferecem produtos mais raros no Rio, bons restaurantes e bares, bem ao estilo Rio Botecoim.

Atualmente, há movimentação para recriar certo luxo na orla de Copacabana, mais tradicionalmente visto pelos moradores mais abastados do bairro como exclusivo para turismo de massa (e turismo sexual, como é o caso dos bares e restaurantes em volta da boate Help). Assim, tem a Copa Café e Camilo, um restaurante italiano especializado em frutos do mar. Muitos dos outros bares na praia, como Alcazar, tinham sua fama nos anos 1950, mas hoje atraíam grupos menos abastados para os rodízios de petiscos, além de turismo de massa. Há também um amplo comércio de massa, do estilo que se encontra no subúrbio, além de lojas especializadas em lembrancinhas para turistas, mais ou menos desse nível também.

Há uma praia mais “exclusiva” perto de Copacabana, que é o Leme. Quase todas as pessoas de circuitos mais intelectualizados com quem falei que costumam (ou costumavam) ir à praia vão ou para o Posto 9, em Ipanema, ou para o Leme. O Leme já é mais tranquilo, sem o comércio agitado de Copacabana. É também mais caro morar lá, fora a avenida divisora, Princesa Isabel, onde há muitos edifícios de conjugados, bares com strip-tease, locadoras de automóveis e alguns hotéis.

Os bairros mais elitizados são Ipanema, Leblon, Gávea, Jardim Botânico e a Lagoa. Ipanema e Leblon, como Copacabana, atraíam turismo internacional pela proximidade da praia, mas o turista que frequenta esses bairros, seja de onde for, *aparenta* ser de nível social mais alto do que aquele que frequenta Copa. Os outros bairros elitizados são mais insulados. Em geral, são mais caros e homogêneos socialmente. De qualquer modo, é provável que esses bairros mais elitizados possam ser considerados “classe média alta/bem alta”, pois os moradores da elite mesmo se isolam em mansões, nos morros de Cosme Velho, Gávea, Vargem Grande e outros lugares onde eles podem se esconder. Grandes empresários podem ter apartamentos na praia, por exemplo, para usar em datas festivas como Réveillon, como é o caso da família Marinho, da Rede Globo, por exemplo.

Uma coisa que o *flaneur* atento vai reparar nesses bairros é a brancura dos moradores, especialmente quando comparado ao resto da cidade, pois Rio de Janeiro é uma cidade com muitos negros. Quando fui passear em Leblon um dia com uma amiga de Grajaú, pensávamos estar em outra cidade. Nós nos dirigimos para a rua de lazer noturna e de bons restaurantes, Rua Dias Ferreira, e depois para o shopping de Leblon e o Rio Design Center. Era um Rio de Janeiro muito mais “europeu”, como me senti em muitos lugares de Buenos Aires, mas muito diferente da vida da minha amiga, em Grajaú, e minhas experiências, inclusive em Laranjeiras onde há uma pequena população negra. A impressão se repetiu em Gávea e no Jardim Botânico, bairros com menos influxo de turistas (fora os estudantes estrangeiros na PUC, a universidade católica, localizada na Gávea).

Quando o *flaneur* chega a Ipanema, também, o clima muda bem radicalmente de Copacabana. Não se veem grotões de pobreza em Ipanema como em Copacabana, Catete ou Botafogo, apesar das favelas atrás da parte Torres Homem, em Arpoador. A praia é razoavelmente segregada e os moradores da favela preferem a parte da praia mais perto do Arpoador. Ao lado desses banhistas é a praia “dos suburbanos”. Depois vem a praia gay (internacional no verão) e depois são mais moradores de Ipanema ou aqueles que apreciam sua companhia. Ipanema reúne muito do comércio de moda internacional na Rua Garcia D’Ávila. Em Leblon, já não se vê tanta gente na rua. Há menos turistas e mais residentes, a não ser nos bares de moda, mais nos fins de semana no horário da volta da praia, e nos restaurantes. Há grotões de menos poder aquisitivo e prestígio em Leblon, que é no Jardim de Allah, no divisor entre Ipanema e Leblon, por onde passa o canal que drena a água da Lagoa no mar, formando uma espécie de língua negra na praia. Beirando o canal há o Edifício dos Jornalistas, um conjunto de apartamentos que destoa das características do bairro e é uma moradia mais acessível. Quase ao lado é a Cruzada de São Sebastião, um conjunto habitacional construído para os moradores da Favela de Pinto que foi desmontado nos anos 1950 (SIMÕES, 2007). Entre esses dois edifícios é o shopping de Leblon. O comércio mais barato de Leblon é todo em volta desses locais. Ao virar para o lado norte de Leblon, seguindo a Lagoa, o *flaneur* chega ao bairro arborizado de Gávea onde há um shopping de luxo, teatros, um cinema, o centro cultural do Instituto Moreira Salles, na casa do falecido diplomata e banqueiro, muitas boutiques, restaurantes, bares exclusivos e a Pontifícia Universidade Católica (PUC).

Zona norte

Um caso à parte na zona norte do Rio é a Tijuca, o único bairro adjetivado no Rio de Janeiro, onde existe o *tijucano*. Como ainda no século XIX Tijuca era uma zona nobre, essa diferenciação provavelmente respeita sua história particular. Até a zona sul ganhar proeminência a partir da moda internacional da praia, o “boom” imobiliário de Copacabana, o deslocamento de lazer para a zona sul e a construção dos túneis, Tijuca era um bairro tão nobre quanto seria, digamos, Gávea, hoje. A literatura carioca é cheia de referências, como o internato exclusivo que protagoniza *O Ateneu* de Raul Pompéia, de 1898, por exemplo, do século XIX, quando os filhos da elite estudavam no internato desse nome e em João do Rio (1997, p. 37) gozando do conservadorismo burguês dos moradores da Rua Haddock Lobo (desvalorizada por causa do túnel Rebouças que passa no meio do que hoje é praticamente Rio Comprido) no bairro. Depois da corrida para zona sul nos anos 70 (como demonstra VELHO, 1989, p. 21), o bairro da Tijuca definitivamente foi relegado à representação negativa de “zona norte” a despeito do poder aquisitivo dos seus moradores e o preço dos imóveis nos trechos mais privilegiados do bairro.

Nos classificados imobiliários, quem procura um imóvel no Rio vai sempre encontrar “Tijuca e adjacências”, sendo que as adjacências são Grajaú, Vila Isabel, Andaraí, Maracanã, Muda e Usina. Grajaú, antigo bairro militar, mais residencial que Tijuca, é mais alto, sendo que Vila Isabel e Andaraí são os “primos mais pobres” dessa região mais nobre da zona norte. Os outros bairros, que são a maioria desse lado da montanha, são conhecidos como os subúrbios, que beiram as linhas do trem – tanto tecnicamente como para os moradores do Rio que não vivem nesses bairros. Para o morador da zona sul, Tijuca já é “lado de lá”, mas ainda assim, distinto de lugares como Méier ou Penha, por exemplo, (subúrbios mais antigos com rede comercial de serviços mais desenvolvida). Tijuca, como zona sul, tem metrô, bares e restaurantes e um poder aquisitivo digno de nota. Por outro lado, é comum o *tijucano* ir para a zona sul no fim de semana para comer ou beber, enquanto dificilmente seu contêrrâneo de zona sul vai atravessar o túnel no outro sentido, a não ser para ver uma roda de samba ou um jogo no Maracanã. Ao mesmo tempo, a vida familiar do bairro assemelha àquela dos subúrbios, pois as redes sociais são mais baseadas em família do que atividades de rua. O bairro é mais escuro à noite e há poucas opções de lazer, embora não por faltar infraestrutura ou recursos para gastar. O *tijucano* simplesmente não reclama essas opções e se contenta em ir para zona sul para desfrutá-los. No período que morei nessa região, os próprios moradores da Tijuca me disseram: “o *tijucano* tem seu clube”. Tijuca é também um ponto de chegada de

outros subúrbios mais próximos, como vemos na literatura de Vitor Guidice (1989), no caso de São Cristóvão e Méier, por exemplo. Mas o tijucano dificilmente viria da zona sul.

Grajaú é um bairro bem arborizado com uma reserva ecológica e muitas casas grandes, várias das quais são mais antigas, dos anos 1940-1950. Por outro lado, como muitas partes dessa região, cercada de morros com favelas muitas vezes em conflito entre si e com a polícia, nos últimos 20 anos partes do bairro não são consideradas totalmente seguras e seus imóveis têm desvalorizado. Assim mesmo, o bairro mantém sua elegância e uma calma vida familiar com seus próprios bares e restaurantes, embora o comércio seja mais de primeira necessidade, sendo que os moradores são um pouco dependentes da Tijuca. Vila Isabel já é mais trabalhador, sendo mais valorizada perto da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), e tem uma importante escola de samba, uns bares conhecidos (inclusive no Rio Bottequim) e um comércio não muito variado, mas que cobre as necessidades primárias do morador.

Os subúrbios

Há subúrbios mais antigos como aqueles perto do porto, sendo que São Cristóvão foi o mais nobre até permitirem loteamento industrial na região, já no século XX (nos anos 1940, ao mesmo tempo em que isso foi proibido na zona sul), o que desvalorizou o bairro, atraindo seus moradores para lugares mais residenciais. Os bairros do porto (Gamboa, Santo Cristo, Caju, Saúde) sempre foram operários, dos estivadores, e mantêm suas características sociais até hoje. Outros subúrbios mais antigos incluem Méier, Engenho de Dentro, Cachambi, Irajá, Penha, Bonsucesso e Madureira. Méier, Cachambi, Madureira e Bonsucesso são nódulos comerciais que atraíam os moradores de bairros vizinhos, muitas vezes evitando a ida para o centro da cidade. Madureira é o maior desses nódulos e parece um verdadeiro mercado livre, sendo o ponto final de várias linhas de ônibus e com uma grande estação de trem, por onde passam muitas linhas, um grande mercado de produtos para religiões afro-brasileiras (o Mercado de Madureira) e muito comércio de rua. Os subúrbios pós-1950 são tecnicamente considerados como a periferia, embora seus moradores, como todos que vivem nos subúrbios (e os meios de comunicação) se referem a estes bairros como “zona norte”. Esses bairros, que incluem, por exemplo, Anchieta, Ricardo de Albuquerque e Pavuna, já desfrutam de menos infraestrutura e casas menores e ainda mais irregulares do que nos subúrbios mais antigos. Um morador de um bairro periférico, de acordo com sua localização, pode tanto optar para fazer suas compras num outro bairro do Rio como numa cidade da Baixada Fluminense, como Nova Iguaçu ou Caxias, por exemplo.

Dos anos 1990 para cá muitos shoppings foram construídos tanto na região da Tijuca (dois), como expandidos nos subúrbios, que já contavam com dois grandes shoppings em Madureira e Cachambi (este último também se expandiu). Além disso, empresas imobiliárias também investiram na construção de condomínios de luxo (ou seja, com piscina e outros serviços para dar mais independência e lazer para seus moradores) nesses bairros. A ideia é evitar com que o morador tenha que se deslocar a grandes distâncias para fazer compras ou lazer, se bem que esses empreendimentos também estejam em andamento na zona sul. A piscina é especialmente importante no verão. Essa conveniência, no entanto, pelo menos entre pessoas com quem falei, não tem mudado a percepção que elas mantêm sobre o subúrbio ou sua posição social no Rio de Janeiro. Uma mulher (pedagoga, doutorado por universidade pública, 48 anos) em Engenho de Dentro, que vive num condomínio desses, confessou-me que, no entanto, “é o subúrbio, não dá para sair à noite a não ser por aqui mesmo” e que “muita gente não quer vir para cá”. Outra, (funcionária pública, 42 anos, graduação universitária privada e pública) que também vive num condomínio semelhante em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, disse-me que “aqui na Baixada não tem tantas opções, eu preferiria ir para Rio, mas meu filho já tem tudo aqui” e que também “eu não iria querer morar num apartamento espremido no Rio, aqui pelo menos posso ter uma casa maior”. Ela também se irrita ao comentar que: “não é tão longe assim, mas ninguém vem para cá me visitar” (ao se referir aos amigos de faculdade que moram na zona sul e Tijuca).

Os bairros suburbanos chamam a atenção em alguns aspectos. Os mais antigos e mais próximos ao centro, como Méier e São Cristóvão, por exemplo, desfrutam de certa harmonia arquitetônica, com ruas residenciais mais planas e regulares com um espaço mais ou menos padrão de jardins em volta da casa, bem como o tipo da casa. Há uma ou mais ruas comerciais centrais, também com suas características. Por outro lado, e não de todo diferente das partes mais decadentes de Catete, Botafogo, Tijuca e Vila Isabel, por exemplo, muitos dos edifícios e letreiros de pequenos negócios parecem perdidos no tempo, algo desatualizados desde os anos 1950 do século passado. Há poucas árvores a não ser aquelas plantadas pelos moradores nos seus quintais (por isso há mais árvores frutíferas nos subúrbios do que na zona sul, a não ser as onipresentes mangueiras) ou os resquícios de nobreza de outrora, simbolizada com a palmeira real, ainda em pé em bairros como São Cristóvão e Brás de Pina. Poucas ruas são largas a não ser as rodovias como Avenida Suburbana e Brasil, por exemplo. Os bairros mais desenvolvidos e antigos também têm alguns restaurantes portugueses, com pratos de bacalhau fartos e caros, alguns dos quais são muito conhecidos na cidade. Há também bares familiares e/ou franquias, como Manoel e Joaquim, no Engenho de Dentro, por exemplo.

Nos bairros mais recentes e mais afastados, especialmente depois de 1920, predomina a irregularidade, produto de falta de planejamento urbano, num primeiro momento, nessa região⁵⁶. O *flaneur* casual ainda hoje pode ver os resultados dessa falta de planejamento. O motorista de carro vai ser o primeiro a observá-la ao fazer gincanas como subir e descer uma rua residencial toda em paralelepípedo e entrar numa curva ascendente ou descendente. Os morros não foram aplainados, pois as pessoas simplesmente chegavam e começaram a construir suas casas, então assim ficou, mesmo independente da topografia inadequada. Cada um construiu sua casa de acordo com suas origens étnicas e/ou territoriais, suas possibilidades financeiras e de acordo com as necessidades e possibilidades de espaço. Há pitorescas casas pequenas com tetos triangulares com um solitário azulejo ou janela na frente, possivelmente inclinadas ou não numa curva, que podem ter como vizinhos uma casa retangular de três andares com garagem ou até uma casa luxuosa com folhas descendo o muro alto para que os pedestres não possam ver o que haveria por detrás do muro. Ainda pode aparecer um pequeno prédio de apartamentos com variados estilos arquitetônicos ou outro mais moderno, adaptado para caber no espaço entre duas casas. Com um terreno próprio, a família tem a possibilidade de usar o espaço do jardim ou por cima de um teto plano para acomodar as famílias dos filhos ou parentes, fazendo assim extensões da casa, para cima e/ou para trás, num arranjo conhecido no Rio – nas zonas suburbanas – como o “puxadinho”. O mais que se afaste das ruas comerciais, o mais provável é do *flaneur* deparar-se com soluções e improvisações caseiras como canos de esgoto que descarreguem seus conteúdos na calçada, pequenos comércio como bazares e lanchonetes promovidos a partir da garagem da casa residencial.

Irregularidade quer dizer heterogeneidade e, assim, nessas áreas mais periféricas vizinhos com situações econômicas e profissionais muito diversas podem conviver juntos, por dentro e por fora da casa, como é o caso de uma amiga que estudou ciências sociais comigo na graduação e que vive com os pais além de outros parentes numa cidade na Baixada Fluminense. O caso dela serve como exemplo do estilo de vida peculiar aos subúrbios (e da Baixada, onde o estilo de vida segue o mesmo padrão), além de demonstrar a relação entre grupos intermediários da região suburbana e da zona sul.

⁵⁶ Ao contrário da área nobre, entretanto, a ocupação suburbana se realizou praticamente sem qualquer apoio do Estado ou das concessionárias de serviços públicos, resultando daí uma paisagem caracterizada principalmente pela ausência de benefícios urbanísticos: “*O espetáculo dos arredores suburbanos é ... caso para decepção. Ai .. não existem preparos, tudo é deitado à rua por falta de esgotos.*” (PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL, 1930, p. 240 apud ABREU, 2004, p. 82).

Uma casa grande no subúrbio

A rua onde mora minha amiga é convenientemente localizada perto de uma grande rodovia, facilitando uma eventual viagem de carro para “a cidade” (Rio de Janeiro) ou o comércio em cidades maiores da própria Baixada. A iluminação e fornecimento de luz e água são regulares, embora como a água se localize no final do ramal público, é mais sujeito a faltar do que em locais mais “centrais”. Mas as casas de alguns dos vizinhos nem sequer foram pintadas ou revestidas com cimento. O terreno da família da minha amiga, por outro lado, atrás de um muro grande, esconde duas casas mais antigas, no estilo português, onde moram a avô e um tio e um outro tio com sua mulher e filha, com um anexo de dois andares, da família da minha amiga, e outro anexo ao lado, onde vai morar a família de um outro tio. Há também uma piscina com deck, palmeiras e espaço para os três ou quatro carros que possuem alguns dos membros dessa família. As casas mais novas foram bem construídas e não inunda o terreno de chuva e o encanamento e arranjo elétrico permitem vários banheiros com água quente, ar condicionado, internet e qualquer outra conveniência para uma vida mais familiar e caseira num bairro onde faz muito calor no verão. E não é por menos já que os dois pais da minha amiga são engenheiros civis. São eles que cuidam de e assinam todas as obras no terreno.

Também moram outros familiares como um irmão da mãe, que é policial civil, outro irmão distribuía produtos frescos e outro nunca se casou, sendo mais caseiro. O irmão da minha amiga é também engenheiro, recém-formado e ela dá aulas no ensino médio de Sociologia e ajuda os pais, que são peritos do governo, tirar e organizar fotos dos prédios que eles fiscalizam.

Os pais não abririam mão por nada do seu terreno e o conforto de seu lar nem da proximidade da família que se reúne todos os domingos e também para festas e eventos comemorativos. Eles não trocariam o conforto de uma casa grande com todo o conforto para um apartamento menor no Rio num bairro mais valorizado. Por outro lado, eles considerem que a rua, bem como a cidade, é feia e que é desagradável caminhar nas ruas de lá. Bom mesmo é atrás do muro da casa deles, de onde a mãe da minha amiga e minha amiga têm pouca vontade de sair, sendo que o irmão e o pai são muito mais ‘da rua’. O pai me reclamou da discriminação que a Baixada sofre bem como descendentes de nordestinos da parte “dos cariocas” e minha amiga me disse que uma muita amiga dela que vive num bairro exclusivo de zona sul nunca a visita sendo que ela tem que sair no carro dela para visitar a amiga. Eles

elogiam a beleza natural da zona sul do Rio e a oferta de serviços e atividades, até para reclamar que isso não existe onde eles moram.

Barra, o bairro dos novos ricos

Barra da Tijuca é o bairro dos “novos ricos”, por excelência. O bairro é constante alvo de piadas dos que moram na zona sul, mas visto como um lugar desejável de morar pelos tijuicanos e pessoas oriundas de outros bairros de zona norte, subúrbios e baixada. Tem toda espécie de infraestrutura e lazer e poderia muito bem funcionar como uma cidade independente (até do centro do Rio de Janeiro). Mas, diferente de zona sul, não é um bairro navegável sem carro e não tem “vida de rua”, por isso. O bairro foi planejado nos moldes dos subúrbios dos Estados Unidos. Esse fenômeno de bairro “novo rico” ou “ascendente” também existe em Buenos Aires, mas, a Delta do Tigre, por exemplo, não me parece ter a autonomia nem o desenvolvimento comercial e financeiro da Barra, que também é capaz de atrair consumidores de bairros mais próximos da zona sul, como Gávea. Muitos moradores, porém, provêm dos subúrbios e da Baixada Fluminense, como também Tijuca, o que os distingue como “novos ricos” com hábitos distintos dos que vivem na zona sul mais tradicional e de onde provêm as piadas sobre a vulgaridade e falta de bom gosto do morador de Barra. Na verdade, apesar do estereótipo (que facilmente pode ser verificado empiricamente), a cidade/o bairro é mais complexa em termos sociais e culturais, pois para muitos moradores de Leblon e Gávea, Barra é um ótimo lugar com comércio e lazer fartos, para não falar dos isolados moradores de São Conrado, sozinhos na sua praia e vizinhos da Barra. Ainda há toda a mistura de moradores de Jacarepaguá e Recreio, fora os mais rústicos residentes de Vargem Grande, sejam donos de choupanas ou mansões. Em outras palavras, Barra é um nódulo de comércio para muitos grupos diferentes e daí não apenas vive em função de “suburbanos novos-ricos”.

Conclusões

Espero ter mostrado nesse capítulo a conjugação de uma série de fatores que dão algum sentido para a sociabilidade peculiar do Rio de Janeiro, especialmente a cultura de “bar e botequim” entre grupos medianos profissionais da zona sul. Por um lado, essa sociabilidade, na sua forma atual, é uma espécie de apropriação de um grupo social de um hábito mais antigo de outro grupo, o que apenas foi possível devido às grandes divisões e hierarquias

sociais presentes na cidade. Pois, por mais que seja uma grande cidade internacional, no sentido de atrair turismo, migrações e imigrações, o Rio de Janeiro mantém as características de uma província e o tipo de sociabilidade de bar que descrevi para amigos em Buenos Aires (tendo nascido lá ou não) para eles seria mais típica de cidades de interior e não do de capital federal.

Além do caráter “aldeia” da grande cidade, a própria estrutura física e social do Rio de Janeiro estimula mais uma cultura de bar de bairro, pois é menos vantajoso ir para longe de casa à noite e o território físico no Rio de Janeiro mantém um vínculo forte com o prestígio social. O mesmo acontece nos bairros da zona norte e do subúrbio onde em cada lugar há um estilo de vida próprio e não um desejo de integrar o mesmo espaço com outros grupos com outros estilos de vida.

III. UM PASSEIO POR BUENOS AIRES

A geografia da cidade

Buenos Aires, plana, é fisicamente distinta do Rio de Janeiro, toda acidentada. O clima é muito distinto também. Com um inverno mais rigoroso, em que entre os meses de julho e setembro a temperatura pode se fixar entre 3°. C e 15°. C, muitas vezes com vento e chuva, esse período do ano não estimula uma vida de rua nem grandes deslocamentos noturnos, especialmente sem um carro ou um meio de transporte muito conveniente à moradia. As feiras de fim de semana seguem nos parques o ano inteiro, a não ser que caia uma chuva muito forte. Apesar do frio, essas feiras são consideradas lugares convenientes e baratos para comprar roupa e outras utilidades além de presentes artesanais. Mas não há outros tipos de apresentações e festivais ao ar livre até a primavera. O verão, por outro lado, como no Rio de Janeiro, é quente e úmido, mas, diferentemente, não há praias ou florestas ou colinas. Então, a cidade não é considerada como um lugar desejável para ficar e quem pode, viaja para os balneários, serras, ou outros países. Por outro lado, a vida de rua é mais intensa.

A cidade foi rigorosamente planejada, como uma ideologia⁵⁷, numa capital federal que há pouco tempo antes definitivamente tomara domínio sobre o país inteiro, situação que perdura até hoje. Como outras cidades argentinas, Buenos Aires se organiza em um tabuleiro (quadrado espanhol), e os projetistas da cidade desdenharam a natureza circundante. Cada bairro tem seu parque, cuja estrutura também foi planejada. A lógica da cidade, assim, não é visual ou imagética como no Rio de Janeiro, mas matemática, organizada num sistema de ruas, avenidas e números que permite chegar a qualquer endereço sem maiores esforços (i.e., depois que se aprende essa lógica, o que me custou certo tempo, pois eu estava demasiado acostumada a buscar endereços através de referências fixas como igrejas, morros e o mar!). O Rio de La Plata não é procurado por lazer e não há nenhuma outra atração natural a não ser um pôr-do-sol que aparece por trás dos edifícios ou nos parques. As atrações da cidade, então,

⁵⁷ “En la Argentina posterior al ochenta [N.A.: 1880], en la noción de espacio público debemos incorporar, además, el rol fundante del estado en el proceso de modernización, lo que elimina buena parte de la acepción clásica que se asienta, justamente, sobre la pertenencia del espacio público a la sociedad civil, frente al estado. Es decir, aquí debemos entender la formación y el funcionamiento de un espacio público metropolitano admitiendo que en buena medida buscó construirse “desde arriba”, con el declarado objetivo de darle *forma* a una sociedad que el reformismo estatal percibía en riesgo de atomización. Esta estatalidad originaria de lo público en la Buenos Aires metropolitana también iluminará los intentos provenientes de la sociedad, en su productividad y sus aporías.” (GORELIK, 2004, p. 22).

são culturais, como teatros, cinemas, cafés e restaurantes. Os equipamentos culturais da cidade (sem entrar nas ramificações das apresentações oferecidas) nem sempre são vistos, assim, como sinais de distinção social e, sim, como opções de lazer, igual a uma praia, digamos, no Rio. Há muitos festivais e feiras nos fins de semana, quando as pessoas se deslocam para os espaços abertos (como parques), caso o tempo permita. O transporte é mais direto que no Rio, com mais opções de ônibus e muito mais de metrô (o metrô, inclusive, já começa ir para os confins do sul e sudoeste, como Parque Patricio e Mataderos embora as obras não tenham sido concluídas até eu ter concluído este trabalho). Dentro da capital, há menos sensação de insegurança no transporte do que no Rio de Janeiro. Voltar de um lugar de madrugada, dentro de um ônibus e sozinho não é geralmente um problema. Também não há barreiras sociais na maior parte da cidade (a não ser quando se chega às franjas sudoeste⁵⁸), então se deslocar entre uma e outra parte da cidade não é visto como um problema e as pessoas são bastante tolerantes com o tempo de viagem. Por outro lado, as barreiras psicossociais já mudam quando extrapola os limites da capital.

Isso não significa que não haja distinções sociais visíveis entre bairros, especialmente entre a chamada zona sul (beirando o Riachuelo) e a zona norte, ou entre o leste (perto do Rio de La Plata) e o oeste. O comércio, a música que se escuta (ou não se escuta), o porte do corpo, etc. são sinais de estilos de vida diferentes. No bairro de Boedo, na zona sul, homens tomam vinho barato com soda na rua e os cafés são muito mais familiares com poucas pessoas sozinhas trabalhando com laptop (pois “não servem para isso”). Em Belgrano, há muito menos pessoas sentadas na rua. Por outro lado, a estrutura de tabuleiro da cidade, a regularidade das edificações, a facilidade de transporte e as possibilidades que os moradores têm de reivindicar direitos e equipamentos através das suas próprias organizações fazem com que não haja nenhum elemento específico de discriminação a esses moradores – perfeitamente integrados ao município como um todo – eles simplesmente têm um poder aquisitivo mais baixo e/ou mantêm outro estilo de vida, nitidamente mais trabalhador. Nos últimos anos, inclusive, o município tem começado a agir no sentido de levar o metrô às franjas do lado oeste da cidade.

A discriminação urbanística, no mesmo sentido dos chamados subúrbios no Rio de Janeiro, efetivamente começa por fora do município, delineado pela Avenida General Paz⁵⁹.

⁵⁸ Os bairros do sudoeste que beiram o Rio Riachuelo.

⁵⁹ Gorelik (2004, p. 93) é categórico, “...al revés que en las grandes ciudades Del mundo, donde de ese modo se designaba el conjunto metropolitano, en Buenos Aires el término sirvió para designar exclusivamente los distritos “externos” a la ciudad, separados del núcleo que les había dado origen. Y la avenida General Paz se

Como as cidades da província têm suas próprias administrações, estas não são problema da Capital Federal e as cidades que surgiram bordejando o município nunca foram alvo de um planejamento específico, a não ser trens e linhas de ônibus destinados para trabalhadores que se deslocam durante a semana para a capital. Assim, moradores dessas cidades enfrentam mais problemas de segurança, transporte e infraestrutura do que na capital, apesar de haver bairros e zonas onde o estilo de vida em si não varia muito em relação a muitos bairros portenhos. No geral, as cidades da província que fazem fronteira com o lado norte da capital são mais elitizadas (embora nem todos sejam assim) – a residência oficial do presidente é em Los Olivos – e as do sul e oeste mais pauperizadas, ou mesmo indigentes. Por exemplo, conheci parte de uma família que mora em La Tablada, em La Matanza, um aglomerado gigantesco do lado sudoeste da capital. Na casa deles, parecida com a periferia do Rio, faltam cimento e pintura. Eles mesmos haviam construído a casa (o que seria impossível na capital). Uma amiga que chegou a passar alguns anos da infância em Quilmes, do lado sul, falou-me que tem que tomar muito mais cuidado no ônibus lá, que já abriram a bolsa dela com gilete. Não pretendo trabalhar especificamente com essas cidades, mas vale a pena mencioná-las para demonstrar que a divisão zona norte-zona sul que existe no Rio de Janeiro não é de todo incompatível com a divisão dentro-fora do município em Buenos Aires.

Mas, voltando à capital, o clima e estrutura física têm que ser levados em conta para falar sobre os hábitos sociais dos habitantes de Buenos Aires, embora esses não sejam os únicos fatores que influenciam suas escolhas. Há configurações sociais distintas, como, por exemplo, a segregação das faixas etárias. O café pode reunir todos, mas há muitos cafés em que predominam pessoas mais velhas. Horários e lugares específicos muitas vezes marcam segregações de idade. Jovens até 35 anos procuram bares ou cafés que oferecem cerveja (ou drinques) à noite – i.e., por volta de meia noite, para estar junto com seus pares de idade, depois que os mais velhos já voltaram para suas casas⁶⁰. Já o Rio de Janeiro é diferente de Buenos Aires e outras capitais hispano-americanas, pois há menos segregação entre faixas etárias. Na verdade, no Rio as pessoas mantêm uma relação de dependência com suas famílias – deixam de morar na casa dos pais bem mais tarde, por exemplo – há menos hostilidade entre grupos etários do que em Buenos Aires onde quase não há mistura. Na Tasca, há muitos

convirtió en la frontera material y simbólica de la “ciudad europea”, a espaldas de la cual se acomodaría la mayor parte de la nueva población. En efecto, en 1938, el área metropolitana tenía poco más de tres millones y medio de habitantes, de los cuales dos millones e medio vivían dentro de la ciudad Capital; actualmente, el área metropolitana tiene cerca de doce millones, pero la ciudad Capital se ha mantenido estable en menos de tres millones de habitantes, mientras que todo el resto de la población ha crecido fuera de sus límites”.

⁶⁰ Isso tende a acontecer no Rio de Janeiro também em muitas regiões da cidade, mas não de forma universal, especialmente em bares de zona sul.

frequentadores na faixa de 30 anos como também com mais de 50 anos. A relação pessoal com Sr. Edgar certamente deve influenciar até certo ponto, mas não é apenas no bar dele que isso acontece. No café tradicional de Buenos Aires há certa mistura também, mas não tanto no sentido lúdico, a não ser quando jovens vão para o café para trabalhar, “fazer hora”, encontrar um desconhecido, fazer uma pausa no dia, etc. É uma atividade essencialmente diurna.

A mescla de faixas etárias não significa necessariamente integração social entre elas no bar nem no café. É muito comum, na *Tasca*, os frequentadores mais jovens ficarem na calçada, do lado de fora do bar, em pé. Isso facilita uma sociabilidade mais fluida, em que se possa conversar com quem esteja ao lado, com vizinhos ou outros que, porventura, estejam subindo ou descendo a rua. Além disso, a calçada facilita a obtenção de tira-gostos mais baratos como amendoim vendido na rua ou até algum salgado de uma barraca embaixo da Rua Alice, na Rua das Laranjeiras. Já vi uma jovem entrar no bar para cumprimentar uma senhora que conhecia. As duas conversaram durante 15 minutos e a jovem voltou para a calçada. Elas se cumprimentaram novamente quando a senhora saiu do bar, desta vez com a jovem apresentando seu namorado. No café, a interação tende a ser mais formal – entre pai e filho, professor e aluno, ou algum arranjo mais hierarquizado.

A ritualização dos dias também prevalece. Enquanto no Rio o bar pode ser frequentado em qualquer noite, em Buenos Aires quarta e quinta-feira são as noites de *happy hour* (i.e., frequentar o bar depois de trabalho) e sábado é a noite reservada para permanecer na rua até a madrugada. O mais paradigmático dessa separação é o dia de domingo, dia da família. Contra a vontade de muitos jovens, domingo é o dia de almoçar com os pais e avôs. Não quero dizer com isso que o mesmo não acontece no Rio, mas a cidade de Buenos Aires simplesmente se transforma. Nos últimos 20 anos, de acordo com pessoas com quem eu falei, muitos jovens resolveram deixar de participar no almoço dominical e sair bem tarde na noite de sábado (ou organizar reuniões nas casas de amigos) e dormir até o fim do domingo. Durante o dia de domingo, então, quase não vale a pena sair da casa, a não ser se estiver num arranjo familiar. Pessoas aparecem em restaurantes, ruas e cafés, o que não se vê durante a semana. É um público específico de domingo que não aparece na rua durante os outros dias da semana. Pessoalmente, nunca me senti tão observada na minha vida como no domingo e rapidamente resolvi adaptar o estilo jovem de não ter pressa de dormir cedo sábado (mesmo que isso significasse trabalhar ou ler durante madrugada) para dormir até mais tarde no domingo. Pessoas na faixa etária de 40 anos ou menos começam a “mostrar suas caras” a partir de 17h. Já na segunda e terça-feira, os estabelecimentos são mais vazios e muitos bares

de cerveja (como restaurantes) nem se dão ao trabalho de abrir as portas entre segunda e quarta-feira.

Cafés e bares em Buenos Aires

Cafés notables

No ano 2000, a *Comisión de Protección y Promoción de los Cafés, Bares, Billares y Confeiterías Notables de la Ciudad de Buenos Aires* publicou *Cafés de Buenos Aires* (2004), atualmente com 52 cafés (alguns dos quais são também bilhares, bares e confeitarias) com o objetivo de dar prestígio turístico, evitar o fechamento e preservar a memória histórica desses lugares como parte do patrimônio cultural da cidade (e, por extensão, do país). Boa parte desses cafés data dos anos 1920-1930, período do auge da modernização da cidade, além de ser um período que fixou certa identidade cultural, com os cafés de tango e cafés literários, mas outros ganharam mais fama nos anos 1950-1960, como os cafés de Avenida Corrientes, no microcentro, como La Paz e La Giralda. Diferentemente do *Rio Botequim*, não há nenhuma eleição popular. Trata-se de uma política cultural que foi realizada pelos órgãos governamentais da capital federal.

História

Antes do crescimento massivo da cidade havia armazéns que também funcionavam como bares. Depois, os recém-chegados imigrantes faziam seus contatos e tomavam seu vinho nos cafés próximos aos lugares onde viviam e trabalhavam na segunda metade do século XIX. Naturalmente, os cafés permaneceram e evoluíram, como aconteceu no Rio de Janeiro também. Alguns cafés nas zonas operárias antigas são, hoje, *cafés notables*. Há cafés, inclusive em Mataderos, convenientemente na esquina da Feira de Mataderos, parte da memória da cidade. A maioria dos *cafés notables*, no entanto, é localizada no centro, então (na década de 1920 e 1930), (visto e sonhado como) a Paris da América do Sul. Abreu (2008, p. 61) mostra cartazes no Rio de Janeiro na época em que as reformas Perreira Passos foram empreendidas, em que se manifesta uma preocupação e vergonha dessa cidade estar tão atrasada em relação a Buenos Aires. Os cafés e confeitarias dos mais abastados – como os de Calle Florida e dos grandes hotéis – e dos novos segmentos medianos estavam no microcentro, o “Corrientes e Esmeralda”, de Scalabrini Ortiz. Esses cafés são um símbolo

importante da identidade “europeia” do portenho e o turista pode ver (estampado no flanco dos ônibus turísticos que saiam do microcentro) cartazes estimulando o turista a visitar os cafés notables.

Mas o lado mais pitoresco da cidade capital, seus bairros e sua música, também não são esquecidos pelo guia, pois os anos 1920 e 1930 são também a época das milongas (danceterias) e cafés tangueros, estes mais trabalhadores e mais noturnos, mais “de bairro”. O tango entra em declínio nos anos 1950, época em que o café vira o palco do crescimento da psicanálise, como demonstra Mariano Plotkin na sua tese sobre *Freud nas Pampas* (2001). Em Buenos Aires, esse ofício dos segmentos medianos e mediano-altos distingue a cidade de qualquer outra, o que ajuda a levar mulheres para o café (como no Rio, elas apenas iriam acompanhadas para a confeitaria ou para um salão “reservado” para famílias dentro dos cafés). Nos anos 1960, o café vira o palco da juventude rebelde, tanto em termos de contracultura quanto resistência à ditadura. Daí provém o fama de outros *cafés notables* como *La Giralda*, em Corrientes, e outros, no mesmo trecho (PUJOL, 2002). Essa época era outro auge do café, nesse novo sentido. A música nos anos 1970 é outra espécie de patrimônio nacional, dos mais jovens, o rock. A baixa Rivadavia e baixo Belgrano eram os locais onde esses jovens, hoje ‘dinossauros’ consagrados, faziam suas reuniões noturnas, quando os militares deixavam (CALDERÓN, 2006, passim).

Nos anos 1980, com a redemocratização, o café perdeu sua rebeldia e começou a envelhecer. Jovens passaram a frequentar lugares próprios, especialmente à noite, para tomar cerveja, bebida que começou a crescer como opção barata de sociabilidade. Nos anos 1990 e 2000, os movimentos patrimonialistas inspiram à cidade de Buenos Aires a preservar seus cafés tradicionais, muitos dos quais correm o risco de fechar. O incentivo também funciona para incrementar o turismo nacional e internacional, que não para de crescer. Esses cafés são mais usados pelos mais idosos. A maioria dos *notables* passa por reformas que acabam modificando a aparência original do estabelecimento, padronizando-os e, muitas vezes, esterilizando-os.

Como no caso dos bares no Rio de Janeiro, grandes franquias de cafés brotaram em Buenos Aires. Alguns empreendimentos, como *Havanna* e *Bonafide*, vendiam café em grãos e chocolate em barra, pelos quais já eram conhecidos há muitos anos, mas estas eram lojas que vendiam café para fazer em casa. Com a globalização, esses negócios resolveram investir em cafés, usando seus bons nomes para atrair clientela que, além de tomar um café, podia aproveitar as especialidades doces para as quais já eram conhecidos. Outros, como *Martinez* ou *The Coffee Store*, especializaram-se em fazer café para tomar no local (embora também

vendessem grãos para levar). Havia ainda outros cafés independentes que seguiram esse estilo mais “limpo” de franquia, que também abriram suas portas nessa época. Esses cafés franquias e/ou contemporâneos acabam atraindo uma variedade maior de faixas etárias que os tradicionais. Diferentemente do Rio de Janeiro, não há reclamações oriundas de setores intelectuais reclamando sobre os novos cafés ou as franquias. O café, nesse caso, é tão incorporado no cotidiano que não sofreu uma nova espécie de simbolização como ocorreu com “o botequim carioca”. Não houve nenhum movimento de apropriação ou contra-apropriação e uma tradição antiga parece simplesmente ter mudado de forma, evoluindo com o tempo, como qualquer espaço público.

Por outro lado, quem chega a Buenos Aires achando que seus moradores vivem dentro de cafés, (baseada numa imagem dos anos 1920-1930 e 1960-1970) vai logo se enganar, mas, mesmo assim, ainda há uma peculiar cultura de café, que foi surgindo e se modificando desde o início do século XX e que não se vê em outros lugares na América Latina. Basicamente, o café tem um lugar na vida cotidiana de muitas pessoas em Buenos Aires, seja como pausa, encontro, escritório, biblioteca, ou outra função qualquer.

A Cidade

Descrevo a cidade de Buenos Aires como num sobrevoo para que o leitor possa sentir melhor como é viver nesse local. Li fontes sobre os bairros, seu desenvolvimento e a estrutura da cidade de modo geral, mas nada disso compensa a descoberta de estar imersa no lugar. Recorri à flanagem. Diferentemente do Rio de Janeiro, onde revisei uma cidade onde já moro há muito tempo, a descoberta da estrutura física e social de Buenos Aires foi completamente nova para mim. Visitei muitos bairros onde eu nunca havia posto os pés. Assim, também de forma diferente do que no capítulo sobre o Rio de Janeiro, descrevo Buenos Aires do jeito que a descobri. Essas percepções determinaram a escolha do lugar para fazer a pesquisa de campo nessa cidade.

De modo geral, a cidade se divide em Sul, Norte, Centro e Oeste (o Leste é o Rio de La Plata). A região Sul da cidade é mais antiga e era prestigiada até ser atingida pela febre amarela, que matou uma parte considerável da população na segunda parte do século XIX. Os mais privilegiados foram, então, para a parte Norte da cidade que, até hoje, é considerada a parte melhor da cidade para morar. A região Sul passou a concentrar lixo e imigrantes europeus recém-chegados. A região do Centro de Buenos Aires também concentrou

imigrantes, especialmente em hotéis e cortiços. Zonas como Once (Balvanera) e Congresso receberam muitos judeus e “turcos” (sírio-libaneses).

As regiões Sudoeste e Oeste

A região Oeste da cidade, beirando o Rio do Riachuelo (como boa parte da região Sul), é a mais “esquecida”, a não ser pela Feira de Mataderos, aos domingos, que atrai turistas de dentro e de fora da Argentina. O bairro de Mataderos em si não atrai moradores com um estilo de vida mais “classe média para alta”, pois é longe do centro e não há metrô para facilitar a viagem. Nos anos 1950, essa região foi ocupada por migrantes internos (um pouco como nordestinos que ocuparam a periferia do Rio nessa mesma época, depois da construção da estrada Rio-Bahia), época da expansão dos bairros até o Rio do Riachuelo, para acomodar essas pessoas. Como ainda o município construiu conjuntos habitacionais gigantescos nessa região, isso definitivamente causou seu declínio. O exemplo mais clássico é Villa Lugano. Nesse pacato bairro trabalhador (que até hoje desfruta de cafés e restaurantes e ruas tranquilas e casas bem construídas na parte original) foi construído um bairro à parte, composto de conjuntos habitacionais altamente verticalizados. O bairro se chama Barrio General Savio. Os moradores do Lugano temiam a vinda dos “negros” (os migrantes) - como demonstrou Ratier (1972) -, pois estes iriam mudar as feições do bairro. De fato, hoje em dia, Villa Lugano é como as pessoas que não vivem lá chamam Barrio General Savio.

A região Sul

Na região Sul, há bairros “tangueros” (que denota o status socialmente duvidoso, bem como a apreciação histórica e turística desses lugares, no sentido do pitoresco, fatores que tendem a andar de mãos dadas). Lembremos que, como o samba, por mais que seja apreciada como um símbolo de identidade nacional, será sempre associada a grupos sociais mais baixos, numa identificação nacional criada através do exótico, como foi um pouco o caso do samba no Brasil (Cf. GARRAMUÑO, 2007, p. 97). Em termos imobiliários, outros bairros “tangueros” como Almagro, Villa Crespo e Palermo foram incorporados com seus vizinhos mais prestigiados, para o lado Norte, e, hoje, não são tão conhecidos em função desse status histórico. Obviamente, as zonas consideradas mais elitizadas, como La Recoleta, Barrio Norte, Retiro e Belgrano não têm muito vínculo com o tango, e se tivessem um dia, este foi apagado.

Os bairros da zona sul mais conhecidos por turistas são La Boca e San Telmo. La Boca basicamente é lembrada por El Caminito, que recebe levas de turistas todos os dias e é nada mais do que dois quarteirões de casas de zinco reformadas e coloridas, teoricamente para parecer como um bairro pitoresco de onde chegaram as primeiras levas de barcas da Europa. Há dançarinos de tango para todos os lados e todos os cartazes são feitos em filete (o estilo de pintura característica). A outra grande atração é o estádio de La Boca, onde joga o Boca Juniors e onde há tantas imagens de Diego Maradona, tal como dançarinos de tango em El Caminito. O bairro em si não goza de boa fama entre os portenhos, nas palavras de moradores da cidade – que viviam em bairros distintos – La Boca “é perigoso” e “Não há argentinos lá”, mas apesar dos perigos e o desprestígio de certos grupos de moradores no bairro, há partes mais desenvolvidas bem como centros culturais e atividades noturnas. San Telmo é diferente dos outros bairros da zona sul porque não é um bairro tanguero, senão um ex-bairro nobre (como foi parte de Barracas também). A requalificação do bairro leva essa história em consideração e, hoje, além da feira que atrai turistas como também o número sempre crescente de albergues de juventude, também virou bairro de *design* (Cf. nota 58) e tem uma escola privada de cinema além de virar uma zona de lazer noturna com muitos bares e restaurantes.

Eu morei um mês e meio em Parque Patricio, ao norte de Barracas (justamente na rua nomeada em homenagem ao compositor Catulo Castillo). Até recentemente, Parque Patricios era também associado ao presídio em Avenida Caseros, que foi desativado poucos anos atrás. É um bairro bem “bairro” onde o morador sente que todos se conhecem. Há fortes traços de um passado italiano nas padarias e fábricas de massas e pizzarias, como também dos migrantes mais recentes com muitas caras mais morenas e traços mais indígenas. Há ainda um influxo de estudantes e outros investidores que recuperam casas chorizo (como na casa onde fiquei) além de empreendimentos imobiliários novos, especialmente em função da expansão do metrô para lá. Por outro lado, moradores da zona norte, especialmente os que não conheciam o bairro, estranharam que eu iria morar “naquelas bandas”, apesar de eu ser bem tratada e voltar tranquilamente à noite (eu sempre tinha que enfatizar esses fatores para eles).

A casa chorizo é um apartamento vertical onde um cômodo fica diretamente atrás do outro, terminando na cozinha e onde cada cômodo mantém acesso ao vizinho através de uma porta. Há um corredor do lado de fora para evitar a necessidade de perturbar o ocupante do cômodo vizinho. A única iluminação do quarto provém do corredor, onde há efetivamente uma janela para a rua. Depois de 1930, a arquitetura portenha avançou tecnicamente e a casa chorizo caiu em desuso com a construção de casas mais confortáveis e bem iluminadas. No

entanto, especialmente em bairros mais pobres e velhos (i.e., onde não houve demolição destas casas para construir edifícios grandes de apartamentos), há muitos chorizos. Os cinco jovens cineastas que também moravam na casa nunca iam para os cafés, eles eventualmente saíam à noite para algum bar onde as pessoas tinham sua idade, perto da sua faculdade e casa. O que mais havia nos cafés eram pessoas mais velhas. Grupos de amigos mais velhos, saindo do trabalho, pareciam seguir o mesmo padrão. Muito raramente vi uma mulher sozinha no café, nem para estudar ou ler um livro, como eu já havia observado em outros locais, em outras viagens. No café da esquina, em Parque Patrício, fui muito bem tratada e achei o lugar confortável para eu ler ou colocar o caderno em dia, especialmente porque a casa chorizo não oferecia muita privacidade para essa finalidade. No entanto, não demorava muito para eu chamar a atenção, pois eu destoava muito do padrão do lugar. Por outro lado, como era “de bairro” me sentia à vontade.

Indo em direção ao sul, o vizinho Pompeya, na beira do Riachuelo, é considerado mais “boliviano”, e é, pois a avenida principal, que atravessa a ponte sobre o Rio do Riachuelo, oferece muitas lojas de comida e produtos bolivianos, embora haja muitos argentinos natos também (como, aliás, em qualquer bairro ou favela condenados por ser “estrangeiro”). Mas não encontrei muitos sinais de herança italiana no bairro. Por outro lado, há uma estátua grande do compositor de tango, Homero Manzi, bem no meio da praça central do bairro (cuja avenida central já atravessa a ponte Alsina para Avellaneda, na província), pois ele nasceu no bairro. De fama tanguera, também beirando ao Riachuelo, entre Parque Patricio e Pompeya, é Barracas, antigo bairro nobre - penso na mansão da família decadente de Alejandra, protagonista de *Sobre Heróis e Túmulos* (SABATO, 1961) - hoje não visto como muito seguro, apesar da requalificação de certos trechos e a promoção de casas de tango (com ônibus de turismo que chegam dos hotéis). Há um *café notable* no bairro que ainda oferece espetáculos à noite e serve o prato do dia para os trabalhadores.

Já indo para o norte, o bairro também tanguero de Boedo, fazendo fronteira com Almagro e Balvanera ao norte e leste, e Parque Patrício ao sul, é mais valorizado no mercado imobiliário, com um comércio mais desenvolvido. Boedo abrigou um grupo literário nos anos 1920 e 1930 e, pela esquina Homero Manzi, com cafés turísticos, reclama o compositor de tango como deles. Por acaso, nessa época um amigo me mandou um artigo do *New York Times* sobre uma espécie de revitalização no Boedo, mais do que nada cultural e histórico, pois basicamente consistia em dois cafés capazes de atrair pessoas de outros bairros, bem decorados e com cardápios bastante amplos. O *Pão e Arte* é um restaurante mendocino (comida daquela região), mas como café, a única diferença que eu percebia era a presença de

algum ator ou artista (que um amigo me apontava), e isso mais para o fim de semana. Não percebi, assim, uma vida de café cotidiana, a não ser entre as pessoas do bairro, como até seria o lógico. Fui duas vezes ao *Margot*, o outro café da moda, que realmente enche nos finais de semana, onde nas duas vezes estranharam um pouco minha presença aí com um livro (a meia sombra não favorecia a leitura de qualquer maneira) e onde também não cheguei ver nenhuma mulher sozinha, a não ser que ela estivesse esperando por alguém. Na primeira vez, um casal de colegas trabalhava num laptop e um rapaz tentou me olhar direto, fazendo-me desviar sempre meu olhar. Entretanto, o mais rotineiro eram famílias do bairro, casais e amigos, outros fregueses que pareciam ter entre 50 e 60 anos. Boedo, enfim, continua como um bairro trabalhador⁶¹.

O centro

O centro de Buenos Aires mantém sua primazia histórica, diferentemente de outras cidades internacionais, onde essa tendência é o inverso (como no Rio de Janeiro)⁶². Nos anos 1920 do século passado já houve toda uma construção de grandes edifícios verticais, com elevador e tudo, no centro, para acomodar melhor os novos moradores da cidade. Através do planejamento urbano em quadrado, foi feita a integração dos bairros com o centro. Essa tendência seguiu até os anos 1950, com a queda de Perón. Os bairros mais nobres historicamente como Barrio Norte e La Recoleta também se desenvolveram bem perto do microcentro da cidade, um dos motivos porque são tão convenientes para turistas. Por isso, o centro nunca perdeu seu caráter residencial, mesmo longe de ter qualquer vida “de bairro”. Inclusive, já vi uma variedade mais ampla de supermercados em locais como Congresso do que em Parque Patricio, por exemplo.

Congresso e Tribunales estão bem no coração do centro. Constitución é uma cabeça de linhas de trem e ônibus, muitos dos quais vão para a província. Para lá vinham muitos

⁶¹ Confirmado pelos ótimos contos de Fabián Casas, *Los Lemmings*, em que descreve sua infância nesse bairro: “Eduardo Canale llegó al colegio cuando estábamos em quinto grado. Vênia de outro super exótico Del barrio de Palermo. Um colegio que permitia que los alumnos se expresaran em las artes...Como la Paidéia de Platón..Pero era pago y, por alguna desgracia personal de sus padres, el muñeco terminó recalando em nuestro Gurruchaga [o autor se refere aqui ao nome de uma rua em Palermo], um colegio de clase media para abajo, com aulas descascaradas y baños impresentables (...)”. (CASAS, 2005, p. 14).

⁶² Gorelik atribui isso à necessidade de preservar a imagem da cidade como “europeia e branca”: “[...] Buenos Aires mantuvo esencialmente su centro, desplazándolo apenas unas cuadradas hacia el norte de su eje cívico tradicional. Mientras en las ciudades occidentales se implementaban políticas de “renovación urbana” que tendían a fijar población de las clases bajas – las únicas que permanecían em los centros abandonados – aquí se implementaban políticas de ‘limpieza’ que perseguían una diferenciación social para la Capital, *vidriera del país*, apoyadas em el mantenimiento histórico del prestigio del centro.” (GORELIK, 2004, p. 199).

imigrantes, mas se foi deteriorando a partir dos anos 1950 quando as levas originais foram para bairros mais afastados e novos migrantes (internos) chegaram para tomar seu lugar. Realmente não é uma zona muito segura à noite, com muita prostituição, hotéis baratos e comércio de baixa qualidade. Por outro lado, saindo da praça, há ruas mais familiares. Também como há muita oferta de condução, seja trem, metrô, ou ônibus, é uma região conveniente e de fácil deslocamento. O comércio, por outro lado, é pouco variado. É praticamente um bairro da zona sul portenha. Mais perto do centro nervoso é Once, também antiga região de chegada de imigrantes (muitos chamados “turcos” e judeus), mas que sempre foi uma zona de comércio de rua, lotada de gente e abandonado à noite. Os velhos imigrantes semitas ficaram e os novos migrantes do campo e os imigrantes dos países limítrofes também foram chegando ao bairro, em cuja praça também há cabeça de linha de trens, muitos ônibus e duas linhas de metrô. Once, na realidade não existe tecnicamente, fazendo parte do gigantesco “bairro” de Balvanera que abrange desde o Congresso (seguindo para o norte de Callao), o Abasto e Once, terminando em Almagro. A região ainda acaba sendo conveniente para pessoas que chegam à cidade, em termos de achar moradia e estar próximo a tudo na cidade, mas não é um lugar que estimula passeios noturnos por ser meio deserto e com muita prostituição (como em Constitución e Congresso).

Entre o centro e o norte

Indo mais para o norte de Boedo é Almagro, que é mais abastado, uma mistura dos seus vizinhos, Once, Caballito, El Abasto, podendo ser caracterizado como algo mais mediano para alto, algo artístico, algo trabalhador, industrial, empresarial e assim seria difícil escolher um café para eu fazer minha pesquisa. Já Caballito é uma “zona classe média” tanto no sentido portenho quanto carioca. Há claros sinais de gente mais abastada como de gente mais simples. Há ruas antigas decadentes e outras bem elegantes. A proximidade da Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade de Buenos Aires (UBA) atrai professores e estudantes para a região. Há dois grandes parques, o Rivadavia e o Centenário (que divide um lado com Villa Crespo,) que são atrações para toda a cidade. O Parque Centenário é um dos maiores da cidade que, além de ter uma feira de artesanato no fim de semana, é um bom lugar para praticar atividade física. No fim do dia muita gente caminha e corre no parque, como eu mesma fiz quase todos os dias. Assim, Caballito tem características de uma zona mais cêntrica, mas também da região Norte, sendo residencial, comercial e um pólo de atração de lazer, ao mesmo tempo.

Caballito também não é totalmente fácil de qualificar, pois é um “bairro” gigantesco, com trechos com características distintas. Além disso, é atravessado por um trecho bem comercial de Rivadavia com outros grandes nós de condução e comércio, como Rua Acoyte e Rio de Janeiro com Avenida La Plata, na fronteira sul. Nesses lugares predominam prédios altos. O desenvolvimento imobiliário até os anos 1970 foi tanto em Caballito, que foi o primeiro bairro provocar protestos contra, o que eles viram como, o excesso de torres e prédios altos sendo construídos no bairro. Mas também há trechos completamente residenciais, sem comércio algum. Em alguns lugares, são casas dos anos 1940-1960, espaçosas e claramente designadas para moradores mais abastados. Do outro lado da Rivadavia, chegando a Almagro, há outros trechos mais residenciais, mas repleto de casas chorizos e outros modelos mais antigos, operários e menos arborizados. Outro trecho ainda parece mais contemporâneo com a construção de torres e um supermercado atacado. Comerciantes, quando falam sobre o perfil de quem mora em Caballito, preferem se referir ao trecho que abrange seu comércio. Em uma fotocopiadora em Goyena, por exemplo, um dos sócios fazia referência a arquitetos e gente com casa de campo e outros fregueses já querendo aparentar mais do que efetivamente têm. Há cafés ali perto que atraem os arquitetos e também funcionários da UBA. Estes parecem mais “bairro”, mas também no sentido de atrair um público específico. Ao mesmo tempo, o simpático homem deixou claro para mim que se referia àquele *pedaço* e não a tudo que se denomina oficialmente como “Caballito”.

Flores: bairro e percepção de classe, uma experiência

Seguindo Avenida Rivadavia, depois de Caballito, o caminhante chega a Flores que, como Belgrano (na parte norte), era uma cidade independente que foi incorporada à municipalidade de Buenos Aires no início do Século XX. Diferentemente de Belgrano, no entanto, Flores não é considerado classe média alta, senão baixa. Esse tipo de informação não é oferecido como uma obviedade para o visitante, como seria nas representações territoriais sobre Rio de Janeiro, pois o portenho, num primeiro momento, não reconhece distinções ditas de classe entre bairros, já que tudo seria de “classe média”. E mesmo em bairros “perigosos”, principalmente aqueles nas franjas sul e sudoeste como La Boca, a “culpa” é dirigida aos imigrantes de países limítrofes, daí o bairro não ser desprestigiado porque é pobre, mas porque não haveria “argentinos” morando lá. Mas o resto da cidade seria composto por “bairros de classe média”, como Flores era descrita por dois professores locais de antropologia. Resolvi não recorrer mais à literatura teórica sobre distinções de grupos sociais

e, em vez disso, pedi ajuda aos motoristas de táxi e pessoas que alugavam quartos para poder vislumbrar essas sutilezas. Perguntei basicamente quais seriam os bairros mais classe média-média, alta e baixa e quais seriam os lugares melhores e piores para morar. Assim, numa cidade inicialmente homogênea no discurso comum começaram a aparecer distinções. Essas distinções tomavam proporções cariocas em que boa parte da zona sul portenha era descrita como sendo “pobre” e uma pessoa que morava na parte “boa” de Chacarita me dizia que Flores era “perigoso”. Naturalmente as opiniões dessas pessoas variavam de acordo com o local onde eles mesmos nasceram, foram criados e viviam.

Essa busca me ajudou também a desconstruir a ideia que tinha quando cheguei como turista, em Buenos Aires. Uma das coisas de que mais gostei era me sentir como “qualquer um”, pois no Rio minha aparência “europeia” chama mais a atenção. Por mais que eu estivesse sem dinheiro, morando num bairro mais “popular”, etc. minha aparência me denuncia como “de alto estrato”. Isso, no Rio, é tanto um privilégio como pode ser um ônus, dependendo da situação. Em Buenos Aires, também pode ser um privilégio - ao não parecer como peruana de estrato indígena - como um ônus - de ser qualquer um. O ponto nevrálgico para mim, no entanto, foi em Flores naquele sábado, devido à semelhança entre a estrutura social e física do bairro com o bairro do Brooklyn, de onde é meu pai. A memória me veio quase automaticamente, como um *flashback*, e, na mesma hora, esqueci 20 anos de vivência no Rio de Janeiro e me senti na pele de uma menina jovem visitando sua avó no Brooklyn. Por isso, achei esse momento de incômodo significativo para explicar a diferença entre Buenos Aires e Rio de Janeiro.

Entrei numa grande franquía de produtos de perfumaria e cosmético para comprar um xampu. Eu estava um pouco sonolenta e havia uma fila nos dois caixas - e fila é coisa que só gente de um local entende, seja qual for a cidade ou o país em questão. Uma moça de estatura pequena, como muitas argentinas, perguntou-me se eu havia chegado antes que ela e eu disse que não. Vi meu erro quando o marido a encontrou, junto com várias compras – ou seja, enquanto eu estava preparada para pagar um xampu em dinheiro mais ou menos trocado, eu teria que esperar umas sacolas que provavelmente seriam pagas com cartão. O homem, branco, mais pesado, com nariz grande e vestido igual a qualquer “suburbano” me parecia ser judeu. Quando a mulher o chamou pelo nome “Mordi” (Mordechai), minhas dúvidas sumiram.

Há uma comunidade judaica tradicional e grande em Flores, com sinagogas e escolas dessa comunidade. Buenos Aires, afinal, é o lar para a terceira população mundial depois de Israel e Nova Iorque, sendo que nessas condições, há judeus de todos os grupos sociais e

situações, espalhados por vários lugares, sendo quase um grupo de imigrantes (europeu) qualquer. Esses eram bem “suburbanos”. Bateu-me uma sensação estranha, desagradável até, e imediatamente me lembrei do bairro do meu pai, em Brooklyn, Nova Iorque. Como não nasci nem fui criada lá, quando visitava minha avó, sempre fui tomada por uma sensação de fascínio e medo, fascínio da cidade grande, das oportunidades e ofertas de cultura, consumo e conhecimento, e medo da sufocante mistura de pessoas, da sujeira, de tudo menos “limpinho e ordenado” do que o bairro afastado de uma cidade mediana na Flórida onde, de fato, vivi minha infância. Mordechai podia ser meu pai anos atrás, um judeu de qualquer “bairro desses” de Brooklyn, onde os sinais de pobreza (não que sejam bairros pobres, senão muito populosos) e o contato com “gente estranha” (convenientemente segregados na época da minha infância) abundaram.

A minha primeira pergunta a mim mesma foi porque eu teria sentido medo se Rio de Janeiro é mais perigosa, com ruas mais sujas, bairros mais feios, mais pobreza estatística e uma predominância de pessoas mais morenas? Moro com tranquilidade no Rio, não penso duas vezes antes de pegar um ônibus para um bairro suburbano ou até para a Baixada, onde tenho amigos e, depois de 20 anos, fiz as pazes com o fato de ter que encarar situações de pobreza extrema quase diariamente, até para poder viver minha vida em paz. Logo aprendi a distinguir a diferença entre pobreza e perigo (um assaltante potencial se revela como tal essencialmente pelo modo de agir e não pela aparência em si). Cheguei à conclusão do que o mal estar que senti em Flores era mais um medo de mistura, do jeito que a senti nos Estados Unidos, que, talvez como Buenos Aires, pretende ser uma sociedade de massa essencialmente europeia, menos hierarquizada socialmente do que no Rio de Janeiro (especialmente no discurso). A mistura, encontrada num bairro de classe média-baixa como Flores (ou Brooklyn), é um sinal de decadência - como os Catamarquenses descritos por Esteban Schmitt (2008, p. 34) no *Palermo Manifesto* - são um sinal da decadência do Caballito. Por outro lado, o status social de Flores é muito mais precário do que em Caballito. A questão é que ser “uma pessoa qualquer” em um bairro no mapa turístico é uma coisa, mas em um bairro como Flores, não tenho garantia de nada. Eu teria que assegurar certo prestígio social ao adotar hábitos e frequentar lugares que me demarcam como “classe média mais alta”. Afinal, o que é considerado “classe média” (no sentido de distinção cultural da maioria) no Rio já é muito segregado “das massas” enquanto “as massas” são a “classe média” em Buenos Aires. Por isso, eu tenho que criar outras formas de distinção e, observando fatores como moradia e estilo de vida.

Esteban Schmitt (2008, *passim*) novamente demonstra certo preconceito em relação ao Flores ao falar de tudo depois da Avenida Boyacá como “pobre”⁶³ e cujos habitantes tomam vinho de má qualidade e possuem estatuetas de São Jorge⁶⁴. Curiosamente, São Jorge é considerado como um patrimônio cultural do Rio de Janeiro onde esse santo popular rendeu um feriado local, apesar de não ser o padroeiro da cidade (e, sim, São Sebastião). Assim, cultura popular que serve para criar uma identidade nacional, como tango, é uma coisa, mas “cultura de pobre” – vinho de garrafão, estatuetas de São Jorge – é outra, isso, sim, desprezível por outros grupos sociais. Já no Rio de Janeiro, morar num subúrbio é estigmatizado no discurso enquanto tomar cerveja barata num botequim, ter uma estatueta (ou camisa, ou colar) de São Jorge e comer comida de panela (outra raridade em Buenos Aires) não. Mesmo assim, de modo geral, portenhos com quem falei não me recomendaram o bairro de Flores para morar, “não é bom lá”.

A região Norte e Noroeste

Essa região goza de mais prestígio em Buenos Aires como moradia. Nas primeiras décadas do século XX, em Buenos Aires desenvolveram os *bairros*, significando áreas residenciais afastadas do centro. Assim, nem sempre foram considerados como os melhores lugares para morar, mas hoje em dia o lado norte da cidade é cada vez mais valorizado. As zonas residenciais nobres na borda norte – La Recoleta, Barrio Norte e Retiro – sempre foram nobres, como parte do centro original de Buenos Aires (i. e., desde os fins do século XIX). Como esses bairros são convenientes ao centro, são muito procurados por estrangeiros e argentinos que chegam à cidade. Descobri isso, pois, em meados de agosto, percebi que minha situação dentro da casa chorizo era insustentável, pois os hábitos e horários dos jovens alunos de cinema eram o contrário dos meus, assim inviabilizando meu trabalho, fora do já mencionado problema de privacidade inerente a uma casa chorizo. Daí, eu comecei a procurar nova moradia. A pequena interrupção acabou sendo proveitosa do seu jeito. Há muitos anúncios para Barrio Norte, La Recoleta e Palermo. No caso de La Recoleta, muitos

⁶³ Sobre Buenos Aires, “A su favor, sólo el penthouse supervidriado que da a la ciudad en los folletos turísticos con planos aéreos, porque el resto de Buenos Aires es demasiado local, demasiado pobretón. Andá a sacar una foto de Nazca, de Boyacá. A ver quien viene a conocer.” (SCHMITT, 2008, p. 160 et seq.).

⁶⁴ “[...] los resentidos de Flores y Barracas van a abrir SUS botellas de Duc de Saint Remy para festejar el final de un mundo al que no saltaron a tiempo, le van a guiñar el ojo al cuadrado de San Jorge que tienen en la cocina y van a apagar la tele, le van a apagar, quién diría, y van a saltar sobre la cama, sobre los colchones liberados en las piezas, como si fuera la caminata lunar de la felicidad más grande del mundo. Así será el fin del mundo. Palermo cubierto de bosta y celebraciones en el postergado sur.” (Ibid., p. 176-177).

apartamentos ficavam em Barrio Norte e no caso de Palermo, os apartamentos podiam estar quase em Chacarita ou La Paternal, ao oeste de Chacarita. La Paternal, um bairro ainda com pouco comércio e com um estilo de vida mais familiar e pacato, definitivamente seria demasiado distante do centro da cidade para quem não tem carro. De qualquer modo, em um dia e meio, fui para Barrio Norte e La Recoleta e vi como são bairros cheios de edificios apertados, meio que saturados (típico também em bairros privilegiados, mas que desfrutam desse status desde o início do século XX). Vi um apartamento em Barrio Norte que não tinha janela para a rua, uma situação típica da região.

Os “novos” bairros que surgiram no início do século XX eram mais afastados. Desses bairros novos, a antiga cidade de Belgrano é o mais valorizado (já era quando não era Buenos Aires ainda). Colegiales hoje em dia é muito prestigiado, talvez pelo deslocamento da indústria de televisão e cinema para lá. Chacarita, mais conhecido internacionalmente pelo seu cemitério, já continua como um bairro mediano familiar, mas devido à proximidade de duas importantes produtoras de televisão e cinema⁶⁵ (além das áreas fisicamente mais próximas à Colegiales), o bairro já se torna “Colegiales” ou para algumas pessoas até “Palermo” (um jovem casal de bolsistas me disse que preferiam estar em Palermo, mas a bolsa dos dois dava para Chacarita). Villa Crespo, para onde foram judeus que não queriam permanecer em Once, além de outros grupos, é hoje vizinho dos Palermos e parte desse bairro também se tornou “Palermo”, mas a proximidade de Colegiales junto com a boa localização do bairro, auferiu-lhe mais prestígio, embora ainda haja um pouco de tudo na região. Villa Crespo e Chacarita também são conhecidos por bares de tango, mas isso é história. Os planejadores urbanos já haviam designado a zona sul para a memória social do tango.

Acabei visitando Colegiales por acaso. Procurei por produtos de comida orgânica, que não encontrei até a filha de uma amiga me falar de um galpão desativado, ao lado da estação de trem em Chacarita, onde todas as quartas-feiras e sábados são vendidos orgânicos. Fui para comprar ovos e acabei ganhando o que achei que seria um campo. Na verdade, a coincidência é até lógica, pois os grupos sociais que mais prezam esses produtos, e se dispõem a pagar por eles, são basicamente o tipo de setor médio que pesquisa (intelectualizados e “alternativos”). Como eu morava longe do local, cheguei aproximadamente às 12h no galpão e lá encontrei meu público, jovens de quase 30 anos com vestes “alternativas”, casais com cerca de 40 anos e outros um pouco mais velhos ou jovens comprando e comendo.

⁶⁵ *Polka e Ideas Del Sur* (do ator argentino Adrian Suar), que são produtoras nacionais onde muitos seriados e filmes nacionais são produzidos.

Depois de visitar a feira toda, comprar meus ovos, couve e falar com alguns vendedores, resolvi caminhar pelo bairro em direção a Colegiales, bairro mais elegante, assim conhecendo mais uma região da cidade. Para minha bela surpresa, passei em frente a um curioso café que fazia esquina com o museu da máquina fotográfica e o centro cultural. Percebi que Colegiales é um pólo de produtores de cinema, televisão e rádio. Como eram apenas 13h30min, presumi que as ruas algo silenciosas seriam típicas de um sábado, fora os colegas ecologicamente motivados da feira orgânica. Enquanto Palermo Soho, por exemplo, virou uma espécie de conglomeração de bares, restaurantes e boutiques, Colegiales é mais residencial e familiar, embora ambos lugares me parecessem mais “jovens” que os bairros descritos anteriormente. Por acaso, na semana seguinte, chegou uma amiga argentina do Rio de Janeiro e aquele sábado, saí com ela, sua irmã e duas amigas da irmã. As meninas me perguntaram da minha pesquisa e eu lhes respondi falando das minhas frustrações e descobertas. As duas amigas da irmã, uma das quais faz desenhos para livros infantis e a outra cenografias, responderam-me que moram em Colegiales. Todas elas têm minha idade. Quis me mudar para lá.

Entretanto, a euforia inicial da época da descoberta da feira orgânica não durou muito tempo. Poucas semanas depois de me instalar no novo bairro, vi-me novamente numa armadilha – não havia nenhum bar ou café onde pudesse encontrar os meus “nativos” numa base mais regular. Encontrei uma padaria-confeitaria-restaurante afrancesada que, sim, aparentava ter um público fixo com a presença dos donos (um casal aparentemente da região também). Isso durante o dia, porque o lugar fecha à noite (como a maioria dos estabelecimentos que não servem muita bebida alcoólica). Mas o café era tão yuppie⁶⁶ que não consegui imaginar fazer campo lá – não teria nada semelhante com meu campo no Rio. O mal estar diante da qualidade algo elitizado-yuppie do lugar não foi de todo gratuito. Todas as pessoas com quem falei foram categóricas em dizer que Colegiales é um bairro mais elitizado. As pessoas que eu identifiquei como idealmente sendo “meus nativos” morariam, então, nas franjas entre Colegiales, Chacarita e Villa Crespo. Na verdade, começou a ficar cada vez mais evidente que eu simplesmente não poderia comparar bairros de Rio de Janeiro com os de Buenos Aires, pois não há nenhuma compatibilidade assim entre as duas cidades.

⁶⁶ Yuppie quer dizer uma identidade muita estudada. A diferença de “alternativa”, em que o objetivo do “estudo” seria destoar algo do convencional, o yuppie cria uma identidade baseada em bom gosto e conhecimento de gastronomia e vestuário fino. Enquanto o novo rico chama muito a atenção pelo excesso, pois sua estética tem como referências o gosto de classe trabalhadora em ascensão, o yuppie estabelece, de fato, um padrão classe média alta e profissional, mas sem a sutileza e referência ao velho dinheiro velho, como é o caso, por exemplo, em Belgrano. Colegiales é um bairro mais yuppie.

Não consegui ficar em Colegiales, e sim perto, na fronteira com uma parte de Belgrano (Belgrano R) razoavelmente próximo, cerca de oito quarteirões de Federico Lacroze. Belgrano é um bairro ainda mais elitizado, mas não é considerado um lugar aceitável para uma pessoa mais intelectualizada entre as pessoas com quem falei, pois ali viveriam “novos ricos” (muitos dos edifícios são de recente construção) e o bairro seria “quadrado” (conservador).⁶⁷ Confesso que nunca demorei num café daquele bairro aqui, para fazer companhia, à tarde, com crianças uniformizadas saindo de escolas de língua inglesa, sendo levadas para casa com babás também uniformizadas. Na verdade, a antiga cidade bucólica, que foi incorporada à cidade junto com Flores, é de uma espécie de aristocracia antiga com trechos também muito militares (a escola militar, mais precisamente Escola Superior de Mecânica Armada⁶⁸, notória pelas torturas durante a ditadura, fica em Nuñez, logo ao norte de Belgrano). Trata-se de um lugar bem tranquilo para escrever uma tese de doutorado, pois nunca há barulho na rua, na verdade, o silêncio que o caminhante sente nas ruas é algo perturbador porque destoa completamente do burburinho mais comum da cidade, ou em qualquer cidade grande.

Belgrano saturou e seus vizinhos começaram a valorizar. Villa Urquiza (e Villa Ortuzar) ganhou com a fama de Belgrano e Urquiza, e é hoje o bairro familiar que mais cresce com novos edifícios surgindo a toda hora e já com protestos de moradores para quem “as imobiliárias teriam ido longe demais”. Mas hoje em dia é quase tão caro comprar por lá

⁶⁷ A banda de rock, dos anos 1980, Sumo faz um ótimo estereótipo de morador de Belgrano, numa música chamada “La Rubia Tarada” (A loira burra). Seguem as letras:

Caras conchetas [“patricinha”, segundo a gíria brasileira], miradas berretas
 y hombres encajados en fiorucci.
 oigo "dame" y "quiero" y "no te metas"
 "te gustó el nuevo bertolucci?".
 La rubia tarada, bronceada, aburrída,
 me dice "por qué te pelaste?"
 y yo "por el asco que dá tu sociedad.
 por el pelo de hoy cuánto gastaste?"
 Un pseudo punkito, con el acento finito
 quiere hacer el chico malo.
 tuerce la boca, se arregla el pelito,
 se toma un trago y vuelve a belgrano.
 Basta! me voy, rumbo a la puerta
 y después al boliche a la esquina
 a tomar una ginebra con gente despierta.
 esta si que es argentina!

⁶⁸ A Escola de Mecânica da Armada, anteriormente Escola Superior de Mecânica da Armada – ESMA – é uma unidade da Marinha da Argentina, destinada à formação de suboficiais especialistas em mecânica e engenharia de navegação. Tornou-se o maior e mais ativo dos centros clandestinos de detenção e tortura utilizados pela repressão argentina, por onde passaram mais de 5000 presos, posteriormente, desaparecidos. <http://pt.wikipedia.org/wiki/ESMA>.

como em Belgrano. Nuñez já tem quase o mesmo conforto e valor que Belgrano e é um bairro com muitos militares. Saavedra e Coghlan, os últimos bairros do extremo lado norte pegam as sobras dos vizinhos. Ao noroeste, a situação é um pouco distinta. La Paternal e Agronomia, apesar da universidade no segundo caso, mantêm seu status de “classe média baixa”, sendo que Villa del Parque e Villa Devoto seriam os bairros mais enobrecidos do lado noroeste (embora esses bairros grandes não sejam homogêneos). Um taxista me falou que as pessoas de nível mais mediano não moravam em Colegiales, mas em Villa Urquiza e Villa Del Parque. Na volta, passei um pouco em Villa Urquiza, Villa Ortuzar e Parque Chas que pareciam ser bairros pacatos sem uma oferta bem razoável de serviços (como em Belgrano ou Palermo).

Outro dia, fui para Villa Del Parque com uma jovem amiga carioca, nascida e criada nos subúrbios do Rio de Janeiro. Ela achou aquele “jeitão do subúrbio” (como ela nasceu lá, ela usa o termo “zona norte”), mas me disse que parecia Búzios, balneário nada popular afluente no litoral do estado do Rio de Janeiro. Ou seja, o estilo de vida era uma coisa, a qualidade da infraestrutura, outra (desconhecida em bairros suburbanos no Rio de Janeiro). Por minha parte, eu achei que o bairro também parecia “bairro”, no sentido do que quem não é de lá vai ter dificuldade de fazer amizades, pois todos já se conhecem (uma característica do subúrbio no Rio de Janeiro, mas não do centro ou da zona sul, que por esses motivos são os lugares preferidos no Rio de Janeiro por estrangeiros). Por outro lado, a qualidade dos serviços no bairro (confeitarias, sushi, boutiques, etc.), o preço dos imóveis e a aparência dos moradores pareciam mais como de zona sul, ou de um bairro mais abastado de Buenos Aires. O bairro inteiro, como em muitos bairros, especialmente os mais “medianos” não é todo igual, mas essa oferta de serviços e preços altos era significativa para mim. Outros bairros encravados nessa zona como Velez Sarsfield, Monte Cristo e Villa Real, são velhos bairros familiares com pouco comércio.

Novos novos-ricos: os 1980-1990 e a requalificação de bairros

Algumas regiões da cidade foram requalificadas, ou reformadas para permitir a entrada de grupos sociais mais altos, assim re-caracterizando a zona. Na região Sul, o bairro de San Telmo foi feito um “bairro das artes e design”, como também uma conglomeração de lazer noturna, e os móveis antigos sofreram uma valorização. Hoje em dia, com a expansão da

feira de domingo, a vinda de designers⁶⁹, mas principalmente turistas internacionais, San Telmo tende a englobar o vizinho Monserrat. Em La Boca, novamente, a reforma se resumiu a *El Caminito*, mas isso não valorizou o entorno. Basicamente, os turistas chegam e depois vão embora do bairro. Alguns edifícios foram construídos lá também para atrair moradores de grupos mais altos. O mesmo aconteceu na zona vizinha de Barracas. Igual a La Boca, as melhorias não abarcaram todo o bairro senão trechos (corredores culturais), valorizando o entorno. A região Sul é historicamente importante por ser o porto da chegada dos imigrantes europeus que hoje fazem o imaginário da “classe média” de Buenos Aires e, por extensão, Argentina. Assim, esses lugares foram “reconquistados” para não cair em esquecimento, tomados por moradores indesejáveis, como bolivianos, paraguaios e argentinos chegando do interior, da região não pampenha (mas do norte e do sul, com feições nitidamente mais indígenas). A região sudoeste, por outro lado, foi simplesmente deixado de lado.

A zona central da cidade é muito conveniente para condução e deslocamento para o microcentro bem como outras zonas de lazer. Ao requalificar uma região assim, uma cidade compacta e com uma população razoavelmente estável pode ser melhor aproveitada para moradia e lazer. Para manter a primazia do centro de Buenos Aires e manter uma cidade “de classe média”, a requalificação - bem como a remoção de *villas miserias* (Ratier, 1971, p. 86-88) - estimulando a ocupação de novos grupos em ascensão, como também foi o caso de Puerto Madero⁷⁰.

Assim, recentemente (início do século atual), o quase bairro de Abasto (como Once, tecnicamente faz parte de Balvanera) foi reformado para alojar um shopping no antigo lugar do Mercado Central de Buenos Aires (mantendo o formato exterior deste). Foram também

⁶⁹ Patricia Vargas estudou esses grupos e explica sobre sua localização em Buenos Aires, “[...] con el cambio de gestión del Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires, desapareció momentáneamente El Dorrego como Feria gratuita municipal (nota minha, El Dorrego se localizava entre Chacarita e Colegiales e hoje vende móveis e outros objetos usados) y como la parte de la política pública destinada a los diseñadores más usufructuada por los mismos, también el espacio social legitimado por los propios diseñadores se desplaza desde Palermo, que se constituyó como la zona de venta de indumentaria por excelencia – pero donde hoy *hay de todo* – hacia otras zonas de la ciudad donde se van dispersando locales de diseño en diferentes barrios percibidos como de clase media, donde a su vez viven y producen los propios diseñadores sus mercancías: *Hoy por hoy, prefiero San Telmo*, me asegura enfática una de las diseñadoras entrevistadas.” (VARGAS, 2009, p. 173-174).

⁷⁰ “El Abasto, precisamente, era considerado una zona “deprimida” de Buenos Aires, especialmente en relación con su proximidad al centro de la ciudad. Esta evaluación era compartida no sólo por las inmobiliarias, comerciantes y vecinos del Abasto, sino que además coincidía con el diagnóstico de los propios directivos de la empresa IRSA, a cargo de las megaobras de reciclaje del barrio. Ellos aseguraban que su éxito se debía al hecho de tener grabados a fuego los tres criterios básicos del negocio inmobiliario: “ubicación, ubicación y ubicación”. Con este lema, la empresa adquirió la mayoría de sus inmuebles, amén del Mercado de Abasto; lugares estratégicos de Buenos Aires que se podían comprar a buen precio, reciclar y volver a vender o alquilar; como sucedió en el caso de Puerto Madero, los silos de Dorrego, una serie de edificios del microcentro, etc.” (CARMAN, 2006, p. 86-87).

construídos um hotel e um condomínio caro. Como também o Abasto era, e continua sendo, uma zona de teatro alternativo, há vários restaurantes, bares e bodegas, além de centros culturais por lá, mas a zona não é considerada muito segura à noite (assim me disseram as pessoas que trabalham por lá).

Na zona norte, foi requalificada parte do antigo bairro de Palermo, também, como San Telmo, para privilegiar moda, design e produção de cinema⁷¹. Diferentemente do Abasto ou partes de La Boca e Barracas, não foram construídos grandes edifícios e o caráter idílico, algo pitoresco da região, foi mantido, criando a sensação de que o lugar poderia ser o bairro de qualquer um, mesmo do visitante (como em Santa Teresa no Rio). Também como San Telmo, Palermo Soho, Hollywood e Las Cañitas⁷² viraram uma zona de lazer noturna onde pessoas de outros lugares se deslocam para ir a bares e restaurantes à noite e feiras livres e boutiques durante o dia. As reformas tiveram um efeito em termos de valorização imobiliária sobre os vizinhos Villa Crespo e, eventualmente, partes de Chacarita.

Talvez por ser localizada no lado norte da cidade, “Os Palermos” é o “bairro” que mais cresce em Buenos Aires. Originalmente, Palermo tradicional, em volta da Avenida Las Heras e o Jardim Botânico já eram nobres e caros, sendo que a “Villa Freud”, onde se concentraram bares e consultórios de psicanálise já nos anos 1950, localiza-se nesse distrito. O bairro Palermo de Borges já era “barrio” como qualquer outro nos anos 1920 na zona norte (i. e., basicamente pacato e familiar, com pouco comércio), mas nos anos 1980, surgiram também Palermo Hollywood (cinema) e Palermo Soho (design e moda), hoje uma das regiões mais procuradas por turistas. Depois, Palermo prosseguiu para engolir espaço mais para o norte que virou Las Cañitas, uma zona de lazer noturno, altamente estilizado. Palermo

⁷¹ Vargas analisa o nascimento de Palermo Soho En “Un barrio a la carta. Un ensayo sobre estilos de vida y ciudad en un caso”, Mariano Oropeza [en Wortman, 2003] analiza precisamente el caso de Palermo Viejo como ejemplo para indagar estilos de vida y conexiones imaginarias con la ciudad, al recibir ya en el año 2000 el apodo del Soho porteño. Oropeza, a través de las entrevistas realizadas a Amadeo Pasa, organizador de los primeros festivales llamados *Buen Día* comenta que fueron el puntapié para una estetización urbana de la vida cotidiana, un estilo de vida ligado a un cierto poder adquisitivo en Palermo Viejo. Las ferias de diseño que primero se fueron instalando en los bares, alrededor de la llamada Plaza Serrano, punto central de referencia para los recorridos ligados al diseño en Palermo, devinieron en comercios fijos durante el día y bares durante la noche, pero proliferaron en todas las cuadras alrededor de la plaza como locales de diseño y en los últimos cinco años, como el espacio más exclusivo de las marcas internacionales para jóvenes, donde se pueden adquirir modelos únicamente comercializados en dicho espacio.” (VARGAS, 2009, p. 171-172).

⁷² “A las nuevas cartografías se van adicionando, también, nuevas denominaciones. Al igual que en Palermo, un boliche bailable de la zona imprimió las primeras publicidades que aluden al *Abasto Soho*, en alusión al prestigioso barrio neoyorkino. Recordemos que, para Palermo Viejo, ya se han asentado las denominaciones de *Palermo Soho* y *Palermo Hollywood*. Y Palermo es un espejo donde a los cultores de la belleza del Abasto les gusta mirarse. A la inversa, algunos emprendedores de Palermo Viejo se interesaron en la iniciativa de Cultura Abasto, y hay cierta intención de conformar una red similar en aquel barrio, inspirado en la experiencia del Abasto.” (CARMAN, 2006, p. 138-139).

claramente cresce em direção à Villa Crespo, onde há várias casas de moda. Alguns moradores locais me disseram, algo sarcasticamente, que Palermo ameaça engolir a cidade toda.

Os Grandes Bulevares

Como Buenos Aires é estruturada em formato de quadrado espanhol, diferentemente do Rio de Janeiro, possui Grandes Bulevares que atravessam a cidade toda, e que atravessam vários bairros. Boa parte dos cafês, cinemas e lojas conhecidas e procuradas na cidade estão localizadas nessas avenidas, bem como as linhas de metrô. Essas avenidas podem funcionar como centros comerciais dos bairros que atravessam, mas, além disso, constituem uma atração à parte e, nos fins de semana, costumam concentrar pessoas passeando, mesmo aqueles que não moram necessariamente perto dessas avenidas.

Corrientes, na linha B do metrô, começa no microcentro, praticamente no Rio de La Plata. O centro turístico de Buenos Aires é justamente Corrientes, entre 9 de Julio e Callao, onde há muitos cafês notables, cinemas, centros culturais e restaurantes. O trecho é algo decadente hoje em dia com um público nitidamente mais mediano para baixo (fora os turistas), mas ainda mantém seu charme. Depois de Callao, Corrientes começa a se tornar Once e, depois, o Abasto (em frente ao shopping), Almagro e Villa Crespo, terminando em Chacarita. A avenida toda é sempre relativamente tranquila e movimentada, sendo muito mais movimentada e menos limpa em Once e não especialmente bem cuidada em Chacarita, entre as duas linhas de trem (Dorrego e Lacroze). Depois de Chacarita, Corrientes vira Triunvirato, passando por Villa Ortuzar até Parque Chas e Villa Urquiza, com um clima muito mais residencial, já sem o mesmo movimento ou riqueza de comércio. Triunvirato termina na Avenida General Paz.

Santa Fé, da linha D do Metrô, é a mais elegante das avenidas, pois atravessa Barrio Norte e Palermo até chegar ao Cabildo, na altura de Colegiales, Belgrano, até a fronteira norte da cidade em Nuñez, terminando na Avenida General Paz. Santa Fé é especialmente conhecida pelas lojas de roupa e sapatos, mas não sobraram cafês históricos ou cinemas, embora haja muitos restaurantes, pizzarias e sorveterias (e cafês franquias), como seria de esperar de um grande bulevar. Avenida Cabildo tem um clima de “gente de passagem”, mas não apresenta nenhum problema de segurança e o consumidor encontra tudo o que procura por lá. É bem distinta, no entanto, (em termos de limpeza e barulho) dos bairros que a circundam, Belgrano, Colegiales e Nuñez, embora sejam esses moradores, além daqueles dos

arredores, que lotam essa avenida nos dias de domingo para “esticar as pernas” no fim do dia e tomar sorvete ou café.

Rivadavia, a maior das avenidas, é cheia de história, mas também a mais deteriorada das avenidas, passando por muitas zonas igualmente decadentes. Ela começa no Congresso, segue para Once, Almagro, Caballito, onde passa pelo Parque Rivadavia, depois seguindo para Flores, Floresta, Villa Luro e Liniers, no extremo oeste da cidade, atravessando a fronteira oeste na Avenida General Paz. A única parte cujas ruas são limpas e que possui um comércio mais requintado e edifícios bem conservados é no entorno do Parque Rivadavia em Caballito e seguindo depois entre Caballito e Flores. Quando chega perto da Avenida Nazca em Flores, não há comércio ou outras atrações que justificariam uma viagem de passeio casual. De qualquer modo, o metrô termina mais ou menos quando chega a Flores.

Por outro lado, para o estudioso de bares e cafés, há muito material ainda sobrando em Rivadavia. No Congresso, o velho Moinho já abandonado se esforça para mostrar o que sobrou da elegância e soberba que já possuía em outra época (já há um movimento para restaurá-la), assombrando o *flaneur* como uma espécie de palacete fantasma. Entre o Congresso e Once fica a caricatura do *Café de los Angelitos* (naturalmente ligado à história de tango, mas com uma trajetória cambiante ao longo das décadas seguintes, o que coloca em dúvida seu renascimento⁷³, que atualmente parece como um shopping center temático, que atrai gente de mais idade ou outros para quem a localização conveniente lhes faz uma opção interessante para comemorar um aniversário, por exemplo. No próximo quarteirão é o pitoresco bar, *La Bella Gamba*, também do início do século, mas hoje um ótimo pub estudantil com rock e self service de pratos e salgadinhos baratos. À noite sempre tem fila para entrar e o clima, com as aconchegantes paredes de madeira, meio escuro, é sempre sempre propício para um pouco de paquera. Na verdade, o bar virou um ‘autêntico bar e botequim’ (foi reformado para parecer mais característico, ou seja, com garrafas, madeira, quadros e cartazes antigos, etc.) uns poucos anos atrás, mas antes era uma espelunca para estudantes sem dinheiro com pernas de plástico (las gambas, em italiano) na vitrine. Antes disso, alguns moradores mais idosos me disseram que pequenos ladrões frequentavam o local (o que poderia ter atraído a atenção dos estudantes depois). Em Once, a antiga *La Perla*, era

⁷³ Un bar tan auténtico no lo reconstruye sino la literatura. *Auténtica imitación de cualidades imaginadas*. Se reconstruyó, en cambio, el Café de los Angelitos, agrupando signos en estado de pura y vibrante connotación, para indicar lo que nunca estuvo allí pero debió estar si el relato sobre Buenos Aires sigue la sugerencia del mito. La construcción temática del Café de los Angelitos, una invención urbana, pertenece a las artes de la escenografía, no de la restauración ni de la preservación. (...) Cuando se inauguró el nuevo café, los diarios de Buenos Aires coincidieron en señalar que se trataba de la recuperación de “un ícono de la cultura urbana”. (SARLO, 2009, p. 193).

um ponto de reunião de nascentes bandas de rock e antes de escritores, mas hoje é um café, bar e restaurante das massas, conveniente para a Praça Miserere de Once. Seguindo para Almagro, temos a grande e elegante confeitaria *Las Violetas*, que foi preservada pelos moradores do bairro e goza de filas imensas aos domingos à tarde, atraindo tanto casais de namorados e famílias locais como turistas argentinos e de fora. Em Caballito, em frente ao Parque Rivadavia, é *El Coleccionista*, bar antigo cujo nome faz referência aos objetos que são vendidos no parque e que atraía intelectualidade até os anos 90 quando foi reformada. Hoje há muito freguês beirando aos 60 anos. Há um ou outro café histórico em Flores também.

Há duas outras linhas de metrô que cruzam avenidas perpendiculares. O “E” basicamente cobre a Avenida San Juan, atravessando os bairros de Constitución, Monserrat, San Cristobal, Boedo, em direção à região Oeste. O “C” vai entre o terminal de trens (e por extensão a rodoviária internacional) do Retiro para o também terminal de trens (e rodoviária intermunicipal) de Constitución, descendo a grande Avenida 9 de Julio. Não é por nada que o “E” é o mais decaído dos metrôs portenhos – é velho com estações mal conservadas e... muitos passageiros de tez morena. Ele corta a região Sul até o Oeste. O “C”, da mesma forma é especialmente útil para quem vive fora do município e precisa chegar até uma estação de trem, daí usuários de feições indígenas e pele morena abundam, bem como policiais trocando de turno. O “D” (a Santa Fé), por outro lado, possui muitos carros com poltronas acolchoados e vagões mais modernos. Essa linha cruza a faculdade de Medicina, Barrio Norte, Palermo até Belgrano. É o mais “branco” dos metrôs. O “A”, que corta Rivadavia, é um clássico, sendo a mais antiga das linhas de um sistema que foi cavado no chão no início do Século XX. Os nostálgicos vagões são todos de madeira com luminárias penduradas e portas que devem ser abertas pelo próprio usuário. Pelos mesmos motivos, é a linha mais provável de deixar o usuário preso no meio do caminho enquanto aguarda manutenção técnica. O “B” ou Corrientes é moderno e, como o “A”, atrai um pouco de tudo, sendo que as zonas residenciais que atravessam, nos dois casos, são predominantemente médio-medianos. Todas as linhas estão em expansão atualmente e tendem a favorecer as franjas da cidade. A linha “H”, com poucos anos de vida, não corta nenhuma avenida específica, mas faz a ligação entre Once e Avenida Caseros, criando uma alternativa para quem mora para os lados de Parque Patricios.

Conclusões

Espero ter mostrado nesse breve e econômico passeio por Buenos Aires, uma cidade com um planejamento e mobilidade muito distinta do Rio de Janeiro, em que as zonas de extremo conforto e de pobreza são mais ou menos estáveis, mas em que o resto é mais movediço e sujeito a mudanças.

No geral, a história da cidade, o planejamento em quadrado, favorecido por fatores físicos e a estrita delimitação de fronteiras ajudou a criar uma cidade integrada em que a maioria dos seus moradores, seja de zonas mais abastadas ou mais simples, podem sentir que gozam das mesmas possibilidades e dos mesmos direitos. A delimitação de fronteiras, no caso a Avenida General Paz, significou, porém, o crescimento desordenado das cidades periféricas ao redor da cidade. Como estas não fazem parte do município, que é também a capital federal do país, e com autonomia administrativa, esses lugares têm que buscar seus recursos e soluções na província. No final das contas, a população mais pauperizada na cidade de Buenos Aires é essencialmente limitada às franjas do sudoeste da cidade. Há enclaves pobres em zonas mais nobres, mas estas não chegam a caracterizar o lugar onde se encontram.

IV. FAZENDO CAMPO NAS DUAS CIDADES

Parte I

Da casa ao escritório: o campo carioca e o campo portenho

Mas que é um autêntico bar e botequim?

Prefiro dar ao leitor não familiarizado com bares do Rio uma versão oficiosa dessa prática cultural tão corriqueira na cidade, o guia *Rio Botequim*, do ano 2000.

“O *Rio Botequim* chega à sua terceira edição já consagrado como um bom roteiro para quem quer curtir o lado mais carioca do Rio. No entanto, muito mais do que apenas indicar boas opções de lazer, o guia procurou, ao longo desses anos [o primeiro foi lançado em 1997, três anos antes], dar ao botequim o *status* de referência da cidade. Assim como Paris tem seus cafés e bistrôs, Londres seus pubs, e Munique, as famosas cervejarias; o Rio de Janeiro tem seus botequins. O conceito, muitas vezes subjetivo, do que seja o botequim aparece aqui em muitas versões, do pé-sujo ao bar fechado, do bunda-de-fora à choperia, do mais simples ao mais requintado. Mas todos eles guardam o espírito boêmio dessa cidade singular.” (PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, 2000, Apresentação).

Diferentemente dos *cafés notables* de Buenos Aires, a maioria dos bares indicados nessa guia começou a ganhar fama nos anos 1950-1970. Os mais antigos, dos anos 1930, (especialmente os austríacos como Bar Luiz e Bar Brasil) localizam-se no centro do Rio, onde se concentrava o lazer na cidade até depois da Segunda Guerra, quando a cultura dos cafés sumiu em favor do balcão sem cadeira e as pessoas começaram a procurar bares nos seus bairros. Parte da política da prefeitura e a comissão era também incluir bares localizados nos subúrbios do Rio de Janeiro, inclusive na zona oeste, para o livro representar todas as zonas da cidade.

A redação dessa guia é de Paulo Thiago de Mello que, posteriormente, fez sua dissertação de mestrado sobre a sociabilidade de bar num botequim de Botafogo, na qualidade de antropólogo (MELLO, 2003). A subjetividade do que seja um botequim é a referência que o autor faz ao polêmico entre principalmente os próprios colegas de Mello – outros jornalistas, mas também entre outros frequentadores como intelectuais universitários, estudantes, fotógrafos e artistas, etc. Esse polêmico é basicamente entre um grupo mais purista que diz que o autêntico botequim é mais simples e sem requintes (Janir Jr., jornalista

que também cito mais adiante é partidário dessa ideia) e outro, como o próprio Mello, que, quando conversou comigo, acha que hoje em dia a noção de botequim é mais flexível. Entro mais nesse assunto depois para falar sobre uma das idéias fundadoras de identidade cultural no Rio, o popular. Por ora, basta dizer que a Tasca de Edgar, onde fiz minha pesquisa, faz um bom meio-termo nessa discussão, não sendo nem muito requintado, mas também bem equipada para servir o tipo de cliente que atrai.

1. A Tasca do Edgar⁷⁴, meu segundo lar no Rio de Janeiro

A Tasca do Edgar, pequeno bar familiar, é localizada numa rua movimentada no coração da modesta diversão noturna no bairro pacato das Laranjeiras, Rua Alice. A localização é estratégica, bem no meio do bairro entre Cosme Velho e Largo do Machado, no meio da subida da Rua Alice, que sobe para Santa Teresa e Rua Mário Portela, uma rua que desce da Santa Teresa para a Rua das Laranjeiras. Isso é a primeira localização do bar, que tinha umas dez mesas e uma grande mesa coletiva atrás (que podia ser usada também por grupos separados caso não houvesse mais onde sentar). A decoração é bem do estilo “autêntico bar e botequim” com mesas de mármore e cadeiras de madeira, um altar para o santo (como Sr. Edgar é de origem portuguesa, o santo dele é Santo Antônio, padroeiro da sua terra natal e não São Jorge, mais ligado ao “popular” no Rio de Janeiro) e também para um copo de água, flores, garrafas de bebida e uma vela, um sincretismo muito característico do Rio de Janeiro. Há também uma camisa do clube futebolístico Fluminense, cuja sede é no bairro de Laranjeiras, mas isso não inibe torcedores de outras equipes que até entram no bar com as respectivas camisas nas noites que seus times forem jogar. O bar, cozinha e banheiro eram minúsculos. Em compensação, a localização na esquina permitia a permanência de fregueses em três pontos diferentes do lado de fora e havia uma marquise para cobrir tudo em caso de chuva. Em maio de 2009, Seu Edgar vendeu sua parte de uma sociedade entrou em outra sociedade para restabelecer a Tasca na Rua Alice, onde ficava o então fechado bar antes

⁷⁴ Manteve os verdadeiros nomes do bar onde fiz pesquisa no Rio, do dono do bar e do garçom chefe. Além de serem conhecidos publicamente, tanto Seu Edgar como Chico desejavam esse tipo de publicidade, o que, para mim, é algo que posso oferecer a eles em troca da sua ajuda e generosidade. Acho que, nesse sentido, valeu a pena incorrer os riscos de não seguir a convenção acadêmica de trocar todos os nomes. Em Buenos Aires, mantive apenas o verdadeiro nome da franquía onde trabalhei que é mundialmente conhecido. Troquei todos os nomes dos fregueses, tanto no Rio de Janeiro como em Buenos Aires, bem como nomes de amigos e conhecidos meus, para preservar a privacidade dos mesmos e não prejudicar minha pesquisa. Também troquei todos os nomes dos funcionários do café em Buenos Aires que deixaram claro que não queriam nenhum tipo de publicidade.

comandado por sua filha, o Xodó, que permaneceu dois anos ali. A capacidade para sentar fregueses dentro e fora, pois a nova Tasca agora só tem uma parede que dá para a rua, foi ligeiramente reduzida, mas há mais espaço para a cozinha e para os banheiros. A decoração permanece a mesma.



Foto 1: O ex-“Xodó da Alice” e atual “Tasca do Edgar”, na Rua Alice

A Tasca não é o único bar no entorno da Rua Alice, no entanto. O quarteirão, abrangendo a Rua das Laranjeiras entre Ruas Leite Leal e a Rua Alice, também incluindo o início da subida da Rua Alice, ficou conhecido como “Baixo Alice” e concentra boa parte da diversão noturna de Laranjeiras (e Cosme Velho). Até a abertura da Tasca, em 2003, o único bar de referência nessa região era Serafim, que merece menção, pois teve uma trajetória parecida com outros comerciantes portugueses da região. Essa trajetória também demonstra os acasos das mudanças dos tempos e de fregueses novos que são capazes de mudar o perfil de um lugar. O depoimento vem de Professor Bento, um dos fregueses mais antigos da Tasca, cuja família habita Rua Alice desde 1930, também descendentes de portugueses.

Serafim era um padreiro nascido e criado na Rua Alice, mas até 1944, o bar que é hoje Serafim se chamava Café e bar Lourdes, propriedade de outro português. Serafim comprou o bar e lhe outorgou seu nome. Continuava como um pacato bar de bairro até os anos 1970, quando, seguindo a onda do bar ser apropriado por outro público como “cultura de bar”, ganhou fama entre jornalistas, artistas, intelectuais e o bar passou a ser procurado por pessoas

de outros bairros também. Seu Serafim morreu em 1995 e os funcionários passaram a tomar conta do bar, que foi dirigido pelo sócio, Juca⁷⁵.

Quem não conheceu esses indivíduos até essa data (ou vai com alguém que lhes conheceu) geralmente não se sente muito bem no bar, em termos de receber uma atenção calorosa dos garçons. Muitos frequentadores ainda da época que o Serafim era o dono. Alguns destes, como o próprio Professor Bento, frequentam a Tasca também, intercalando entre os dois bares vizinhos com tranquilidade. Mas sendo um bar tradicional, Serafim acaba não atraindo frequentadores que são mais habituais na Tasca como mulheres, especialmente desacompanhadas, gays e outros. Muitos dos fregueses homens, geralmente com mais de 50 anos, costumam olhar para dentro da Tasca para conferir as mulheres, e senti que minha presença era bastante notada (talvez em função do meu papel dentro do bar), mas outras mulheres – especialmente jovens – me falaram o mesmo. Os mesmos homens fazem uma espécie de “corredor polonês” na calçada e, eventualmente, quando o bar estava muito cheio, eu optava para descer até a Rua das Laranjeiras pela rua mesmo. Outros fregueses da Tasca também me relataram certo incômodo no Serafim, como Dina, uma das freguesas “desquitadas” (veja mais adiante) da Tasca e um senhor de Cosme Velho que costuma ir sozinho para vários bares da cidade para se embriagar. Nesse sentido, a Tasca se tornou um bom bar alternativo para quem gosta do ambiente de bar, mas não se sente bem em bar tradicional.

Assim, quando a Tasca abriu, a configuração do entorno mudou, pois o novo bar atraiu um tipo de perfil distinto do Serafim, com maior presença de mulheres, inclusive mulheres que vinham sozinhas, funcionários de ONGs e casais de gays e lésbicas, além do público mais habitual de bar (masculino e heterossexual). É nesse sentido que, apesar do ambiente tradicional de bar carioca, A Tasca conseguiu inovar no sentido de atrair um público mais contemporâneo que gosta de bar. O novo bar começou a movimentar o bairro de Laranjeiras. Seu Edgar ajudou a patrocinar o bloco carnavalesco “Volta Alice”, em referência à Rua Alice. Dentro de 2, 3 anos, o bloco começou a atrair tanto público que no ano de 2009, propositalmente foi publicado na mídia um horário de saída errado (a saída do bloco foi anunciada para as 15 horas, mas saiu às 10 horas da manhã). O bloco sobe Rua Alice em direção a Santa Teresa, até a Casa Rosa, para voltar para a Rua das Laranjeiras depois,

⁷⁵ Juca, também imigrante português, começou a carreira dele como sapateiro. Diferentemente dos outros casos de portugueses apresentados aqui, no entanto, ele não só abriu um bar como vários, em Laranjeiras, Flamengo e Lapa, fazendo da sua própria pessoa, com seu bigode comprido, e o estereótipo de “típico bar português”, uma espécie de grife. Porém, sua saúde deteriorou e ao falecer, sua família tinha tantas dívidas com os gastos médicos que tiveram que vender parte desses bens.

descendo Mário Portela. Uma freguesa fixa é a rainha da bateria do bloco (ela também frequenta Serafim).

Há mais dois restaurantes e uma lanchonete na subida de Alice para Santa Teresa, daí caracterizando a rua como uma “baixa”. Subindo mais a rua é a Casa Rosa, que atrai jovens para samba e para dançar. Antes, a casa era um bordel famoso, o que dá o charme à boate. Perto do bar, na Rua das Laranjeiras, abriu uma pizzaria e boate, o Hideaway, um quarteirão antes da Alice. A boate atrai jovens que podem “esquentar” no bar antes de seguir para a boate. O boteco simples na esquina de Leite Leal com a Rua das Laranjeiras, o Sonho Lindo, foi reformado e começou a atrair jovens querendo tomar uma “saideira” barata no fim da noite (mas no geral, o perfil do bar é nitidamente mais simples). Em 2009, também, Juca abriu outro estabelecimento na Rua das Laranjeiras, A Toca do Juca, mas que tem mais perfil de restaurante – é maior e com mesas maiores que são mais separadas.

A Tasca de Edgar abriu suas portas em 2003, onde durante muitos anos havia o Bar Aliança (em referência à velha fábrica têxtil), um boteco operário eventualmente usado por outros moradores do bairro. Eu tinha recém me mudado para Laranjeiras e uma bela noite eu vi o novo bar que, pelo jeito, fez um sucesso imediato. Inclusive, lá vi professores meus conhecidos (mas não nos anos seguintes). O ambiente era simples, limpo, com as características de uma adega portuguesa, típico no Rio de Janeiro – bacalhau pendurado junto com as garrafas e as frutas para fazer suco e caipirinha, além de um grande espelho atrás – e não podia ter mudado mais em relação ao ambiente algo da Aliança, que vendia cachaça barata e cuja aparência física, de boteco, muito vazio, não estimulava outro tipo de público senão operário. Qual seria o motivo para o sucesso tão repentino do bar?

O sucesso de um bar é sempre uma conjunção de fatores como localização, uma demanda no local, o estilo do local e as capacidades dos sócios. Na Lapa ou outra *mancha* de lazer noturna é mais fácil um bar simplesmente aproveitar o ambiente, mas num bairro como Laranjeiras o sócio-proprietário, seu conhecimento do bairro e seus conhecimentos no bairro influenciam muito mais. No caso da Tasca, vale a pena falar sobre o sócio⁷⁶ mais visível do bar, Seu Edgar.

⁷⁶ Os donos de bares costumam trabalhar em rede, formando sociedades com geralmente mais duas pessoas para garantir a viabilidade financeira do bar (como também o investimento em outros empreendimentos). No caso da Tasca, são atualmente três sócios que incluem Seu Edgar, seu sobrinho e um amigo português.



Foto 2: Seu Edgar, na Tasca da Rua Alice

Seu Edgar tem quase 80 anos. Como muitos portugueses que chegaram ao Rio e começaram suas carreiras em ramos de atividade muito humildes, a compra do bar foi o coroamento de uma longa carreira, na qual ele acumulou clientes e conhecidos suficientes numa região da cidade para garantir o sucesso do estabelecimento. Seu Edgar nasceu no Andaraí, bairro da zona norte entre Grajaú e Tijuca, onde havia outra fábrica têxtil, onde ele trabalhou e morou numa vila operária ali perto. Jovem, foi para Laranjeiras onde seu primeiro grande investimento foi um salão de beleza e ele mesmo era cabeleireiro. O negócio durou 20 anos e foi esse empreendimento que fez a fama do empreendedor. Durante os 20 anos do cabeleireiro, Seu Edgar atendeu muitas mulheres mais abastadas, inclusive do Cosme Velho, de famílias que viviam nas mansões nos morros atrás. Quando eu converso com moradores mais antigos de Laranjeiras, é difícil alguém não conhecer Seu Edgar, inclusive dizem que ele “é uma lenda no bairro” (moradora de quase 60 anos, nascida e criada em Laranjeiras) “sabia ouvir” as mulheres. Daí, o velho português ganhou uma clientela muito ampla e fiel.

O empreendimento seguinte foi uma loja de automecânica, também em Laranjeiras, que ele manteve por muito menos tempo. Depois, comprou o Ponto 13 na Rua das Laranjeiras, uma pizzaria que depois virou as Varandas Gourmet. Nessa época, ex-clientes do salão, de acordo com depoimentos que ouvi dentro da Tasca, muitas das quais separadas dos seus maridos, começaram a frequentar o restaurante, sozinhas, para tomar uma cerveja e conversar com Seu Edgar, que dificilmente não estava presente no bar, e ele gosta de conversar com todos os seus clientes. Daí a Tasca ganhou a fama no bairro de ser o “paraíso das desquitadas” (antes do divórcio ser legalizado no país eram assim que se referia a pessoas que se separavam dos seus cônjuges). Mas vou falar mais sobre isso depois.

Então, para Seu Edgar, a abertura da Tasca foi num momento de consolidação dessa trajetória no sentido do que depois de anos de empreendimentos no bairro das Laranjeiras, ele podia abrir um bar capaz de atrair fregueses apenas por causa do bom nome de um dos seus donos. Mas não apenas Seu Edgar, nem as freguesas, nem as carências de lazer do bairro explicam sozinhos esse sucesso. A ligação com o bairro que compreende os moradores acaba abrangendo todo um comércio de sociabilidade da região também – há vários bares em Flamengo, Largo do Machado e Laranjeiras (mas não tanto em Cosme Velho), mas muito menos donos de bar, pois uma rede de poucos comerciantes de origem portuguesa é bem ativa na região, embora haja também donos galegos (outro grupo imigrante comum no ramo) também, como é o caso do Bar Picote, no Flamengo. Estes costumam juntar com um ou outro conhecido para formar uma sociedade, sendo o grupo proprietário do bar. Essa forma de cooperação facilita melhorias no local como também a expansão dos negócios, que seria bem mais difícil, caso uma pessoa apenas tivesse que financiar tudo. Um dos sócios do Seu Edgar veio de Andaraí juntamente com ele, o outro era Juca. Dificilmente uma pessoa apenas, especialmente de origem mais humilde, teria capital e conhecimento suficiente para abrir e manter um negócio sem a ajuda de outros.

Além disso, muitos garçons que começam a trabalhar em um bar ou restaurante dessa rede têm seu emprego garantido, pois podem passar depois, no caso de falência ou desgosto, para outro estabelecimento do mesmo dono ou de um dos seus sócios. Assim, o relacionamento com o patrão facilita a relação com todo um grupo de donos, seus negócios e sua rede. É o que aconteceu com Chico, garçom-chefe da Tasca. A Tasca só tem seis anos, mas Chico trabalha para Edgar ou um dos seus sócios há 20. Ele mora em Caju, na região portuária, mas sempre trabalhou na “praça”. Ele começou na Adega Portugália no Largo do Machado, e de lá foi para o Garoto do Flamengo, seguindo para um boteco da Rua Cardoso Jr., em Laranjeiras, que faliu, seguindo então para Ponto 31, que tem Edgar como um dos sócios. Quando Seu Edgar abriu a Tasca, Chico seguiu atrás, já (como no caso do próprio Edgar) levando vários clientes juntos. Assim, Chico é um garçom muito querido na área, capaz tanto de atrair fregueses como também levar muita gente embora com ele.



Foto 3: Chico, o garçom-chefe da Tasca, e Antônio, ao fundo

Vemos então que há uma grande circulação de serviços e pessoas no bairro. No caso de Laranjeiras, ainda há outros fatores que contribuem para esse sucesso, pois promover o bar na mídia é fácil, já que muitos jornalistas, com o “discurso nacionalista do autêntico botequim” moram lá, como, por exemplo, o blogueiro d jornal O Dia, Janir Jr., nascido e criado em Laranjeiras e cuja família era amiga do Juca⁷⁷. Para não mencionar que os relacionamentos com os próprios fregueses levam até outras redes de trocas de favores, como, por exemplo, um amigo do Seu Edgar que era dono de um estabelecimento em Cosme Velho

⁷⁷ **Quinta-feira, 26 Março, 2009 (O Dia, postado pelo Janir Jr. no seu blog) Botequins mais tristes: morre Juca**

Na noite desta quinta-feira, Juca Ribeiro deixou os botequins mais tristes. Aos 69 anos, o português que há tempos travava uma luta com sua saúde não resistiu e foi brindar no céu. Sentimentos a mulher e as duas filhas. Conheci o Juca ainda criança. Troquei o Mineirinho (refrigerante “autêntico nacional” produzido no Rio de Janeiro, marcando a passagem do autor para a idade adulta – NA) pelo chope e do português virei amigo, com generosas rodadas de chope, muito papo furado e causos, presunto parma, carteados domingo pela manhã, brincadeiras sobre o Vasco, seu time de coração. Meu filho nasceu e com isso Juca conheceu outra geração da família. João Pedro cansou de ganhar bombom e carinho do bom português. Na última viagem a Portugal, ele trouxe um pião legítimo para o moleque, que chegou a batizar um passarinho com o nome de Juca. E pensar que para montar a rede que já teve sete botequins, Juca contou com a sorte, pelo menos era o que ele contava. Trabalhando como sapateiro, Juca foi consertar um sapato e, ao retirar a sola, garantia ele: achou US\$ 5 mil, entrou em sociedade com o falecido Serafim, que originou o nome do bar, e escreveu sua história nos botequins do Rio. Seu bigodão virou marca registrada, Juca fez comerciais e outras participações na TV e não cansava de elogiar a beleza de Maitê Proença. Com certeza, o balcão do Serafa (o bar Serafim – NA) perde uma grande figura, com um grande bigode e o coração maior ainda.

com problemas de ordem burocrática, que apelou ao Edgar, pois este tem contatos com políticos e outros funcionários para facilitar trâmites. O amigo frequenta o bar do Seu Edgar.

Circulação

No bar há muitas intersecções de trajetos e circuitos. Chico, o garçom-chefe, gosta de falar sobre quem é “do bairro” (Laranjeiras), mas ele se refere a uma região mais ampla, pois muitos fregueses fixos vêm de Catete e Santa Teresa e, eventualmente, de pontos mais distantes, além dos funcionários do hospital (e outras empresas) que apenas trabalham na região. Eu era uma “moça de outro bairro” porque naquele tempo eu morava num lugar fora desse circuito e não trabalhava por perto. Mas ele fazia questão de dizer que eu era bem-vinda ali, apesar de não ser da área.

Há outros circuitos importantes como o dos sócios portugueses. Aqui o importante é uma espécie de comunidade de comerciantes e seus contatos, mesmo quando estes variam de ramo comercial e lugar de moradia. Por isso, garçons como Chico acabam sendo mais conhecidos nos seus trajetos profissionais do que onde efetivamente moram. Chico jamais fica sem trabalho na região de Laranjeiras e Flamengo nem sua família sem recursos.

Outro circuito mais restrito é de pessoas que moram na Rua Alice, onde fica o bar, ou no entorno imediato como aquela esquina da Rua das Laranjeiras ou Mário Portela. Estas frequentam o espaço do bar porque é fisicamente conveniente, além de qualquer outro tipo de identificação. Algumas dessas pessoas, como Professor Bento, por exemplo, já com mais de 60 anos, fala do Serafim como “um bar das famílias daqui da Rua Alice” e se orgulha de conhecer sobre a “história dessa rua” onde ele nasceu e foi criado. Há circuitos mais “ideológicos”, no sentido de criar uma simpatia pelo ambiente do local e seu entorno. Professores que moram em laranjeiras e reúnem com seus alunos no bar. Por causa dessas reuniões, o bar pode virar ponto de encontro desses alunos (sem a presença de professores) e posteriormente, seus amigos e namorados, por exemplo.

Um circuito também pode compreender localidades dentro do bairro. Já identifiquei o mesmo freguês na locadora de dvd-café-livraria da Rua das Laranjeiras (estava sozinho lendo algo, talvez esperando alguém) e no bar com uma amiga. Como tenho amigos no bairro e já morei nele lá, entendo que essas pessoas também frequentam as Casas Casadas (que virou centro cultural), a Casa Rosa e talvez o Sonho Lindo no fim da noite. Ainda há vários fregueses que já tomavam suas cervejas no Serafim e continuam a frequentar o bar vizinho.

Ainda não esquecemos a questão de infraestrutura, serviços e comércio, pois bairros grandes como Copacabana e Botafogo, em zona sul, Tijuca, em na zona norte e talvez Madureira, nos subúrbios, são razoavelmente autônomos. Assim mesmo, moradores desses lugares provavelmente frequentam bares e restaurantes fora do bairro também. No entanto, muitos bairros formam uma região socialmente contígua como Laranjeiras, Flamengo, Catete, Cosme Velho e a parte da Santa Tereza que desce por Mário Portela, pois a oferta de comércio e lazer não cobre necessariamente as necessidades dos moradores de nenhum desses bairros individualmente. Nas franjas, há outros arranjos possíveis. Então, quem vive em Cosme Velho pode ter mais ligação com Humaitá, especialmente se tiver carro, bem como quem mora em Flamengo, mais perto de Botafogo, pode ir mais para lá.

Minha apresentação em campo

No início de março, em 2009, numa noite de quarta feira, entrei na Tasca do Edgar e fui direto até o dono para dizer o que eu pretendia fazer no bar dele. A verdade é que já conhecia o bar da época que eu morava em Laranjeiras, durante mais ou menos dois anos, mas isso já fazia algum tempo (quatro anos desde a última vez que eu apareci por lá). Seu Edgar já tem quase 80 anos, então, o mais provável era que ele não teria nenhum motivo para se lembrar de mim. Já Chico, o garçom-chefe, talvez sim, mas nunca fiz questão de averiguar. Disse para Seu Edgar que sou pesquisadora, antropóloga, e que meu trabalho se tratava de sociabilidade entre classes médias. Ao menos, ele entendeu que estou escrevendo “um livro” sobre o bar dele. Tomei dois chopes pequenos e um caldo de feijão e fiz algumas anotações. Quando resolvi ir embora, fiz questão de *não* perguntar o valor do meu consumo, como gesto de confiança, e simplesmente entreguei uma nota de 20 reais (mais do que o suficiente para cobrir meu consumo) para Chico. Chico olhou para Seu Edgar, que fez um sinal para ele e então me disse que eu não devia nada. Assim, fiquei por conta da casa.

Por um lado, eu estava escrevendo um “livro” sobre o bar, mas também assim criei um vínculo com “a casa”. Também eu creio que a gentileza tem outro motivo, que é de eliminar as possibilidades de “criar confusão” pelo fato de eu ser uma mulher sozinha no bar. Parte do diferencial do bar do Seu Edgar é em relação às mulheres – como “a casa” já está cuidando de mim, outros fregueses não podem oferecer a pagar minha conta, ou seja, o perigo de assédio à pesquisadora fica assim neutralizado (ou, pelo menos, reduzido). Aprendi isso uma noite justamente quando um freguês, com quem conversava na sua mesa, tentou fazer isto.

Por outro lado, por causa da mesma gentileza me senti obrigada a limitar meu estilo de consumação no bar. Nunca pedi carne, peixe nem frango, por exemplo, já que estes produtos são cortados e embalados em porções individuais. O mesmo vale para frutas. Além disso, nunca vi o dono jantar nada sofisticado (a não ser quando a mulher dele ou outros membros da sua família apareciam no bar para jantar com ele), sempre caldos e empadas. Então, parecia-me melhor seguir seus passos. Por outro lado, liberaram-me o chope e senti quase sempre pressionada para tomar pelo menos “unzinho”. No inverno, uma vez ou outra, pedi uma cachaça “para esquentar” e isso não foi problema. Inclusive, ele me deixou escolher a marca que queria e até me recomendava umas que eu não conhecia. A bebida mais forte fez Chico e Professor Bento brincarem comigo a respeito. Acho que seria pior, no entanto, se não bebesse nada alcoólico e comecei a achar difícil não o fazer. Depois de três garotinhos (chope pequeno no Rio), Chico começava a se preocupar com o fato de se eu trabalharia direito, a não ser que eu estivesse com uma amiga em que seria mais compreensível beber um pouco mais. Também pedi água e mate (um refresco mais típico da região do Rio de Janeiro, vendido em copos de 300 ml) e imagino que não seria nada demais ter pedido refrigerante também se quisesse. Tomei quase sempre um caldo e eventualmente comia umas empadas ou pastéis. Senti, novamente, que seria pior eu não comer nada, até porque a apreciação dos petiscos do bar poderia sair no meu “livro” ou, simplesmente, porque recusar comida onde o sujeito é convidado não fica bem. Ao aparecer algum amigo meu no bar, o amigo pedia sua conta ao sair. Uma vez, dividi um prato com duas amigas e dividimos a conta. Deixei claro para Seu Edgar que eu queria fazê-lo, pois assim me sentiria mais à vontade para pedir algo mais elaborado e, no fim, dividimos um risoto de siri. Depois que elas saíram, voltei para o outro esquema (por conta do bar).

Apesar do “esquema”, aprendi rapidamente que isso não se aplicava aos garçons, para quem dava uma gorjeta generosa sempre que aparecia no bar. Senti uma pressão psicológica, no sentido do que – especialmente Chico – me olhava com certo desdém, atendia-me de má vontade e não me cumprimentava além do meramente cordial. Levou pouco tempo para seus gestos e olhares terem o efeito desejado e nunca mais deixei de dar uma boa gorjeta, tanto para ele, como para o segundo garçom (que já mudou um par de vezes desde que comecei) toda vez que aparecia no bar. Em Buenos Aires, isso não seria um problema, mas no Rio de Janeiro, frequentar um bar com regularidade geralmente implica estabelecer um relacionamento de gentileza com um ou mais garçons. Se o garçom quase sempre mais idoso (em relação aos outros), for o favorito do lugar, uma prática comum no Rio de Janeiro - o garçom-estrela – aí será preciso dar uma gorjeta polpuda para garantir seu atendimento.

Parece-me que o conceito de garçom-estrela também existe em Buenos Aires, especialmente nos cafés do microcentro, mas as únicas notícias materiais que tenho desse fenômeno nas terras portenhas provêm de jornais que sempre se referem a épocas anteriores. Não há nenhuma menção a garçons no livro *Cafés de Buenos Aires* (2003), enquanto no *Rio Botequim* (até 2000) há uma eleição popular para melhor garçom de botequim (são eleitos 10 representantes). Ainda nas redes sociais como Orkut, por exemplo, é comum colocar a foto do garçom preferido na página sobre o bar, o caso do Chico na Tasca. Os fãs de cafés portenhos tradicionais, ou de marcas de café e produtos (como Havanna) em cujas lojas tomam café, desfrutam de páginas em redes sociais também, mas sem menção aos garçons ou ao dono.

Detenho-me um pouco mais sobre os garçons, para realçar outro aspecto sintomático da estrutura social da cidade do Rio de Janeiro. Indiquei agora uma espécie de sistema de privilégios que surgem de uma relação entre o freguês e um garçom. O freguês estabelece, através da frequência a um bar com qualquer tipo de regularidade e desenvolver um padrão de pedido, uma relação com um garçom que passa a reconhecer os gostos e hábitos dele. A preferência pelo garçom e reconhecimento pelo bom atendimento é sinalizado com uma boa gorjeta e a confiança (isso quer dizer não conferir a conta). Em compensação, o freguês desfruta de uma comida mais caprichada e informações mais precisas sobre a qualidade de petiscos na vitrine (se o pastel acaba de sair do óleo ou já está mais do que uma hora esperando uma vítima). Se há muito consumo, especialmente de cerveja, e o freguês é (re)conhecido, ele (e sua mesa) pode receber uma saideira gratuita, geralmente um chope pequeno (conhecido como garotinho). Depois que eu passei a deixar uma boa gorjeta, todas as noites que eu fazia campo, reparei que consegui mais informações não sobre comida, mas também sobre outros fregueses, além dos garçons se abrirem comigo sobre suas próprias vidas e carreiras. Eventualmente, Chico passava tirar um chope já quente da minha mesa para substituí-lo por um novo chope gelado.

Esse desenrolar das coisas me leva à ambígua e aparente quebra de hierarquia no bar entre cliente e funcionário. Já vi cliente mostrar fotos a Chico e vice-versa. Uma noite vi que ele estava com fotos e pedi para vê-las. Eram dos filhos, fiz mil perguntas e vi que ele ficou feliz. Já tiramos fotos juntos. Também já o vi comer junto com freguês, comprar cigarro para freguês (o bar faz questão de não vender cigarro, mas até as novas leis anti-fumo o uso era permitido e corriqueiro no bar). Mas como toda aparente quebra de hierarquia, as relações não chegam à amizade que pressupõe mais igualdade. No meio das gentilezas e amabilidade até sincera, há no meio os interesses profissionais e afetivos de se sentir bem acomodado e reconhecido no bar, no caso do freguês, e bem compensado e respeitado, no caso do garçom.

E todo mundo paga seu preço para conseguir aquilo que almeja. Um exemplo disso é o caso dos crachás dos garçons, que foram fornecidos por um freguês, Santos. Chico queria colocar seu sobrenome no crachá, mais respeitoso, mas Santos insistiu no apelido popular pelo qual o garçom é de fato conhecido, Chiquinho. O freguês ganhou a disputa, já que era ele que mandou fabricar os crachás. Chico compra cigarros para agradar aos clientes, mas pessoalmente os odeia e tem tanto medo de consultar um médico sobre o estado dos seus pulmões depois de tantos anos de ingerir fumaça dos seus clientes que até hoje nunca foi ao médico. Uma das primeiras freguesas dele, que lhe seguiu desde outro estabelecimento é homossexual. Chico lhe trata bem, mas não gosta quando eles ou elas sejam indiscretos. Ele tem pavor à cachaça como também ter que servir carne para fregueses na Sexta-feira da Paixão, quando os católicos, como ele, fazem abstenção do alimento. Por outro lado, o freguês que tenha mais intimidade com o garçom é também mais sujeito a suas censuras e a outras maneiras de consideração à sua pessoa. Sabendo que ele não gosta de cigarro, levei o meu e dos amigos para fora do bar (obrigatório hoje em dia de qualquer maneira). Ainda, se o freguês nunca pedir bebidas e comidas mais caros, ou consumir muita quantidade (até de cerveja), deixa de dar boas gorjetas ou de frequentar o espaço com qualquer regularidade, a relação pode ser rebaixada⁷⁸.

Ainda, a fama e influência moral do garçom em bares como a Tasca não traduzem em riquezas materiais. Muitos garçons de bar moram em bairros afastados da periferia da cidade ou em favelas, para onde voltam tarde, à noite, quando há poucos ônibus circulando. Mas um garçom carismático ganha em favores e trocas como emprego para a mulher com um cliente de confiança, uma escola pública melhor para a filha, embora haja casos de garçons comprarem bares dos seus donos (depois de muitos anos de serviço). Assim, a gorjeta para esse tipo de garçom - de bar - é tão importante quanto seu salário. Mais um motivo, até porque eu mesma já trabalhei como garçonete (nos Estados Unidos), para fazer minha contribuição nesse sentido.

Entendendo melhor essas relações práticas e características nessa cidade, fiquei mais à vontade com meu trabalho. Senti que em março e abril passei muito tempo conhecendo como é o dia-a-dia no bar, quem são os fregueses, quando eles aparecem e, ainda, conhecer algum freguês. Não conversei com muitos deles no início. Achei melhor “deixar que as coisas acontecessem”, e, aos poucos, comecei a me sentir mais reconhecida e apreciada no bar, daí

⁷⁸ Sumi do bar durante um tempo para terminar de escrever meu trabalho e quando finalmente voltei com uma amiga, chegou uma conta completa com meu consumo incluído, ou seja, voltei a pagar igual a qualquer freguês.

criando um ambiente melhor para conversar. E, assim, imbriqueei-me nessas mesmas relações que eu procurava estudar. Seu Edgar, depois de duas ou três semanas, começou a brincar comigo de eu chegar tarde ou faltar ao serviço, apontando o dedo para o relógio dele, como se fosse um empregado. Depois de mais ou menos 10 dias ele me apresentou a um freguês. Como bom empregado também, insistia que eu tomasse um chope no fim do “expediente” para eu relaxar, como também comer algo.

Entretanto, apenas comecei a me sentir plenamente como parte “da casa” em maio, quando comecei a conversar à vontade com os fregueses mais habituais, como Professor Bento e Seu Gil, perguntar aos garçons e ao Seu Edgar sobre qualquer freguês (ou algum deles voluntariar essa informação sem que eu a pedisse), além de ser apresentada espontaneamente a algum freguês. O momento da virada foi a reinauguração do bar, agora na Rua Alice, uma semana depois da venda da Tasca original, na esquina. Por acaso, numa quinta-feira, passei em frente ao bar, pois havia chamado por telefone ao menos dois dias e ninguém respondia, daí eu queria ver o progresso da reforma do novo bar pessoalmente. Confesso que eu começava a ficar ansiosa sobre a ausência do campo e a ausência de notícias, então, passei em frente ao bar e (até para meu alívio) vi o dono mais o Prof. Bento que me avisaram que o bar iria ser reinaugurado informalmente na noite seguinte. Informalmente porque poucas pessoas foram avisadas (por isso valeu a pena eu ter feito o esforço de ir até lá para averiguar a situação pessoalmente), mas as que souberam me pareciam ser do “núcleo duro” da freguesia do bar (os fregueses mais habituais), além de alguns moradores da Rua Alice que viram as portas abertas ao voltarem para suas casas.

Cheguei aproximadamente às 19h30min e estavam dois casais com idade de entre 50 e 60 anos em uma mesa com Seu Edgar, sua irmã e sobrinho (médico, que é sócio do novo bar). Fui convidada a sentar à mesa deles. Esse convite fez com que ganhasse reconhecimento, pois os fregueses que foram chegando aos poucos viram que a pesquisadora sentava junto à família do Seu Edgar que, nessa noite, *mandava* vir mais chope para mim a toda hora, até para o espanto do Chico (que tinha suas ideias próprias sobre quantos eu era capaz de beber enquanto fazia meu trabalho). Na verdade, não era para eu trabalhar aquela noite e o caderno de campo ficou para o dia seguinte. Aos poucos, algumas outras pessoas foram chegando, mas não havia muita gente. Nem era para aparecer muita gente, pois o bar ainda demoraria mais umas semanas para poder servir uma casa cheia de fregueses, como quando se localizava na esquina. Aquela noite ninguém pagou nada; tanto o chope quanto os bolinhos de bacalhau e as empadas eram cortesia da casa. Da mesma forma que exagerei no chope, senti-me pressionada a comer os bolinhos de bacalhau, já que me foram oferecidos como convidada em uma festa.

Os fregueses da noite eram Santos e sua mulher, Dina, uma amiga do Seu Edgar e Marta, uma professora de inglês. Novamente, ao me verem sentada à mesa com a família do Seu Edgar, esses fregueses passaram já a me tratar um pouco diferente. Marta me cumprimentou pela primeira vez (que, como é o costume no Rio, passaria a cumprimentar sempre depois). Santos, um freguês muito regular e muito ligado ao bar e ao seu dono, não aceitou totalmente que eu estivesse na mesa da família sem ele ter sido convidado a integrá-la também. Daí puxou uma mesa e cadeiras para juntar sua mesa à da família e sentou-se com sua mulher aí. A partir daquela noite, fiquei amiga da Dina, que passou a sentar-se junto comigo sempre que vinha ao bar (ou vice-versa).

Antes de viajar para Buenos Aires, no início de julho, resolvi fazer uma festa de despedida na Tasca. Imaginei que além de prestigiar a mim mesma, trazendo vários amigos ao bar, eu também poderia retribuir as gentilezas do Seu Edgar e dos garçons ao criar uma oportunidade para um grande consumo no bar numa noite de sábado, quando o bar não costuma encher. De fato, o bar encheu e houve muito consumo.

A rotina

A Tasca do Edgar não funciona nas segundas-feiras. Nas terças o bar geralmente não enche, mas a freguesia é uma freguesia fixa, então eu procurava ir nesse dia. Nas quartas-feiras há sempre um jogo de futebol (em todo Brasil) que começa mais ou menos às 22h. Se o jogo for importante para os fregueses, então o bar pode ficar um pouco vazio. Edgar não gosta de televisão no seu bar, pois acredita que isso atrai gente “da rua” que não entra para consumir. A decisão é algo inusitado, pois a maioria dos bares no Rio possui televisão. Entretanto, não sei se a televisão muda muita coisa no bairro das Laranjeiras. Observei durante minha pesquisa que bares próximos ao do Seu Edgar com televisão não necessariamente enchem mais em noite de jogo. Na esquina, depois que a Tasca mudou de lugar, os novos donos colocaram uma televisão. Eventualmente, havia alguém na rua que parava, mas isso não atraiu novos clientes para o bar. Há, de fato, bares no Rio de Janeiro onde as pessoas costumam ir para assistir a jogos, mas a questão aí não é a televisão, e sim o bar. Os frequentadores da Tasca não vão para assistir a TV, mas eles podem deixar de frequentar o bar nas quartas-feiras em função de um jogo (que provavelmente assistem ou nas suas casas ou no Maracanã, o estádio da cidade). De qualquer maneira, há sempre fregueses, masculinos e femininos, que não fazem questão de assistir ao jogo da semana e vão ao bar,

inclusive alguns fregueses *habitués*. Por isso, eu quase sempre iria para fazer campo no dia de quarta-feira, mesmo com o risco de não haver muitas pessoas por lá.



Fotos 4 e 5: O cotidiano do bar, sábado à noite

O fim de semana, no Rio de Janeiro, já começa na quinta-feira, apesar de sexta ser um dia de trabalho. Quinta é um dia para sair à noite e os bares, no geral, costumam encher mais do que na terça e quarta. No caso da Tasca, a freguesia não muda muito, mas há mais gente. Há, inclusive, alguns grupos que costumam ir quase exclusivamente nesse dia (o grupo do Santos, por exemplo). Já sexta-feira é um dia distinto com seu público próprio. Sexta é dia das comemorações em empresas, um jantar especial para algum médico ou cirurgião de um hospital próximo, ou para encontrar com vários amigos com os quais seria mais difícil se juntar durante a semana. No geral, os grupos tendem a ser maiores e há sempre mais barulho. Ainda há os jovens, muitos que não são de Laranjeiras (confirmei isso com Chico), que “esquentam” antes de ir para a Casa Rosa ou o Hideaway (boates). Sábado à noite não costuma encher tanto, pois, pelo que me disseram o dono e alguns fregueses, o povo de Laranjeiras faz outras atividades como festa infantil, teatro, algum restaurante em outro bairro, um shopping, enfim “algo diferente”. Sábado, no entanto, é um dia que Seu Edgar recebe fregueses locais para almoçar. Vão famílias, grupos de amigos e casais para comer feijoada, risoto de frutos de mar e uma feijoada de frutos de mar que seu Edgar me disse que inventou. Nos meses mais quentes ele recebe muitos jovens que voltam da praia para almoçar no fim do dia e talvez “esticar” um pouco com uma cerveja. Esse cenário se repete domingo, mas domingo à noite, contudo, há pouca gente, geralmente um público local.

Durante a semana, há duas levadas principais de fregueses; os que vêm diretamente dos seus trabalhos, geralmente entre 19h30min e 22h e os que chegam mais tarde. Essa segunda leva vai para suas casas para tomar um banho e talvez comer algo, e daí identifiquei fregueses de banho tomado e roupa mais informal como moradores do local. No caso dos homens, esses também colocam as chaves em cima da mesa do bar. Há grupos de fregueses que tem seu dia próprio, especialmente quinta e sexta-feira à noite, depois de uma missa de domingo, o dia do plantão, noite de uma aula particular, ou depois de praticar uma atividade desportiva.

Apesar dessa orientação geral, há muitos fatores, tanto os mais previsíveis quanto os fortuitos, que podem estimular ou desestimular clientes a frequentarem um bar no Rio de Janeiro. Como Rio de Janeiro é uma cidade com muitas colinas, a chuva costuma dificultar a locomoção por causa de enchentes e lama, que podem até deixar as pessoas presas na rua, sem que elas consigam voltar para casa, ou algo pior, como cair num bueiro. Assim, se um grupo de amigos planeja algo para uma data e um horário e cai uma chuva forte no horário e no dia marcados, ninguém vai se dar o trabalho de ligar para o telefone dos outros para cancelar o evento, pois já fica presumido que o evento foi cancelado (um jantar ou reunião na casa de alguém pode ser uma exceção, caso o convidado tenha como chegar até o local). O fator chuva é tão forte no Rio que, mesmo uma chuva leve é suficiente para que o morador decida ficar em casa. Quem mora no Rio simplesmente aprende a não gostar de chuva e evita sair mesmo com uma ameaça de chuva, se isso não for realmente necessário. Isso se tornou uma questão cultural tanto quanto logística. Curiosamente, observei uma freguesia peculiar que parece ir mais para o bar num dia de chuva, são pessoas mais solitárias, como um freguês que ficava durante toda sua permanência com um MP3 nos ouvidos, (não muito comum no Rio de Janeiro), ou mesmo pessoas que saíam da chuva da rua para esperar o tempo melhorar. A boa notícia para o bar eram as pessoas que ficam “presas” ali durante uma chuva, pois estas geralmente bebem cerveja até a chuva diminuir ou parar.

Não há um inverno rigoroso no Rio, mas um dia excepcionalmente frio (que pode ser 18° C) nessa cidade úmida (que piora muito a sensação de frio) é suficiente para também deixar o freguês potencial “enfornada” ou “na toca”, ou seja, em casa. Os fregueses que se arriscam a sair, no entanto, pedem mais vinho, cachaça e comida “quente”, do que nos meses de calor. Quando novembro chega, as garrafas de vinho chileno e português somem das paredes. O calor, por outro lado, é um estímulo ao consumo de cerveja (que o frio, todavia, não desestimula) e muitos preferem o ambiente mais fresco da rua do que a casa, onde ventiladores e aparelhos de ar condicionado devem ser ligados. Apesar de desidratar, muitos

no Rio acreditam que cerveja “tira sede” até na praia. Algo parecido também acontece em Buenos Aires, embora de forma mais contida.

Há também a questão dos feriados. No Brasil, se cair um feriado numa terça ou quinta-feira, pode ser que se “enforque” ou “emende” a segunda ou sexta-feira também. No caso dos funcionários de educação, como muitos funcionários públicos em geral, de onde saíam vários fregueses do bar, esses dias a mais são garantidos. Em Laranjeiras, muitos moradores, ou possuem ou têm acesso a uma casa de praia ou campo, que significa que num feriado com “emenda” ou muitos feriados juntos, eles optem por viajar (novamente isso também depende da chuva). Em maio, por exemplo, havia uma semana que juntou três feriados e, assim, o bar ficou um pouco vazio. Por outro lado, se o feriado não for propício para uma viagem, a véspera do feriado estimula um bar cheio de fregueses comemorando que não têm que acordar cedo no dia seguinte. Eu nem sempre tive como me prevenir a respeito do meu sucesso no campo. Havia noites em que conversava mais com os garçons e tomava cerveja, pois faltava freguesia, mas outras noites em que mal conseguia um lugar para me sentar e em que os fregueses tiveram que ser praticamente expulsos para que os empregados pudessem fechar o bar e voltar para suas casas.

Meu caderno

Uma das coisas mais interessantes da minha experiência de campo na Tasca era que meu caderno de campo geralmente não era mal visto pelos fregueses do bar. Eu ficava sozinha numa mesa do bar com o caderno e escrevia profusamente nele. Certamente tentei tomar certos cuidados para não olhar diretamente para ninguém e Chico até me falou uma noite que me achava mais discreta que outros fregueses do bar. Mas praticamente todo mundo que frequentava o lugar com qualquer regularidade acabou sabendo que eu estava “escrevendo um livro”. Minha posição ficava mais óbvia quando eu não bebia cerveja (ou outra bebida alcoólica). Uma noite uma moça me perguntou que eu fazia lá e comentou que eu devia estar fazendo alguma pesquisa, pois eu não bebia. Além de não incomodar as pessoas, fui apresentada a elas por Seu Edgar ou acabei falando com elas de forma espontânea, eventualmente sendo convidada para a mesa de alguém. O mais enigmático para mim, no entanto, eram as pessoas que *esperavam* que ouvisse as conversas delas. Numa noite de chuva, um casal (com quem depois conversei na mesa deles) fazia piadas (o bar não estava muito cheio) e olhava para mim para ver se eu ria. Outra noite estava um grupo de três amigos que costumam aparecer nas quintas-feiras. Eles sabiam quem era eu e eu sabia quem eles

eram, mas nunca tínhamos conversado. O assunto da conversa deles era genética (pelo menos um ou dois deles era professor ou pesquisador dessa área). Em algum ponto, um dos amigos falou para o outro que ele nunca teria muito cabelo porque estava no seu código genético. O último olhou para mim com um ar de pena, como se fosse me pedir desculpas, pois eu tinha o cabelo muito curto na época.

O campo carioca era bem diferente, nesse sentido, do que em Buenos Aires, onde eu fazia uma verdadeira gincana para evitar que meu caderno fosse visto – empilhei livros e cadernos e sempre procurei manter outra atividade paralela ao caderno de campo. Ao mesmo tempo, não quero pintar um quadro idílico sobre a Tasca, pois havia quem, sim, incomodava-se com minha pesquisa. Novamente, observei algo bem curioso, as pessoas que se incomodavam de forma mais visível eram *do meu circuito social* (universitários da área das Ciências Humanas) que me reconheciam (e vice-versa) como parte daquele circuito, mas não me conheciam pessoalmente. Uma vez, ainda no bar da esquina, havia um grupo grande da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde fiz minha graduação, na mesa coletiva. Uma moça e um rapaz do grupo me olhavam com certo incômodo e depois que o grupo debandou, eles dois procuraram uma mesa o mais longe possível de mim. Outra vez, havia uma mesa de família e o pai fez de tudo para sair do meu campo de visão. Também o reconheci como um professor da área, mas como no caso do casal, não saberia dizer nem quem é e provavelmente nem eles quem era eu, mas havia certo nível de reconhecimento. Nesses casos, procurei me concentrar no resto da freguesia para não perturbar.

Quando eu me levantava para ir ao toalete, deixava minha bolsa pendurada da cadeira e meu caderno em cima da mesa com o telefone celular por cima do caderno. Pensei que pelo posicionamento do celular, eu poderia reparar se alguém mexesse no meu caderno, mas não acho que isso chegou a acontecer. Por outro lado, os garçons costumavam olhar constantemente para meu caderno e havia noites em que eu escrevia em inglês para eu me sentir mais à vontade. Não que havia nada demais no caderno, mas me deixava um pouco incômoda assim mesmo. Santos brincava muito comigo sobre o caderno e algumas vezes lho ofereci para ler, mas ele sempre declinou. O pior, para mim, foi uma noite quando duas amigas indiscretas me visitaram no bar. Começaram a me perguntar sobre assuntos da minha vida pessoal e não apenas Chico como também Seu Edgar rondavam a mesa a toda hora e finalmente falei para minhas amigas que eu estava no bar para trabalhar e pedi para elas mudarem de assunto. O que percebi com o tratamento do meu caderno é que, como relações de vizinhança e família, em que certo grau de fofoca e curiosidade sobre vida alheia é considerado normal e até aceitável, os mesmos tipos de relações aparecem no bar (claro, entre aqueles fregueses

regulares que se reconheçam entre si, bem como entre os fregueses e os funcionários e dono do bar).

A moral da casa

A Tasca é um bar que consegue atrair um público bem variado e tem um clima tranquilo no sentido de que muitos grupos diferentes podem se sentir à vontade no bar. Por outro lado, Seu Edgar e Chico têm ideias bem claras sobre o certo e errado e, com isso, são capazes de criar um moral específico da casa. Na primeira noite que comecei a trabalhar no bar, Seu Edgar logo me explicou que o bar dele é um bar de família e que não tem e nunca teve “confusão” ali. Também me explicou que a Tasca não é um “bar de cachaça” (o que quer dizer, na verdade, boteco de trabalhador, onde é comum pedir dose de cachaça barata a um real) e que a cachaça mais barata no bar custa quatro reais a dose. Chico nunca me hesitou em explicitar seus conceitos de certo e errado, alguns dos quais serão expostos mais embaixo. Por outro lado, Seu Edgar tem que render seus lucros e Chico suas gorjetas, mas, assim mesmo, vi alguns exemplos de censura não-oral. O mais óbvio para qualquer bar em bairro considerado como classe média ou familiar é saber “beber bem”, ou seja, não demonstrar sinais de perda de autocontrole. Um domingo, no almoço, uma senhora deu sinais de ter se excedido na bebida e Seu Edgar olhou para ela com reprovação e ficou em silêncio (uma reprovação eficaz no Rio de Janeiro é não falar com alguém). Senti que como a mulher era moradora do bairro (já a vi algumas vezes andando na rua com seu cachorro), a censura era mais contundente. Outra vez, uma freguesa que vem regularmente se autocensurou ao se justificar para Chico que estava na terceira cachaça porque não teria que dar aula no dia seguinte.

Assédio: reforçando a moral da casa

Seu Edgar garante que nenhuma moça ou mulher sofrerá inconveniência no bar, a não ser que ela demonstre interesse em conversar com a pessoa que, porventura, venha a lhe engajar. Chico inclusive me disse que até “moça bonita de outro bairro” (provavelmente ao se referir à pesquisadora) pode tomar seu chope sozinha tranquilo no bar. Tive duas ocasiões em que pude averiguar como esse sistema de “proteção” funciona.

A primeira vez foi uma “saia justa” (situação mais delicada), pois envolveu um freguês que, além de *habitué*, é bom consumidor e costuma oferecer ajuda ao Seu Edgar. Ele estava lá justamente na primeira noite que comecei meu trabalho na Tasca e, como outros fregueses, olhou para a desconhecida que bebia sozinha com seu caderno, do qual não se separava. Na terceira vez que nossas visitas à Tasca coincidiram, ele “tomou coragem” depois de três chopes e me perguntou o que eu fazia ali. Depois se apresentou a mim e me apresentou a sua mulher e aos seus amigos. Fiquei o resto da noite na mesa deles e ele tentou pagar minha conta, mas Chico lhe avisou que eu estava por conta da casa. Achei o grupo simpático e fiquei feliz que alguém falasse finalmente comigo. Uma semana depois, contudo, o freguês foi até minha mesa para me cumprimentar, logo que chegou ao bar, e reparei que Professor Bento já fazia comentários algo sarcásticos a respeito do freguês e seu interesse por mim.

Na minha ingenuidade, não tinha percebido qualquer implicação mais séria do seu modo de agir, mas alguns dias depois, o freguês foi sozinho ao bar e começou a se exceder, no sentido de insistir para falar comigo enquanto eu conversava com uma amiga. Minha amiga percebeu o assédio e comentou algo a respeito. Fiquei preocupada por causa dos problemas que isso poderia causar para meu trabalho e comentei o caso com Chico. Repeti para ele a sugestão da minha amiga, na próxima vez que aparecesse eu iria me levantar e cumprimentar a mulher dele na mesa deles. Chico não apenas aprovou a ideia, mas me disse: “é assim mesmo, a gente vai tomando intimidade para saber como são as coisas”. Imagino que ele se referia à minha ingenuidade. Uma semana depois, chegou ele sozinho e eu já comecei a ficar nervosa, mas o freguês entrou no bar, cumprimentou-me rapidamente e sentou-se distante de mim. Comentei com Chico que as coisas finalmente teriam se acalmado, mas ele riu e me disse, “é que ele não tomou coragem ainda, espera ele beber”. Nada disso aconteceu, pois quando a mulher dele chegou, levantei para lhe cumprimentar na mesa deles. Na semana seguinte, fui convidada para sentar-me à mesa do casal e conversei com os dois durante uma hora. Uma noite depois, ele novamente chegou sozinho, mas não falou uma palavra comigo. Comentei novamente com Chico, que deixou patente que Seu Edgar “lhe deu um toque” (chamou sua atenção) para que ele não se excedesse comigo.

Assim, para meu alívio, eu já podia trabalhar em paz outra vez, se bem que a situação não terminou por aí. Duas noites depois, num sábado, o freguês e sua família inteira sentaram-se no bar para jantar. Ninguém falou comigo, mas deu para ver a moça do caixa e o chopeiro rindo sarcasticamente, atrás do balcão, da situação. Depois de jantar, o freguês saiu com seu amigo para conversar com ele do lado de fora. Os dois fizeram comentários picantes a meu respeito, mas pouco tempo depois, o filho saiu para se juntar aos homens deixando assim as

mulheres dentro do bar, na mesa. O tópico da conversa mudou, novamente para meu alívio, e os três conversaram sobre futebol. Com o passar do tempo, as coisas de fato se acalmaram e hoje converso tranquilamente com esse freguês, como também com a mulher dele, entretanto, sem a mesma ingenuidade da época que comecei a fazer pesquisa no bar.

Dois meses depois, passei por outra situação desagradável, mas como eu já entendia melhor o sistema da proteção “da casa”, fiquei mais tranquila. Além disso, eu já estava mais esperta com esse tipo de coisa. Foi o seguinte, um homem entre 40 e 50 anos, aparentemente desconhecido da casa, entrou falando ao celular e se sentou ao meu lado. O bar não estava muito cheio e ele poderia ter escolhido entre outras mesas, mais ainda porque eu estava sozinha num canto, perto do banheiro. Fiquei desconfiada. Depois de finalmente terminar sua conversa ao telefone, o inconveniente me olhou e pediu uma batata frita e mais chope. Seu Edgar e Chico ficaram de olho e poucos minutos depois, Seu Edgar se aproximou à minha mesa e começou a conversar comigo sobre qualquer assunto inventado. O cliente entendeu e, em mais ou menos cinco minutos, levantou-se da mesa, pagou sua conta e saiu. Nunca mais o vi.

A casa naturalmente sabe distinguir entre aquilo que poderia constituir assédio ou não. Pois, em outra ocasião, um rapaz com aproximadamente 30 anos sentou-se à minha mesa depois de tomar alguns chopes em pé. Ele me reconheceu, apresentou-se e eu, nesse momento, lembrei-me de quem era. Como a conversa seguiu tranquilamente, ninguém interveio. Nem eu demonstrei interesse que tal intervenção ocorresse, pois não havia nenhuma situação “delicada” para o bar nem para mim.

O ônus da moral: a política da boa vizinhança

O moral da casa não apenas tem implicações para os fregueses da Tasca, mas também para a “casa”, pois um segundo lar deve dar abrigo para seus familiares, como nesse caso que relato, em que uma freguesa antiga, mas problemática, acabou espantando outros clientes do bar. Vânia Valle é uma moradora antiga do bairro que, uns anos atrás, teve uma crise psiquiátrica e nunca mais voltou a ser como ela era antes. Hoje dizem que ela está melhor (ficou internada por muito tempo), mas continua tomando muitos medicamentos e não tem uma personalidade muito estável. Professor Bento e os funcionários da Tasca me relataram isso, mas também confirmei a história com outros moradores de Laranjeiras. Numas quarta-feira às 18h, chegou ela no bar já com uma mesa grande reservada para seu aniversário. Ela colocou uma toalha de mesa de pano branco para cobrir as mesas e depois, por cima da toalha,

colocou um bolo gigantesco que já começou a cortar ao chegar ao bar, praticamente obrigando todo mundo no bar a compartilhar o bolo com ela (sim, comi uma fatia). Aliás, a pessoas que passavam pela Rua Alice também foram oferecidos pedaços do bolo. Convidados chegaram, mas quase ninguém ficou muito tempo. As várias mesas que tinham sido juntadas eram mais do que o suficiente, mas vi que Seu Edgar preferiu deixar Vânia tranquila para não a chatear. A mesa, o bolo e as falas altas da freguesa peculiar chegaram a espantar alguns hfrequeses na medida em que a noite avançava, mas Seu Edgar nada fazia, embora tanto ele como Chico aparentassem estar um pouco nervosos. Professor Bento me disse que era melhor deixar tudo como estava porque ela era conhecida antiga do bairro e se a perturbasse, a situação iria ficar pior. Por sorte da “casa”, Vânia não ficou muito tarde (até 21h já tinha ido embora), pois ela tinha que tomar seus medicamentos. Foi a única vez que a vi no bar.

Essas não foram as únicas concessões feitas para moradores das redondezas (especialmente Rua Alice) e fregueses antigos. Um freguês que sempre ajuda Seu Edgar e mora praticamente ao lado do bar tem o hábito de começar a beber logo cedo de manhã e seguir bebendo até à noite. Ele começa a ficar um pouco inconveniente (inclusive comigo), mas Seu Edgar apenas corta a situação ao fazer piadas sarcásticas e eu corto a situação ao me afastar fisicamente da pessoa. Igual a Vânia Valle, ele não costuma aguentar até muito tarde da noite. Outro freguês regular deu mais prejuízo. Ele também bebia todo dia no bar. Cheguei até a ser apresentada ao filho dele. Um belo dia, de acordo com Seu Edgar, o sujeito sumiu com uma dívida de mais de 100 reais que nunca pagou (por isso, Mello (2003) cita a “pendura”, ou o privilégio de pagar a conta no fim do mês como privilégio mais raro em bar). Outras concessões são mais amenas como uma moradora da Rua Alice e frequentadora do bar que me contou que Seu Edgar lhe emprestou panelas da cozinha do bar para fazer uma feijoada para o aniversário dela. Ela depois devolveu as panelas.

Fregueses do bar

Na Tasca, há segmentos sociais medianos diferenciados, mas isso não é necessariamente um critério em si em termos de privilégios e status no bar. São mais reconhecidos moradores mais antigos e frequentadores mais ávidos, mas não é difícil virar freguês do bar. Que podemos dizer sobre esses frequentadores? Usei a teoria dos grupos sociais do Bourdieu com o objetivo de localizar melhor essas pessoas no espaço. Na obra *La Distinction* (1979, p.140-141) Bourdieu agrupa as pessoas entre dois eixos representando o volume total de capitais (social, cultural) verticalmente e a porção de capital cultural e

econômico (o eixo horizontal). Os dois eixos dividem o espaço em uma cruz, formando quatro quadros iguais. Nesses quadros, o sociólogo detalha o tipo de profissional e seus gostos culturais e como cada um se localiza fisicamente nesse espaço. O gráfico é central para a teoria dos grupos sociais de Bourdieu, pois classifica o sujeito socialmente de acordo com todos os tipos de capital que ele tenha acumulado e os efeitos práticos que esses exercem, seus valores e gostos. Os agrupamentos feitos por esse autor representam o país dele, França, mas de um modo geral, achei bastante coincidência com o que me parecem ser esses agrupamentos no Rio de Janeiro. Para começar, quase todos os fregueses que eu conheci de alguma forma caíam mais fortemente do lado esquerdo do eixo horizontal, onde predomina o capital cultural sobre o capital econômico. Ninguém me parece estar muito abaixo da linha horizontal (já vi empregado do comércio, mas nunca mestre-de-obra, por exemplo), nem muito por cima, como executivo de multinacional. O professor de nível superior é o mais alto que vi na linha vertical. Os serviços médicos e sociais caíam logo acima da linha horizontal à esquerda, mas o mais centralizado e dependente de capital cultural é um freguês típico na Tasca, o intermediário cultural.

Essa constatação é interessante porque esses grupos medianos e, muitas vezes não totalmente estáveis economicamente, são muito dados à vida social e à frequência de espaços públicos como bares, cafês, eventos públicos, aberturas, conferências e outros eventos e espaços onde podem manter certa visibilidade e reforçar uma rede de contatos que não vem necessariamente de nascença (através da família, isso do outro lado da linha horizontal, representando o capital econômico, especialmente proveniente de herança familiar). Na Tasca, essas pessoas colam notícias no quadro de anúncios dentro do bar sobre suas produções e eventos. Quando eu falo sobre os frequentadores “alternativos”, destaco novas profissões – publicidade, consultoria, design, marketing, cinema, promoção de eventos - que, nas palavras de Bourdieu, têm que inventar novas necessidades e vender ideias e imagens:

«D’autre part, au lieu de plus grande indétermination d’une région d’indétermination, c’est-à-dire principalement du côté du pôle culturel de la classe moyenne, se situent des positions encore mal déterminées, tant pour le présent qu’elles proposent que pour l’avenir très incertain, et du même coup très *ouvert*, c’est-à-dire à la fois risque et disperse, qu’elles promettent (par opposition à l’avenir *assuré* mais *fermé* des positions fortement prédéterminées) : ces positions nouvelles ou renouvelées sont nées des transformations récentes de l’économie (et en particulier de l’accroissement de la part qui revient, jusque dans la production des biens, au travail symbolique de production du besoin – conditionnement, *design*, promotion, relations publiques, *marketing*, publicité, etc.) ou ont été en quelque sorte ‘inventées’ et imposées par leur occupants qui, pour pouvoir vendre les services symboliques qu’ils avaient à offrir, devaient en produire. Le besoin chez les consommateurs potentiels par une *action symbolique* (ordinairement désignée par des euphémismes tels que ‘travail social’ ‘animation culturelle’, etc.), tendent à

imposer des normes et des besoins, en particulier dans le domaine du style de vie et des consommations matérielles ou culturelles. » (BOURDIEU, 1979, p. 397).

Esse tipo de frequentador, que chamo de “alternativo”, devido a um tipo de produção visual da sua aparência, aparece mais para o fim de semana, especialmente quinta, sexta e sábado. Uma das primeiras pessoas que falou comigo foi Nelly, que mora em Humaitá e trabalha com produção de teatro. Ela usa o cabelo estilo “black power” e aparece num dos artigos que saiu sobre o bar num jornal alemão. Esse artigo está colado no quadro de avisos. Geralmente a vi nas quintas-feiras. Delmiro, que é um sambista conhecido que eventualmente aparece no bar. Eu o vi num sábado à noite, como também Lindolfo, produtor de artistas e eventos artísticos. Ele e sua mulher são judeus e ela trabalha na Secretaria da Mulher do Governo Federal. Os dois nasceram em Flamengo e se mudaram para Laranjeiras, onde tiveram duas filhas. Ele é amigo do Seu Edgar. Quando organizou o Dia Nacional de Poesia no Corcovado (em Cosme Velho), ele depois levou os poetas (alguns dos quais são do bairro) para o bar. Na Rua Alice há algumas ONGs, o que explica a presença de estrangeiros, como dois homens homossexuais entre 40 e 50 anos, costumam “pedir bem” (leia-se, consumir caipirinhas e pratos de frutos do mar). Há jovens também desses projetos sociais, que não costumam ter muito dinheiro para gastar (são aqueles que não passam de três chopes e pedem pouco para comer). Subindo em direção a Santa Teresa também há produtores artísticos e de eventos na Rua Alice. Estes, muitas vezes jovens e não raras vezes homossexuais, gostam da Tasca, onde são bem recebidos. Eles costumam ser bons consumidores, também. Muitos tomam caipirinhas (quando fiz a pesquisa, o chope custava três reais enquanto a caipirinha, oito). Há dois amigos cineastas que eventualmente vi numa sexta-feira ou sábado e uma freguesa também dessa área que Chico me disse já era cliente dele antes da Tasca abrir. Alguns desses fregueses moram por perto, muitos trabalham por perto e alguns simplesmente encontram-se com seus amigos ou colegas neste bar.

Há frequentadores que não são tão vinculados às artes e organizações, mas à consultoria e comunicações, que também são profissões mais recentes, mas não favorecem tanto o estilo “alternativo”, senão um visual mais conservador, condizente com trabalho de escritório. Um dos fregueses mais fiéis é Santos, área de informática e banco. Era morador da Tijuca e se mudou para Laranjeiras com a esposa (que tem mais ligações com o bairro, e ela é descendente de portugueses). Ela faz consultoria gastronômica para eventos. Eles frequentam o bar com pais de amigos dos filhos que estudam no mesmo colégio, geralmente nas quintas-feiras. Sua família também costuma almoçar na Tasca, ou sábado, ou domingo à tarde.

Na Rua das Laranjeiras há dois hospitais importantes, o Instituto Nacional do Coração (INCOR) e um hospital privado perinatal, um pouco mais distante, em direção a Cosme Velho. Neste último trabalha um sobrinho do Seu Edgar, que conheci na noite da re-inauguração, junto com um colega dele. Os médicos e cirurgiões que vi no bar apenas apareciam na sexta-feira à noite, juntamente com suas mulheres e, eventualmente, filhos e sempre para jantar. Na noite em que mais vi esses profissionais, Seu Edgar aparentemente estava avisado das suas visitas. O bar não costuma fazer reserva, a não ser para festa ou outro evento em que uma mesa para oito ou mais pessoas seria necessário, mas é possível que haja algumas exceções, como o velho cirurgião e sua mulher que já tinham uma mesa na janela esperando para eles. Eles comeram um linguado grelhado com legumes cozidos (não aparece no cardápio dessa forma), o que me levou a conjecturar que eles poderiam ter ligado anteriormente para averiguar a disponibilidade da refeição desejada (ou melhor, para que providenciassem os ingredientes). Pratos customizados, afinal, não são incomuns em bares. Esses profissionais não são adeptos de uma cultura de bar, mas sabem que podem ser bem acomodados na Tasca. Outros funcionários mais jovens, sejam esses residentes, enfermeiros, estagiários, etc. já são adeptos à Tasca como bar mesmo, pois frequentam regularmente e comem mais petiscos do que comida e bebem cerveja. Sheila, uma residente, por exemplo, é uma pessoa querida por Seu Edgar que já me disse que “queria que todos os fregueses fossem assim”. Ela costuma aparecer, geralmente com o namorado e/ou colegas na sexta também, mas regularmente, toda sexta-feira. Há estagiárias que tomam seus chopes no meio da semana, como uma que segue logo depois para Campos, no norte fluminense, de ônibus, onde tem plantão no dia seguinte. Também Seu Edgar me apontou no bar umas enfermeiras aposentadas que eventualmente se encontravam no bar, provavelmente mais pela amizade e as boas lembranças do bar, pois pelo menos uma delas morava em Niterói, do outro lado da Baía de Guanabara.

Há grupos intermédios menos abastados que são aposentados ou vivem de comércio. Algumas dessas pessoas vivem no “Favelão” e nas vilas e casas mais simples ao redor do bar. Há poucos fregueses mais elitizados, sendo esses excepcionais, como, por exemplo, um grupo de ex-clientes do cabeleireiro que moram em Cosme Velho e que foram para o bar com seus familiares uma noite. Perguntei ao Edgar o que fazem para seu sustento. Ele riu dizendo que “dinheiro”. Eles provavelmente foram para o bar mais para prestigiar o dono do que pela vontade de ir para um bar. Outro cliente pitoresco é um senhor que bebe sozinho, escondido dos filhos, também de Cosme Velho e ex-oficial de alto escalão do governo estadual. Depois de tomar três ou quatro chopes, ele “tomou coragem” e passou o resto da noite conversando

comigo sobre tudo desde seus bares preferidos até assuntos do governo, saindo finalmente do bar algo cambaleante.

Enfim, o espaço do bar não se configura como uma “comunidade” apesar da informalidade e alto grau de interação entre fregueses. Há vários grupos e indivíduos que escolhem frequentar o espaço por se identificar com esse espaço. O que geralmente têm em comum é possuírem mais capital cultural do que econômico e estarem mais para o meio do que os extremos, em termos econômicos e sociais.

A apresentação de si no bar

Apresentar-se em público na Tasca é uma prática discursiva em que as vestimentas, a corporalidade, a escolha de comidas e bebidas e o próprio modo de “estar” no bar são uma linguagem que diz muito sobre quem é o frequentador e que tipo de identificações ele faz. Bourdieu (1979, p. 204) realça que há três maneiras de se distinguir: através da escolha de comida, a apresentação (vestimenta e adorno do corpo) e a cultura. No campo, esses sinais são visíveis ao pesquisador e, assim, podemos saber muito sobre como o grupo quer se definir e for definido através do uso dessa linguagem. Seguem uns exemplos:

“Despojado chique”

Em termos gerais, consigo sugerir algo sobre o perfil do frequentador pelas vestimentas. O morador de segmento mais mediano baixo, que mantenha um estilo de vida análogo, provavelmente vai seguir os padrões dos subúrbios cariocas. As mulheres tendem a usar mais maquiagem, mais adornos, pintar o cabelo com cores que destoam mais do seu tom de pele (ou cor natural do cabelo) e vestir-se com cores mais fortes e estampas. Os homens usam bermudas e camisas mais escuras e coloridas e mais adornos como pulseiras e cordões prateados e dourados. Há um hexis corporal próprio também. Elas usam calças mais apertadas e têm a postura menos ereta – a “ginga” no andar vale mais que nesse caso. Eles têm um andar mais duro, concentrado num “gingar” dos ombros (sinal de virilidade como os quadris são para feminilidade). Câmbios de moda influenciam fortemente nesses segmentos (principalmente entre mulheres, mais suscetíveis) que são capazes de trocar de vestido, blusa e bolsa a cada estação. As funcionárias de empresas e serviços da região, oriundas de grupos mais humildes, como o hospital, adotam uma variação mais discreta dessa descrição.

Moradores e empregados mais elitizados se vestem com a mesma naturalidade que seus pares mais pobres. No caso deles, predomina o lema “discreto e elegante.” Preço não se coloca como obstáculo, nem moda como objetivo.

Os “alternativos”, como o próprio epíteto sugere, fazem claramente uma identificação mais estudada (afinal, é alternativa a alguma coisa), ao ponto das suas roupas e seus adornos parecerem estratégias conscientes. Por isso, eles não são portadores de um habitus e a variedade deles é notável. Esses indivíduos são geralmente ligados às artes ou algum aspecto da sua produção, podendo ser de diferentes camadas sociais, sendo que a mais baixa a origem, a mais estudada será sua identidade visual. No caso daqueles oriundos de grupos mais pobres e/ou desfavorecidos/estigmatizados, a distinção do “subúrbio” é feita através de um apelo a ousadia, pois geralmente essas pessoas não dispõem de recursos ilimitados para dispensar na compra de artigos de vestiário. Um exemplo claro é de mulheres negras, que adotam uma estratégia de usar o cabelo “ao natural” e grande, ao mesmo tempo mantendo o corpo esguio (as suburbanas tendem a ser mais corpulentas). Mulheres brancas apelam para roupas de brechó, meias coloridas, bobs, tatuagens, cortes de cabelo inusitados, óculos com armações inusitadas, estampas e outros adornos. Aqui a palavra-chave é justamente “inusitada” o que as distingue das mulheres de bairros suburbanos como também as mais elitizadas. Elas podem ser mais corpulentas ou esguias⁷⁹, com roupas mais caras ou não. De todo modo, há uma necessidade aqui de se distinguir dos grupos “suburbanos” como também uma incapacidade material de seguir os mais elitizados. Os homens fazem versões mais discretas dessas descrições. No caso daqueles oriundos de grupos mais abastados, a necessidade de distinção social é menor e, assim, predominarão versões mais sutis da “ousadia”, tal como um chapéu ou corte, suficiente para denominar o status de “artista” sem, contudo, abrir mão do status mais favorecido dos segmentos mais abastados.

Os grupos intelectualizados são fortemente adeptos da “simplicidade” - o despojado chique – dos seus pares mais elitizados, mas não do quesito “elegância”, rejeitado por ser “elitista”. Assim, esses indivíduos são minimalistas com maquiagem e adornos e adeptos a calça jeans e cabelos soltos. Mulheres com cabelos mais lisos podem deixar que fiquem grisalhos sem os pintar. Não há muito uso de cores fortes ou brilhantes e rapazes muitas vezes chegam ao bar com bermudas cor cáqui e camisetas brancas lisas (cáqui e creme são cores comuns para homens e mulheres). Não deixa de haver certa influência hippie da época da

⁷⁹ Como “rico e pobre”, prefiro não usar “magro e gordo”, pois esses signos são mais usados como epítetos e categorias de acusação, cujo significado varia radicalmente de acordo com o interlocutor e o contexto da enunciação.

contracultura, embora deva ressaltar aqui, *influência* e não identificação cega. O código de vestiário é mesmo um código, embora pareça bastante democrático, e geralmente é⁸⁰, mas há detalhes que distinguem esses grupos como medianos e não trabalhadores, como o hexis corporal; postura, mais centrada no abdômen (daí mais ereta) que nos quadris ou ombros, o uso de grifes mais caras (especialmente calça jeans e mochilas) e preciosidades como uma bata ou um vestido comprado em feira ou boutique. Além disso, a apresentação do corpo (mais esguio) é também um fator.

Grupos intelectualizados, liberais e “alternativos” fazem uma forte identificação estética com um discurso nacionalista. O Brasil é deles para construir. No bar, isso se expressa no discurso de “autenticidade” e valorização de cultura “popular” (regional e/ou folclórico). Na Tasca, vejo isso na comida e bebida também. Veremos agora como, graças em parte à tendência “patrimonialista” dos anos 1990, a aguardente mais típica do país, a pinga (ou cachaça, embora essa palavra originalmente fosse usada para qualquer bebida alcoólica), tornou-se parte desse discurso.

Cachaça

A aguardente mais típica do país assume significados diferentes de acordo com quem a está bebendo, onde e como. Entre brasileiros de camadas mais baixas e as medianas para altas, os sinais são trocados. Seu Edgar faz questão de me dizer que não oferece cachaça barata (marcas comerciais como 51, Velho Barreira, Caninha da Roça, etc.) no bar dele, nem para fazer caipirinha (bebida feita com essa aguardente com limão, gelo e açúcar). Um “bar de cachaça” se refere ao boteco tradicional onde um trabalhador vai para tomar uma dose, a um real, de cachaça, às vezes em lugar de almoço. Nesse caso, o objetivo da bebida é embriagar-se (e também espantar a fome). Assim, entre os segmentos sociais mais baixos, cachaça é associada à embriaguez e à pobreza, especialmente masculina. Nos anos 1990, seguindo o discurso nacionalista e patrimonialista que valorizaria produtos nacionais, cachaças artesanais de qualidade e vendidas às vezes a preço de um vinho ou uísque respeitado, passaram a ser

⁸⁰ Esse habitus intelectual ficou evidente na fala de uma amiga minha de faculdade que foi a campo comigo uma noite. De origem mais humilde, confessou-me seu estranhamento, pois pelo menos duas pessoas comentaram que achavam que ela fosse de família mais mediana. Ao discutir o assunto em questão aqui, ela mesma reparou o quanto que sua indumentária seguiu o “código” da área de ciências humanas, perfeitamente visível entre frequentadores da Tasca. De fato, ela me disse que não se maquiava nem caprichava demasiadamente nos adornos para não ser confundida com outros grupos, sem, no entanto, perceber sua estratégia de identificação com os intelectuais, grupo ao qual pertence.

valorizadas entre grupos de classe média liberal, artístico e intelectual⁸¹. Assim, “autênticos botequins” passaram a incluir a bebida nos seus cardápios, que muitas vezes oferecem pelo menos 15 marcas diferentes. Nesse caso, a cachaça é uma forma positiva de identificação (no Rio de Janeiro, a partir da valorização das artesanais) e não um estigma, como entre os mais pobres.

Os fregueses intelectualizados e liberais são os maiores consumidores da bebida. Entre estes, destacam-se as mulheres (Edgar me disse que elas consomem muito mais cachaça que os homens). Isso se deve à ideia de que cachaça “dá menos barriga” que cerveja, sendo que o corpo esguio é valorizado entre mulheres desses grupos. Enquanto turistas geralmente preferem caipirinhas, eles não tomam tanta cachaça em dose pura, para o morador dos segmentos intelectualizados e liberais, é uma bebida de orgulho nacional e escolher uma cachaça por marca é sinal de ser “entendido” sobre o país⁸². Frequentadores de camadas médias mais baixas, sejam funcionários ou moradores, podem eventualmente tomar uma caipirinha⁸³ (mais excepcional por causa do preço, o equivalente a quase três chopes), mas tendem a preferir cerveja e refrigerante. Clientes mais elitizados consomem mais ou ficam no bom e velho uísque (além de cerveja), cujo preço é o dobro da dose de uma cachaça artesanal. O status deles independe desse tipo de identificação. Os frequentadores “alternativos” menos abastados tendem a não tomar cachaça no bar (embora possam fazê-lo em outras circunstâncias) devido ao preço.

Rabada

Uma curiosidade que reparei na Tasca é o gosto de grupos “alternativos” e intelectualizados por pratos pesados e gordurosos, entendidos como pratos “do povão”. *Rio Botequim* já premiou a Tasca por sua Rabada, um prato feito de carne de rabo de touro, batatas ou polenta e agrião. Em pensões e botecos operários (ou restaurantes mais familiares)

⁸¹ A cidade colonial de Paraty, no sul do estado de Rio de Janeiro, ganhou um festival de cachaça todo ano que atrai apreciadores de fora do estado também. A mesma cidade é anfitriã de um festival de literatura internacional (FLIP), bem sintomático do perfil do frequentador.

⁸² Pode também ser um sinal de maturidade entre esses grupos. Já vi um grupo de jovens rapazes, que não deviam ter mais de aproximadamente 20 anos, pedindo cachaça e tentando dar a impressão de ter intimidade com os funcionários do bar.

⁸³ No Rio de Janeiro, caipirinha é basicamente coisa de mulher e turista. Já vi moradores homens tomando caipirinha na Tasca, como em outros bares com um perfil de público parecido, mas eles são uma minoria. Em geral, um homem que toma caipirinha no Rio é ou gay ou “gringo”. A única bebida à base de cachaça apreciada pelos mais pobres é a batida de fruta, tomada em uma pequena dose, tradicional em botecos, mas que, curiosamente, não inspirou tanto os grupos patrimonialistas, talvez por ser muito doce, qualidade também considerada como feminina demais.

o prato é tradicionalmente servido no Rio às quartas-feiras, mas como uma “autêntica cultura popular”, esses pratos, que também incluem tripas e patas de boi, bem como a própria feijoada, são vendidos como um prato nacional no Brasil (e tradicionalmente comida na cidade para o almoço de sexta-feira ou sábado) e podem ser desfrutados na Tasca à conveniência do freguês. Em Buenos Aires, os bodegones também servem esse tipo de prato, mas, como em outras facetas de cultura urbana, trocam os sinais de classe social, mais comuns no Rio, para etnicidade, com mais apelo em Buenos Aires. Então, um prato de rabo de boi não é visto como “popular”, senão etnicizado como espanhol ou italiano. Mas nem importa, pois a maioria dos fregueses que vi em bodegones portenhos pedem mais carne grelhada, massa e pizza (comida seca) do que, digamos, comida de panela (molhada), que é visto lá como comida do interior e não da cidade. Aliás, o único livro que consegui sobre bodegones em Buenos Aires foi escrito por um jornalista italiano (PIETRO, 2009) que mora nessa cidade. Foi assim que essa categoria de cozinha tomou forma para mim.

No Rio, essa forma de “cultura popular” não é apenas apreciada em bares, mas também nos lares onde empregadas domésticas preparam esses pratos para seus patrões. Mas Rio de Janeiro não é uma cidade tão singular. Voltando para Bourdieu:

« Enfin, les professeurs, plus riches en capital culturel qu'en capital économique, et portés de ce fait aus consommations ascétiques dans tous les domaines, s'opposent quasi consciemment, par une recherche de l'originalité au moindre coût économique que oriente vers l'exotisme [...] et le populisme culinaire [...] » (BOURDIEU, 1979, p. 207).

Na mesma página, o autor observa numa nota de rodapé, que o gosto pelo exótico cresce com o posicionamento social até porque realmente é mais caro (como comida brasileira nos Estados Unidos, por exemplo). Já o “popularismo culinário”, como Bourdieu a chama, faz parte da cultura de autêntico botequim no Rio de Janeiro, a tal ponto de registrar um caso exemplar, que descrevo aqui.

Foi uma noite (às 20:30h) mais para o fim de um junho frio (dia 25 de 2009) quando um casal com aproximadamente 50 anos e muito bem vestido chegou de táxi, entrou na Tasca, sentou e pediu rabada. Tudo levou a crer que visitaram o bar com esse objetivo, pois nem Seu Edgar nem Chico os tinham visto “na área” ou sabiam quem eram. O casal foi bastante crítico com o estado de limpeza dos pratos e copos, pedindo para retirar os que viram como inadequados para outros mais limpos. Entre os salgados e o prato principal, também pediram para renovar os pratos e talheres, como se faria num restaurante requintado. Por outro lado,

não reclamaram em nada sobre a gordura da rabada, se bem que não conseguiram comer tudo e pediram para embrulhar o resto para levar para casa.

Classes de fregueses

Jovens, ou a entrada no bar como rito de passagem

Jovens costumam ter seus próprios espaços na cidade para interagir entre eles. No Rio de Janeiro estes incluem Lapa, boates da zona sul e bares do estilo franquia internacional como o *Hard Rock Café* e *Shenanigans* que fazem o estilo pub inglês. Hoje em dia, também há cada vez mais albergues de juventude com bares do estilo inglês, usados por jovens cariocas também. Como Desjeux et. al. (1999, p. 26) observam num bar internacional de jovens em Paris, não há nenhum tipo de relação direta entre cliente e dono ou garçom, apenas o *barman*, a quem pagam suas bebidas na medida em que as retiram do balcão. Isso, além da escuridão do bar do estilo *pub* dá mais liberdade ao jovem, ao contrário do tradicional bar francês (uma instituição de bairro) onde,

“Dans les bars français, Le passage d’un lieu public à un lieu semi-privé, ou l’on est perçu comme un habitué, se réalise bien souvent par l’intermédiaire des serveurs qui symbolisent à la fois l’intégration sociale mais aussi la contrainte sociale liée au groupe.” (DESJEUX et. al., 1999, p. 27).

Ou seja, frequentar o bar de bairro simboliza a entrada na sociedade adulta, das regras e normas dessa sociedade através do constrangimento do relacionamento com o garçom, como já vimos nesse capítulo a respeito da “moral da casa”.

A etnografia francesa é significativa para mim, pois vi jovens (com menos de 30 anos de idade) entrarem na *Tasca* para demarcar seu espaço lá como adulto, pois, como bar de bairro, cujo dono é muito conhecido, começar a frequentar a *Tasca* sem os pais, numa base regular, significa se apresentar como adulto e ganhar a confiança necessária para ser respeitado como tal. Nos três casos que relato abaixo, os jovens em questão claramente imitaram posturas adultas, uma tentativa de fazer uma espécie de rito de passagem e ser reconhecido como cidadão pleno. Isso só faria sentido num bar de bairro, pois se a *Tasca* não fosse um bar de bairro, nenhuma dessas apresentações teria o menor efeito ou mesmo propósito algum. O público tem que ser conhecido para que haja propriamente um palco para a representação. Todos os jovens abaixo são moradores de Laranjeiras e tudo que relato aconteceu num dia de domingo durante o horário de almoço (quando o público é mais local).

O primeiro caso trata de um grupo de amigos rapazes. Um deles tentou tratar o dono e o garçom-chefe com certa familiaridade, dando tapas nas costas e perguntando pelas famílias, etc. Nem Seu Edgar nem Chico se convenceram, mas tampouco trataram mal os jovens fregueses. Esse mesmo “líder” do grupo sentou-se na sua cadeira de forma mais esbanjada para se mostrar à vontade. Como eu costumo estar sozinha em campo, reparei que parte desse ritual inclui “encarar a pesquisadora”, ou seja, demonstrar virilidade através de lançar um olhar “predador” para uma mulher mais velha, naturalmente sem par masculino (se estivesse acompanhada isso seria compreendido como uma afronta proposital ao meu acompanhante). Jamais senti nenhuma pretensão mais séria da parte dos jovens nesses olhares, mas apenas como parte de um rito mesmo. Na verdade, acho que reagi mais ou menos como Seu Edgar e Chico. O jovem então imitou outros gestos típicos de *habitué*, como pedir uma saideira (um chope pequeno) ou cachaça de cortesia, acenar ao garçom para pedir “mais um”, ou fazer alguma brincadeira para novamente mostrar familiaridade com o garçom.

Outro jovem levou sua namorada para almoçar. Ele “esbanjou” (demonstrar boa situação financeira) ao pedir comida cara para ela – uma entrada de sopa de siri seguida de um prato de frutos do mar – sempre demonstrando familiaridade (que não tinha) com o garçom. A presença da namorada não impediu ao jovem comensal lançar o tal do olhar predador para a pesquisadora, que, novamente, foi breve e contundente.

Os rapazes tentaram demarcar seu espaço ao demonstrar familiaridade e conforto com o ambiente, mas duas jovens que apareceram também naquele dia demarcaram seu espaço de uma forma bem mais tradicionalmente feminina, revelando a persistência de divisões tradicionais entre gêneros. Elas não pediram nada além de chope nem tentaram conversar com Seu Edgar ou os outros funcionários da casa, mas procuraram exaltar sua feminilidade no sentido de se fazer atraente como mulheres, com saias muito apertadas e curtas, maquiagem colorida, unhas grandes e pintadas e cada uma com um cigarro pendurado na mão. Elas se fizeram notar por sua presença.

No entanto, a posição de mulheres (mais maduras) na Tasca é um pouco distinta de outros bares mais tradicionais no Rio.

Mulheres

O paraíso das desquitadas

Uma curiosidade da Tasca em relação a outros bares no Rio de Janeiro é a quantidade de mulheres sozinhas que aparecem lá parar tomar cerveja. Bares, a despeito de mudanças significantes nos últimos anos, ainda são ambientes essencialmente masculinos. Reparei isto quando fiz campo “preliminar” em outros bares. As poucas mulheres que vi sozinha em bares vão ao horário da saída de trabalho e elas não permanecem muito tempo no bar. Em geral elas fumam, o que em parte me parece uma distração. Elas também bebem mais rapidamente. Mas circunstâncias locais são capazes de criar situações excepcionais. Como Seu Edgar fez fama no bairro de Laranjeiras como cabeleireiro e dono de um salão de cabeleireiro, durante 20 anos, há muitas mulheres com mais de 50 anos que vivem no bairro desde essa época que foram suas clientes. Os filhos delas são conhecidos do Seu Edgar por causa das suas mães. Antiguidade no bairro para pessoas locais que conhecem Seu Edgar significa ser “da época do salão de cabeleireiro”. Muitas dessas mulheres do bairro, ou que simplesmente conhecem Seu Edgar, são separadas de seus ex-maridos e elas não necessariamente querem ficar em suas casas à noite sozinhas, mas mulheres no Rio de Janeiro geralmente não se sentem muito à vontade para frequentar um bar, desacompanhada. A relação pessoal com Seu Edgar muda essa situação e, daí, a Tasca ganhou fama como os paraísos das desquitadas, em referência à idade dessas mulheres, que se separaram antes da lei do divórcio de 1980 e, assim, não se divorciaram, mas são desquitadas. Uma dessas freguesas é Pítuca, funcionária de uma empresa de turismo que, quando não está viajando, costuma aparecer no bar para tomar uns chopes. Seu Edgar me apresentou a ela e ganhei uma caneta da empresa dela para escrever no meu caderno.

A fama de “paraíso das desquitadas” não demorou a extrapolar a memória do salão para outros grupos de mulheres. Dina conheceu Seu Edgar quando ela se mudou de Copacabana para Laranjeiras, depois de fazer o desquite com o marido dela. Até onde saiba, ela não trabalha. Ela ia para o Ponto 13 e seguiu Seu Edgar para a Tasca depois. Na noite da inauguração da nova Tasca, fui apresentada pessoalmente a ela e depois ficávamos amigas; se eu a via no bar, sentava à sua mesa e vice-versa. Depois, ela me apresentou ao filho dela e eles me convidaram para comer uns bolinhos e o filho também me deu uma caneta da empresa dele para escrever no meu caderno. As relações de trocas entre pessoas que frequentam o bar e moram no bairro, ou nas adjacências (Cosme Velho, Catete, Flamengo, Santa Teresa) consolida o bem estar dentro do bar – o filho da Dina fez ginástica com Professor Bento e estudou inglês com Marta, uma professora de inglês que mora em Catete e costuma frequentar o bar depois da missa na Igreja São Judas Tadeu, que fica em Cosme Velho.

Não é incomum uma mulher, especialmente com mais idade, procurar a companhia de outra no bar e já vi algumas mesas que se cruzaram (com seus integrantes esticando seus pescoços e pernas). Esse padrão imita o padrão de homens solitários que bebem em pé no balcão para conversar com outros homens, ou com os funcionários (alguns dos quais também são separados, como um homem que falou comigo em 2007 em Copacabana).

Mulheres mais jovens também aparecem no bar. Já mencionei Marta, a professora de inglês, que vai tanto sozinha como para encontrar amigos. Anita é professora do ensino médio e vai quase sempre sozinha e prefere ficar em pé no balcão para tomar a cachaça dela. Ela conversa mais com Chico, mostra fotos para ele, que mostra fotos para ela. Mas se Chico estiver ocupado, ela conversa com a moça do caixa ou o chopeiro. Um caso interessante para mim por causa de uma inusitada conciliação entre o trabalho e o lazer foi outra professora de ensino médio (apenas a vi uma vez) corrigindo provas com chope na mão às 23h (quem sabe os alunos não lhe agradecem). Algumas vezes vi uma mulher que vinha eventualmente para a Tasca para jantar sozinha, mais raro ainda em bar do que uma mulher beber sozinha. No entanto, continua sendo mais raro uma mulher mais jovem (com menos de 40 anos) se sentir à vontade num bar sozinha. Por exemplo, uma noite uma mulher que não devia ter mais que 35 anos passou nada menos que 30 minutos mandando mensagem de texto do seu celular enquanto tomava chope e comia umas empadas. Ela foi embora mais ou menos quando desistiu de mandar os torpedos. Uma amiga também nessa faixa me ligou para saber se eu estava ou não no bar fazendo campo, pois não se sente bem em bar sozinha. Outra professora ficou lendo e bebendo num dia de chuva (dia mais propício para aqueles que normalmente sentiriam constrangidos no bar, pois vêm menos fregueses), mas mal tirou os olhos do seu livro (e a boca do cigarro).

Nesse sentido, as práticas sociais mais gerais nessa cidade predominam e mesmo a Tasca continua sendo um ambiente masculino, apesar dessas exceções. Tive a oportunidade de observar que a socialização no bar, como socialização masculina, começa na infância, e é uma socialização para ocupar o espaço público. Como anota Vale de Almeida (1995, p. 61-64), isso ocorre primordialmente através da prática de esporte e eventualmente o serviço militar⁸⁴. Na Tasca, já vi algumas vezes dois ou três pais entrando com seus filhos depois da prática de alguma atividade desportiva para tomar um chope e comer um pastel. Nesse caso, o

⁸⁴ Inspirei-me aqui no estudo esclarecedor de Vale de Almeida (1995) que, nas minhas observações, parece valer tanto para Rio de Janeiro como a pequena aldeia de Pardais, no interior de Portugal. Nas páginas 60 e 61 do seu ensaio vemos que, “a pequena rapariga aprende a ser passiva neste sentido e o rapaz a ser ativo [...] Isto é visível nos jogos para rapazes, que se baseiam na constituição de equipas e grupos extensos, com uma atividade física que cobre espaços vastos e públicos, com aspectos de competição pela chefia.”

filho está sendo treinado a ocupar o espaço público e aparecer em público, ele não tem um motivo específico para ir ao bar a não ser para *simplesmente estar lá*. Uma noite, o pai insistiu em treinar o filho adolescente a tomar chope, mas como ele não aceitou, o pai lhe deu meio copo da sua cerveja e instigou o filho a tomar aos poucos⁸⁵.

Já no bairro vejo que a prática desportiva das mulheres é mais individualizada, basicamente natação e ginástica, ioga e outras práticas destinadas a cuidar do corpo e não para estimular a sociabilidade em grupo⁸⁶. Assim, tomar chope e comer pastel frito seriam luxos contrários a esses cuidados do corpo, então passam muitas moças com roupa de ginástica, mas estas não entram no bar (mas entram no café de bairro em Buenos Aires para tomar um café ou refresco, já que isso não afeta o regime). Enfim, a prática de esporte para elas é mais baseada no sacrifício para manter um corpo esguio do que na integração numa sociabilidade pública em que *estar* no bar faz parte. As mães tampouco sociabilizam suas filhas para tomar cerveja. Assim, quando vi uma mãe ir com sua filha para o bar, eu observei que era para conversar sobre algum assunto mais sério, pela expressão no rosto das duas e a duração da conversa. Já vi mãe e filha casualmente ir para o bar, mas para fazer uma refeição e não para “beber”. A mãe pode tomar chope, mas dificilmente a filha segue seus passos e nunca vi a mãe dar nenhum estímulo.

“Michele está no bar: ou fazer campo num lugar que nem todos veem como trabalho”

Durante o período em que fiz a pesquisa, alguns amigos, todos antropólogos como eu, fizeram-me visitas no campo. A maioria deles não tinha nenhum interesse especial no meu tema, mas aproveitava minha presença no bar por motivos que tinham muito mais a ver com “estar com um amigo em um bar” do que questões antropológicas. Não acredito que nenhum deles pretendia atrapalhar meu trabalho embora, em princípio, isso chegou a acontecer. De todo modo, minha impressão era que eles não conseguiam assimilar o fato que tomar uma cerveja num bar com um caderno de campo dá no mesmo que ir para a Amazônia, por exemplo, para conviver com grupos indígenas.

Professores também me visitaram, ou marcaram para me visitar em campo. Uma encontrou-se comigo numa noite e, entre uma caipirinha e outra, deu-me a ideia de escrever

⁸⁵ “O espaço por excelência dos homens é o café. A atividade principal é o consumo de álcool, em regime de comensalidade e reciprocidade diferida entre os homens.” (Ibid., p. 64).

⁸⁶ “Quanto às raparigas, nas suas atividades lúdicas é estimulada a destreza física “circular” e em espaços reduzidos, muitas vezes explicitamente desenhados no chão [...] e a reprodução da vida familiar e da maternidade.” (Ibid., p. 61).

esse subcapítulo⁸⁷. Creio que a aparência dela deu alguma dica ao dono sobre o status profissional dela. “A casa” a tratou muito bem, melhor que qualquer amiga da minha idade ou menos. Aliás, no dia seguinte, Seu Edgar me disse que gostou muito dela e que ela “parece ser uma pessoa muita inteligente”. No Rio de Janeiro, não é necessariamente visto como uma quebra de formalidade se aluno e professor bebem juntos nem se o professor “bebe bem”. Essas visitas no bar acabaram esclarecendo aspectos de sociabilidade que procuro para meu trabalho, pois a confusão entre fazer campo num bar e estar com um amigo num bar me demonstrou o quão naturalizado está o uso desse espaço público no Rio de Janeiro. Simplesmente não ocorreu a nenhum dos amigos que pudessem estar interferindo em um trabalho de um colega, inclusive amigos estrangeiros que vivem até poucos anos na cidade.

Apresento o panorama dos amigos que “perturbaram” meu campo e o que isso significou para mim.

Tabata, 41 anos, mora em Cosme Velho, visitou-me mais. Nesse caso, pesou o fato dela morar perto do bar. Basicamente “saía de casa para espairecer”. Nessas ocasiões, ela tomava até três chopos comigo, comia um pastel ou outro e voltava para casa.

Mariela, 28 anos, nascida em Niterói, atualmente morando no Rio de Janeiro, não tem o costume de frequentar bar nem de beber muita bebida alcoólica. Assim, ela foi a única pessoa que tratou meu campo como campo e não como bar. Ela, inclusive, perguntou-me como ela deveria agir junto aos funcionários e ao dono. Assim, ela realmente procurou enxergar “meu bar” como um *campo de pesquisa antropológica*, pois ela quase que naturalmente já possui o distanciamento necessário para ver o local dessa maneira.

Malena, 41 anos, é argentina, fez seu mestrado e doutorado no Rio, mas nunca adotou os padrões de comportamento do local, organizando a vida social dela mais ou menos do mesmo jeito que faria na terra dela. Ela chegou, pediu uma caipirinha de maracujá e pedimos o jantar. Depois ela foi embora. Ficar em bar só para *estar* não era algo comum para ela.

Bárbara, 28 anos, carioca de Grajaú, é a única das minhas amigas que mora com os pais. Ela me visitou duas vezes, uma vez num sábado para conhecer o bar e outra vez antes de seguir para a Casa Rosa, numa sexta-feira. Como os pais da Bárbara basicamente cuidam dos assuntos mais vitais da vida dela, ela ainda não mantém relações maduras com funcionários e empregados, daí nem sempre trata os trabalhadores com muita delicadeza e, assim, pedi para que ela chamasse os garçons pelo nome e não “moço” e também de não questionar os preços das coisas, além de não se irritar quando o garçom retirava a tulipa de chope com um restinho

⁸⁷ Agradeço à professora Márcia Pereira Leite pela sugestão.

de cerveja (que os amantes de cerveja não costumam tomar porque já fica quente no fim da tulipa). Por esse motivo, acabei me sentindo um pouco aliviada quando ela saiu do bar.

Hans, 34 anos, um amigo alemão de faculdade, que vive há seis anos no Rio de Janeiro, visitou-me uma vez no campo, pois ele “queria me falar algo”. Até que, ele sim, tinha um ou outro assunto burocrático sobre umas traduções, mas se ele não estivesse a fim de sair para encontrar-se com um amigo e conversar, podíamos ter muito bem resolvido esses assuntos por telefone. Ele queria mesmo era sair de casa e “espairecer”.

Regina, 35 anos, conhece o Seu Edgar não apenas porque ela nasceu e foi criada em Laranjeiras, mas também porque sua mãe foi cliente do cabeleireiro. A relação, assim, não está baseada no fato dela ser freguesa do bar, mas moradora antiga do bairro e filha de freguesa do salão. Seu Edgar me perguntou se Regina era minha amiga e eu respondi que sim. Ele sorriu e me disse que a conhecia desde pequena. Foi ela que me ligou porque queria desabafar com alguém, mas jamais iria para um bar, mesmo conhecendo pessoalmente Seu Edgar, para beber sozinha. Ela esperava ansiosamente que eu estivesse lá, pois sabia que faço campo no bar. Tomei mais cerveja do que seria meu costume normalmente numa noite de campo. De qualquer maneira, o caderno ficou para lá.

Vilma, argentina de 40 anos, que vive mais ou menos há seis anos no Rio de Janeiro, visitou-me uma vez antes de ir para a Casa Rosa. Ela só queria me cumprimentar e “esquentar” um pouco antes de seguir para o outro programa. Ela nunca cumprimentou os funcionários ou o dono do bar e me parece que simplesmente ignorava a dinâmica específica do bar no Rio de Janeiro.

Paulo, 28 anos, nascido em Flamengo, é um caso a parte. Ele é um ótimo ajudante de campo, mas isso se deve ao grande conhecimento das pessoas da região, que ele adora apontar para mim. Às vezes ele reconhecia algum ator entre os fregueses, várias vezes ele sabia onde o freguês morava. Por outro lado, também tive que pedir para ele chamar os garçons por nome e ser mais gentil com eles, inclusive para não ser muito meticuloso com a conta. Apesar disso, ele cumprimentava o dono do bar, talvez para ser reconhecido como nativo da área.

Curiosamente, nenhum amigo, seja brasileiro ou argentino, fez muita questão de me visitar no meu campo em Buenos Aires. Se eu tivesse pedido esse tipo de visita como um favor, é provável que alguém fosse para me agradar ou para me ajudar com algum aspecto da minha questão, mas resolvi não insistir e levei minhas dúvidas para eles em outras ocasiões e outros lugares. Eu geralmente encontrava com amigos argentinos nas suas casas, eventualmente num bar mais noturno (para tomar cerveja) ou algum restaurante.

Essas grandes diferenças entre modos de sociabilidade foram um dos fatores que me criaram tantas dificuldades para encontrar um campo para fazer a etnografia portenha. Explico agora como foi essa experiência.

2. O Havanna de Caballito, meu escritório portenho

A. Encontrando um campo em Buenos Aires

Desde que conheci Buenos Aires pela primeira vez, em janeiro de 2005, fascinei-me com a quantidade de cafés na cidade e imediatamente me lembrei dos bares do Rio de Janeiro. Assim, em 2006, resolvi aceitar o desafio de fazer uma espécie de comparação entre uma cidade onde eu já moro durante 20 anos e outra que mal conhecia. Mesmo ciente dessa deficiência, imaginei que haveria alguma comparabilidade básica entre as duas instituições (cafés e bares) nas duas cidades respectivamente e, ao fazer um bom trabalho de campo, tudo acabaria se encaixando. Mas vi posteriormente que fazer tudo se encaixar seria muito mais difícil do que imaginei.

Cheguei a Buenos Aires no início de julho de 2009, no auge do inverno e da paranoia sobre gripe suína, para conhecer a cidade e encontrar um campo. Era uma situação deprimente, pois eu encontrava as ruas vazias e frias. O frio dificultava minha locomoção. Além disso, eu já havia conhecido a cidade durante três visitas anteriores, de aproximadamente 10 dias cada. As imagens que eu tinha da cidade, um lugar cheio de edifícios altos, cosmopolita, onde as pessoas vivem dentro dos cafés – tal como a visão que Sarlo (2008) tem sobre quem faz turismo em Buenos Aires - não demoraram muito para desmoronar. Os motivos me pareciam ir bem além do frio e da gripe.

Assim, levei um pouco mais que quatro meses para encontrar um campo em Buenos Aires. Passei pela cidade toda e seus bairros, tomei café em muitos lugares e finalmente percebi que minha abordagem carioca à questão, baseada numa sociabilidade distinta, de uma cidade com estruturas físicas e sociais igualmente distintas, teria que mudar. Depois de morar na cidade certo tempo, comecei a perceber que sair em busca de um café alegre onde todos se conhecem e interagem entre si livremente seria desperdiçar meu tempo, pois as pessoas em Buenos Aires têm outra noção de pessoa, de espaço, de viver na cidade. Eu teria que reencontrar minha questão nos termos deles. Qual seria o uso normal do espaço de um café entre pessoas na mesma faixa da idade e com situação social comparável com aquelas que eu encontrei na Tasca?



Fotos 6 e 7: “El Colecionista”, visto do lado de fora (esquerda) e sob a marquise aquecida para fumantes no inverno (direita)

Nas outras três vezes que estive em Buenos Aires para curtas estadias, eu gostava de tomar café no El Colecionista em Caballito, em frente ao Parque Rivadavia, pois me parecia reconhecer algo familiar no lugar. Mas dessa vez, já morando na cidade, vi um café com muitos velhos, muitos provavelmente já “da casa”. Mesmo assim, sempre gostei de andar na Rivadavia em Caballito. Um dia, fui imprimir o que eu havia escrito da tese numa fotocopadora na Rua Puan, perto da Faculdade de Filosofia e Letras da UBA no mesmo bairro, onde é barato para fazer cópias a partir de um pendrive, já que muitos alunos fazem isso por lá. No entanto, os cafés estudantis em volta não serviam para estudar senão, como no Rio de Janeiro, para tomar algo com os colegas de classe. Fui numa franquia perto de Puan, na Rivadavia, e sentei-me para começar a revisar as folhas que xeroquei. Voltei para Rivadavia em Caballito no dia seguinte. Valeu à pena a viagem de ônibus, pois eu sempre podia passear um pouco na avenida, dar uma volta no parque (onde se vendem livros usados, ou pelo menos mais em conta, para alunos de ciências sociais, letras e filosofia), e havia cafés em abundância para escolher algum para trabalhar. Numa esquina, antes do parque, havia um café Havana, quietinho, aconchegante e até com gente da minha idade e algumas pessoas trabalhando e estudando, entre eles até um ou outro com jeito de “intelectual”. Ótimo, e lá fiquei.

Uma coisa que reparei nas franquias, como Havana, Bonafide, Balcarce e Martinez é que são mais impessoais, só servem café (ou seja, não há chance de sentir cheiro de comida) e o café segue certo padrão de qualidade que não é a regra nos cafés mais tradicionais ou de bairro (onde, no mínimo, chega quente). Claro que a marca do café em si não é capaz de definir a freguesia que lhe frequenta, nem em Buenos Aires nem no Rio de Janeiro (como aprenderam os infelizes empreendedores que tentaram colocar restaurantes e bares “com cara de zona sul” na zona norte ou depois da Lapa, no centro). Isso depende da localização física

do estabelecimento. Mas quando há vários tipos de cafés num bairro de nível mediano para cima, as pessoas entre 20 e 55 anos aparentemente escolhem esses cafés mais novos e arejados, com um ambiente limpo, menores e com muitas garçonetes jovens.

Havanna, a marca do café onde fiz meu trabalho, é uma franquia de alfajores, um doce típico na Argentina que basicamente consiste em dois biscoitos doces e secos recheados com doce de leite e coberto com chocolate ou açúcar de confeitiro, formando, assim, um biscoito recheado grande. Havanna é de Mar Del Plata, cidade balneário muito apreciada pela qualidade de seus doces no país. Muitos argentinos procuram o mar no verão e então a fábrica de alfajores se tornou uma rede nacional, eventualmente oferecendo café. Hoje, Havanna é tão conhecido como um café quanto como uma marca de alfajores. O Havanna onde eu fiz minha pesquisa é controlado por duas sócias de entre 50 e 60 anos. Seus maridos as ajudam, mas estes não se fazem mais presentes no local do que o necessário. As sócias, diferentemente das garçonetes, não usam uniformes e se vestem de forma casual até, mas combinam com “o ambiente” (que é mais limpo). Há dois outros tipos, duas outras espécies de gerentes, mas que não são sócios. Basicamente, as duas mulheres tomam conta das coisas e fazem rodízio entre elas. As garçonetes são todas garçonetes, ou seja, meninas, geralmente jovens e com aparência europeia.



Foto 8: Um casal conversa dentro do Café em um dia de semana

O café é praticamente do mesmo tamanho e tem a mesma capacidade para servir fregueses que a Tasca, sendo que as mesas são menores e há mais espaço entre elas. No

balcão de mármore, onde ficam as gerentes e o caixa, até duas pessoas podem se sentar ou tomar um café em pé, bem mais raro do que no Rio. Os banheiros ficam num subsolo onde também está o escritório das sócias. Há menos mesas na rua, que não são protegidas por uma marquise, e o uso destas depende muito das intempéries da estação – chuva e calor excessivo no verão, frio no inverno, para não mencionar os transeuntes passeando entre as mesas na Avenida Rivadavia. O café fica numa esquina e as janelas tomam as paredes que dão para uma ruazinha perpendicular, com uma grande sorveteria na esquina, e para a Avenida Rivadavia, onde dá para ver o movimento. As outras duas paredes são cobertas por produtos da marca Havanna. A decoração é de madeira, com janelas grandes, e a localização numa esquina torna o café um espaço de aspecto íntimo e acolhedor.

Como muitos cafés que não servem bebida alcoólica (nesse caso podem permanecer até mais tarde nas quartas, quintas e sextas-feiras), o Havanna abre às 9h e fecha às 21h, exceto para sábado quando fecha às 2h e domingo quando abre às 15:30h. Durante a semana, o horário mais movimentado é entre 16h e 19h, sendo 17h e 18h, pelo menos nas minhas observações, o horário de maior movimento. Há muitas mães com filhos e especialmente filhas neste horário. Velhos solitários (e velhas solitárias) aparecem a toda hora. O café é o local para onde eles podem ir, sair de casa e espairar, sendo um lazer importante, onde se pode ler o jornal, olhar para as jovens e observar o movimento na Avenida. Solitários que vão para ler ou trabalhar podem chegar antes para ter mais silêncio, mas continuam até a noite. É quando aparecem novos casais de namorados (ou uma *cita a ciegas* ou um primeiro ou segundo encontro) e leitores. É também comum se marcar um encontro (seja entre quem for) num café para depois seguir para outro lugar.



Foto 9: Até aos domingos há solitários lendo no Café Havanna de Caballito

Minha apresentação no campo

A entrada em campo foi muito diferente em Buenos Aires em relação ao que foi no Rio de Janeiro, o que reflete as diferenças mais gerais de sociabilidade entre as duas cidades. A primeira grande diferença que eu observei foi a aparente frieza e impessoalidade do lugar. Em parte atribuo isso ao fato do café estar localizado numa parte central da Avenida Rivadavia. No entanto, ainda era um bairro, Caballito, e eventualmente consegui reconhecer os moradores locais, como também faziam os sócios proprietários da franquia e as garçonetes. Depois de aparecer seguidamente por algumas vezes, eu também me fiz reconhecível no café, mas isso não mudou nada em termos de como fui tratada. Reconhecível e reconhecido ou não, não há o tipo de confiança presente nos bares de bairro do Rio. Ninguém deixaria uma bolsa na mesa para ir ao banheiro, por exemplo. Ao contrário, levaria tudo embaixo para depois subir a escada com tudo de novo e voltar a ocupar a mesma mesa, a não ser que outra pessoa tomasse a mesma mesa durante o pequeno intervalo, como já me aconteceu. Sintomático foi uma vez que uma moça deixou uma pasta em cima da mesa para guardar seu lugar e foi para o banheiro. A garçonete pegou a pasta para guardar, achando que a freguesa a tinha esquecido.

Também não há nenhum grande esforço para segurar o freguês através da simpatia. Há garçonetes mais simpáticas no café, mas outras que não me deixavam totalmente à vontade. Um sábado, depois de já ter ido por dez vezes ao café, quase pensei em mudar de campo, pois a garçonete foi muita fria comigo, beirando à antipatia. Fiquei refletindo sobre o que eu teria feito para deixá-la assim (no Rio, o problema é a gorjeta, mas isso não era o caso em Buenos Aires). Conteí o que sentia para um casal de amigos argentinos e eles riram e me tranquilizaram, aconselhando que eu não ligasse para isso, pois mau humor é comum e simpatia simplesmente não é um pressuposto nos estabelecimentos de Buenos Aires. Eles me contaram que frequentam uma pizzaria de que gostam muito, mas onde nunca foram atendidos com simpatia, mas como a pizza é muito boa e o lugar perto da casa deles, eles não deixam de frequentar o estabelecimento em função dos atendentes.

Assim, há garçons que atendem com simpatia sempre, mas isso constitui um traço da personalidade do empregado e não é um pressuposto do emprego. Na verdade, um empregado excessivamente simpático provavelmente seria visto com suspeição. Inclusive, cheguei a cumprimentar uma ou outra mais simpática quando eu já estava sentada. Elas entenderam que isso seria um sinal que eu queria pedir algo para elas. Não voltei a repetir o gesto. A hora apropriada para cumprimentar os garçons e o gerente, é na entrada do estabelecimento. O

gesto pode ser repetido na saída, mas não há nenhum motivo para insistir nessa gentileza se o funcionário estiver ocupado.

Posso arriscar dizer que há mais ternura quando o freguês é um morador local que já frequenta o lugar faz muito tempo ou com muita regularidade. Isso foi o caso de Osho (chamo-a assim porque sempre que aparecia no café tirava da mochila um livro deste autor), uma adolescente. Moradores locais são reconhecidos como tais no café, pois a despeito da sua impessoalidade, é essencialmente um hábito local. Parece-me que quase não vêm fregueses de longe que não trabalham em Caballito ou marcam encontro com alguém de lá. Se no centro da cidade ainda é possível encontrar cafés literários, na maioria dos bairros nenhum café faz parte de um circuito específico, como no Rio, e, certamente no caso da Tasca, que também é um bar local de bairro. Isso ficou mais evidente para mim quando falei com uma das garçonetes que eu morava em Belgrano. Ela me olhou surpresa e me perguntou por que me daria o trabalho de vir para Caballito quando há tantos cafés próximos de onde morava, locais onde eu poderia trabalhar.

Mas novamente, se localidade pode influenciar o relacionamento do freguês com os funcionários, nem todas as garçonetes tratam os fregueses do mesmo jeito, nem todos os fregueses, mesmo os regulares que aparentam sentir bem no espaço, querem qualquer atenção desses funcionários. Já no Rio, o jogo de cumprimentar num lugar onde se é freguês fixo já é mais ritualizado com uma hierarquia de quem se cumprimenta primeiro e último. Quando Seu Edgar estava presente até Chico me lembrava de ir falar com ele. Eu chegava a cumprimentar o cozinheiro também, mas isso não me parecia necessário. Entretanto, cumprimentar os funcionários que não ficam escondidos nos bastidores, isso sim se faz necessário, além de cumprimentar outros fregueses conhecidos. Esse hábito se estende ao caso de passar na rua sem entrar no bar. É esperado que se cumprimente a uma pessoa que se conheça, como qualquer vizinho. Havia vezes em que eu não estava a fim de fazer campo no Rio justamente porque eu não queria me expor, no sentido de ser atriz e manter meu papel. Outras vezes eu estava cansada, de mau humor por algum motivo, ou não me sentia bem fisicamente (afinal, ficar três horas ou mais no bar com uma água é difícil, até porque o dono sempre insistia para que eu comesse algo ou tomasse um chope). Nesses casos, não queria entrar em detalhes com Seu Edgar e, na realidade, ninguém vai para bar no Rio quando não se sente bem. Tão ruim nessas condições é estar passeando na rua e ter que acenar para o dono do bar, o quitandeiro, o jornaleiro e o vendedor de frutas ou guloseimas.

Foi assim que vi um lado positivo na impessoalidade maior de Buenos Aires. Por um lado, o campo era bem mais chato porque não via tantas “figuras” (gente pitoresca), eu não

conversava com o dono ou os garçons sobre os fregueses (ou conversar eu mesmo com os fregueses), não apareciam amigos, eu não tomava chope, nem comia, não havia nada extraordinário acontecendo na rua. Por outro lado, desisti de fazer campo menos justamente porque eu também ia para o campo para trabalhar, pois eu tinha muitas leituras para fazer e também como eu ficava literal e figurativamente sozinha lá e ninguém demonstrava querer engajar ninguém numa sociabilidade mais envolvente – a não ser os eventuais “caçadores” que, ao não conseguir atracar os olhos em mim desistiam de qualquer maneira – ficava até mais fácil para eu estar de mau humor ou “no meu mundo” do que na casa onde eu alugava quarto, onde eventualmente a dona me procurava para conversar. E o café se mostrava melhor para mim do que uma biblioteca, digamos, porque eu podia tomar um café, ver luz e movimento na rua, espalhar todo meu material na mesa, usar o celular e chegar facilmente ao toalete. Basicamente, o freguês aluga a mesa e a mesa é sua. Mesmo depois de conhecer melhor as duas sócias e me sentir um pouco mais entrosada na casa, ninguém iria me engajar em conversa se eu não aparentasse estar disponível para isso.

Comecei a fazer a pesquisa no fim de outubro e voltei para Rio de Janeiro para as festas de fim de ano, em meados de dezembro. Retornei a Buenos Aires no dia 8 de janeiro e no dia seguinte apareci no Havanna para retomar o trabalho de campo. Foi ótimo reaparecer depois de uma ausência, já que um dia depois uma das sócias, Candela, foi até minha mesa para falar comigo. Suspeitei que ela finalmente quisesse saber o que eu estava fazendo no seu café e, assim, facilitei a “entrada” no assunto ao dizer que eu estava trabalhando muito (um texto xerocado para eu revisar estava na mesa à minha frente já com marcas de caneta), ao que ela perguntou em que eu estava trabalhando e eu expliquei tudo. Ela foi cordial comigo do jeito que se é quando se quer agradar a um turista qualquer e me disse que o café é mais uma instituição portenha do que argentina. Ela também me disse que o café é um lugar, por excelência, de encontro. Quando mencionei que também vi muita gente sozinha trabalhando (ou não), ela concordou comigo, se de forma relutante, que o café é um bom lugar para trabalhar. Para finalizar a curta conversa, ela me deu o seu cartão de visita e me disse que eu poderia entrevistá-la, fazer consultas a ela quando quisesse. Na verdade, isso não era tão fácil assim e fui lhe consultar quando ela não estava muita ocupada e podendo falar comigo, mas esses encontros foram breves. De qualquer maneira, comecei a me sentir mais à vontade, até com as outras garçonetes que passaram a falar mais comigo. Ainda a outra sócia puxou assunto comigo ao me perguntar como fazer brigadeiro (doce caseiro brasileiro típico), que, por sorte, eu soube explicar direitinho para ela.

Do lado administrativo, cabe aqui enfatizar que a franquia não é a mesma coisa que um café tradicional, embora a sociabilidade dentro do café-franquia siga uma lógica local, compatível com qualquer café. Nos cafés mais tradicionais, os donos geralmente são galegos (o mais comum é de origem espanhola) e seus nomes constam na entrada do estabelecimento. Os garçons são homens, com um ou outro mais velho e outros mais novos, com feições físicas de pessoas geralmente do interior, mais indígenas e morenos. O ambiente é mais masculino e o tipo de relacionamento estabelecido entre um cliente fiel e o dono e/ou garçom é mais próximo ao bar no Rio, quando o café for de bairro. Conforme disse antes, não fui para esse tipo de lugar, pois o público é, no geral, mais velho e há certo ar de desatualizado. De outro lado, percebi que nos cafés mais modernos há mais mistura de idades e propósitos do uso do espaço.

Assim, o café Havanna é mais feminino, tanto por causa das garçonetes e sócias (cujos maridos sempre estão do lado de fora na calçada, talvez até por motivos de segurança) como a freguesia, mais feminina no geral. Candela não é do ramo de cafés (ou outros tipos de estabelecimentos comerciais) e faz seis anos que tem o café. O marido dela também não é do ramo. Ela não é apaixonada pelo negócio, “tem que trabalhar em algo”, disse ela, mas gosta das relações que estabeleceu com as pessoas da vizinhança. O que não gosta é de perder o fim de semana dela, pois o café fecha às 2h aos sábados e abre às 15h30min aos domingos, fechando às 21h, tal como durante os demais dias da semana. Assim, ela se sente um pouco cansada.

Devido à noção de espaço privado e de indivíduo, mais fortes do que no Rio de Janeiro (pelo menos é assim que eu entendo), nunca falei com outros fregueses do café. Como em Buenos Aires, as pessoas são realmente mais desconfiadas e muitas vezes até amizades e namoros apenas podem começar graças à recomendação de terceiros, eu já imaginei que isso não seria muito fácil. Eu também não quis perguntar para Candela muito sobre seus fregueses pelo mesmo motivo. Mesmo quando morei em Parque Patrício, eu escutei fregueses perguntando aos garçons quem eu era, mas aí, como me parece ser o caso no geral, o garçom é usado como intermediário para qualquer tipo de indagação sobre outro freguês. Há ainda outro fator, diferentemente do Rio de Janeiro, não há ninguém tomando cerveja lá dentro para “tomar coragem” e vir até minha mesa. Por outro lado, quando voltei em janeiro, além da Candela, comecei a reparar que os fregueses mais regulares (penso numa mãe com sua filha, Osho e um grupo de professoras aposentadas da UBA) passaram a me olhar com mais atenção. O que me parecia era que eles viram que eu estava começando a plantar raiz naquele espaço.

Candela me confirmou que praticamente todos os frequentadores moram ou trabalham perto do local, mas também me disse que todos os dias aparecem pessoas desconhecidas. Afinal, é um café Havana e está na Avenida Rivadavia. Durante o dia, antes das 16h, é também comum aparecer duplas de homens para discutir algum assunto de trabalho. Eventualmente, a mesa cresce com a entrada e saída de outras pessoas que se sentam para assinar um contrato, discutir sobre um imóvel ou um inventário (já observei esses exemplos).

Na verdade, o café me parecia como uma extensão do escritório para os homens, mas não como lazer. A impressão que eu tive em Buenos Aires é que o café não é uma instituição lúdica para homens, a não ser nos estabelecimentos mais tradicionais onde também oferecem cerveja e que são mais masculinos. E, nesses casos, os homens costumam ser mais velhos. O uso lúdico masculino no Havana é quando o homem leva a parceira ou familiares para o café (especialmente no fim de semana) ou no sábado à noite, quando o café fica até 2h para acompanhar a saída do cinema e de restaurantes. Nessas ocasiões, no geral, todos, os homens inclusive, costumam pedir algo além de um café ou refrigerante, como um alfajor, um sanduíche, ou até um cappuccino. No geral, quando alguém vai para o café para trabalhar (mulher sozinha com livro ou computador, homem sozinho nas mesmas condições, ou dois ou mais homens discutindo o trabalho) não se pede muita coisa além de café ou refrigerante, que muitas vezes é o necessário mesmo para “alugar” a mesa e ficar à vontade o tempo que quiser sem ser perturbado.

Suspeito que muitas das pessoas que Candela não conhece vão para o café para fazer uma “escala técnica”, ou seja, fazer uma pausa no dia, por calor, por frio, cansaço, falta de vontade de seguir para casa ou como uma “horinha” entre um compromisso e outro. Nesses casos, a pessoa entra e tira a agenda, notas e papéis, olha para o espaço ou pega um jornal para ler, mas dificilmente fica mais que meia hora no café. A pausa no dia é também muito conveniente para “esfriar/limpar a cabeça”, ou seja, se tranquilizar diante de alguma situação que deixa a pessoa um pouco inquieta. Em todos esses casos, fica evidente que o usuário não vai para o café para fazer algo específico – é uma pausa mesmo. Por outro lado, nessas situações pedem mais doces, sanduíches ou cafés mais elaborados (com creme, chocolate, etc.). O caso é ligeiramente diferente quando a pessoa entra para usar seu telefone celular, em cujo caso o café serve como um lugar para sentar-se com calma e fazer e receber ligações, seja assunto de trabalho ou pessoal.

Para mim, o caso mais emblemático em Buenos Aires é o uso do café por pessoas que vão sozinhas para trabalhar com o computador ou com seus livros e cadernos, um uso bem corriqueiro desse tipo de espaço. Amigos argentinos que vivem ou viveram durante um

período no Rio de Janeiro me contaram que “ficaram loucos” porque não havia lugares, fora a biblioteca, para sair de casa e trabalhar (ler e escrever). Uma amiga iria para um bar mesmo e ignorava os olhares dirigidos a ela. Quando falo com amigos vivendo em Buenos Aires atualmente, eles dizem que o trabalho nem sempre rende dentro de casa e ficar trancada em casa todo o dia pode distrair, além do que pode haver barulho de obras, vizinhos, muito calor (muitos cafés oferecem ar condicionado no verão), frio ou escuridão (apartamentos em Buenos Aires são geralmente pequenos e muitos não oferecem o luxo de uma vista para a rua). Por outro lado, como o café atualmente custa no mínimo seis pesos (quase três reais), amigos em situação financeira mais complicada ficam mesmo em casa.

Em janeiro, essa rotina muda no café, como toda a cidade muda nesse período de férias. Quase não vi pessoas trabalhando, mas em compensação apareceram vários indivíduos sozinhos com seus livros (nesse caso pelo prazer de ler mesmo e não por objetivos escolares ou profissionais). Fregueses que já tinham esse hábito durante todo o ano e não viajaram em janeiro (e reconheci muitos moradores que continuavam frequentando o café em janeiro), não mudaram essas rotinas. Esse foi o caso de uma filha que chegava depois das 16h fielmente todo dia com um livro para esperar a mãe dela. Às vezes, depois que a mãe partia, a filha permanecia no café com seu livro. Outra era Osho. Também em janeiro apareciam mais jovens e pessoas não habituais. A impressão geral que tive era que o café assumia feições mais lúdicas nesse mês de férias, mas a rotina do restante do ano se resume rapidamente no fim do mês.

Em termos mais gerais, parece-me que enquanto no Rio de Janeiro uma pessoa vai para a rua para estar disponível para a sociabilidade de grupo (e fica dentro de casa quando necessita de privacidade), em Buenos Aires ir para a rua é uma ótima maneira de ficar consigo mesmo. Claro, não quero caricaturar, ao sugerir uma dicotomia, mas, mais do que nada, sugerir um caminho uma pista para compreender duas visões de intimidade e uso de espaço privado e público que são distintos.

Formações dentro do café

Ver uma mesa com mais de quatro pessoas num café em Buenos Aires é muito difícil. Grupos maiores são mais comuns em restaurantes, especialmente no dia de domingo (no caso, uma família ou algum evento comemorativo, como aniversário). O mais normal, na minha experiência, são grupos de uma ou duas pessoas (eventualmente três). As mesas também não crescem como nos bares no Rio de Janeiro. Se o freguês entrar num recinto e reconhecer

alguém em outra mesa, vai acenar (mais para reconhecer o laço) e seguir para sua própria mesa. Se quiser falar com esse conhecido, depois pode telefonar para sua casa. Também não há interações entre mesas e se precisar de açúcar, guardanapo ou qualquer outra coisa, o garçom é chamado.

A grande exceção são pessoas “de levante”, que tentam estabelecer um laço, através do olhar num primeiro momento e depois ao pedir o tal do açúcar, a hora ou outra trivialidade qualquer, visando “engancha” um parceiro afetivo/sexual potencial. No meu campo, isso aconteceu pouco (ao perceber o jogo, enfiei-me dentro de um texto ou caderno), mas no microcentro a prática é bem corriqueira, já que não é bairro, mas uma espécie de “terra de ninguém”. Além disso, especialmente no verão, quando há mais turistas, as pessoas usam menos roupa e o clima emocional também esquenta mais. Duas moças falando em português é um estímulo ainda maior, por causa do imaginário sexual que homens argentinos mantêm sobre brasileiras. Foi assim que uma jovem amiga e eu tivemos que optar por tomar café em outro lugar, depois de nos ver “cercadas”, apesar do lugar estar quase vazio. A outra curiosidade de natureza sexual é um grupo de homens que se sentam perto de uma ou mais moças para perturbá-las ao fazer comentários, geralmente como diversão com seus colegas. Isso acontece tanto da parte de rapazes jovens quanto homens mais velhos, chamados de “velhos verdes”. Em La Plata, certa vez, um grupo deles virou suas cadeiras (todos juntos) para olhar para mim e para minha amiga enquanto tomávamos nosso café. Mas, como no Rio, quando o lugar é mais “de bairro” e o freguês é conhecido, os constrangimentos sociais agem contra tais investidas. O Havana onde fiz minha pesquisa não é totalmente de bairro, pois fica em Avenida Rivadavia, mas um freguês conhecido do bairro provavelmente não vai tentar “levantar” uma moça, especialmente se ela for conhecida da casa, e um grupo também não vai constranger uma ou mais moças por prazer num ambiente tão pequeno e onde todos são tão visíveis, com a presença da sócia.

Outra formação extremamente típica no café, mas menos sistematizada no bar é mãe e filha. Na Tasca, vi pais levarem seus filhos para iniciá-los no ritual masculino de estar em público e tomar bebida alcoólica enquanto uma mãe eventualmente leva a filha para jantar ou para discutir algum assunto pendente. Já no Havana era raro ver pai e filho, mas há várias mães e filhas sempre, inclusive duplas locais que aparecem praticamente todos os dias, praticamente sem falta. Nesses casos, obviamente, nem sempre há algo específico para discutir, mas o encontro serve mais como uma espécie de entretenimento ou um alibi para sair de casa num ambiente fácil para agradar as duas, sem ter que gastar muito. Quando as crianças são pequenas, a mãe, a mãe e sua amiga, ou até o casal, fazem uma “escala técnica” e

os pequenos servem de mero álibi para não ir para a casa (ou para sair dela). Muitas vezes as crianças até são ignoradas nesses casos. Uma vez as vi sentadas em outra mesa enquanto a mãe ou falava ao celular ou com outra amiga. Mas uma filha pré-adolescente ou mais velha mais provavelmente ou terá algum assunto para resolver no café, ou estará aí para simplesmente estar com a mãe (ou até avó), mesmo para distraí-la. Um conflito de família, envolvendo mais integrantes, eventualmente aparece no fim de semana quando os membros femininos se juntam aos membros mais idosos e masculinos. Isso eu vi num domingo (o grupo estava bem à minha frente, com longos silêncios, rostos contorcidos e falas enfáticas).

“Assuntos sérios” são algo feminino tanto no bar de bairro quanto no café, acontecendo entre mãe e filha, o casal e/ou duas amigas. Assuntos não tão sérios, como duas amigas voltando da academia de ginástica para contar suas aventuras afetivas e falar mal de outras conhecidas (estavam bem ao meu lado e acredito que elas imaginavam que eu não entendia espanhol, bastante comum nesse campo), também são comuns entre grupos de duas amigas. Não escutei nenhum bate-papo intelectual, com a notável exceção de três idosas, professoras aposentadas do departamento de letras, da UBA, que se reuniam quase toda semana no café. É menos comum, na minha experiência, ver um homem no café com outro homem para discutir um problema de ordem pessoal ou até para “bater papo” casualmente, a não ser que o assunto seja trabalho. No bar do Rio, eles também se encontram para “colocar o papo em dia”, o que também acontece entre grupos de amigos mistos. Raramente vi grupos de amigos de ambos os sexos juntos no café, a não ser dois casais, geralmente mais idosos e no fim de semana (também vejo grupos de dois casais em restaurantes em Buenos Aires). Mas, por outro lado, sempre há duplas.

Nos fins de semana, o café funciona como local mais voltado para a recreação. Sábado é para quem faz compras na Rivadavia, como em todas as grandes avenidas da cidade. No domingo, as pessoas vão para o cinema e se sentam no parque quando o tempo está bom. Também serve para jovens casais de namorados, para o rapaz levar a moça para um café. O horário de maior movimento é mais ou menos o mesmo que durante o resto da semana, mas há muito mais consumo de cafés elaborados e doces e muito mais barulho. A saída do parque ou a avenida é um pouco como a volta da praia no Rio, nesse aspecto. Duplas de homens são mais raras, especialmente no domingo, quando há jogos de futebol. Muita gente parece não morar, trabalhar perto ou simplesmente não ter o costume de frequentar o café durante a semana. Os “caçadores” também são escassos, já que o fim de semana é mais para consolidar algo cultivado e plantado durante a semana e não para estabelecer (talvez eles migrem para outros lugares).

Em resumo, a grande diferença é que enquanto o bar de bairro ainda se apresenta como uma instituição masculina, hoje muito mais mista, em função do consumo de álcool como prática cotidiana e de rua (e não em casa), o café, especialmente na sua vertente mais contemporânea, incorporou o público feminino. O homem usa o café para trabalhar, sozinho, para resolver um assunto de trabalho com outro colega ou eventualmente para caçar uma mulher durante uma tarde da semana. Como lazer, o homem vai para o café mais para agradar a uma namorada, uma mulher ou outra pessoa familiar. A exceção seria um café mais tradicional que serve álcool também. Nesse caso, a não ser no centro da cidade, os homens são quase sempre mais velhos.

Parte II: Contrastes

O leitor já deve ter percebido que a experiência de frequentar um bar de bairro (um bairro particular) no Rio e um café de bairro e de Avenida em Buenos Aires é distinta. Como entender essas maneiras distintas de entender “a rua” e de aparecer em público (MELLO; VOGEL, 1985, p. 50-51)⁸⁸?

Personagens

Foi mencionado, no capítulo II, sobre eu ter me tornado uma personagem no bar, numa cidade em que aparecer em público é uma apresentação para um público de espectadores. No meu caderno de campo, contabilizei pelo menos 34 pessoas na Tasca do que me lembro claramente em mais ou menos quatro meses de campo (em Buenos Aires, contabilizei menos do que a metade e isso fiz um pouco à força). Não conheci todos eles pessoalmente, como um professor de quem o dono e alguns fregueses me falaram (Seu Edgar até me deu o telefone dele). Sei que ele costuma almoçar lá na Tasca aos sábados, mas nunca estive lá nesse horário. Mas sei que este freguês respeitado “faz parte do espetáculo”. Os próprios funcionários são personagens e conversei com todos eles. Na Tasca, sem dúvida, o

⁸⁸ A oposição Casa x Rua vem acompanhada da ideia de graduação, tal como aplicado ao conjunto dos espaços que designamos pela categoria inclusiva de casa (DaMatta, 1979). A rua como domínio oposto ao de casa, tenderia a identificar-se com o público, o formal, o visível e o masculino. A casa, como sua contrapartida, estaria vinculada, em princípio, ao informal, ao invisível e ao feminino. Estes, no entanto, são apenas pólos de um eixo para a compreensão do universo social. Os dados da percepção distintiva do masculino/feminino, do visível/invisível, do público/privado, do formal/informal, bem como do dentro/fora, são codificados diversamente, nas diferentes culturas. São significantes privilegiados cuja combinação e significados variam contextualmente.

personagem principal é Seu Edgar, e ele gosta muito do seu papel. Ele já saiu no programa noturno nacional, Jô Soares, em 2008, onde deu entrevista, por exemplo. Além da simpatia geral dele, imagino que parte da facilidade que eu tive em me entrosar no bar também se deve ao fato de que estou “escrevendo um livro” (como ele costuma descrever a tese) sobre ele e seu bar. Algumas outras personagens são conhecidas além do bar como um velho francês também conhecido em Lamas, na biblioteca francesa e outros lugares entre o centro da cidade e Flamengo. Outro é um professor ou jornalista (ouvi declarações contraditórias a respeito) que frequenta ou a Tasca, ou Lamas, ou o Arco Íris no centro, sempre sozinho. Ironicamente, ao se espalhar pela cidade e se esconder num canto, ele acaba chamando mais a atenção do que os grupos mais habituais nesses bares (se bem que o Arco Íris na Lapa é mais um bar de passagem, mas sozinho lá só ele mesmo). A tentativa de ficar anônimo no bar foi muito bem ironizada num conto curto de Vitor Guidice (1989, p. 142 et. seq.) chamado *Salvador janta no Lamas*. No conto, um pacato funcionário público do subúrbio janta periodicamente no restaurante e bar famoso do Flamengo para “espairecer”, “ver gente” e fazer algo diferente do cotidiano dele. Para o horror do homem tímido, começa se sentir que estão todos olhando para ele. Ele sai, mas volta e fica na porta do restaurante e vê que agora todos no restaurante e bar passaram a olhar outros fregueses, só que cada um deles responde bem àquilo que é esperado deles e faz sua performance e é aplaudido. A mensagem final me parece ser que quem não gosta de teatro não deve procurar o bar.

Resulta que ser pesquisadora significou que eu podia ficar tranquila e me integrar no bar com facilidade como uma personagem a mais. Em Buenos Aires, também não tive dificuldade, especialmente quando respeitei o café como aquilo que é – um espaço neutro onde pessoas podem estar tranquilamente na rua sem serem perturbadas. Assim, como qualquer morador da cidade, eu podia levar todo meu trabalho para lá. Mas não tive facilidade para saber quem frequenta o café ou quaisquer outras informações, pois isso implicava invadir espaço alheio (que me levou a esconder meu caderno). Assim, o café é um espaço mais neutro do que lúdico enquanto os aspectos lúdicos predominam no bar. A neutralidade é a grande qualidade da vida impessoal, cosmopolita e essencialmente urbana que o portenho vê como o ideal da sua cidade. Não há nenhum apelo a um estilo de vida de “pobre” (ou histórico), como poderia ser visto numa pizzeria ou bodegón e certamente no “autêntico bar e botequim”.

A. Argentinos no bar e brasileiros no café; sintomas de sociabilidades diferentes

Tive a oportunidade de comparar (pelo contraste) a sociabilidade carioca e portenha *in lócus*, pois, por minha sorte, apareciam portenhos na Tasca e brasileiros (sem poder saber se eram do Rio de Janeiro ou alhures) no Havanna, como também em outros cafés de Buenos Aires (e bares no Rio). Em ambos os contextos, foi possível perceber que o forasteiro não se “encaixou”, pois aplicava suas práticas sociais de casa a um âmbito onde estas não faziam sentido. Aqui seguem as interpretações de cada grupo.

Vida de província, ou a sociabilidade obrigatória

Falei com alguns argentinos sobre minha pesquisa no Rio de Janeiro. Quando descrevi o lugar e as práticas do bar onde fiz minha pesquisa, os interlocutores que não moravam ou nasceram na capital federal inevitavelmente me diziam que a Tasca parecia com um café típico do interior. Um rapaz do Tandil, uma cidade turística no interior da província de Buenos Aires me disse que lá na cidade dele as pessoas têm seus dias e horários para frequentar o bar e se conhecem uns entre outros. Ele ainda aproveitou para me dizer que a cidade dele “cresceu fisicamente (tendo já cerca de 500 mil habitantes), mas não mentalmente”. Outra pessoa de Santa Rosa, a capital da província de La Pampa me disse praticamente a mesma coisa. Possivelmente, essas pessoas não conheciam os cafés de bairros mais trabalhadores na capital federal, mas o discurso opondo um estilo de vida claramente urbano em que o indivíduo desfruta de certa privacidade e outro estilo no interior, onde o sujeito é atrelado às suas relações pessoais, chamou-me a atenção.

A capital da província de Buenos Aires, La Plata, é uma cidade universitária e bem maior que as duas cidades mencionadas acima. Como conheço pessoas que moram lá e a cidade fica apenas a uma hora da capital federal, eventualmente eu iria para lá para sair com amigos, ou passar o fim de semana. Fui para uma das cervejarias mais antigas da cidade, o Modelo, que foi fundada em 1879 (assim estava escrito na parede do restaurante e bar), quando a cidade ainda tinha mais poeira do que asfalto e cimento (novamente, havia muitas fotos históricas na parede). Encantei-me imediatamente com o lugar – os garçons eram simpáticos e brincalhões, já às 20h, numa terça-feira, o lugar estava cheio, havia uma mistura de faixas etárias e tipos de grupo e ainda fartos petiscos para dividir com o resto da mesa. Sempre sobrava comida no prato. As grandes cestas de amendoim, colocadas nas mesas antes de pedir petiscos ou comidas do cardápio, com as cascas que as pessoas jogavam no chão, não ajudavam a abrir o apetite. Se não fosse a separação entre as mesas e a falta de interatividade entre fregueses entre mesas, eu estaria “em casa”, num bar carioca. Comentei minhas

observações com o resto da mesa e ouvi deles que La Plata é assim porque há maior concentração territorial de lazer e, para eles, se fosse a capital federal Buenos Aires, jamais um bar teria essas características, pois há pólos de lazer espalhados por toda a cidade, permitindo que cada um frequente o lugar que mais combina com seu gosto (um juízo de valor positivo sobre a capital federal).

.... E a frieza da grande cidade

Fiz um curso de espanhol para estrangeiros na Universidade de Buenos Aires onde fui colocada em uma turma de brasileiros porque moro no Brasil e falo português. Por isso, eu teria os mesmos problemas para aprender espanhol que um brasileiro. A turma não demorou nem uma aula para se juntar e planejar saídas na cidade. Entre eles eu me tornei mais brasileira do que nunca porque compartilhei códigos culturais comuns num lugar onde estes geralmente não eram compreendidos. Quando falei da minha pesquisa para eles, imediatamente me pediram para levá-los a um bar legal na cidade para a gente poder tomar umas cervejas e conversar. Todos (uma carioca, um mineiro, um paulista do interior, uma goiana e um rapaz nascido em Mato Grosso, mas que vivia no sul) me reclamaram que sentiam falta de bar em Buenos Aires. “Bar” era visto por eles como um lugar para se reunir com os amigos no final do dia e “jogar papo fora” (falar sobre assuntos triviais, mais para se divertir do que para chegar a qualquer conclusão mais séria). O grupo variava de indivíduos com idade entre 22 e 40 anos. Fui com alguns deles para um bar estudantil no baixo Rivadavia, perto de Once, um dos raros lugares que servem cerveja durante o dia sem servir café também. O ambiente é de “bar” no sentido de estar escuro, tocando rock, de madeira e com garrafas de bebidas vazias decorando as paredes. Como era self-service, um dos rapazes se levantou e pegou uma travessa gigante de batata frita para a mesa compartilhar. A conta era também compartilhada no fim e o grupo ficou satisfeito, querendo voltar outra vez para o bar.

Outra vez, fui com duas meninas para um café-bar-restaurant grande numa das ruas principais do microcentro depois da aula para a gente “bater papo”. As três bebendo cerveja no meio da tarde chamaram certa atenção entre os fregueses argentinos. As interlocutoras acharam os garçons frios e mal-educados, mas não concordei com elas. Quando a garçonete se aproximou da nossa mesa para anotar nosso pedido, sorri para ela e quando ela trouxe a cerveja lhe agradei também com um sorriso. Quando voltei outra vez para o mesmo estabelecimento com uma das meninas (a carioca), a garçonete que nos atendeu a primeira vez me reconheceu e me sorriu também. Perguntei a minha nova colega carioca porque ela achava

os garçons mal-educados e ela me respondeu que “não falavam com ela” e “ficavam na deles”. No entanto, invadir a privacidade de um freguês com quem não se estabeleceu maior intimidade, algo que acontece apenas com o decorrer de tempo e vontade da parte do próprio freguês, seria uma invasão do seu espaço individual, isso sim, mal-educado para um portenho.

“Lavando roupa suja” na rua

Quando ainda estava fazendo a pesquisa exploratória para escolher um campo de trabalho no Rio, observei um evento que achei bastante curioso num bar lotado numa sexta-feira à noite, o dia em que os bares recebem mais pessoas nessa cidade. Estava um argentino solitário (fui confirmar a nacionalidade com o garçom) em pé, andando de um lado para outro, claramente perturbado com algum assunto pessoal. Ele aparentava estar ansioso com um olhar muito sério, olhando para baixo, gesticulando para si mesmo e ignorando seu entorno, andando de um lado para outro com um chope na mão, que renovava com certa frequência. Depois da quarta cerveja, foi embora. Até que companheiros ou amigas mulheres, costumam ir para um bar para conversar sobre assuntos graves, mas não à meia-noite, numa sexta-feira, num bar lotado, senão mais cedo e, especialmente, durante a semana. Além disso, o mais estranho, para mim e para os cariocas que me acompanhavam, era ver um solitário no Rio ir para um bar para representar sua mágoa sozinho em público, mais ainda quando a maioria dos fregueses está lá para se divertir, falando e rindo alto. Homens solitários no Rio aproveitam o balcão justamente para *não* ficar sozinhos e conversar com os outros homens ou os funcionários atrás do balcão. O que mais me chamou a atenção foi a performance do sujeito, os gestos e olhares, o nervosismo foi cuidadosamente representado para um público espectador, só que no lugar (a rua) e na hora (sexta-feira à noite, quando a rua serve para lazer) errados.

Isso foi em 2006. Três anos depois, lembrei-me desse acontecimento quando fui para uma pizzaria também lotada numa quinta-feira, em Buenos Aires. Separado do salão, com suas mesas de restaurante, é quase sempre um balcão aonde vão também quase sempre apenas homens. Pode até haver interação entre esses homens, e há, mas com certa mistura de grupos sociais e faixas etárias, esse tipo de sociabilidade é longe de ser obrigatória. Ao contrário, o ambiente algo caótico favorece solitários que precisam “limpar a cabeça” como um caso que vi naquela noite (desde o salão onde eu estava sentada). Igual ao deslocado freguês do bar carioca, estava um jovem ainda de gravata, tomando vários copos grandes de moscatel, um vinho doce comum em pizzarias, que embriaga muito mais do que cerveja (por causa do

açúcar), especialmente do jeito que esse indivíduo bebia rapidamente (contabilizei pelo menos três canecas grandes). Ele falava a toda hora no celular, fazendo os mesmos gestos que o freguês que vi no Rio (mas como este estava sentado, enfatizava sua mágoa de outras formas como passar a mão sobre a testa e ensaiar soltar a gravata). A colega argentina e seu filho que estavam comigo me disseram que, sem dúvida, tratava-se de uma briga com a namorada (o que não cheguei a duvidar, pois se tivesse sido despedido do emprego, porque estaria chamando a alguém a toda hora e tão tarde?). Também me disseram que é perfeitamente comum para uma pessoa procurar um bar (ou pizzaria) para descarregar suas mágoas, e mais ainda, nesses casos, beber além da conta (sem a pretensão de “beber bem”, ou demonstrar autocontrole) e deixando claro para todos os presentes, através dos gestos, do que se trata sua representação. No entanto, senti que os únicos espectadores éramos nós três.

Confundindo os códigos

Fiz muitas anotações sobre outro trabalho exploratório, de julho de 2006, quando fui para um café e bar em San Telmo sozinha e me sentei ali com meu caderno e um chope. Aconteceu algo que achei bem significativo, a reunião entre (o que aparentava ser) um negociante argentino e seu colega brasileiro. Identificar o último foi bem fácil, pois se comportava como se comporta num bar do Rio, só que o homem estava numa cidade onde ninguém agia igual a ele. Com a acumulação de chopos (a média que contabilizei no bar foi de dois, com uma ou outra mesa tomando até três, mas o brasileiro facilmente tomou pelo menos seis chopos), ele começava a falar cada vez mais alto, levantar-se mais para ir ao toalete. O colega argentino falava também, mas muito mais baixo e, por isso, não pude ouvir muito o que ele dizia. Ele era muito mais discreto e contido. Já o brasileiro começou a conversa com os negócios entre os dois, mas à medida que os chopos foram acumulando, passou a falar sobre questões pessoais, mulheres... E depois, de mim. A atenção não desejada me deixou incomodada, mas acabou me servindo para meu tema. O homem simplesmente não entendia “como alguém pode beber e fumar sozinha, comprazendo-se na sua própria solidão” (anotei no caderno) e que ele iria “comprar esse livro” (ao ver meu caderno). Ninguém mais aparentava se intrigar com minha solidão a não ser o garçom, pois fiquei muitas horas no bar escrevendo num caderno. Acho que podiam achar que fosse jornalista estrangeira, mas como dita a etiqueta portenha, não iria se aproximar de mim para saber (talvez eu nem falasse espanhol). Mas o brasileiro me olhava com uma curiosidade marcante. Pelos padrões cariocas, ele não bebeu além da conta, o que significa no Rio de Janeiro perder o autocontrole, mas

simplesmente destoava - e muito - do padrão do comportamento dos outros fregueses, a maioria argentina (com um eventual estrangeiro que aparentava ser de algum país europeu), mais contida no comportamento e na ingestão de bebida alcoólica em público.

É possível que os argentinos vissem o sujeito como um bêbado ou descontrolado. Se eu não morasse no Rio, eu provavelmente pensaria assim. Talvez tenha sido assim que os argentinos, que eventualmente apareciam na Tasca, deixaram-se contaminar pela “alegria brasileira”.⁸⁹ Uma noite, em junho de 2009, havia um grupo deles no bar. Um deles morava no Rio e conhecia Seu Edgar que me confirmou que a pessoa havia nascido em Buenos Aires. Ele estava com familiares ou amigos. Eles, sim, bebiam além da conta e em algum momento começaram a pedir coca-cola. Reparei que o problema não era tanto a quantidade de bebida – os chopes não foram além da média de um “bom bebedor” na Tasca – mas que eles simplesmente não “sabiam como beber”. Eles bebiam rápido demais (um freguês normalmente leva algo em torno de 20 minutos ou mais para cada chope), sem pausas e com pouca comida. Parece-me que eles queriam imitar seus colegas locais, mas não estavam habituados a isso. Depois Seu Edgar me disse que “os argentinos falam alto e bebem muito”, algo que nunca observei em Buenos Aires.

Também vi brasileiros no café Havana onde fiz minha pesquisa de campo em Buenos Aires. Esses também adotaram padrões de comportamento distintos do que seria corriqueiro no Rio de Janeiro e das minhas experiências gerais no Brasil. No Rio raramente vejo um homem pedir doces em público. Açúcar é “coisa de mulher”. Mas os dois grupos que vi no Havana de Caballito pediam cafés com creme e chocolate além de alfajores. Por outro lado, como não estavam habituados com uma cultura de café, não demoraram muito tempo. Bebiam seus cafés, compravam suas caixas de alfajores, uma lembrança muito apreciada no Brasil, e saíam. Um dos grupos fez algo que já vi muitas vezes na Tasca (como também na praia ou em quase qualquer outro lugar), que jamais vi um portenho fazer em Buenos Aires (nem na Tasca ou outro bar do Rio), tirar fotos com seu grupo sentado para registrar o momento.

⁸⁹ “Quase a totalidade dos entrevistados considera que a combinação destas características – sintetizadas na expressão “*a onda brasileira*” - é uma forma de ser que mistura alegria, cordialidade, despreocupação e uma orientação hedonista no mundo [...]” (FRIGERIO, 2002, p. 21). O título do artigo do Frigerio, *A Alegria é somente brasileira*, ironiza uma música do cantor Charly Garcia que diz que “la alegría no es solamente brasileña”.

V. O GRANDE CONTRASTE

Parte I: Cidades incomparáveis

A maior dificuldade que encontrei para fazer uma comparação-contraste entre as duas cidades foi descobrir um *parâmetro* para fazê-la. *Sociabilidade, bairro, bar, classe média* e até *pessoa* não dizem a mesma coisa em cada lugar, o que me forçou a ter que explorar as cidades mais a fundo, como um todo, e não apenas em seus aspectos de sociabilidade e lazer, para que eu pudesse ter mínimas condições para escolher um campo adequado, especialmente em Buenos Aires. No final das contas, o estudo que eu propus sobre duas cidades distintas com noções de sociabilidade e “estar” em público partem de premissas diferentes. Essas são soluções históricas que se deram em contextos específicos e resultaram em discursos específicos que grupos sociais fazem sobre si mesmos, em cada lugar. Nesse capítulo trato da vida na cidade de forma mais geral e, também, mais especificamente da sociabilidade em bares e cafés nessas cidades. Reconheço que estou fazendo uma revisão extremamente generalista e rápida sobre condições e dilemas sobre os quais já existem muitos trabalhos rigorosos. Não pretendo exaurir nenhum dos tópicos expostos abaixo, mas apenas oferecer um fundo para poder pensar melhor meu problema.

O jeito “cidade do interior” do Rio de Janeiro, conforme vimos, parte da sua história particular como capital imperial que se tornou capital republicana até 1960. Por outro lado, a cidade de Buenos Aires, depois de uma longa guerra civil, ainda no século XIX, tornou-se o centro absoluto da vida política, econômica, cultural e social do país até hoje, mais ou menos comparável com Paris na França. Buenos Aires “protege” seu internacionalismo local do resto do país, para manter seu status de “europeia”, enquanto o Rio de Janeiro queria mesmo era continuar como capital e porta-voz do país, já que perdeu seu status de capital em 1960 e começou a entrar em declínio geral, o que foi muito ressentido pela população, e o que levou intelectuais a adotarem um discurso localista. Na Tasca, um senhor me disse que odiava o ex-presidente Juscelino Kubitschek (associado à construção de Brasília) porque “ele entregou o Rio de Janeiro para Brasília”. Um jovem me disse que não gostava de Lula porque ele é “internacionalista”. Essas duas pessoas seriam consideradas de “classe média alta” pelos padrões locais.

A antiga capital brasileira ainda lidou com a forte herança da libertação dos escravos em 1882, e o país inteiro teve que lidar com todo um problema de como absorver os ex-escravos na sociedade, resultando finalmente num discurso de “democracia racial” oficialmente adotado na época do primeiro governo Vargas nos anos 1930. Na época em que Buenos Aires virou capital federal, ainda no século XIX, a cidade recebeu levas de imigrantes europeus apenas comparáveis com os que chegaram à Nova Iorque. As autoridades queriam integrar essa população à cidade sob o risco dela se converter num grande Babel. Assim, enquanto no primeiro caso houve uma tendência à segregação de uma população indesejável, no segundo caso houve todo um esforço para integrar a outra população como argentinos cidadãos através da escola pública, tradições cívicas e o próprio planejamento urbano da cidade. Claro, nem todos esses imigrantes eram desejáveis (não cristãos e brancos) como também no Rio o discurso de “democracia racial” não excluiu discriminação contra não brancos⁹⁰. Mas o discurso ajuda a explicar porque a primeira população, do Rio, tornou-se “popular”, ou “o povo”, enquanto a segunda se tornou “classe média”, a base da ideologia europeísta argentina.

A modernização de Buenos Aires, empreendida na mesma época que a do Rio, mas numa escala bem maior, compreendeu a construção de grandes edifícios verticais no centro da cidade para oferecer moradia para grandes parcelas da população local, além da integração dos bairros com o centro e a construção de parques públicos para o lazer desses moradores⁹¹. A urbanização de toda a cidade de Buenos Aires, capital federal, foi controlada com muito mais rigidez do que no Rio de Janeiro e o passeante de hoje, com a ajuda de um livro de arquitetura, pode identificar todos os tipos de edifícios da cidade, sua periodização e seu propósito com razoável facilidade, em qualquer bairro da cidade.

O governo de Perón elevou o status dos migrantes provenientes do interior do país (as chamadas “cabezitas negras”⁹²) e passou a construir habitações populares para eles. Estes

⁹⁰ “Mais da metade dos 89 mil estrangeiros economicamente ativos trabalhava no comércio, indústria manufatureira e atividades artísticas, ou seja, os imigrantes ocupavam os setores de emprego mais dinâmicos. Enquanto isso, 48% dos não brancos economicamente ativos empregavam-se nos serviços domésticos, 17% na indústria, 16% não tinham profissão declarada e o restante encontrava-se em atividades extrativas, de criação e agrícolas. Esses dados sugerem uma questão fundamental para a investigação histórica, mas que tem sido estranhamente ignorada pelos historiadores – em parte pela dificuldade de levantamento de documentação adequada, e em parte sem dúvida pela influência notável do poderoso mito da ‘democracia racial brasileira’ [...]” (CHALOUB, 2001, p. 81).

⁹¹ A teoria básica da estrutura de tabuleiro e o parque público do livro homônimo de Gorelik (2002).

⁹² Ratier (1971) me forneceu o único tratado que eu conheço especificamente sobre essa categoria de argentino. A *cabezita negra*, o migrante interno, ou argentino que não tem feições europeias, senão indígenas, e pertence mais a grupos trabalhadores, é um termo que Perón fez popular, como um termo de enternecimento.

também passaram, através de novos direitos e garantias trabalhistas, a terem mais poder de consumo. Com a queda de Perón, nos anos 1950, e a reação de grupos sociais de status mais tradicional - brancos de descendência europeia, de status mais alto conforme Adamovsky (2009, p. 329) - acabou abalando o status social desses grupos trabalhadores que também perderam sua capacidade de consumo. Estes passaram a ocupar as franjas do sudoeste da cidade e a região metropolitana, além das *villas miserias*⁹³ em crescimento, tanto dentro como fora dos limites municipais.

As diferenças urbanísticas e, digamos, ideológicas, da cidade de Buenos Aires, comparada com o Rio de Janeiro, ainda se fazem evidentes. Em primeiro lugar, como já apontado, Buenos Aires continua como capital federal absoluta da Argentina, dominando sua vida política, social, cultural e econômica. A cidade é a Argentina que é vendida para o exterior, a cidade europeia. Além de independência política, a cidade tem até sua própria força policial desde 2009. A ideologia urbana também permanece com a primazia no centro da cidade, ainda procurado como centro de lazer nos dias de domingo, quando é ocupado por pessoas de outros bairros e cidades para ir aos teatros, cafés, centros culturais e olhar as livrarias que a cidade oferece. Embora menos prestigiado que antes, ainda há muita gente morando no centro de Buenos Aires. Assim, a ideologia de integração dentro da cidade, a primazia da cidade diante do país, o controle urbanístico e a segregação com a área metropolitana permanecem. Por outro lado, no Rio de Janeiro no século XX, podemos verificar já um favorecimento a um desenvolvimento urbanístico da zona sul da cidade.

Assim, para ser reconhecido como “classe média” em Buenos Aires, basta ser morador da cidade e desfrutar do estilo de vida urbano, enquanto ser reconhecido como “classe média” no Rio de Janeiro, tanto pelos grupos mais abastados como por outros, tem um significado próprio, diverso de outras cidades do mundo. Isso se deve à extrema hierarquização social da cidade, um dos motivos da vinculação territorial dessa identidade, um tanto restrita, especialmente à zona sul da cidade, e, em segundo lugar, à Tijuca. Os marcadores associados desse status como livrarias, cafés, prédios altos e grandes ruas comerciais com calçadas largas e comércio mais fino apenas se encontram nesses lugares. Bons teatros, cinemas e livrarias

Com sua queda, *la cabezita negra* se tornou *negro*, uma categoria de acusação e de estigma muito forte até hoje em Buenos Aires.

⁹³ Ratier (1985) novamente escreveu o único livro que conheci em Argentina sobre favelas portenhas. Estas nasceram com a chegada de migrantes internos já nos anos 1930, mas explodiram com a queda de Perón. Diferentemente do Rio de Janeiro, onde as favelas e os outros bairros convivem já há muito tempo, se de uma forma tensa, em Buenos Aires essas são, em sua maioria, localizadas nas franjas da cidade, especialmente na zona sudoeste, com a notória exceção de Villa 31, atrás do terminal rodoviário da cidade no bairro de Retiro.

mais especializadas e restaurantes que não se enquadrem no gênero “familiar” apenas se localizam na parte Sul. As grandes atrações naturais da cidade como as praias, os bosques e o aterro também se restringem a esses lugares. O centro comercial e financeiro da cidade do Rio não tem nenhuma funcionalidade no final de semana, fora um ou outro centro cultural, assim reforçando essa divisão. Falta uma cultura de massa, baseada em uma ampla oferta de atrações culturais, como livros mais baratos, por exemplo. Daí, e em contraste com Buenos Aires, por exemplo, ser da “classe média” no Rio de Janeiro é um status mais alto.

Afinal, por mais que haja pessoas com boa situação financeira e que gostem da sociabilidade do lugar, das atrações culturais próprias, das possibilidades de ter casa própria com mais conforto e da rede de vizinhos e familiares, ninguém dos subúrbios jamais me disse que vive num lugar bonito nem que esteja bem servido em termos de atividades e serviços do que na zona sul, mas sim, que seu lugar é mais amável ou acolhedor. Devido à falta de tradição no que se refere a uma ideia própria de “sociedade de classe média” como prega a ideologia em Buenos Aires, o *uso* do termo *classe média* é muito mais restrito e tradicionalmente é usado para se referir a moradores de zona sul que não pertençam a uma elite. O “resto” é “o povo” ou “os setores populares” e, o que é mais comum discursivamente no Rio de Janeiro, é fazer dicotomias do estilo “incluído-excluído” e “rico-pobre”, sendo que naturalmente os critérios usados para estabelecer a dicotomia variam de acordo com o interlocutor, mas é muito mais comum escutar esses termos do que “classe média”, especialmente fora das regiões mais abastadas da cidade.

Novamente, em termos estatísticos, é bem possível que aqueles considerados como sendo de classe média no Rio de Janeiro cresçam até quase chegar ao nível portenho enquanto em Buenos Aires poderíamos ver divisões mais nítidas entre grupos medianos, sugerindo uma sociedade de massa, mais facilmente denominada como de “classe média baixa”. Ainda, em Buenos Aires, moradores das franjas sudoeste, com feições indígenas, perdem seu status de morador e até de argentino⁹⁴ (pois o discurso histórico sobre Buenos Aires é mais étnico do que de classe social). Mas, de maneira geral, o discurso de estigma territorial no Rio de Janeiro (como o estigma étnico em Buenos Aires) é eficaz em termos performáticos, pois não

⁹⁴ “Aquí lo étnico está funcionando como una adscipción de una nacionalidad otra, por lo que simultáneamente se trata de una “invención de lo nacional”. Se conjugan los atributos étnicos adjudicados a bolivianos o peruanos (piel oscura, estatura baja, contextura rolliza) con la condición de no-argentinos. En la medida en que el proyecto de ‘limpieza cultural’ de nuestra nación se expresó aplanando diferencias y homogeneizando a sus habitantes (SEGATO, 1998, p. 183), no resulta incomprensible que un colla –etnia común de nuestras provincias nortenas–, sea “traducido” por la mirada del porteño como “bolita” o peruano; vale decir, desplazado a la condición de extranjero. Esto se vincula con el fuerte carácter xenofóbico expresado en nuestro país durante aquellos años y en particular, en relación a las usurpaciones.” (CARMAN, 2006, p. 38).

apenas a maneira de se perceber a si mesmo muda as feições sociais das cidades como também o planejamento e hierarquização urbana usadas para reforçar essa percepção, o que tem uma eficácia quase que natural. Até os guias turísticos recomendam hospedagem e atrações na zona sul de Buenos Aires (mas não na província) enquanto no Rio de Janeiro, com talvez a exceção de alguma coisa ligada ao samba, não se recomenda nada na zona norte que não seja Maracanã (o estádio de futebol) e, mesmo assim, não se dá o trabalho de sugerir hospedagem e restaurantes nessa região.

Não apenas se criou uma cidade “europeia e internacionalista” em termos urbanísticos, mas se criou também uma noção de *pessoa* mais atomizada, pois Buenos Aires é cidade cosmopolita e impessoal enquanto no Rio, por mais internacionalizada que seja, não se cultiva a solidão e se estimula sempre a expansão de grandes redes sociais de contatos e amizades, mesmo que estas não sejam íntimas. Basicamente, o caráter personalista do Rio (mais típico de cidade do interior) muda radicalmente a ideia que se tem da sociabilidade.

Assim, o uso do espaço do bar e do café, bem como da rua de forma mais geral, parte de uma percepção da pessoa como parte de um grupo no Rio de Janeiro enquanto em Buenos Aires, seja através da desconfiança da cultura de psicanálise, ou de um gosto maior da solidão do público em geral, a noção da pessoa é mais atomizada. Quando me refiro a essas noções de *pessoa*, refiro-me especificamente aos grupos que eu estou pesquisando, mais profissionais e, muitas vezes, intelectualizadas. Em outros grupos sociais, especialmente grupos trabalhadores, a expressão de si como pessoa pode se dar de forma distinta, mais aberta. Fazer amizade em Buenos Aires é mais difícil e custoso. Geralmente convém ser apresentado às pessoas através de um terceiro, especialmente se este terceiro for conhecido. O forasteiro que chega à cidade sem contatos prévios deve estar preparado para participar em grupos e de associações do seu interesse e cursos. Um vínculo com uma universidade, por exemplo, ajuda muito no que se refere à socialização. Estreitar laços estabelecidos também demora mais. As melhores conversas informais que eu mantive nas ruas em Buenos Aires foram com comerciantes, motoristas de táxi e passageiros de ônibus que viajavam para a província. Também quando há uma comoção geral, como uma grande inundação da cidade que ocorreu em fevereiro de 2010, as pessoas começavam a conversar mais entre si.

No Rio de Janeiro, por contraste, é mais difícil evitar uma conversa com um desconhecido do que inventar uma maneira para começá-la. Distintamente de Buenos Aires também, as pessoas não costumam andar sozinhas. É algo estranho ir à praia, ao cinema, fazer uma caminhada e principalmente ir a um bar ou restaurante sozinho. Como eu costumo fazer isso, já encontrei com amigos e conhecidos na praia, por exemplo, que me perguntaram o

motivo de eu não ter ligado para que os mesmos me acompanhassem. Parte da explicação é a forte ideologia familiar no Rio. Na época de Natal, por exemplo, costumo receber muitas ligações de amigos perguntando onde vou passar a noite do dia 24 de dezembro. Essa preocupação já começa no fim de outubro. Isso não significa que o convite seja totalmente genuíno, pois quando se responde que já aceitou o convite de outra pessoa, é comum ouvir um “ah, tá, ótimo”, com a clara ideia de que como o convidado não estará mais sozinho, um segundo convite se faz desnecessário e o anfitrião em potencial pode “relaxar”, ou seja, a pessoa que convidou o interlocutor não vai passar a festa sabendo que deixou o conhecido ou amigo sozinho. Como me disse Chico na Tasca uma vez, “Ir para um bar no dia 24 de dezembro é para quem não tem família” (valorização negativa). A ideologia da família já é mais frouxa em Buenos Aires do que no Rio de Janeiro e mais centrada nos parentes diretos e esposos. É comum ir a um restaurante para passar o Natal, seja no dia 24 ou no dia 25, ou mesmo passar a festa com poucos familiares, ou apenas com alguns amigos. Aí a questão não é ter ou não ter família (de sangue ou de adoção temporária durante as festas), mas como o indivíduo deseja passar esse dia.

No Rio, nesse cenário de sociabilidade pública intensa, é compreensível que o sujeito não tenha necessariamente tantos amigos íntimos, senão amigos para fazer atividades, amigos de bar, colegas de trabalho, etc. Um amigo mais íntimo será justamente aquele que frequenta a casa⁹⁵. Mas, no geral, o morador do Rio de Janeiro é muito mais habituado a fazer atividades na rua do que dentro da sua casa. A rua, afinal, é o palco de sociabilidade, no sentido de um teatro mesmo, até na relação com estranhos. As pessoas dão o bom-dia no elevador, agradecem ao motorista de ônibus a viagem, conversam com os comerciantes nas lojas. O caminhante, depois de trilhar o mesmo caminho algumas vezes, já será reconhecido na rua, mesmo em zonas movimentadas. Ele se torna mais uma personagem da grande peça que é o cotidiano da cidade. É comum, assim, escutar comentários falados em voz alta como se fossem apenas dirigidos aos interlocutores, mas facilmente escutáveis por outras pessoas e pelo próprio alvo da conversa. Esses comentários muitas vezes funcionam como realces dos códigos sociais locais. Por exemplo, quando passei a usar meu cabelo curto, no Bairro de Fátima (classe trabalhadora), tive que eventualmente aturar comentários acerca da minha feminilidade, por exemplo, enquanto que no Leblon (elitizado) escutei comentários do tipo: “é mais prático assim” e na Lapa (área de lazer noturna) cheguei a ouvir que eu era “super

⁹⁵ “O traço distintivo do domínio da casa parece ser o maior controle das relações sociais, o que certamente implica maior intimidade e menor distância social. Minha casa é o local da minha família, da ‘minha gente’ ou ‘dos meus’, conforme falamos coloquialmente no Brasil.” (DA MATTA, 1983, p. 72).

moderna e alternativa”. Quem não está a fim de se sentir olhada ou comentada provavelmente vai optar por ficar dentro de casa⁹⁶, assim como também aqueles que não encontram parceiros para atividades (“o dia estava lindo, mas ninguém quis ir comigo para a praia”).

Se essa sociabilidade generalizada do Rio funciona como censura, ela também cria uma solidariedade impressionante. Numa cidade que sofre com a fama internacional de insegurança e violência, as pessoas demonstram antes de tudo, a confiança. Dentro dos ônibus é comum as pessoas se oferecerem para carregar os volumes daquelas pessoas que se encontram em pé, oferta que é geralmente aceita, até mesmo no caso de uma mochila contendo o dinheiro, celular e documentos do viajante, até para não demonstrar *desconfiança*, algo muito ofensivo para o carioca⁹⁷. Quando fiquei doente, vários amigos se ofereceram para comprar e levar comida até para minha casa, como também cozinhar, pagar contas, fazer companhia, levar-me ao hospital, entre outros favores.

Esses relatos surpreenderam pessoas com quem conversei depois em Buenos Aires, pois estes não acreditaram que eu receberia semelhante tratamento em terras portenhas. Há, afinal, em Buenos Aires certo cultivo da solidão, que não é vista de forma negativa. É comum que o estrangeiro tenha a impressão que em Buenos Aires quase todos fazem psicanálise, especialmente nos grupos profissionais, artísticos e acadêmicos. Falar da terapia é assunto corriqueiro em conversas como também dizer que chegou atrasado ou pedir desculpas por vir da sessão de análise. Como Vizacovsky (2009) observou, isso faz parte de uma noção de desenvolvimento individual e de patologia como uma linguagem de expressar o mal-estar no indivíduo⁹⁸, mas, esse discurso de si não é universal entre grupos mais baixos, para os quais os transtornos pessoais seriam “doenças nervosas” ou “problemas de cabeça”⁹⁹.

⁹⁶ Nem adianta tampar os ouvidos com fones. Dentro do metrô, escutei duas senhoras idosas reclamando de uma moça com MP3, pois para elas isso era um disfarce para que ela se eximisse de oferecer seu lugar a outros passageiros idosos (ao não se deixar disponível para participar de tudo que acontecia ao redor dela).

⁹⁷ Há limites dessa confiança que podem depender do status social e do sexo de quem oferece e quem aceita o favor, mas, assim mesmo, com qualquer limite, nunca vi tal tratamento em nenhuma outra circunstância em outro país ou até em outra cidade brasileira.

⁹⁸ O autor sustenta que “[...] el psicoanálisis no solo existe bajo Sob formas institucionalizadas, o como prácticas terapéuticas o sistemas de enseñanza, sino también como modos de actuar y pensar de muchos argentinos, que nutren las identidades sociales y los estilos de vida.” (VIZACOVSKY, 2009, p. 6).

⁹⁹ “Es imprescindible aclarar que los médicos derivaban a sus pacientes al servicio de salud mental para que fuesen atendidos por su estado “nervioso”, pero no a “hacer psicoanálisis”. E, na mesma página, “Muchos podían calificar estos problemas como “psicológicos”, pero si bien percibían una diferencia respecto a las “enfermedades físicas”, les resultaba indispensable localizarlos en alguna parte de la geografía corporal, como si el mal estuviese alojado en el cuerpo, particularmente en la cabeza.” (Ibid., p. 16).

Desfrutar de uma experiência mais individualizada na cidade e estar consigo mesmo, além da homogeneidade social (discursiva) maior, permite ao indivíduo mais autonomia e privacidade em Buenos Aires, senão com o clima de confiança espontânea como no Rio.

Ser estrangeiro

Minha recepção como estrangeira nas duas cidades me fez perceber de forma nítida as diferentes maneiras de representação da cidade e “do outro”. Isso se refere à condição do estrangeiro no geral, mas como também ao jogo de espelhos entre argentinos e brasileiros mais especificamente.

Rio de Janeiro

O termo “gringo” no Rio de Janeiro tem uma acepção surpreendentemente ampla, não se referindo apenas aos norte-americanos ou europeus, mas também aos outros sul-americanos e inclusive brasileiros, especialmente quando são dotados de traços mais europeus, leiam-se, brancos e, mais ainda, de cabelo e olhos claros. Uma pessoa dos Estados Unidos também será referida como *americana*, diferentemente de países de colonização hispânica, onde seria chamada de *estadunidense*, ou, no caso da Argentina, de *ianque*. Por um lado, a relação Brasil-Estados Unidos é muito mais estreita culturalmente do que com a Argentina, o que demonstra mais receptividade cultural a hábitos ingleses e/ou de outros países europeus. Isso gera uma relação de maior proximidade como também de maior conflito. Por isso, o imigrante dos Estados Unidos vai encontrar uma recepção calorosa e admirada, muitas vezes com relatos sobre viagens feitas, mas também um ressentimento ácido, como no mundo acadêmico, onde a consciência sobre interferência política na vida local e oportunidades minimizadas diminuídas internacionalmente é mais aguda.

Por outro lado, o ferrenho localismo carioca limita a plena integração de qualquer estrangeiro forasteiro, inclusive brasileiros de outros estados. Isso não significa que não sejam hospitaleiros, ao contrário, não há lugar onde a pessoa seja mais bem tratada ou tem mais facilidade para fazer amigos como no Rio de Janeiro. Além da amabilidade e da curiosidade serem traços do morador do Rio de Janeiro, os moradores residentes também são extremamente conscientes da imagem que o estrangeiro forasteiro pode ter da sua cidade. Uma conversa típica começa com frases como: “Você não é daqui... de onde você é? Você está gostando do Rio?”. Em Buenos Aires, o morador dificilmente pergunta se você gosta ou

não da cidade, faz menos menção ainda à condição de estrangeiro do interlocutor, pois as duas coisas são óbvias para ele, a não ser que deseje saber exatamente de onde esta pessoa é. Por outro lado, o interlocutor do lado portenho terá mais interesse do que no Rio de Janeiro em saber sobre costumes e hábitos do outro país. Já no Rio de Janeiro, esses hábitos serão mais ou menos presumidos e, de qualquer modo, o carioca está mais interessado em falar sobre a cidade dele. E, ao mesmo tempo, o interlocutor estrangeiro forasteiro será sempre lembrado que não é um deles.

Ser identificado fisicamente como brasileiro no Rio é muito mais flexível do que ser identificado como brasileiro no exterior. O jeito de se vestir, de andar, gesticular, carregar o corpo, apresentar-se de um modo mais geral são sinais diacríticos. Obviamente, uma pessoa de um país nórdico com pele e cabelo muito claros não terá como se esconder. Um curioso sintoma do racismo local e do medo da “contaminação” pela negritude na cidade é o cabelo. Mulheres gastam fortunas em escovas e cremes para alisar e alongar o cabelo, para eliminar qualquer traço de origem negra, mais ainda porque o mito da “democracia racial” estipula que são todos misturados racialmente. Na realidade, certas misturas são mais desejáveis do que outras. O melhor do negro são as nádegas e os quadris, o pior, o seu cabelo. Assim, um dos elementos das coisas que me ajudou a integrar-me como nativa (quando não me comunicava verbalmente, explicitando meu falar com sotaque) é que tenho cabelo crespo, um sinal seguro que mostra que eu teria uma mistura racial. Mais de uma amiga ou conhecida já me perguntou o motivo pelo qual eu não faço escova, mas isso jamais aconteceu em Buenos Aires (ou nos Estados Unidos), lugar onde muitas vezes eu era vista como estrangeira europeia. Ter cabelo crespo em Buenos Aires, onde o status de “europeia” é mais garantido, não causa o menor comentário de outras pessoas. Por um lado, o elemento contaminador é o indígena que a segregação não-declarada do espaço urbano procura evitar.

Assim, é tranquilo viver como estrangeiro em Buenos Aires, mas eu tinha que dar conta de um problema especial para mim, que é de ter nascido num lugar, viver noutro e estar em um terceiro para fazer pesquisa. Para muitos argentinos, o brasileiro é necessariamente mais moreno, tem certo jeito de andar, de se vestir e de administrar seu corpo e eu (como eventualmente outros brasileiros que estiveram na cidade) não me encaixava bem nesse modelo. Em Buenos Aires, mais especificamente em lugares onde brasileiros eram comuns (inclusive na parte mais comercial do bairro onde morei), ou em situações em que o interlocutor já viveu no Brasil, eu era geralmente identificada como um deles, pelas roupas ou pelo jeito de falar, ou seja, com clara interferência do português sobre o espanhol. Isso também acontecia com pessoas que haviam morado no Brasil. Em lugares turísticos ou não, a

roupa – sapato plataforma, corte de jeans, formato de corpo, mais generoso nos quadris - e cores também podiam me identificar como brasileira, especialmente nos meses mais quentes quando não andava de casaco.

Mas era igualmente comum, que por causa da minha altura e cor, além de outros traços, eu fosse vista necessariamente como europeia. Isso também se devia à pronúncia das palavras, tingidas pelo inglês ou até pelo jeito mais sóbrio e introvertido que tenho devido à timidez e ao meu jeito de me portar, pois os brasileiros são *necessariamente* alegres e extrovertidos e andam com “ginga”. Além do exotismo do que fala Frigerio (2002, p. 15), a representação demonstra a aceitação do discurso de democracia racial e do “popular”, que será discutido no próximo capítulo.

De todo modo, quando cheguei a explicar minha verdadeira situação para alguém que conheci em Buenos Aires, a pessoa geralmente preferia me considerar pela “origem” mais próxima, provavelmente pela maior proximidade física e cultural em relação ao Brasil, vizinho da Argentina, para não dizer que ser dos Estados Unidos hoje em dia não é totalmente bem visto na maioria dos lugares. Isso não era o comum no mundo acadêmico, contudo, onde eu era conhecida por causa de amigos argentinos que estudaram comigo no Museu Nacional, onde eu fiz meu mestrado. Para eles, eu era um dos dois ou três norte-americanos que havia estudado lá e assim, essa identidade foi transferida para Buenos Aires, onde participava de um grupo de estudos sobre classe média.

Nunca senti que qualquer “origem” pudesse prejudicar minha pesquisa nem o tratamento recebido das pessoas, que eram quase sempre amáveis e prestativas. Além disso, o problema de ser “ianque” na Argentina, especialmente no mundo acadêmico, é muito mais suave do que no Brasil, onde o imigrante ou visitante tem que estar muito mais na retaguarda para não ofender a sensibilidade de ninguém ou ser o depositário simbólico de todos os atos de um governo, independentemente de estar ou não de acordo com este mesmo governo (o exemplo mais gritante, para mim, foi um juiz conhecido que, depois de me perguntar onde eu nasci, dentro de uma livraria no Rio, transferiu-me pessoalmente parte da culpa pela ditadura instaurada no Brasil em 1964). Os argentinos se ressentem mais dos ingleses, com quem compartilham certa herança cultural, por causa da Guerra das Malvinas, e os espanhóis, com quem também compartilham uma forte herança cultural, mas onde nem sempre são bem recebidos como imigrantes, especialmente depois da crise argentina de 1991.

Em Buenos Aires, pelo sotaque, eventualmente as pessoas (vendedores, especialmente) faziam algum comentário não ofensivo em inglês.

Parte II: Bares e cafés incomparáveis

BAR – CAFÉ – BOTECO – BOLICHE – BOTEQUIM – RESTAURANTE – PRAIA – PIZZARIA: AS PALAVRAS E AS COISAS

Ao olhar cada cidade pesquisada, observei que a questão das opções culturais nos leva a denominações dadas a um determinado tipo de estabelecimento. Como diria Saussure, “queijo não é fromage”. Em outras palavras, o recheio de um é a sobremesa de outro e um nome só vale o que significa efetivamente para aquele que lhe der um *valor*. Não se pode julgar um lugar pelo nome, que pode ser mais antigo que sua função atual (café, bar, pizzeria, etc.). O observador tem que olhar antes o aspecto e contexto do lugar, mais que a *marquise*. Um café, pela aparência, pode estar completamente fechado durante o dia, servindo apenas como bar à noite, da mesma forma que um boteco “pé sujo” pode se anunciar como lanchonete. Se o lugar for razoavelmente limpo e oferecer salgados com um mínimo de assepsia, pode ser que seja mesmo uma lanchonete, enquanto em outros casos essa denominação não será reconhecida como tal (que atualmente significa um lugar para qualquer um fazer um lanche) e, sim, um boteco para homens.

No Rio de Janeiro, o lócus de sociabilidade pública é o *bar*. Este estabelecimento também funciona como restaurante no horário de almoço, e ainda no horário de jantar (quando é um estabelecimento misto, tendo uma dinâmica específica tanto de restaurante quanto de bar). A comida servida no bar é vista pelos frequentadores e pela mídia local como a “autêntica culinária carioca”, sendo uma comida caseira ou “de alma”. No horário de almoço, durante a semana, há pratos feitos no valor do ticket-refeição, para acomodar trabalhadores de escritório (ou hospital, ou outro serviço). À noite, a comida é *a la carte* e é um costume existente nesse país compartilhar com pelo menos outra pessoa.

O bar, no entanto, serve primordialmente para encontrar-se com amigos, colegas e familiares e a bebida preferida mesmo é a cerveja. Ninguém vai para um restaurante só para beber, o que geralmente é proibido de qualquer maneira (muitas vezes o estabelecimento pode ter um bar separado enquanto o cliente espera por uma mesa). O ambiente do restaurante é geralmente mais sóbrio e formal. As mesas são mais separadas e a interação entre elas mais difícil. Uso aqui “tipos ideais”, pois apesar de válidos em termos gerais, nem sempre podem ser verificados de forma tão rígida empiricamente. Dois exemplos do Rio de Janeiro: o histórico bar/café/restaurante Lamas onde as mesas são mais separadas e onde a maioria dos frequentadores costuma pedir comida independentemente do horário (claro, nesse caso, o fato do lugar ter 100 anos cria todo um *overlapping* de costumes históricos). Para o habitante do

Rio de Janeiro, o lugar é um bar e a maioria toma chope com sua comida, mas não deixa de pedir, no mínimo, uma porção de batata frita. Predominam longas permanências e sociabilidade afável. Assim, prefiro chamá-lo de bar. A Nova Capela, localizado no bairro da Lapa, é um caso parecido. Durante o período de carnaval poucos anos atrás, o estabelecimento tentou proibir que os frequentadores pedissem chope sem o acompanhamento de refeições e, talvez em função disso, o local ficou um pouco vazio.

Daí, chamo qualquer estabelecimento do Rio de Janeiro cuja sociabilidade gira em torno de cerveja de *bar*. Há outro estabelecimento típico no Rio de Janeiro, contudo, com denominação própria, que é o *boteco*. Esse é um estabelecimento destinado ao trabalhador, geralmente com um balcão de ferro e mostrador de comidas não atraentes na visão de grupos sociais mais abastados (mais de comida caseira, é vista como monótona e insalubre), que serve tanto cerveja de garrafa quanto cachaça barata. Por isso, ele ganha nomes depreciativos, por parte daqueles que tradicionalmente não mantêm o hábito de frequentá-los diariamente como “espelunca” e “pé sujo” (o pé sujo, que faz referência ao pé do pedreiro que trabalha em edificar prédios, e que hoje faz contraste com o “pé limpo”, denominação às vezes pejorativa para o bar aburguesado ou franquia). Ele serve principalmente para o trabalhador ou residente (se for localizado num bairro de trabalhadores) almoçar e beber, mas também para sociabilizar e conseguir informações acerca de trabalho, moradia, etc. O boteco até hoje é um estabelecimento masculino, independente do perfil do bairro. Mulheres entram apenas para ir até o caixa para comprar pilhas e cigarros. Se um homem sentar-se num boteco com uma mulher, suas cadeiras são colocadas na calçada, longe do balcão e longe dos outros frequentadores homens. Durante jogos, saídas de faculdade e para comemorações, moradores mais elitizados, mulheres e universitários frequentam o boteco, mas não é um estabelecimento de classe média, e, por isso, não é o foco do meu trabalho. Muitos botecos mais antigos se chamam café-bar ou mesmo lanchonete e, no passado, podiam realmente ser essas ou outras coisas. De qualquer modo, pelo estilo e padrão de frequência, hoje os considero como botecos¹⁰⁰. O termo *botequim*, frequente hoje como nos dias de cultura de café pré-Segunda Guerra no Rio (GOMES, 1988, p. 21 et. seq.), é mais controvertido hoje, daí prefiro discutir esse termo no próximo capítulo. Basta dizer por ora que o *botequim* é algo liminar entre um café, boteco e bar, seja para Machado de Assis em 1873 (como relatado por GOMES, 1988, p.

¹⁰⁰ Novamente, estamos falando do Rio de Janeiro, pois em outros locais do Brasil, o termo *boteco* pode ter outro valor.

22) ou para Luiz Antônio Machado no seu artigo de 1968. Mais do que nada, o botequim representa todo o discurso do *popular*, como ideal cultural no Rio.

Finalmente, menciono brevemente outro lócus de sociabilidade no Rio de Janeiro que entra como *valor*, a *praia*¹⁰¹. Quase todos os territórios do mundo contam com costa para o mar (ou uma baía ou rio), há praias e muitas dessas são aproveitadas como lazer para suas populações. Entretanto, no Rio de Janeiro, a praia foi construída como um lugar específico de uma sociabilidade local, com divisões próprias de segmentos e gostos sociais e onde, como no bar, é comum reunir grupos em rodas (sem mesa) e tomar cerveja (ou água de coco ou mate). Muitas vezes um indivíduo estabelece uma relação comercial privilegiada com o dono da barraca, responsável para fornecer cerveja, guarda-sol e cadeiras. Assim, ele pode pagar por seus gastos no fim do mês - ou “pendurar a conta”, como também acontece em bares, como relata Mello (2003) -, quando ele recebe seu salário. Frequentadores solitários não é a norma, embora possam ser vistos. A praia carioca é objeto de estudos antropológicos próprios e pode ser considerada parte da “identidade carioca” (e brasileira, por extensão, especialmente para estrangeiros). Contudo, considero a *praia* uma instituição menos generalizada de sociabilidade que o bar, até por motivos logísticos, pois o indivíduo muitas vezes tem que se deslocar por uma grande distância, nem sempre conveniente com o transporte público, o que também significa certo dispêndio de tempo, fazendo da praia uma atividade ou um evento que, fora a zona sul ou oeste praiano, é restrito aos fins de semana e feriados.

Buenos Aires

Café ou bar?

O morador de Buenos Aires utiliza os termos *café* e *bar* de forma indiscriminada. A verdade é que até a chegada dos cafés franquias que servem apenas café, suco, refrigerante e um lanche simples (como seus semelhantes no Rio de Janeiro), um café quase sempre oferecia bebida alcoólica também e, muitas vezes, podia - como ainda pode - ser um restaurante nos horários das refeições. Entretanto, em Buenos Aires o “bar” não tem o mesmo significado que no Rio de Janeiro, onde é um estabelecimento primordialmente para a sociabilidade intermediada pela cerveja. Assim, é perfeitamente comum em Buenos Aires se dizer que vai a um bar para ler o jornal ou trabalhar, quando se pretende tomar apenas café ou até água – afinal o preço alto da bebida (quatro reais para uma água e três reais para um café) é para

¹⁰¹ Sigo aqui o trabalho de Farias (1999) intitulado *Pegando uma cor na praia: relações raciais e classificação de cor na Cidade do Rio de Janeiro*.

alugar a mesa mais do que para desfrutar um refresco. Inclusive, há bares do estilo *pub* onde também as pessoas comem ou tomam café, ou como um bar alemão onde eu costumava ir com uma amiga, em que sempre havia os quase obrigatórios aposentados tomando café do lado de fora. Por isso é difícil encontrar um *bar* com clima de *bar*, no sentido carioca, em Buenos Aires, pois seu uso nesta cidade é quase sempre multifocal, com algumas exceções recentes (como os bares noturnos). Há um bar em Buenos Aires que seria uma espécie de boteco masculino, geralmente localizado em lugares mais periféricos, mas isso é um caso à parte que nunca cheguei a ver com meus próprios olhos.

Franquia internacional

Entre os cafés há algumas variações que valem a pena serem mencionadas aqui. Ultimamente, franquias estrangeiras têm invadido cidades latino-americanas como a cadeia norte-americana Starbucks. Lembrando os frequentadores jovens de *Bares dès Nuite* (1999, p. 26) essas franquias atraem principalmente jovens locais com certo poder aquisitivo, pois os cafés não são baratos para os padrões locais. Essas franquias respeitam os padrões locais de gosto (ou seja, os Starbucks no Rio não demoraram muito para oferecer pão de queijo, nem “media lunas” na Argentina). As franquias nacionais, por outro lado, atraem o público de qualquer café tradicional, mas com mais variações das faixas etárias e, de acordo com sua localização, como em qualquer café em Buenos Aires.

Café com Confeitaria

O café-confeitaria sempre foi um lugar para onde poderiam ir as mulheres e com a clássica divisão “homens tomam cerveja e mulheres comem doces” esses lugares, que podem ser tanto cafés anexos a padarias e confeitarias como cafés onde os doces chegam de outro lugar, são predominantemente femininos e hoje em dia atraem mais pessoas velhas do que mais jovens, a não ser que o lugar também funcione como restaurante com uma decoração mais contemporânea como, por exemplo, uma localizada perto da Faculdade de Filosofia da UBA. Na realidade, cafés que não oferecem bebida alcoólica, no geral, são mais femininos do que masculinos. Há confeitarias no guia *Cafés de Buenos Aires* (2003).

Lugares que são mais para tomar bebida alcoólica

Bar-Sinuca

Estes são muito escuros e mais noturnos, onde geralmente se vai para jogar sinuca. As sinucas atraíam mais homens que mulheres (que vão mais acompanhados por outro homem) e mais jovens do que velhos. Nunca vi uma sinuca em bairro mais abastado, mas há cafés com sinucas subterrâneas na Avenida de Mayo (construído na época do Centenário em 1910) sugerindo que em outra época era uma diversão masculina mais nobre. São justamente os bilhares dessa época e nesse local que constam no guia *Cafés de Buenos Áries* (2003).

Bar noturno

Residentes de Buenos Aires, como os de Madrid, por exemplo, são da noite. Jantam às 23h, assistem a espetáculos em bares ou em outros lugares que podem começar depois desse horário. Se quiser ver um bar noturno mais ou menos cheio, eu não chegaria antes das 23h, mas esses vão realmente ficando com mais movimento mais tarde. Como no Rio de Janeiro, contudo, quanto mais tarde a hora, mais jovem o freguês tende a ser, embora eles não sejam exclusivos. Alguns desses bares são dotados de design (e preços) mais exclusivos, outros são mais tradicionais, do estilo “bodegón” (mais adiante). Mais recentemente há *wine bars* também. Quando o lugar é muito caro, há menos jovens nele. Na Argentina é mais comum tomar um drinque do que no Rio, onde o único consagrado é a caipirinha, sendo que um uísque de boa qualidade está além do orçamento da maioria. Os bares noturnos são uma forma de lazer noturna para beber com ou sem amigos e/ou paquerar também. Eles costumam ser escuros.

Boliche

Boliche é um estabelecimento de recreação noturna, que pode ser para ouvir música e/ou dançar, além de paquerar. Numa noitada, o boliche é a última parada antes de ir para casa, muitas vezes já depois do sol levantar. Geralmente esse tipo de estabelecimento atrai mais pessoas com idade próxima dos 30 anos, como seus congêneres em outros lugares.

Pizzaria

Em Buenos Aires, uma *pizzaria* era (e ainda é) um espaço para trabalhadores almoçarem uma ou mais fatias de pizza e tomarem ou cerveja ou vinho doce de garrafão ou moscatel. Senta-se em balcões, bem próximos dos seus vizinhos. É também um lugar onde famílias e grupos de amigos se encontram à noite para comer pizza e tomar cerveja. Trata-se de uma larga tradição (popular mais que erudita) que faz parte do orgulho da cidade e é considerado hoje como patrimônio nacional, um capítulo à parte. É também uma tradição mais popular no sentido de que quanto mais gordurosa a pizza, o mais simples e até sujo for o ambiente, melhor. A pizza também é barata, não sendo necessário pedir mais do que uma fatia, bastante comum como um lanche diurno ou noturno. Assim, as pizzarias tradicionais têm algo em comum com o “autêntico bar e botequim” carioca, pois são ambientes barulhentos e masculinos, e não *pretendem* fazer nenhuma concessão a requintes contemporâneos. Além disso, a sociabilidade do lugar segue uma dinâmica de bar – embora não haja nenhuma interação entre as mesas – e, muitas vezes, colegas discutem algum assunto com uma cerveja à noite ou onde um homem solitário pode procurar refúgio no balcão com uma fatia e um chope, ou um jovem casal sair para conversar.

Bodegón

Um *bodegón* é o mais próximo à cozinha de um “autêntico bar e botequim” carioca que se vai encontrar em Buenos Aires – novamente, em termos de comida e decoração. É uma espécie de restaurante caseiro e familiar que também, como quase tudo em Buenos Aires, funciona como café durante o dia. Comida “caseira” geralmente quer dizer de origem italiana, espanhola ou eventualmente alemã, mas também churrasco e, como no Rio, essa comida é geralmente bem calórica e gordurosa. Muitos *bodegones* atraíam pessoas mais velhas e famílias, outros ainda atraem jovens (na região do Abasto, por exemplo, onde há uma cena de teatro alternativo) e mais tarde de noite. Isso depende mais da localização do estabelecimento e do preço das comidas e bebidas do que do valor histórico do lugar. A maioria dos *bodegones* (como muitos outros estabelecimentos em Buenos Aires que não sejam do estilo pub) não deixa o frequentador apenas beber bebida alcoólica sem pedir comida (que pode ser algo para petiscar, como uma batata frita).

Sociabilidade doméstica

Chimarrão

Na Argentina, a bebida de hospitalidade e sociabilidade é o chimarrão. E isso independe de status social ou origem territorial, do interior ou da cidade, qualquer que seja a cidade. Por outro lado, nem todo mundo foi criado com café e há gente que nunca tomou nem toma café. Vi isso em Buenos Aires especialmente com amigos oriundos do interior. Qualquer centro comercial de uma cidade argentina vai ter um café, mas o café é essencialmente de regiões urbanas, entre grupos sociais medianos para altos e até pode funcionar como um sinal de distinção, típico de grupos intelectualizados, especialmente no caso de alguém fazer café na sua casa, o que não significa que ser intelectualizada vai necessariamente implicar o uso do café. O café também tem seu lado impositivo na Argentina. Como o chimarrão, é muito ligado à “roda”, ou seja, à sociabilidade, seu uso foi progressivamente proibido em escritórios, fábricas, e hospitais, sendo substituído pelo café, a partir dos anos 1960, associado à modernização de relações trabalhistas. Não deve surpreender, então, que em relação ao estrangeiro, um sinal de “argentinidade” é tomar chimarrão, e um estrangeiro que adote esse hábito é muito apreciado pelos argentinos. Também não deve surpreender que à visita que não toma chimarrão será oferecido um chá (e não um café). O chá, aliás, seguindo certa herança inglesa, é também visto como uma bebida de sociabilidade em Buenos Aires, distinto do Rio de Janeiro onde o chá é essencialmente bebido como medicamento e não por prazer.

Café no Rio

No Rio, café é a bebida de hospitalidade doméstica. Se aparecer alguém em casa, o costume é “passar um café”. Quando as pessoas acordam, elas tomam o “café da manhã” e antes do sol baixar, o “café da tarde”. Isso independe de grupo social ou status no Rio de Janeiro. No interior, aliás, é ainda mais rotineiro do que na cidade (onde as pessoas podem estar trabalhando fora) “ir para a rua e comprar um pão fresco”, para acompanhar o café, pondo a mesa com toalha e tudo, igual como de manhã. Café no Brasil é considerado uma necessidade básica como farinha, feijão, pão e arroz e, assim, seu preço é regulado pelo governo (hoje em dia essa regulação, na verdade, é mais informal, do mercado). Na rua, o comerciante não pode cobrar o que quiser para tomar um cafezinho a não ser que seja um expresso. O expresso, na verdade, faz parte de uma tendência nos anos 1980 a criar *cafés*,

para tomar café sentado em ambiente mais requintado e não em pé, como é a regra na cidade desde os anos 1950. Eles fazem um sucesso razoável em shoppings, no centro e na zona sul da cidade, quase sempre entre grupos medianos e altos (os segmentos mais baixos não têm o costume de pagar entre R\$ 2,00 e R\$ 3,00 para um café enquanto se chamar *expresso*, como é sempre o caso nesses estabelecimentos mais recentes).

No entanto, não vi uma cultura específica se desenvolver em função dessa novidade. As permanências nos cafés são muito menores que em bares, pois o café ainda é tomado mais em função do seu conteúdo material do que como veículo de sociabilidade. Os garçons passam toda hora para retirar as xícaras e perguntar ao cliente se ele quer outra coisa. Muitos desses cafés têm balcões e estes são preferidos pelos solitários, mas não para conversar e sim para não ocupar uma mesa (e ter que pagar 10% de gorjeta ao garçom). No Rio, isso seria um hábito mais europeu para grupos mais abastados e a população idosa desses grupos (especialmente as mulheres, mas também homens que não podem ou querem tomar bebida alcoólica) ganhou um novo lugar para sair de casa e estar. Os cafés fazem menos sucesso entre grupos sociais mais humildes que estão acostumados a uma sociabilidade mais etílica. No final das contas, tomar um café, como bebida, é uma coisa, conversar (ou ler) num café é outra.

Churrasco

O Rio de Janeiro não tem a mesma tradição de churrasco que no Sul do Brasil, onde a tradição cultural é mais parecida com os vizinhos das Pampas, mas a iguaria faz parte da vida social no Rio em algumas vertentes diferentes. Sintomático do estilo de sociabilidade carioca, um churrasco é mais um evento social do que uma refeição e as pessoas costumam comer a carne cortada em pedaços num prato de plástico em pé e com cerveja. Acompanha farinha, molho e eventualmente arroz frio, salada de batata com maionese e talvez um pão de alho ou queijo na mesma brasa que a carne, ou seja, nada para sujar as mãos. É também costume no Rio fazer churrasco para comemorações numa casa ou sítio, como também é comum na rua, especialmente nos subúrbios, como demonstrou o trabalho de Souza Ribeiro (2003). O autor fez sua pesquisa de campo num churrasco de rua no bairro carioca suburbano, Irajá, onde todo sábado de manhã um grupo de homens do local se reunia para conversar, tomar cerveja e assar seu churrasco no meio de uma rua residencial com uma grelha portátil e um banheiro improvisado.

Asado

Asado não é churrasco, mas um assado de carne em que são usados cortes grandes na brasa, geralmente com linguiças e entranhas. A carne é sempre acompanhada de vinho, salada, pão e muitas vezes batatas fritas ou outras versões dessa raiz. As pessoas costumam fazer seus *asados* no dia de domingo com família e/ou amigos. Também se faz *asados* para aniversários e casamentos, entre outras comemorações. O *asado* é considerado uma tradição nacional num país que se orgulha muito da sua carne e onde já vi pessoas comprar carne até para dar para seus gatos e outros bichos domésticos (inclusive num parque público já vi um prato de carne para gatos de rua). Conheço gente que se recusa a comer *asado* em restaurantes, alegando que é uma tradição doméstica, mas a grande maioria dos restaurantes portenhos serve *asado* e massa italiana, e, às vezes, nada mais. Grupos trabalhadores podem também fazer um *asado* na esquina de uma rua, ou até para vender para taxistas que passem no dia de sábado (o mesmo dia do churrasco de Irajá).

Tipos de bar e café: de passagem, de encontro e de bairro

Bares e cafés são geralmente de passagem, de encontro ou de bairro (ou eventualmente duas coisas ao mesmo tempo). O bar de passagem é mais impessoal, é pura conveniência e não se desenvolve nenhuma relação específica com o estabelecimento, que também não faz grandes esforços de conquistar um cliente fiel. Esse tipo de bar é comum na Lapa e no Centro, no Rio de Janeiro, e nas grandes avenidas em Buenos Aires. Um bar de encontro muitas vezes une pessoas que vivem ou trabalham em lugares distintos. Ele também pode ser um bar de bairro e os comensais podem se identificar com um garçom, com a comida, ou com o local. Como é para reunir pessoas, no entanto, um bar de encontro se localiza de preferência perto de condução ou no Centro, no Rio de Janeiro (Lamas no Flamengo e O Amarelinho no Centro são clássicos nesse sentido). Em Buenos Aires, pessoas com amigos que têm que voltar para outras cidades podem escolher locais como Retiro e a praça de Once para se encontrar, já que esses locais se localizam próximo a centros de condução interurbanos, bem como Praça XV e Castelo no centro do Rio.

O bar de bairro é o mais personalizado e representa todo um estilo de vida, e cada bar de bairro geralmente combina com um tipo de perfil de freguês. No Rio de Janeiro, o dono e seus funcionários, que geralmente funcionam como uma família (por isso fecham mais cedo, pois não há gerentes para fazer turno) costumam ser queridos pelos fregueses, que se referem

ao local pelo nome do dono. Em Buenos Aires, essa familiaridade é menor em regiões mais abastadas, sendo realmente mais comum em bairros trabalhadores. Em guias de lazer do Rio, como *Veja*, os bares são listados por bairro enquanto os restaurantes são listados pelo tipo de comida que oferecem (quase todos estão localizados na zona sul, de qualquer maneira). Em Buenos Aires, os restaurantes são listados por bairro ou zona, mas isso também pode ser porque há tantos restaurantes que classificá-los por tipo de comida, especialmente no caso de *parilla* ou comida italiana, por exemplo, seria demasiado incerto. Por outro lado, os cafés mais simples nem sequer merecem menção em guias, pois algo tão incorporado no dia-a-dia das pessoas não precisa ter atenção dirigida a ele numa revista.

Escolhi investigar, no Rio de Janeiro, um bar de bairro, pois estou pesquisando segmentos sociais (classes médias) e pertencer a um segmento significa adotar um estilo de vida correspondente. Assim, creio que um bar no coração de um bairro onde muitos moradores representam os valores e o estilo de vida do grupo alvo que pesquisei me ajudou a compreender muito mais sobre essas pessoas do que simplesmente o que eles bebem ou que tipo de relações mantêm entre si. A sociabilidade de um bar de bairro acaba abrangendo toda uma rede de relações de circulação, trocas de favores, hierarquias internas e especialmente constrangimentos, pois geralmente o dono e os funcionários sabem onde mora o frequentador, quem é seu esposo(a), de quem é filho, etc. Assim, o bar de bairro se torna um palco de representações em que a apresentação de si é representada diante dos pares e onde todos estarão de olho na apresentação.

A grande diferença entre o café ou bar de bairro em Buenos Aires e Rio é que café de bairro em Buenos Aires significa aqueles lugares mais afastados do centro com um estilo de vida predominantemente residencial, fazendo parte da “vida de bairro” (um estilo de vida distinto não de todo diferente de um subúrbio carioca, mas sem a mesma conotação negativa), não envolve circuitos sociais específicos, mas pessoas que fazem parte do bairro, daí o meu não interesse em trabalhar nesses ambientes. Esses lugares, que muitas vezes beiram parques e praças centrais do bairro, são importantes ainda como uma parte da vida local. Eu não diria que o Havanna onde trabalhei em Caballito não mantinha certo caráter de bairro, mas como era localizado na Avenida Rivadavia, atraía um pouco de tudo (como foi o caso no Rio de Janeiro), além de moradores locais e amigos dos sócios (que moravam perto, mas não em Caballito).

Fumaça

Uma observação curiosa em campo foi o que, para mim, aparenta ser uma espécie de vínculo entre sociabilidade mais delongada e distraída, o cigarro. Como, desde os anos 1990, foram propagadas fortes campanhas antitabagistas, pensei que talvez o índice de fumantes fosse menor, mas me surpreendi. Não duvido que todas essas pessoas saibam dos efeitos nocivos do cigarro. A maioria não apresenta características de viciado, ou seja, que fuma um cigarro logo seguido por outro. No Rio de Janeiro, entre grupos intelectualizados e mais jovens, não é por todo incomum encontrar cigarros de palha (do campo) ou eventualmente de tabaco solto, que é muito raro no Rio e, por isso, pode ser confundido com maconha. Mas não há nenhum problema fumar esse tipo cigarro na Tasca, pela relação personalizada com a freguesia desse bar e pelo próprio perfil do público. Também já vi frequentadores com características de grupos mais altos fumando cigarros de origem europeia, ou seja, não norteamericano, mas do mesmo modo, jamais vi nenhum tipo de manifestação específica contra marcas estadunidense conhecidas, como Marlboro.

Há legislação antitabagista no Brasil, especialmente para restaurantes e ambientes fechados no geral, mas isso não tem sido rigorosamente aplicada em bares até mais recentemente. Já ouvi falar de donos desses estabelecimentos “se entendendo” com fiscais ou mesmo optando por pagar multas mensais, que, nesse caso, seriam mais vantajosas do que proibir o cigarro. Os garçons não gostam de ser inundados por fumaça e alguns fregueses também reclamam, embora geralmente haja separações, mas os donos têm muito medo de uma proibição mais pesada, pois não veem como um lugar onde a atividade principal é tomar cerveja e conversar pode sobreviver sem o cigarro. Nos horários de almoço a situação era outra e havia menos fumaça, em respeito àqueles que estão almoçando. Em outubro de 2009, legislação mais dura até que a portenha foi aprovada e posta em prática. Agora as pessoas vão para o lado de fora para fumar. A sorte do Sr. Edgar é que como o bar dele é pequeno e com uma grande varanda, ninguém tem que se afastar muito das suas mesas para fumar e pode facilmente fazer uma “roda” do lado de fora, sentado numa cadeira.

Os cafés mais recentes no Rio são geralmente fechados, então, não se fuma dentro deles e, muito menos, em padaria, a não ser que nos dois casos, haja espaços abertos (sendo que a partir de outubro de 2009 nem sob marquises, apenas ao ar livre). Há uma exceção curiosa, cujo equivalente não cheguei a encontrar em Buenos Aires, que é a tabacaria. Enquanto o amante de fumo vai para uma tabacaria em Buenos Aires para comprar seu material, no Rio é um dos últimos bastiões masculino, especialmente de grupo social mais

alto (ou com pretensões a tal), para fumar um charuto para ser acompanhado de um café ou conhaque. Nesses lugares, o freguês pode tomar um café e fumar o cigarro que quiser, mas esses lugares se concentram principalmente no centro histórico do Rio de Janeiro, que realmente são lugares históricos, e vão poucas mulheres a não ser naqueles mais centralmente localizados (uma praça).

Em Buenos Aires, o cigarro de tabaco solto é mais associado com as crises econômicas, pois havia períodos em que o maço de cigarros ficou caro demais para o consumidor mediano que passou a comprar tabaco barato (negro) para enrolar em papel e fumar. Como hábito mais “fino”, eu apenas vi esse tipo de cigarro (costumam comprar uma marca holandesa) entre pessoas mais velhas, na faixa etária acima de 50 anos. Entre jovens (até 40 anos) é razoavelmente comum fumar o cigarro comum (não vi nenhuma preferência específica por marca), mas não cheguei a ver jovens que fumavam muitos cigarros. Salas para fumantes em bares e restaurantes costumam ter bastantes frequentadores jovens, especialmente à noite. Nos dias de muito calor ou frio não é incomum começar a tomar um café na rua para depois ir para dentro do café, ou simplesmente sair do salão para fumar na rua e voltar depois.

Gênero

Quando a “sociabilidade classe média” de café se generalizou, essa sociabilidade não incluiu as mulheres, que, se não confinadas nas suas casas, tiveram seu acesso à “rua” limitado e/ou segregado¹⁰². No caso tanto do Rio de Janeiro quanto de Buenos Aires, até estourar a revolução cultural no fim dos anos 1950 e nos anos 1960 e 1970, mulheres apenas frequentavam confeitarias, casas de chá ou o bar do museu ou teatro. No Rio, provavelmente não era comum uma mulher frequentar um bar apenas com suas amigas, sem a companhia de um homem (isso quer dizer, um bar de zona sul) até os anos 80. Maria Helena Gama (2008, p. 312 et. seq.) é categórica ao dizer que nos anos 1950, em São Paulo, a vida feminina na rua

¹⁰² A tese de Maria Helena Gama (2008), que usa a metodologia de flanagem para pintar um quadro sobre São Paulo nos anos 1930 a 1950, foi valiosa para esse tipo de detalhe. Creio que essas informações valem para Rio também. Os lugares públicos onde frequentavam mulheres nos anos 1950 eram (progressivamente) a universidade, as bibliotecas e livrarias, cinemas, boutiques e magazines, o teatro, exposições e clubes esportivos. A sociabilidade mista podia acontecer em confeitarias e casas de chá e, às vezes, em bares mais refinados como os de um museu, por exemplo, ou onde havia salas específicas para “famílias”, mais restaurantes que bares no caso. Não consegui detalhes mais específicos sobre mulheres no Rio de Janeiro, mas Ferreira dos Santos (1997) sugere que, em 1958, as mulheres cariocas eram mais caseiras. O autor não é acadêmico (é jornalista) e o título do livro é *1958: o ano que não devia ter terminado*, sugerindo, como observei com outros homens com quem falei no Rio da mesma faixa etária desse jornalista, que eles queriam que ainda fosse assim. Por isso eu não usei estas informações como constatações objetivados sobre a época.

era diurna. A noite era dos homens. A exceção ocorria graças à vida intelectual, o que permitia que essas poucas mulheres pudessem sair para bares juntamente com seus colegas “sem que sua conduta moral e respeitabilidade [fossem] colocadas em xeque.” (GAMA, 2008, p. 291). Em Buenos Aires, a situação é parecida e as mulheres começaram a frequentar cafés, e não apenas confeitarias e casas de chá, também no fim dos anos 1950. Como era costume frequentar esses lugares sozinho, então elas também o faziam, mas jamais vi uma mulher bebendo bebida alcoólica sozinha, embora acompanhada, sim. Outro hábito curioso no caso de mulheres solitárias é se retirar parcialmente do ambiente ao “se enterrar” num livro, agenda, ou conjunto de papéis, contas, anotações, ou, usar óculos escuros.

Ainda não é muito comum uma mulher frequentar um bar sozinha no Rio. Na verdade, homens sentados sozinhos também não são tão comuns assim no Rio de Janeiro como em Buenos Aires, que atribuo à cultura menos individualizada daquela cidade. Entretanto, os homens têm um espaço para eles sociabilizarem entre si no balcão. Isso é muito comum com homens separados (pelo menos aqueles com quem falei), por exemplo, que não querem passar a noite na frente da televisão, mas um homem casado também pode tomar umas cervejas no balcão para relaxar antes de ir para casa.

Nas duas cidades, ser estrangeira sempre ameniza as regras, pois não é esperado, neste caso, sua plena adaptação. Foi dessa maneira que escrevi parte da minha dissertação no que viria a ser meu campo depois, sempre durante os horários mais vazios da tarde, tomando um ou dois chopes, que me ajudavam a pensar. Uma argentina me contou algo parecido sobre o período que ela morou no Rio. Não ser estrangeiro pleno, de outra nacionalidade, mas ser de outra região ou não se identificar com o grupo social predominante do local também podem amenizar as regras. Assim, uma gaúcha me contou que tomava cerveja sozinha na Lapa, embora não se sentisse totalmente à vontade. Uma argentina, que nasceu em outra província, contou-me que às vezes faz seu trabalho tomando uma cerveja na rua em Belgrano, bairro de grupos sociais mais altos. Como ela não se identifica com esse público nem tem nenhuma pretensão de fazê-lo, simplesmente ela não ligava para olhares, quando estes inevitavelmente fossem dirigidos a ela.

Paquera: o corpo e o olhar

Algumas pessoas no Rio de Janeiro brincaram comigo que eu estaria fazendo pesquisa num bar para paquerar homens. Em Buenos Aires, quando disse que eu estava indo para centenas de cafés para sentir como era o ambiente, pelo menos uma amiga brincou comigo

para eu tomar cuidado para que não achassem que eu estaria “de levante” (em busca de parceiros sexuais). Não sei se isso seria o caso se eu fosse homem, mas fica a dúvida. Imagina-se que o bar no Rio de Janeiro seria um lugar para paquerar, mas isso é apenas o caso em bares desenhados para esse propósito, cuja função é geralmente apenas noturna. E esses lugares são geralmente povoados de jovens. O mais comum, todavia, é ir para uma roda de samba, danceteria, ou boate com esse propósito. De modo geral, nos bares e especialmente nos de bairro, parece-me que as pessoas vão mesmo para conversar com seus amigos e pares. Novamente, a melhor maneira para confirmar isso foi através do contraste, ou seja, pessoas de fora que confundiram os códigos. Uma noite na Tasca apareceram dois franceses que se sentaram e pediram caipirinhas e frutos do mar. Olhavam todas as mulheres no bar sem dar trégua. A pessoa que estava na mesa comigo aquela noite até reparou “poxa, não tiram o olho, né?”. No entanto, parece-me que nós duas éramos as únicas que observamos as tentativas frustradas dessa dupla. Ninguém mais lhes deu a mínima atenção a não ser os garçons. Eles ainda voltaram na noite seguinte, mas não os vi outra vez.

Isso não significa que não haja interação entre as mesas, especialmente quando há um evento comum, como um jogo desportivo (ou até o fim de uma novela que passou num bar onde eu estava com uma amiga e onde acabamos nos juntando à mesa do grupo ao lado), mas não apenas. Não há muita separação entre as mesas nos bares e ouvir conversas alheias é não apenas comum como geralmente tolerado (mas isso nem sempre é visto como o ideal). Se o indivíduo realmente precisa de privacidade, como para atender a uma chamada importante no telefone celular, ou algum assunto muito sério entre um casal, por exemplo, ele vai se retirar do bar ou se acomodar num lugar do lado de fora. Assim, Rio de Janeiro é uma cidade peculiar com hábitos sociais próprios. Amigos estrangeiros eventualmente acham a sociabilidade carioca algo invasivo, mas diferentemente de outros lugares, a curiosidade e facilidade de conversa não tem nenhum outro objetivo a não ser ela mesma, ser sociável. Dentro dessa sociabilidade, uma espécie de sociabilidade de paquera generalizada também se destaca.

Quem não tem familiaridade com a cidade do Rio de Janeiro pode achar os homens extremamente predatórios (por minha parte, não sei se o mesmo vale para as mulheres), mas de modo geral, a *coqueterie* nada mais é que uma espécie de sociabilidade entre os sexos que não almeja nada mais sério (o que também leva a amigas estrangeiras achar homens cariocas “superficiais”, pois em outros países tais investidas são sinais claros de um interesse maior, com seus rituais próprios de correspondência). Olhar diretamente para o rosto ou olhos de alguém simplesmente para reparar suas feições é perfeitamente aceitável, bem como

comportamento mais erotizado em termos de proximidade física e movimento do corpo além de gentilezas dispensadas em filas e lanchonetes, dentre outros lugares. Uma colega me relatou (quando comentei sobre esse assunto), por exemplo, que ela entrou numa lanchonete para pedir uma água. Um rapaz ao lado dela lhe disse que não seria necessário, pois ele já tinha pedido água e que era demais para ele só. Sorriu para ela, ela lhe sorriu de volta, os dois tomaram a água, ele pagou, foram embora e nunca mais se viram. Ele tinha aliança de casado e ela era noiva na época. Não importa, pois ninguém deixou contatos ou fez qualquer outro gesto para que a paquera suave continuasse ou tomasse uma virada mais séria.

O corpo no Rio, na verdade, fala sua própria linguagem e as pessoas que dominam os códigos sociais dessa cidade são sensíveis ao corpo dos seus interlocutores potenciais, podendo estabelecer uma espécie de diálogo sem falar. As pessoas falam mais através de gestos e “esbanjam” seus corpos. O corpo bonito, com boas formas, é valorizado, muito mais que o peso ou tamanho e roupas femininas geralmente são cortadas para dar ênfase às formas. Magreza não é hipervalorizada, mesmo entre grupos sociais mais elitizados, que costumam ser mais delgados e contidos do que em grupos mais trabalhadores, onde a feminilidade e masculinidade pungente viram quase uma imposição. Isso não significa que no Rio as pessoas sejam necessariamente mais liberais ou abertas, como se poderia pensar num primeiro momento (e como muitos estrangeiros, como os franceses citados acima, pensaram), mas apenas que os códigos são outros. Ficar perto do interlocutor e olhar para mãos, pés, quadris, movimentos e olhares é tão importante quanto falar.

Claro, isso não significa que o interlocutor não pode ter pretensões mais sérias, mas nesse caso ele provavelmente vai insistir de uma forma muito mais contundente, cabendo ao objeto de interesse uma aceitação ou recusa também mais contundente. *Contundente* no caso quer dizer um olhar mais fixado e mais insistente, um sorriso, ou uma inclinação do corpo em direção ao interlocutor. Nos bares do subúrbio é comum um homem simplesmente convidar uma ou mais moças (novamente as pessoas andam em grupo no Rio) para sentar-se à mesa deles. Ocasionalmente vi isso acontecer em Santa Teresa e na Zona Sul também. Uma coisa que me surpreendeu no início era que homens casados ou acompanhados ou não, não hesitam em olhar diretamente para uma moça que eles considerem atraente, sem que isso seja motivo de inconveniência alguma, ao contrário, é considerado uma diversão a mais.

Buenos Aires novamente é uma cidade mais cosmopolita e impessoal; as pessoas são mais contidas no seu comportamento, bem como na sua linguagem corporal. Na verdade, não há praticamente um uso do corpo como linguagem e, sim, o olhar. O portenho, como em outras cidades cosmopolitas, está sempre um pouco incomodado com seu corpo como se fosse

algo a proteger. O corpo não é para mostrar, a não ser numa boate onde se torna uma arma. Os homens andam mais eretos e rígidos e a moda feminina pretende alongar o corpo, prevalecendo blusas compridas e calças com pernas finas que achatam ligeiramente os quadris. Pessoas que se consideram mais corpulentos que o desejável costumam usar jaquetas leves e outros acessórios para “cobrir” falhas como a barriga e quadris. A magreza é muito valorizada, especialmente entre as mulheres (que, no entanto, não fazem dieta, mas “se cuidam”), mas os homens também são sensíveis ao seu peso e já escutei mais que um em bar reclamar que não conseguia se livrar do “excesso”. Também, mais na boca de mulheres, já ouvi “gorda invejosa” como xingamento, que me parece menos comum no Rio.

É por isso que a linguagem corporal não funciona como um “paralelo” a uma linguagem falada, sorrida, ou vista. O corpo é meio que ignorado no diálogo (como muitas vezes na própria postura corporal). Por outro lado, o olhar já tem uma força muito maior, não tanto como um linguajar espontâneo, mas como uma série de códigos com muito mais implicações do que no Rio de Janeiro. O mais importante é que o olho, o chamado “espelho da alma”, é o espaço privado do sujeito que não deve ser casualmente invadido. Mirar casualmente uma pessoa, especialmente no rosto, pode ser recebido com reprovação. Mesmo quando alguém tem interesse sexual por um indivíduo, convém mais ofuscar o olhar ao começar um jogo sutil até chegar a um ponto de “conforto”. Olhar de quebra no rosto de alguém já impede o jogo, pois o interlocutor pode se incomodar e olhar para o outro lado, evitando a aproximação¹⁰³. Eu geralmente reparo que quando eu sinto que estou sendo olhada, é só eu virar minha cabeça para meu interlocutor também virar o dele rapidamente. É por isso provavelmente que várias amigas que moram no Rio voltaram de Buenos Aires tristes porque os portenhos não as achavam bonitas, pois não olhavam para elas.

De maneira geral, as pessoas se olham no olho quando conversam, mas nos outros gestos corporais e no próprio olhar, são contidas. Não deve espantar, então, que a interação espontânea com uma pessoa desconhecida seja geralmente vista com suspeita. No ônibus e no metrô, reina quase um silêncio. As relações são mais formais. Conhecer pessoas para namorar é, assim, mais complicado do que no Rio de Janeiro. É bem comum em Buenos Aires usar páginas especializadas da internet para conhecer parceiros potenciais como também *cita a ciegas* ou marcar encontro com alguém, de preferência num café durante o dia, que nenhum dos dois conheceu previamente. Uma tarde, quando estava no café La Giralda, em Corrientes, vi um rapaz muito angustiado que finalmente me abordou, depois de uma hora, para perguntar

¹⁰³ A exceção seria um arranjo do estilo *happy hour*, onde, dependendo do local, o assédio direto não é acompanhado de nenhum ritual.

se eu estava esperando alguém. Eu não sabia que esperar, mas disse a ele que não. Ele voltou para sua mesa algo frustrado, mas pouco tempo depois, a moça por quem ele esperava apareceu. Mais triste foi no Havanna onde fiz minha pesquisa. Uma moça bem vestida se sentou, na parte da tarde, sozinha, pediu algo e ficou brincando nervosamente com seu celular. Seu nervosismo aumentava a cada instante até finalmente ela sair do café uma hora depois com uma cara de derrotada. Para mim, ela tinha levado um bolo numa *cita a ciegas*.

Gestos que podem ser vistos como paquera, então são mais sutis, mas também denotam um interesse mais objetivo. Quando não são sutis, o gesto pode ser compreendido como assédio mesmo, como, por exemplo, uma noite quando entrei num bar masculino para perguntar direções e o funcionário simplesmente colocou a mão dele sobre meu ombro. Como é mais difícil conhecer pessoas casualmente, diferentemente do Rio, onde isso é quase inevitável, o café e o bar são lugares onde essa possibilidade pode se manifestar. Pessoalmente tive muita dificuldade em perceber o jogo e finalmente quando cheguei a Buenos Aires em julho de 2009 para iniciar minha pesquisa, perguntei ao marido de uma amiga como funcionava a paquera por lá. Parece-me que sua visão é bem precisa. A questão é como engajar o sujeito numa conversa, assim quebrando o gelo. No café, então, a pessoa interessada deve lançar um olhar inicial a alguém que entra. Se ele/ela entrar depois, pode se sentar virado para ela para facilitar um olhar cruzado. Se retribuir o olhar, isso será considerado como uma espécie de aceitação e, daí, o jogo já está iniciado. Apesar das brincadeiras de uma mulher estar *de levante*, vi muitos rapazes sozinhos em cafés olhando para as moças. Tanto mais porque o café é considerado um lugar corriqueiro para uma moça estudar, trabalhar (boa parte dos cafés é equipada com wifi, assim permitindo o uso do computador pessoal) e organizar sua agenda sozinha – afinal, ela apenas está tomando um café aí – é um lugar propício para conhecer moças desacompanhadas.

No Havanna de Caballito isso me aconteceu uma vez quando um rapaz entrou com seu computador e depois de sentar-se durante uns minutos mais à frente, perguntou à garçonete se eu estava acompanhada (obviamente ele não imaginava que eu entendia o espanhol). A garçonete respondeu que não e foi assim que ganhei um vizinho inconveniente ao meu lado. Eu não sei se a natureza da minha pesquisa (observar todo mundo) pode ter dado algum sinal para ele, mas no fim, fiz como qualquer argentina que não quer que a situação vá adiante e me enterrei num texto. Dentro de 40 minutos o levantador potencial desistiu, pagou sua conta e foi embora. Outra vez realmente minha pesquisa resultou num comentário inesperado, um pouco embaraçoso para mim. Não havia onde me sentar na parte de trás do café, o que permite uma visão panorâmica não só do café, mas também da rua. Por isso, sentei-me na

frente, mas virada para a parte de trás, para poder ver todos os fregueses. Uma moça estava sentada na mesa depois da minha, virada para minha direção (ou melhor, eu virada para a dela). Novamente, acho que ninguém imaginou que eu entendesse o espanhol, pois a moça, ao se levantar, fez um comentário sarcástico com a garçonete sobre eu “hacer el enganche” (ou atracar os olhos nela para completar a paquera). Fiquei envergonhada e quando ela foi embora, vi que havia uma mesa atrás disponível e me mudei de lugar para poder olhar para a porta, igual a todos os outros solitários no lugar.

Não é à toa, então, que com essa dinâmica, mulheres se escondam nos seus livros e agendas, ou usem seus filhos como escudos, para evitar “o jogo de olhares” no café. Uma coisa que me chamou a atenção no Havanna onde fiz campo em Buenos Aires também foi a quantidade de mulheres que entram e permanecem no café com óculos escuros no rosto. A impressão que eu tive é que se ela não estiver de bem consigo por qualquer motivo, cobre os olhos como que para demarcar outro tipo de distanciamento, que saiu da esfera do olhar, embora não do espaço público, lugar apropriado para “limpar a cabeça”. Pelo menos um homem com quem eu falei, de aproximadamente 60 anos, no entanto, disse-me que mulheres com óculos escuros estariam *de levante* (no sentido do que os óculos estariam criando um mistério em torno dos olhos). Pessoalmente, acho que os óculos também servem para fazer essa retirada do ambiente. No Rio, o único lugar onde vi mulheres usando óculos escuros que não para se proteger do sol é no metrô. A explicação que me foi dada é que a pessoa está com os olhos inchados por ter bebido na noite anterior, ou por ter chorado.

Sociabilidade intermediada por álcool

No Rio de Janeiro, há toda uma série de rituais envolvendo sociabilidade alcoolizada, em que a conversa se deslancha com muita cerveja. O mais importante é “segurar bem a bebida”, ou demonstrar que pode beber muito sem “perder a noção” (mostrar sinais claros de que passou dos limites). Paulo Thiago de Mello também ressalta isso na dissertação dele sobre sociabilidade de bar (MELLO, 2003). Alguns truques comuns no Rio, além da cerveja naturalmente ser mais fraca que em Buenos Aires, por exemplo, é dosar a tulipa para não beber rápido demais (apesar de certo discurso propagar que o chope deve ser tomado em três goles, a maioria dos homens que “bebem bem” podem levar até meia hora para esvaziar uma tulipa) e beliscar comidas para “forrar” o estômago, especialmente comidas gordurosas, típicas de bar. Entretanto, mesmo “sabendo beber bem”, para o observador sóbrio, fica bem evidente quando o observado bebeu, digamos, mais que três tulipas. Os sinais incluem

conversar com um tom de voz mais alto, observar os dotes físicos de mulheres (no caso dos homens) e misturar os tópicos de conversa. “Baixar a guarda” muitas vezes significa que um assunto de trabalho pode passar para outro assunto mais íntimo, como problema familiar ou afetivo. A conversa geralmente termina mais ligeira do que começou. Sem dúvida, em qualquer lugar, o consumo mais pesado de cerveja possibilita ao freguês “tomar coragem”. As poucas vezes em que eu fui abordada no campo até agora foram todas depois do meu interlocutor “tomar coragem”. Esses casos foram detalhados no capítulo sobre o campo. Graças ao código de beber bem sem demonstrar perda de autocontrole, nunca vi briga em bar de bairro mais abastado no Rio de Janeiro e o dono me garantiu que na Tasca nunca houve “confusão”.

Eu podia observar o “beber bem” na casa das pessoas em Buenos Aires (que podem beber tão bem quanto seus conterrâneos no Rio), mas nunca observei ninguém tomar mais que três chopes na rua. Não vejo um uso generalizado de bebida alcoólica, enfim, na rua, entre grupos de nível médio para alto, especialmente quando esses indivíduos se aproximam dos 30 anos.

Há toda uma cultura “jovem” em Buenos Aires, especialmente noturna. Já foram proibidos o uso e a venda de bebidas em trailers em parques públicos, lugares mais baratos para esses jovens se sociabilizarem. Depois dessa proibição, eles simplesmente compram suas garrafas no supermercado e as levam para a esquina. Como jovens aqui são muito mais autônomos do que seus conterrâneos no Rio de Janeiro, o bar, então, bem como o consumo de bebida, é um meio importante de socialização entre eles. Entretanto, entre grupos medianos adultos (de 30 a 60 anos), o uso de bebida alcoólica é menos corriqueiro do que no Rio de Janeiro, até porque seu consumo nesta cidade é geralmente associado ao estar e permanecer na rua. Em reuniões domésticas em Buenos Aires (festas, jantares), é comum encontrar cerveja, vinho e Fernet (para misturar com Coca Cola), mas, diferentemente das reuniões que frequente no Rio, nunca vi ninguém ter que ir para a rua durante a reunião e fazer “vaquinha” entre os comensais para comprar mais cerveja, ou outra bebida. Quando a bebida acaba, a festa acaba também.

Apesar dos vinhos argentinos serem conhecidos, seu consumo é muito menor do que os brasileiros querem imaginar. Seu uso lúdico, fora do horário da janta o do almoço dominical, é muito mais recente (como creio ser o caso na Europa também onde países como França, por exemplo, considera o vinho como “alimento”). Cerveja, vendida em garrafas de um litro (no Brasil a garrafa tem 600 ml), é também comum para uso doméstico, e tradicionalmente de uso lúdico (bem mais que vinho) bem como em bares e cafés,

especialmente no cair da tarde e noite, mas isso não quer dizer que haja uma “cultura de cerveja”. Mulheres não bebem cerveja como suas congêneres brasileiras. Elas gostam mais de drinques, como Fernet com coca-cola. Se o bar não for do estilo pub, onde realmente predomina cerveja (também mais recente aqui), é perfeitamente comum encontrar um grupo de amigos cujos componentes tomam refrigerante, café, cerveja, ou um drink ao mesmo tempo. Os únicos ambientes onde o uso de álcool é mais frequente em Buenos Aires são aqueles designados à paquera (na verdade, cantada mesmo), como boates e bares específicos.

Em conclusão, quando olhamos para instituições de sociabilidade pública em lugares diferentes, devemos observar de perto o que se entende por “sociabilidade” em cada lugar. A prática de frequentar um bar no Rio não é a mesma coisa que ir para um café ou bar em Buenos Aires.

Vamos agora ver como o discurso sobre sociabilidade interfere nessas práticas.

VI: CONCLUSÕES PARCIAIS

O “x da questão”: produção de discurso sobre “classe média”

Nos últimos capítulos vimos que uma “classe média” não existe por si só no Rio de Janeiro nem em Buenos Aires, mas se configurou como uma reflexão da história e das consequências dessa história em cada cidade respectiva, que levou a uma compreensão específica em cada lugar. O papel de sociabilidade pública e a cultura do café tiveram um papel específico nessa configuração, em cada lugar pesquisado, como uma linguagem para fazer essa reivindicação em público. Vamos olhar para alguns fatores que contribuíram para “montar o palco” das situações que observei no meu trabalho etnográfico e também para explicar as contradições entre aquilo que observei e aquilo que as pessoas me disseram.

Discurso e história

O maior contraste que eu encontrei nas duas cidades onde fiz minha pesquisa é o uso do termo *classe média* no discurso comum de cada lugar. Em termos empíricos, as duas cidades seguem um padrão comum na América Latina, em que grupos intermediários, com o surgimento de novos serviços e profissões, começam a se identificar como tal depois da Segunda Guerra. Antes disso, no Rio de Janeiro, havia uma espécie de nacionalismo antiurbano em que o campo era visto como a salvação dos problemas locais, como pode ser visto em Lima Barreto (penso na personagem quixotesca, Policarpo Quaresma, por exemplo), bem como pensadores conservadores como, por exemplo, Oliveira Vianna e Alberto Torres. Isso começa mudar nos anos 1930. Em Buenos Aires, por outro lado, a cidade já era internacionalizada nos anos 1920, e cheia de instalações modernas como metrô e edifícios altos com elevadores. É nessa época que Scalabrini Ortiz inventa seu “Homem de Corrientes e Esmeralda”, o homem das massas, do grande centro. Argentina concretizou seu futuro nessa capital, que ainda serve como símbolo de uma república europeia dentro da América Latina.

No entanto, em termos discursivos, o uso generalizado da categoria *classe média* parece ser posterior. Adamovsky (2009, p. 329) não detecta o uso do termo *classe média* como parte de um discurso até a queda de Perón, ou seja, nos anos 1950. Antes de Perón, como no Brasil, havia referências a uma *elite* e um *povo*. Perón teria vulgarizado o “homem trabalhador”, o “operário”, mas essas categorias caíram junto com ele nos anos 1950. A

“classe média” surge como discurso de reação contra os primeiros grupos. A partir de então, todo mundo passa a se identificar como classe média, até para não ser considerado “negro”. Assim, hoje em dia, em Buenos Aires, apesar das sucessivas crises econômicas, especialmente a partir dos anos 1990, “classe média” é uma ideologia para definir o portenho em geral e que continua como uma crença comum. Não é por nada, então, que o grande medo expresso por livros de intelectuais panfletários (manifestos como do ex-romancista Aguinis, por exemplo, ou escritores da chamada “nova história” como Lanata) é de desaparecer essa classe média, patrimônio do país (SEMÁN; MERESON, 2007, p. 299 et. seq.).

Se todo mundo é “classe média” em Buenos Aires (sendo que as “massas trabalhadoras” seriam uma politização vinculada ao Perón), no Rio de Janeiro, boa parte da população é considerada, seja por parte daqueles em situação social mais prestigiada, ou até pelos próprios, como “popular”. Grupos populares, bairros populares, música popular, etc. integram o vocabulário do carioca e, talvez, do brasileiro de modo mais geral. O termo não é pejorativo para se referir à cultura, embora possa ser duvidoso ao se referir ao nível social “das massas”. Quando, por exemplo, Lula foi eleito em 2002, as pessoas que foram em massa para Brasília para assistir à posse foram referidas pelos telejornalistas como “populares” (as massas). O termo não significa necessariamente “trabalhador”, “pobre” ou “baixa” (música e cultura popular é brasileira), embora possa levar esse significado como na eleição do Lula ou num termo como “preço mais popular”. O termo, na verdade, acaba sendo nivelador, uma espécie de massa indistinta que pode abranger pessoas de origem mais humilde até funcionários ou artistas, dependendo, claro, de quem o emprega e em que contexto (leia-se, como categoria de acusação ou de positivação), pode nivelar para baixo, como em “bairro popular”.

Assim, os portenhos se tornaram discursivamente “classe média” nos anos 1950 em Buenos Aires, e no Rio de Janeiro (e outros centros de maior importância econômica) foi vulgarizado o uso do “popular”, especialmente pelos pensadores do ISEB¹⁰⁴ (MOTA, 1987, p. 265), ao reconhecer uma expansão das “bases”. Em outras palavras, uma sociedade urbana e de massas estava em formação com a industrialização mais sistemática e concentração urbana.

¹⁰⁴ O Instituto Superior de Estudos Brasileiros ou ISEB foi um órgão criado em 1955, vinculado ao Ministério de Educação e Cultura, dotado de autonomia administrativa, com liberdade de pesquisa, de opinião e de cátedra, destinado ao estudo, ao ensino e à divulgação das ciências sociais. O ISEB funcionou como núcleo irradiador de ideias e tinha como objetivo principal a discussão em torno do desenvolvimentismo e, a princípio, a função de validar a ação do Estado, durante o governo de Juscelino Kubitschek. Acesso a http://pt.wikipedia.org/wiki/Instituto_Superior_de_Estudos_Brasileiros.

O “povo” que ISEB criou seria tudo entre o escravo e o senhor. De acordo com Renato Ortiz (2001, p. 271), o “popular”, com a ditadura de 1964, bem como a resistência a ela cai entre “uma tradição que não pode mudar”, ou seja, folclore, e um meio de transformação de grupos mais “populares”, no caso da resistência. No caso da tradição, de acordo com o mesmo autor, “popular” estaria vinculado à ideologia de “mestiçagem” e “sincretismo”, de onde nasce o mito da democracia racial, surgido nos anos 1930.

Classe média, na literatura acadêmica até bem mais recente, bem como nas acepções comuns, seria classe média alta em termos portenhos ou, em outros lugares (até no Brasil), já que nunca houve uma “medianização” *discursiva* no Rio de Janeiro.¹⁰⁵ Ao contrário, a classe média é vista como parceira das elites ou inimigo dos proletários, não podendo manter uma identidade própria. Parece-me que certo viés marxista de vários historiadores é insuficiente para explicar essa visão.

Imigrantes e mulatos

O discurso sobre a classe média em Buenos Aires anda de mãos dadas com o discurso sobre “européismo”, no sentido da cidade, bem como a identidade do país, ter sido formada basicamente pelos imigrantes europeus que chegaram entre meados do século XIX até 1930. Esses grupos povoaram a chamada pampa, que abrange as regiões planas da Argentina e exclui suas franjas no norte e no sul e inclui a capital federal, Buenos Aires. Com o bicentenário que terá lugar em 2010, vi muita propaganda nas estações de metrô sobre um concurso de contar de casos de imigração. Todos os imigrantes na foto da propaganda são europeus, demonstrando que ainda no século atual, essa identificação cidade europeia – classe média fundada por vias da imigração europeia – ainda se faz fundamental no bicentenário em Buenos Aires. Como observa Garguin (2009, p. 63) em seu artigo *Nós descendemos das barcas*, expressão paradigmática para a identidade portenha, ao criar uma identidade baseada na vinda desses grupos, os argentinos não-imigrantes (os migrantes), que chegaram à cidade posteriormente são excluídos dessa identificação, até porque esses identificariam o país como

¹⁰⁵ Olhando a *História de Brasil Republicano, Brasil Republicana Tomo III*, um artigo do historiador Edgar Carone (2007, p. 15 et. seq.) explica a rebelião dos tenentistas nos anos 1920 como um “medo de proletarização das classes médias” e, depois da Segunda Guerra, esses grupos são vistos como dependente das elites por causa da sua participação no Estado (funcionários, como também argumenta Miceli (1979)). Assim, grupos intermediários são vistos primordialmente pela sua instabilidade.

sul americano e não europeu. A delimitação física da cidade de Buenos Aires também ajuda a preservar esse “mito”, ao limitar a quantidade e tipo de migrantes que pode nela entrar¹⁰⁶.

No Rio de Janeiro, o discurso sobre imigrantes não recebeu a mesma importância que em Buenos Aires. Se, por um lado, havia realmente mais imigrantes chegando aos portos platinos, por outro, na capital federal do Brasil, não havia poucos¹⁰⁷, mas estes não foram vistos como uma maneira de positivar a identidade nacional. O discurso sobre o “carioca”, bem como a “autêntica cultura popular carioca” que segue o discurso freyreano de mestiçagem e de democracia racial é tão forte que a questão dos imigrantes no Rio passa a ser desvalorizada. Não há nem muito trabalho acadêmico sobre imigração no Rio, até mais recentemente. Grupos imigrados com tradição de ascensão rápida muitas vezes enveredam para novas profissões, como ciências sociais, artes e profissões liberais, na medida em que estas sejam abertas a eles. No bairro que escolhi para trabalhar, Laranjeiras, esse padrão procede, havendo comunidades importantes de judeus, japoneses e, antes deles, os portugueses. Mas a imagem que é vendida da cidade, tanto para os próprios nativos como para o resto do Brasil e também no exterior é de mestiço, exótico, um pouco de África e Amazônia misturado com elementos europeus amorfos, que desaparecem.

¹⁰⁶ Oscar Ozlak, aproveitando a fala notória do prefeito biônico de Buenos Aires na época da ditadura, Del Ciopo, escreveu um livro *Merccer La Ciudad; Los pobres y el derecho al espacio urbano* (OZLAK, 1991). No livro, o autor detalha todas as políticas públicas sobre aluguéis, zoneamento, construção de novos edifícios, etc. que conseguiram limitar o crescimento interno da capital federal desde os dias da ditadura argentina até hoje. Maria Carmán (2006, p. 29 et. seq.) resume bem essas políticas: “cerca de medio millón de inquilinos perdía la protección del Estado en su condición de locatarios y en la regulación de sus alquileres. La gran mayoría tuvo que apelar a soluciones más precarias y empeorar sus condiciones habitacionales, reubicándose en el espacio urbano en casas de parientes, hoteles-pensión, o trasladándose a villas miseria” (OZLAK, 1991, p. 94 e 134-138). “La segunda medida exacerbó la estratificación social de la ciudad, restringiéndose las opciones de los sectores populares, al elevarse los precios de las viviendas y orientarse la construcción a los sectores de altos ingresos. Otras políticas, como las expropiaciones para construcción de autopistas y recuperación de “espacios verdes”, y la relocalización industrial, también crearon las condiciones de una accesibilidad restringida a la ciudad. Pero sin duda, la erradicación de villas de emergencia en la ciudad de Buenos Aires llevada a cabo por el Municipio del Gobierno Militar completó el panorama expuesto. Además de los habitantes de villas devueltos compulsivamente a sus países de origen, una cierta proporción pasó a engrosar las villas de zonas marginales del Gran Buenos Aires, o bien logró ubicarse en otros asentamientos precarios y en hoteles-pensión.” (OZLAK, 1991 apud CARMÁN, 2006).

¹⁰⁷ Novamente do mesmo tomo da *História da Civilização Brasileira*, Capítulo IV, num artigo sobre o proletariado de Bóris Fausto (2007, p. 139): 39% trabalhadores da indústria, 40% dos artesãos e 54% dos trabalhadores de transporte terrestre eram estrangeiros até 1920. O autor suspeita fortemente da subestimação de portugueses, especialmente na indústria têxtil, que elevariam todos esses números. Em oposição a então capital federal, São Paulo e Rio Grande do Sul já se orgulham dos seus imigrantes europeus, que seriam a chave do sucesso desses estados e onde há um volume consideravelmente maior de estudos antropológicos sobre os mesmos. A explicação dessa discrepância, é que “destinado a servir de exemplo, de protótipo do trabalhador ideal na ordem capitalista que se anuncia, sua não adequação a esses parâmetros era visto como uma ameaça à ordem social. Ressalte-se que essa visão positiva do imigrante aplicava-se principalmente àqueles que se destinavam, neste período, às zonas cafeeiras de São Paulo, especialmente os italianos. A situação parece ser bem mais ambígua e contraditória quando estavam em questão, por exemplo, os 106.461 mil imigrantes portugueses, geralmente homens solteiros e empregados no pequeno comércio, que habitavam a cidade de Rio de Janeiro em 1890.” (CHALOUB, 2001, p. 77).

Elites nacionalistas e internacionalistas

A composição ideal da “classe média” portenha e do “povo” no Rio de Janeiro é ver como ele é invertido ao falar sobre as elites dessas cidades (bem como os países respectivos de modo mais geral). Se as camadas intermediárias se posicionam em relação às elites e contra os mais pobres, e cada cidade possui um discurso diferente sobre suas camadas intermediárias, também podemos verificar diferenças entre as elites.

No Rio de Janeiro, bem como no Brasil, as elites são solidamente luso-ibéricas e católicas¹⁰⁸. Se o discurso das camadas intermediárias e intelectualizadas é localista – fazendo a defesa ferrenha da cultura local – e de democracia cultural em que a “gingada”, sensualidade e ritmo seria patrimônio de todos os brasileiros, as elites já procuram se distanciar “das massas” e, assim, são mais internacionalistas (a não ser quando precisa proteger seus produtos no mercado nacional¹⁰⁹). Por outro lado, em Buenos Aires, as elites, solidamente hispânicas com influxos de ingleses e outros grupos europeus mais escassos, defendem a cultura pré-imigração do país e pode ser representado com a arquitetura neo-classicista de Buenos Aires e o gauchesco, a cultura do homem do campo, a hacienda, o chimarrão. O leitor vê isso claramente no romance clássico de Ernesto Sábato, *Sobre heróis e Túmulos* (SÁBATO, 1961). A heroína da novela é a enigmática Alejandra Olmos, de uma família hispano-inglesa militar decadente (Olmo foi uma tradução de Elm, a mesma árvore em inglês, como explica o autor). O que sobrou dos Olmos está na mansão assombrada do igualmente decadente bairro de Barracas que, até a febre amarela, é onde as elites viviam, mudando-se durante a febre para a zona norte da cidade. O mundo da Alejandra, no entanto, está imbricado na Buenos Aires contemporânea (i. e., nos anos 1950), no tumultuoso período do fim do governo Perón. Ela se envolve com uma companhia de teatro onde artistas imigrantes, de origem italiana e judia, adotam nomes artísticos hispânicos, militantes anarquistas se escondem em hotéis baratos de Once e, como o próprio pai da Alejandra, Fernando Olmos, nos arredores da cidade. Os Olmos ainda carregam o duvidoso status de heróis militares históricos, mas cujas ações (na guerra para unificar Argentina sobre a régia de Buenos Aires) são postas em dúvida.

¹⁰⁸ No meu mestrado sobre famílias de banqueiros brasileiros, demonstrei que não há praticamente nenhum banco de capital nacional em que isso não seja o caso (MARKOWITZ, 2004).

¹⁰⁹ Um exemplo foi durante o governo Sarney, quando a importação de informática foi proibida.

Camadas intermediárias, os intelectuais

Destaco o pensamento intelectual de grupos medianos em cada cidade sobre ela mesma e sobre o mundo como “um outro”. Em Buenos Aires, há muitos intelectuais, publicamente reconhecidos como tais, oriundos de e dirigidos a grupos menos abastados, que incluem radialistas (que costumam escrever livros) e um gênero comum na Argentina, a Nova História, ou seja, livros de história dirigidos a não historiadores e com argumentações mais fortemente políticas. Reclamar do “problema do argentino” é comum, mas essa obsessão com o próprio não significa uma rejeição de ideias e cultura vindas do exterior. Ao contrário, é fácil encontrar traduções e CDs de todos os países da América do Sul, inclusive Brasil, fora aqueles do resto do mundo.

O intelectual no Brasil é um caso especial, pois o status de “intelectual” já é garantia de status social, bem como o título universitário, mais escasso do que na Argentina. De acordo com Sérgio Miceli (1979), esse desenvolvimento também seria parte do processo de modernização do país, sobre a centralização do governo autoritário do Vargas (cuja importância é semelhante à de Perón, embora fossem modernizações distintas com objetivos igualmente distintos). Este recrutou funcionários preferencialmente de famílias em decadência, os chamados “parentes pobres”¹¹⁰, muitas vezes oriundos de outras regiões do país, para trabalhar com o governo no Rio de Janeiro. Esse processo demonstra uma classe média descendente¹¹¹. De qualquer maneira, funcionalismo público, intelectuais, universidades públicas fortes e poder passaram a andar lado a lado, como, novamente demonstra Miceli:

“[...] o projeto do poder central em assumir a formação escolar e ideológica das novas facções intelectuais levou à criação das faculdades de filosofia, ciências e letras, dando ensejo à introdução de novas disciplinas (sociologia, antropologia e etnografia, geografia humana, economia política, ciência política, etc.) e ao recrutamento de especialistas brasileiros e estrangeiros que dispunham de remuneração equivalente àquela auferida pelos docentes dos ramos tradicionais. As faculdades de filosofia abrigavam não apenas os especialistas das ciências humanas e exatas, mas também serviram de estímulo à atividade crítica e erudita nas diversas cátedras em que o ensino literário foi segmentado. Aliás, o magistério superior era praticamente a única atividade que não constituía empecilho ao desempenho legal de outras funções públicas remuneradas, privilégio do que se valeram diversos intelectuais. A carreira diplomática, por sua vez, ainda subsistia como refúgio de

¹¹⁰ “(...) os ‘primos pobres’ da oligarquia são, em sua maioria, frutos de casamentos ‘para baixo’ de seus pais que, coagidos pelas ameaças de ‘desclassificação’ social e pela falência material, tiveram que negociar seus ilustres nomes de família no mercado matrimonial tornando-se muitas vezes os responsáveis pela gestão dos bens da esposa.” (MICELI, 1979, p. 26).

¹¹¹ “Assim, o futuro de classe dessa leva avultada de “parentes pobres” que dispunham de um título universitário, adquirido em condições adversas que o haviam desvalorizado brutalmente, passou a depender, cada vez mais, da ampliação das oportunidades de serem cooptados pelo serviço público.” (Ibid., p. 41).

letrados bissexto, poetas antiquados, memorialistas mundanos e outras categorias de intelectuais diletantes.” (MICELE, 1979, p. 158 et. seq.).

A dependência do Estado e da família ajudou a criar uma sociedade em que suas camadas intermediárias fossem mais instáveis, que ainda não fincou raízes históricas e que procura demarcar seu território. O morador do Rio intelectualizado de camada média é o mais ferrenho defensor de um estilo de vida que inclui carnaval, praia, samba e bar¹¹². Esse sujeito é quem vai fundar os blocos de rua no carnaval, muitas vezes originados nas rodas de chope nos bares, que restauram marchinhas antigas de carnaval, revivem sambistas históricas e glorificam a comida do bar. Apesar da orientação muitas vezes historicamente ligada à esquerda, em que haveria uma preocupação de falar em favor da *cultura popular*, esses grupos procuraram preservar essa cultura local contra sua vulgarização ou apropriação por segmentos mais baixos, como acontece com o funk, o pagode e qualquer incoerência de massificação em geral, o que necessariamente tira a aura, ou a mística, da cultura purificada¹¹³. Não deixa de haver certo conservadorismo nas iniciativas já que estilos antigos como ranchos, além de não originar em grupos operários, são do início do século passado. A não ser os próprios “funkeiros”, estes sim de grupos mais humildes que, como em qualquer inovação, misturam formas locais com outros estilos provenientes de fora, não há nenhuma inovação nessas manifestações. O cúmulo, para mim, foi uma noite que fui numa roda muito frequentada pelo circuito de estudantes e intelectuais em que, antes de apresentar o enredo de carnaval do ano, tocaram o hino nacional.

Algo ressentido pela perda do status de capital federal da cidade de Rio (onde o Palácio de Vargas virou museu e sua cama ensanguentada pode ainda ser vista pelo visitante),

¹¹² Novamente, para Miceli, a configuração que se impôs na era das modernizações, teria criado intelectuais como porta-vozes da nação e da “cultura brasileira”: “Diante dos dilemas de toda ordem com que se debatiam por força da sua filiação ao regime autoritário que renumerava seus serviços, buscaram minimizar os favores de cooptação se lhes contrapondo uma produção intelectual fundada em álibis nacionalistas. Pelo que diziam, o fato de serem servidores do Estado lhes concedia melhores condições para a feitura de obras que tomassem o pulso da Nação e cuja validade se embestia dos anseios de expressão da coletividade e não das demandas feitas por qualquer grupo dirigente. Dando sequência à postura inaugurada pelos modernistas, esses intelectuais cooptados se autodefinem como porta-vozes do conjunto da sociedade, passando a empregar como crivos de avaliação de suas obras os indicadores capazes de atestar a voltagem de seus laços com as primícias de nacionalidade. Vendo-se a si próprios como responsáveis pela gestão do espólio cultural da nação, se dispõem a assumir o trabalho de conservação, difusão e manipulação dessa herança, aferrando-se à celebração de autores e obras que possam ser de alguma utilidade para o êxito dessa empreitada. É nesse contexto, sem dúvida que tomou corpo a concepção de ‘cultura brasileira’ [...]” (MICELE, 1989, p. 159).

¹¹³ Mark Leichy faz um interessante paralelo com uma incipiente e instável camada intermediária em Katmandu, Nepal. Disse ele, “en otras palabras, son de clase media aquellas personas que luchan por rescatar, como socialmente válida, una cultura nepalesa ‘tradicional’ frente a sus asociaciones con la vulgaridad provincial de los pobres urbanos, mientras que, al mismo tiempo, intentan definir un ‘adecuado’ modo de vida de honradez moral, moderno pero aún así nepalés, distinto del estilo de vida de una elite a la que ven como corrompida por lo extranjero y el exceso de consumo.” (LEICHTY, 2008, p. 342 et. seq.).

esses grupos são, ferozmente localistas. A cultura local da cidade é vista pelos habitantes residentes como representativa do país inteiro e há muito ressentimento no resto do país por isso. Formas locais como samba e choro e suas variações como pagode (samba popular), samba-jazz e samba-rock reinam absolutos e de forma incontestada¹¹⁴. O morador do Rio de Janeiro que se considera carioca não sente necessidade de receber influências externas, sua própria cultura já basta em si. Claro, isso não quer dizer que todos os moradores da cidade pensem assim, mas, sim, quer dizer que estes terão que procurar nichos para contemplar seus gostos.

Já em Buenos Aires, por mais que estudantes e intelectuais de esquerda valorizem também certa tradição local, seja a música do interior do país ou o tango, estilo musical que entrou em declínio nos anos 50 e desfrutou um revival nos anos 90, mas novamente o dial do rádio demonstra muito mais variedade. O rock portenho é também um patrimônio da cidade, muito apreciado por seus grupos intelectuais, como jovens em geral e desfruta de canal próprio só para ele. Por ser um país de língua hispânica, há mais abertura à cultura de outros países da América do Sul e Central no geral, incorporada ao repertório pop nos rádios da cidade.

Vinculação cultural e territorial

Os estilos de produção artística cultural e local no Rio de Janeiro acabaram por se vincular na mesma hierarquização territorial que o status social mais geral. A partir dos anos 1950, a cultura carioca foi para zona sul com a Bossa Nova. Através de uma mistura de samba e choro com jazz e música popular do exterior, criava-se uma nova forma nacional, que rapidamente ganhou fama internacional, mas nunca se tornou *popular* até porque é musicalmente mais complexa que o samba pelos arranjos musicais elaborados. Há muitas músicas puramente instrumentais. Bossa Nova demarca um novo território simbólico entre estilos de música mais populares como o samba e outros, como o jazz, mais eruditos. O discurso dos “ricos e pobres” e “zona sul e zona norte” não demoraram a aparecer¹¹⁵. As

¹¹⁴ Eventualmente para a surpresa de brasileiros de outras regiões, como um amigo do Sul que me disse que sempre achava que samba fosse “coisa de velho”, mas se surpreendeu com a quantidade de jovens aprendendo tocar instrumentos de samba no Rio de Janeiro.

¹¹⁵ Inclusive até mais recentemente. Tirei essa citação da jornalista Lena Frias, no seu prefácio a um livro feito em homenagem ao bar Bip Bip, localizado em Copacabana, “Todo boteco é, naturalmente, um ponto de encontro, que exprime a maneira bem carioca de se exercitar a democracia em cenáculo popular. [...] Mas, ao mesmo tempo em que concentra altas doses do mais puro espírito universal carioca, é um bar da Zona Sul. Não

reações à Bossa Nova são sintomáticas. Uma delas refere-se aos tijuicanos, moradores do bairro mais elitizado da zona norte, que reivindicaram a sua participação no movimento, através de, por exemplo, Johnny Alf, nascido lá (ele era filho de uma empregada, mas de todo modo, lá morou). Outra, foi sua rejeição entre pessoas de grupos mais trabalhadores, como pode ser visto nas marchinhas de carnaval como “o cabeleira de Zezé”, ironizando o estereotipado cabeleireiro gay (“será que ele é bossa nova?”). Nos movimentos estudantis de cunho esquerdista, a bossa nova foi rejeitada por ser considerada como sendo elitista e “burguesa”. Esses estudantes valorizavam a cultura popular.

De todo modo, a bossa nova foi o último movimento cultural de alcance nacional originário do Rio de Janeiro. Depois, nos anos 1960, quando o Rio também deixou de ser a capital federal do país, veio o tropicalismo da Bahia, movimento fundador da chamada Música Popular Brasileira (MPB), considerada hegemônica até hoje e que incorporou vários artistas não nascidos no Rio de Janeiro (embora muitos deles atualmente morem no Rio).

A partir dos anos 1990, o samba passa a desfrutar de um grande revival, plenamente apoiado pelos mesmos intelectuais que valorizam o “autêntico bar e botequim”. O subúrbio, assim, é associado ao samba, muito apreciado pelos moradores da zona sul, também, como o patrimônio cultural da cidade. Como Buenos Aires tem seus bairros “tangueros”, o Rio de Janeiro tem seu circuito de samba e há peregrinações culturais que moradores da zona sul e da Tijuca costumam fazer para homenagear esse estilo cultural. Digo “peregrinação” porque a viagem geralmente é longa, inconveniente para quem não tem carro e considerada um evento não-usual pelos moradores da zona sul e da região da Tijuca, e que tem que ser planejada com antecedência.

Uma dessas peregrinações que mais atrai pessoas que não são da região é o Dia Nacional do Samba, no dia 2 de dezembro, quando os trens da Central do Brasil saem lotados para levar milhares de pessoas para os bairros de Oswaldo Cruz e Madureira para escutar samba a noite toda. Mas se os bairros sambistas beirando as linhas dos trens suburbanos se limitam a isso, a samba, não se recomendam restaurantes ou festivais nesses bairros (fora um ou outro bar no Rio Botequim), nem sua visita é recomendada para turistas, fora as quadras das escolas. Como os bairros da região sul em Buenos Aires, ao contrário, são uma herança pessoal para muitos moradores “do outro lado”, os jornais locais recomendam festas locais e restaurantes, ruas para caminhar. Há até moradores que migram para esses bairros e tradições literárias localizados neles, além de equipes locais de futebol (das quatro grandes equipes de

consigo imaginar o (Bip)Bip, por exemplo, em Bonsucesso. Ou Madureira. Ou mesmo Vila Isabel. Há alguma coisa especialmente ensolarada, cheirando a mar nesse reduto [...]” (GENU et. al., 2000).

futebol no Rio de Janeiro, apenas o Vasco é localizado no antigo bairro nobre, São Cristóvão, hoje um subúrbio próximo ao Centro).

No Rio, por outro lado, o próprio Dia Nacional do Samba sofre sua “segregação”, não de forma consciente, ela simplesmente acontece entre moradores do bairro e os visitantes. Os próprios moradores de Oswaldo Cruz se separam das pessoas oriundas de outros lugares da cidade; os forasteiros nessa noite (muitos dos quais são de zona sul e Tijuca, mas também turistas estrangeiros) com seus próprios palcos, barracas e ruas. Os moradores locais acabam ficando no seu próprio espaço e que as pessoas de outros locais simplesmente não têm interesse de se dirigir a esses locais (eu fiz isso porque uma amiga me ofereceu uma carona de volta com uma ex-moradora do bairro que estava com seus amigos de infância nos quarteirões mais usados pelo público local). Na verdade, as apresentações musicais nesses locais são mais populares, i. e., de pagode (como Dudu Nobre, por exemplo). Curioso que esses artistas até se vestem de uma forma não especialmente “autêntica”, com tênis caro e cordões grandes de ouro e prata, uma estética mais “suburbana”.

Outra peregrinação no Rio é ir para a feijoada ou ensaio de uma escola de samba. Entre as mais populares estão a Mangueira e a Portela, além de outras escolas de samba em Madureira (perto de onde se comemora o Dia Nacional de Samba). Quem come feijoada, vendida como um prato nacional, chega durante o dia e vai ficando para ouvir a música durante a noite. Há também rodas de samba e chorinho na região de Bonsucesso e de Ramos, berço da escola de samba Cacique de Ramos e também de músicos de pagode, a vertente de samba mais popular (eventualmente desprezado como “não autêntico” por intelectuais preocupados em preservar o patrimônio musical da cidade).

Não há nenhuma novidade em prestigiar formas culturais oriundas de camadas mais baixas ou não europeias. No Brasil, na época em que o Rio de Janeiro era a capital, isso foi necessário para estabelecer uma identidade brasileira “oficial”, como argumentou Garramuño (2007, p. 130) ao citar Mário de Andrade, num texto que vale a pena reproduzir aqui:

“Lo que nos gusta en el primitivo es que es síntesis, es realismo, es deformación, es símbolo. En el arte del primitivo hay un abandono de las particularidades y una revivificación sistemática de los valores esenciales, religión, belleza, política, sociedad, verdad, bondad, amor, etc...” (GARRAMUÑO, 2007, p. 130).

Ou seja, para criar identificação cultural como brasileiro, mais vale um samba do que uma sinfonia.

A grande diferença entre a separação, digamos, “zona sul-zona norte” (invertida no caso de Buenos Aires) é que, enquanto a dicotomia criada, especialmente por aqueles que a

usam como categoria de acusação no Rio de Janeiro é baseada no em o “eu e um outro”, em Buenos Aires é baseada em “passado e presente”. Moradores dos bairros mais privilegiados da zona norte de Buenos Aires talvez não queiram se deslocar para a zona sul, mas reconhecem o seu valor histórico, ligado à chegada dos ascendentes imigrados, ao tango e à história da própria cidade como parte da sua história pessoal. Em um país mais obcecado com o passado e a história de modo geral, bairros como San Telmo e Barracas são lembrados por sua origem nobre, denunciado na arquitetura de casas que ainda permanecem nesses bairros, eventualmente exploradas como sítios turísticos, como a casa da família Ezeiza em San Telmo.

Não quero dizer com isso, entretanto, que não haja separações entre grupos sociais e estilos culturais em Buenos Aires. Ao observar o mesmo período em que surgiu a Bossa Nova, nos anos 1950, em Buenos Aires houve um desenvolvimento vertiginoso da psicanálise, muito vinculado à região prestigiada de Palermo. Entretanto, nenhum discurso específico de vinculação de classe ou território surgiu e nas décadas seguintes, a prática terapêutica foi espalhando para além das suas fronteiras originais.

A travessia como experiência de jovens intelectuais

Conforme já apontei, se a divisão territorial no Rio funciona na base de dois lados da cidade, em Buenos Aires essa divisão basicamente compreende “dentro e fora da cidade”, com algumas exceções. Apesar da maior flexibilidade em Buenos Aires, verifiquei entre meus próprios colegas a necessidade de estar mais perto do lugar de trabalho e dos circuitos sociais nas duas cidades, ou seja, nos limites da cidade de Buenos Aires e pelo menos perto do centro ou zona sul do Rio. Esses amigos tiveram que fazer uma espécie de travessia das zonas excluídas para as regiões mais centrais – não sem conflitos – para que eles pudessem assumir um novo estilo de vida, o que obriga o sujeito a sair das margens. Provavelmente, pode ser que isso não seja uma coincidência e que, como estrangeira, a maioria dos meus amigos sejam também “estrangeiros” (que não nasceram nas zonas mais favorecidas). Nesse caso, os forasteiros podem ser nacionais do país em questão, de outro estado ou província, ou também de outro país, como eu, ou simplesmente de uma região marginalizada. No caso do Rio de Janeiro, eles atravessaram dos subúrbios (mas não necessariamente Tijuca ou Grajaú), da baixada ou eventualmente de uma favela para a região central ou para a zona sul. Em Buenos Aires, a mesma travessia significava atravessar a Avenida General Paz, a avenida que delinea os limites do município com a província. Nem todos meus colegas fizeram essa travessia nem

necessariamente foram marginalizados socialmente por isso, embora por razões físicas tenham mais dificuldade para participar de eventos sociais nos circuitos sociais acadêmicos.

Seguem exemplos. No Rio de Janeiro, Samara e Keila foram criadas no município de Duque de Caxias na Baixada Fluminense. No mestrado, Samara se sentiu excluída da vida social dos seus colegas num prestigiado programa de pós-graduação e se juntou com uma amiga dela de São Gonçalo para alugar um apartamento em Santa Teresa. Atualmente Samara mora só, na Glória. Karina, já no doutorado, casou-se com um músico argentino. Eles alugaram um apartamento no centro do Rio de Janeiro para “estar mais perto das coisas” até que finalmente compraram um quarto e sala na Praia de Botafogo. Jane nasceu em Méier, mas foi morar em Botafogo quando se casou. O então marido já vivia neste lugar com toda sua família. Depois eles compraram um apartamento em Glória. Tabata nasceu em Campo Grande e também foi morar na Zona Sul, depois de se casar e hoje, ela e seu pai continuam em apartamentos pequenos em Cosme Velho. Cátia foi criada em uma favela do Rio de Janeiro, onde os conflitos entre traficantes e policiais começaram a dificultar seu cotidiano. Ela agora mora no Bairro de Fátima no centro do Rio de Janeiro.

Em Buenos Aires, Adriana e Andrés nasceram na província (o conurbado). Ele numa parte do lado sul e ela numa parte do lado oeste. Ele, como é músico, tinha dificuldade de voltar para casa de madrugada. Ela, antropóloga, também ficava longe das atividades e longe do namorado. Depois que se casaram, foram para San Telmo. Vilma nasceu em Entre Rios, mas foi ainda criança para Quilmes, ao sul da capital. Já adulta, estudando na UBA (Universidade de Buenos Aires), a mãe comprou um pequeno apartamento antigo, do estilo PH (igual a um “puxadinho”, comum nos subúrbios de Rio de Janeiro) em Almagro. Notamos em muitos desses casos, nas duas cidades, que os egressos não vão para as zonas mais nobres e sim, zonas mais medianas ou transitórias (no centro do Rio de Janeiro ou na zona sul de Buenos Aires). O circuito social dessas pessoas tende a ser com pessoas em situação semelhante a delas.

Da mesma forma, rebaixamentos também podem acontecer conquanto sejam dentro dos limites das zonas aceitáveis, como Juana em Buenos Aires, que nasceu e viveu sempre em uma parte nobre de Palermo e foi morar em Parque Patricio junto com o segundo marido. Quando Carmem se divorciou, ela foi de Laranjeiras para Lapa e depois atualmente alugou um apartamento em Glória. Ou seja, essas pessoas não saíram dos limites de um circuito territorial aceitável, embora houvesse um declínio em termos do prestígio dos lugares onde vivem atualmente.

Essas travessias não acontecem sem conflitos nem apagam as marcas de origens. Andrés não suporta as pessoas em Caballito, com quem tem que lidar no seu trabalho e acha o bairro como um todo muito conservador. Cátia teve uma crise de pânico quando saiu da favela, pois não estava acostumada ao formato “do asfalto” – ruas largas, códigos de vestiário mais formais e comerciantes com quem ela não tinha relações prévias. Hoje ela vive razoavelmente bem e está terminando seu doutorado.

O café e o bar como produção de um discurso para reivindicar o status de “classe média”

Dito tudo isso e dado que o espaço público é uma consequência da vida urbana, que, por sua vez, é uma vida *burguesa*, no sentido de moradores da *urbe*, ou dos grupos intermediários, gostaria de argumentar que o café em Buenos Aires e o bar no Rio de Janeiro, através dos discursos feitos sobre essas instituições nas cidades respectivas e como foi visto empiricamente nos meus dois campos, são formas de reivindicar status, no caso de Buenos Aires ao cultivar o estilo de vida urbana idealizado pelo portenho, e, no caso do Rio de Janeiro, ao ser um *connaisseur* do autêntico patrimônio carioca e apreciar “o popular”. O bar carioca, como é culturalmente entendido hoje, entretanto, é muito mais recente do que o secular café em Buenos Aires.

No Rio de Janeiro, essa cultura de bar estilizado é relativamente recente e revela muito sobre o curioso discurso sobre (e a configuração de) grupos intermediários no Rio de Janeiro. Minha hipótese é que o cenário mudou com a contracultura e a resistência contra a ditadura militar, especialmente nos anos 1970, quando grupos intelectualizados se apropriaram de uma instituição de grupos mais baixos, para criar um novo significado para essa instituição. O artigo sobre o significado de botequim de Machado (1969), o primeiro a explorar o botequim em termos antropológicos no Rio de Janeiro, seria um sintoma disso, pois justamente nessa época aparece interesse no bar como tema das Ciências Sociais e de *sociabilidade* (e não *alcohol studies*). O bar em si não é tão recente - havia desde a urbanização do Rio bares reconhecidos e botequins para grupos trabalhadores, seja nos seus bairros ou em bairros mais abastados da zona sul para o uso de trabalhadores desses bairros, para seu almoço ou depois (ou antes) do expediente. O que aconteceu com os movimentos da contracultura foi que os estudantes se apropriaram especificamente de símbolos e instituições de segmentos sociais mais baixos, por serem “autenticamente populares”. Assim, nos anos 1960, grupos de

estudantes resolveram frequentar estabelecimentos de trabalhadores, botequins¹¹⁶, nos seus próprios bairros da zona sul e na Lapa, e também no Centro. Pela primeira vez, os rapazes resolveram levar as namoradas também. Lá começaram a apreciar cerveja de garrafa e cachaça, usar roupas bem despojadas, seguindo a moda hippie internacional. A resistência à ditadura era casada com os movimentos considerados de esquerda, que prezavam, pelo então, tudo visto como popular, em detrimento de símbolos “burgueses”. Esses estabelecimentos mais simples da zona sul se mantiveram como preferência posteriormente desses grupos e hoje todos constam nos guias *Rio Botequim*, como *bares* no sentido de uma sociabilidade anterior da zona sul (ou seja, de famílias de bairros mais privilegiados). E assim, a nova sociabilidade tornada *doxa* passou a significar o consumo de muita cerveja e cachaça, numa troca de signos entre grupos distintos. Houve, assim, a criação de uma nova boemia, agora baseada em longas conversas descontraídas, regadas a muita cerveja, como uma sociabilidade padronizada de classe média, tendo a função de um café. A franquia do “autêntico botequim carioca”, nascida nos anos 1990, apesar dos seus detratores seria, em minha opinião, uma espécie de cristalização da instituição como um lugar de certa classe média apresentando uma com a visão localista-nacionalista típica desses grupos (identidade carioca/brasileira), graças principalmente à sua reprodução em massa e exportação para outras cidades brasileiras.

Com isso, o botequim de subúrbio perdeu seu estigma de casa de vadiagem¹¹⁷, mas diferentemente de zona sul, nos subúrbios menos desenvolvidos comercialmente, mulheres não costumam ir, nem em grupo, mas apenas acompanhadas de outros homens, pois são considerados lugares de sociabilidade masculina, como me apontou Ribeiro Souza, ao falar sobre o bar onde ele trabalhou no bairro de Irajá, que foi a base da sua tese de doutorado. Ele não explorou tanto a questão de gênero nessa tese, mas perguntei se moças do bairro iriam

¹¹⁶ Em junho de 2007, fiz uma entrevista por email com uma professora de sociologia, de aproximadamente 60 anos que me falou que foi na época de adolescência que os namorados dela começaram a levá-la para esses botecos para beber à noite. Sem “eles”, ela não teria conhecido essa prática e jamais iria se aventurar para esses lugares sozinha ou apenas com amigas. Outro professor, já com 70 anos, que me deu entrevista pessoal em janeiro de 2008, disse que na juventude universitária dele também frequentava esses lugares regularmente com seus colegas de universidade. Ele opinou que as poucas mulheres que apareciam sem estarem acompanhadas dos seus namorados eram “de moral duvidosa”.

¹¹⁷ O artigo de Machado (1969), *O significado de botequim* – novamente, escrito justamente nessa época – demonstra isso, que até abrandar os efeitos da ditadura, o botequim, ou bar de trabalhador, não era bem visto pela polícia, que costumava fazer batidas em que aqueles que não produziam carteiras de trabalho eram prontamente levados à delegacia para averiguações. Claro, a polícia não estava muito interessada em bares de grupos medianos, mas estes não bebiam em botequins e seus bares vendiam uísque e outras bebidas finas além da cerveja, especialmente o chope, mais caro que cerveja de garrafa, predominante nos botequins. “Bar de cachaça” é sinônimo até hoje, para comerciantes e meios sociais mais humildes, de boteco barato, onde se toma uma dose de cachaça a um preço módico com o intuito de se embriagar.

para esse bar familiar. Ele me falou que as moças vão para Lapa, hoje uma terra de ninguém, para beber com seus amigos longe dos olhares da vizinhança. As mulheres no bar de Irajá são geralmente casadas. De todo modo, o *botequim* virou o lugar para encontrar amigos na zona sul, só que reformado a seu jeito e, nos anos 1990, foi padronizado graças às franquias e à patrimonialização desses estabelecimentos, associados a uma “tradição histórica”. No final das contas, uma versão de uma sociabilidade mais trabalhadora e masculina, que se tornou *heterodoxa* entre outros grupos, é hoje a *doxa*, em bairros medianos, entre homens e mulheres como parte do “espírito democrático do carioca”.

Essa trajetória curiosa do botequim no Rio fez todo um fenômeno social fora dela também, pois o conceito renovado do *botequim* (já distinto daquele descrito por Machado), com as franquias, acabou sendo exportado para outras cidades brasileiras, com a marca de *botequim carioca*. Nada parecido aconteceu em Buenos Aires, onde a cultura de café reina incontestemente e não é objeto de disputa. No Rio de Janeiro, no entanto, a franquia gerou polêmica, basicamente entre os grupos que pesquisei que lançaram uma polêmica entre *bar*, *boteco* e *botequim*, sendo que o botequim seria parte de uma “autêntica tradição carioca” e o bar, “coisa de burguês” (ou mulher!). O desenrolar da polêmica ajuda a compreender essa troca de sinais que aconteceu dos anos 1960 para cá, entre uma prática mais trabalhadora, adaptada para grupos mais prestigiados, bem como as contradições que isso acarretou. Basicamente, jornalistas e pessoas dos grupos que eu pesquisei, insistem que a tradição carioca é o botequim que é um lugar simples e sem luxo. O bar já seria um estabelecimento mais luxuoso, mas não “autêntico”. O ressentimento surgiu diante da criação de bares do estilo franquia que foram decoradas como se fossem botequins dos anos 1930, da mesma maneira que Beatriz Sarlo ironiza El Café de los Angelitos por ter recriado algo que nunca existiu (SARLO, 2008, p. 187). Mas, diferentemente do bar-histórico (ou pseudo-histórico) em Buenos Aires, que faz parte do marketing da cidade para turistas, os bares-franquias no Rio são geralmente tão povoados de moradores do bairro em que se localizam (quando não no centro da cidade) como qualquer outro bar tradicional. Não há nenhum tipo de marketing específico para turista estrangeiro e, francamente, nem haveria necessidade para tais medidas em termos de incrementar os lucros do lugar. O bar-franquia, ao contrário, realça (através da própria estilização e a reprodução em série) a idealização de uma cultura de bar como parte do “jeito de ser” do carioca.

Há uma diferença entre uma franquia e um bar tradicional. O bar-franquia, muito diferente do bar do bairro, é um lugar impessoal que geralmente independe do sexo ou classe do frequentador. Não há balcão interno para tomar cerveja em pé (embora possa ter barris de

chope do lado de fora, para que os clientes comensais tomem suas bebidas em pé). Não se desenvolve relações de afeto com garçons ou dono, como seria mais típico em bar de bairro e há todo um marketing para elaborar um cardápio para servir a todos os gostos e necessidades do freguês. Basta ter dinheiro para pagar. Há cada vez mais franquias de bares, restaurantes e lanchonetes no Rio. Conforme mencionei acima, sem a franquia (Belmonte, Manoel e Joaquim e imitadores posteriores), o “autêntico botequim” não existiria, pois a franquia é tanto uma caricatura do botequim, novamente, no sentido de imitar algo que nunca existiu daquela forma, como um agente capaz de provocar reações contra sua existência e por fazer uma reprodução em massa de algo que deveria ser precioso e singular (lembrando a perda da “aura” em Benjamim, só que nesse caso não há aura para perder!). Daí a necessidade do bar “autêntico” ser catalogado em um guia do estilo *Rio Botequim*, que apenas menciona o bar de origem que deu asas à franquia, como o Manoel e Joaquim de Engenho de Dentro e o Belmonte de Flamengo, que é de 1955.

Homens que moram no Rio já me disseram que os bares foram reformados em função das mulheres, com banheiros mais limpos e mais variedade de opções no cardápio, mais lugares para sentar, assim tirando o caráter autêntico do botequim. Alguns acham que botequins de verdade somente existem nos subúrbios. Outros preferem frequentar “pé-sujos” de trabalhadores na zona sul (embora eu pessoalmente nunca soubesse de nenhuma dessas pessoas *pedirem comida* nesses lugares, apenas tomando cerveja de garrafa). Em ambos os lugares, a presença da mulher ainda é mais regulada (o mais provável é que vá com companhia masculina). Naturalmente não acredito que todas essas pessoas sejam machistas nem que o gênero seja um fator universal, mas nos discursos dos homens com quem falei, gênero era quase sempre mencionado por eles.

Mas, sobre autenticidade há sempre discursos e discursos. Moradores do chamado subúrbio, cujos botecos teoricamente serviram de modelo para o “botequim carioca”, não necessariamente se reconhecem no outro lado da montanha. Um pagode de Jorge Aragão serve de exemplo. Ele fala de uma moça que conheceu no carnaval, presumidamente de zona sul, mas com quem não consegue se relacionar o resto do ano. O tipo de bar que ela frequenta é um dos problemas:

*“Não, não tem mais jeito
Melhor é dizer adeus (não, não)
.....
Você com sua crença,
sua presença,*

ostentação
Seu chope escuro, bem reservado
Os bares sofisticados, com sua discriminação
Já eu sou madrugada, de tudo e nada

Sou mais uma cerveja, no bar de esquina
Com meus amigos
Prefiro é o pagode, o samba forte
Bem lá no fundo do quintal
Eu gosto de sentir a poesia
Mas em sua companhia, só no outro carnaval”

Enfim, o discurso sobre o “autêntico bar e botequim” nos ajuda a entender como os moradores do Rio de Janeiro se veem a si mesmos, embora um discurso possa ter dos mais variados motivos e valores impulsionando a discussão sobre “o botequim”¹¹⁸. Obviamente, em termos empíricos, é tudo muito mais complexo, o que não, contudo, diminua a eficácia do discurso.

Buenos Aires e o patrimonialismo – preservação ou nascimento do museu?

Junto com a onda de franquização de bares no Rio e os novos cafés de Buenos Aires, nos anos 1990, também, nessas duas cidades (como em outras), viu-se uma onda de patrimonialismo, em que instituições e práticas culturais começaram a receber fundos públicos para preservar sua memória cultural, numa escala não vista anteriormente. Bares e cafés considerados como mais tradicionais (critério geralmente baseado na função do local e em quem frequentou o espaço, embora outros motivos possam também ser citados) passaram a ser protegidos como patrimônio de uma cidade e/ou país. O que é interessante para minha questão é como esse esforço de preservação foi motivado e quais foram os resultados desse tipo de preocupação em cada cidade. Em Buenos Aires, havia uma preocupação mais urbanística, mas também para que os lugares preservassem um estilo de vida “tipicamente portenho” e não cerrassem ao atrair mais frequentadores locais e turistas argentinos e estrangeiros. De fato, nessa cidade, vários cafés históricos correram o risco de fechar, gerando movimentos de baixo-assinados e restauração, especialmente por moradores do bairro de localização do café ameaçado/fechado. Graças a esses movimentos, reabriram o café-confeitaria, *Las Violetas*, no bairro de Almagro e *El Britânico*, em San Telmo. Como *Las*

¹¹⁸ Inclusive puramente comerciais. Uma noite, fui assistir a um show de jazz num bar. Ao perguntar por que o dono não aceitava cartão de débito ou crédito, ele me respondeu que “isso é um botequim” (forma popular, com transações monetárias mais primárias). Ao mesmo tempo, o “botequim” servia caipirinha de frutas exóticas e apresentava shows de jazz e bossa nova (formas mais eruditas)...

Violetas tem realmente uma confeitaria suntuosa e um salão enorme com vidro colorido, é um orgulho da região, além de muito procurado por turismo interno e, secundariamente, externo. *El Britanico* foi comprado e reformado, o que desapontou seus fregueses em San Telmo quando perdeu sua qualidade de “bar de bairro”. Hoje em dia é mais uma memória mesmo, pois não oferece nenhuma especialidade, o café não é nem quente e a configuração da freguesia mudou, especialmente em função do turismo de feiras e boutiques em San Telmo (que, apesar disso, ainda mantém seu lado “bairro”).

No Rio de Janeiro, houve menos preocupação com o fechamento de bares tradicionais do que a franquização mencionada acima. Donos de bares tradicionais reformaram seus bares ou para oferecer o conforto das franquias ou porque a tendência geral da época foi essa (muitas padarias, lanchonetes e supermercados também passaram por reformas). Houve reações negativas também em Buenos Aires, talvez não tanto direcionadas às franquias em si, mas da população mais velha que ainda frequenta os cafés “à antiga”. Jovens preferem outros tipos de cafés, que, por sua parte, nem necessariamente têm a mesma função idealizada por Scalabrini Ortiz (2005, p. 78) nos anos 1920 e 1930 nem da idealização de uma esquerda dos anos 1960 e 1970 entre grupos medianos (PUJOL, 2002; SEBRELI, 2003). Com as últimas crises econômicas, muitos jovens nunca pretenderam, nem pretendem, frequentar cafés (preferindo gastar seu dinheiro à noite com amigos).

Uma curiosidade para mim, no entanto, foi certo discurso que escutei de muitas pessoas por lá e que leio na propaganda turística, em que o café seria o lugar de uma sociabilidade do estilo que encontro em bares no Rio de Janeiro, ou seja, de conversa descontraída com amigos. Pessoalmente, em cafés onde o freguês típico é de nível mediano para alto, nunca vi mesa com mais de quatro pessoas, a mesa não cresce ao longo do dia/noite e mais me chamou a atenção foi a quantidade de pessoas sozinhas. Quando falei de minhas impressões para pessoas em Buenos Aires, muitos (especialmente os mais jovens) culpam a ditadura e dizem que por causa de todos os delatores e desaparecimentos, hoje em dia as pessoas são mais desconfiadas. Mas quando morei em Parque Patricio, bairro trabalhador, e fui para cafés e bares aí ou em Boedo, por exemplo, vi uma sociabilidade mais descontraída – em alguns casos, mais masculina também. Não vi muitas pessoas trabalhando e nem sozinha, embora eventualmente esse tipo de freguês pudesse aparecer. Ou seja, algo na justificativa da ditadura não me convenceu, pois em zonas mais trabalhadoras da cidade a sociabilidade de café não é igual às zonas mais abastadas.

Outros culpam internet sem fio (wifi) que estimularia trabalho solitário nos cafés. Novamente, quase todos os cafés em todos os bairros têm wifi, mas não se veem laptops e

netbooks em todos esses lugares, especialmente os mais humildes. Sebreli (2003, p. 279), como mostrei em capítulo II, igual a seus congêneres no Rio de Janeiro, culpa as mulheres, pois os grupos teriam dissolvidos em casais, assim rompendo com as mesas de amigos. Sem dúvida, há casais nos cafés, que antes, nos anos 1920 e 1930, ficavam no reservado, uma área separada para famílias. Mas essas não são a maioria. Ademais, a abertura de espaços públicos para mulheres, seja no escritório, no bar, no estádio, etc., não foi, e continua a não ser, um processo cômodo, especialmente para os homens. Ao mesmo tempo, na minha experiência, vi muito mais mesas de dois amigos ou amigas, colegas de escritório e solitários. O café é apenas dominado pelos casais e famílias no dia de domingo.

Intrigada com a aparente contradição entre discurso e prática, lembrei-me do já mencionado *El hombre que está solo y espera* de Scalabrini Ortiz, escrita em 1922, em plena efervescência cosmopolita, numa cidade então vista como vivendo seu auge. No livro, o tipo ideal do portenho dito de “classe média” é mesmo um tipo solitário e desconfiado, que se encontra com um ou outro amigo no café em “Esmeralda e Corrientes”, se não vai sozinho. Em outras palavras, o velho tipo ideal apenas ganhou um telefone celular e laptop, há mais mulheres e não apenas outros amigos homens.

Mas por que *esse* discurso sobre o portenho não é validado pelos portenhos com quem falei? Aqui eu vejo um fator de ascensão social, de classe trabalhadora imigrante (da Europa) para “portenho” com um estilo de vida urbana e de “classe média” (ou mais abastado). Muitas dessas pessoas são descendentes de imigrantes que, na época dos seus pais e avós, eram mais humildes, trabalhadores que viviam em bairros onde havia cafés tangueros com outra forma de sociabilidade, mais alcoólica e mais “de rua”. Se no Rio certo segmento mediano se apropriou de uma forma de sociabilidade de grupos mais trabalhadores, em Buenos Aires o nostálgico já *pertencia* a esses grupos, mas com sua ascensão posterior, eles passaram a integrar o tipo de sociabilidade imaginado por Scalabrini Ortiz, mais solitário e mais baseada no café (bebida de sociabilidade europeia por excelência). E se ainda é difícil ver uma mulher bebendo cerveja sozinha em público, o café hoje em dia é um lugar tranquilo para ela sair de casa ou não voltar tão cedo – especialmente em bairros de nível social mediano para alto.

Afinal, a sensibilidade manifestada nos casos das franquias no Rio e o discurso idealizado sobre os cafés de Buenos Aires manifestam a importância dessas instituições como um lócus de um estilo de vida em cada cidade. Ainda nos diz muito sobre um projeto de classe média em cada cidade, seja para o desfrute de todos, o ideal em Buenos Aires, ou para grupos mais seletos, como queira o selo de autenticidade no Rio de Janeiro.

CONCLUSÕES GERAIS

Espero poder mostrar para o leitor agora por que, como perguntei na introdução, nenhum carioca quis levar minha proposta de estudar o uso do bar a sério. Por um lado, é uma prática tão naturalizada que, talvez, seria um pouco como estudar por que as pessoas escovam os dentes, bom, pelo menos ir para o bar é algo que as pessoas fazem com certa frequência, especialmente os colegas – profissionais de “papo” como eu – com os quais eu conversei. De acordo com o discurso que se faz sobre o botequim, seu uso é puramente para lazer – um papo descontraído com os amigos, uma união de pessoas – mais ainda porque o frequentador sai do bar com a cabeça mais leve. O conteúdo ético da conversa teoricamente diminui sua seriedade e afeta o raciocínio do comensal. As falas truncadas do mesmo geraram expressões comuns no vernáculo como “papo de botequim” (não o leva a sério) e “filosofia de botequim” (e não pensamento propriamente filosófico). Outras expressões aludem ao fato do bar ser tão ubíquo na cidade, tais como “isso se encontra em qualquer bar e botequim”. O bar e botequim, então, são coisas prosaicas e comuns, do povo mesmo e não lugares de reunião acadêmica, embora essas reuniões aconteçam em termos empíricos. Mas ao explorar a troca de sinais entre os tipos ideais lugar de trabalhador (para se embriagar) e lugar de grupos intelectualizados (para manter uma conversa estimulante), os últimos preferem se perceber como os primeiros em expressões como “o espírito democrático do povo”, em que o bar faria parte da secular democracia racial (e de classes sociais) como “coisa do povo”. Assim, não procede fazer um estudo acadêmico sobre pessoas do meu nível cultural que se nivelem para baixo ao fazer o que todo carioca faz, encontrar-se com os amigos no botequim e beber “umas e outras”.

Mas, se os apreciadores intelectualizados do botequim não viram motivo para intelectualizar o uso desse espaço, os produtores de discurso sobre o bar e botequim, os jornalistas, já acharam meu trabalho mais interessante. Claro, os jornalistas conhecem melhor os bares, recomendem-nos, sabem onde todos seus colegas estão bebendo no momento. Eles se relacionam melhor com os donos dos estabelecimentos que, por sua vez, são perfeitamente contentes em agraciar aqueles que têm influência na mídia e o costume de recomendar os estabelecimentos para seus colegas. Para grupos notívagos como jornalistas, o bar é mesmo um estilo de vida, parte do trabalho. Além disso, jornalistas no Brasil historicamente

vincularam suas carreiras como literatos com o trabalho no jornal, mesmo antes que intelectuais viraram funcionários do governo para poder sustentar carreiras artísticas paralelas. Daí não deve surpreender que muito da boa literatura e crônica sobre a cidade do Rio de Janeiro e seus bares provenha desses segmentos. O amor declarado ao bar, algo que encontrei na crônica datando do início do Século XX até os dias de hoje, fez com que o jornalista fosse aquele que mais falou comigo e me deu informações. O único problema foi explicitar meu interesse em falar sobre o bar como um hábito de sociabilidade de classe média, pois o jornalista de hoje que criou o autêntico bar e botequim é rápido em dizer que gosta de um boteco (embora não peça comida nele), de um bar simples – de uma coisa do povo. Ou seja, tanto com os colegas como os jornalistas, ser de classe média é uma coisa, mas frequentar o bar nessa condição já é outra.

É sobre o mesmo signo de “classe média” que posso explicar o interesse e apoio ativo que recebi de argentinos em Buenos Aires. Para eles, o café explicitamente faz parte de uma tradição de um patrimônio portenho que merece ser explorado melhor academicamente. O café é muito associado à chegada dos imigrantes europeus que fazem o orgulho da história da cidade e ao espírito cosmopolita de Buenos Aires. Seu uso, extremamente multifocal, é tão naturalizado como o bar no Rio, mas tão naturalizado que simplesmente não há nenhum tipo de intelectual que faz seu elogio. Os trabalhos que encontrei sobre o café em Buenos Aires são basicamente sobre o fim do Século XIX até os anos 1930 do século passado, quando os imigrantes pobres chegaram aos portos e abriram cafés onde tomaram seu vinho (e não café). Obras posteriores dão conta dos cafés particulares usados pelos literatos, psicanalistas, pela juventude rebelde e pelos roqueiros, mas não falam nada sobre o café em si, pois os cafés simplesmente foram naturalizados como lugares adaptáveis a qualquer plateia e onde as pessoas se reúnem e/ou fazem algo. Não houve, afinal, como no caso do Rio de Janeiro, uma troca de sinais através de uma apropriação de uma instituição “popular” (o botequim) por grupos mais elitizados. Como não houve apropriação, não havia uma necessidade de glorificar a instituição que foi apropriada. No caso portenho, houve progressão, ou seja, se o bar carioca remete ao outro lado da cidade (mudança espacial), o café portenho remete a um passado (mudança temporal), dos pais e avós que (mitologicamente) fundaram a cidade moderna.

É esse apego à história da cidade que pode explicar por que quem trata dos cafés são indivíduos preocupados em preservá-los ou como memória, ou como um patrimônio que não pode morrer como é o caso do guia dos *cafés notables*. A ideia de memória e de patrimônio é o medo de que o objeto da memória caia em desuso e seja esquecido. E os cafés retratados nos livros de memória e no guia, de fato, muitos deles realmente sofreram a ameaça de serem

fechados, ou foram transformados, ou não são frequentados com tanta voracidade de antes. Isso não significa que o portenho deixou de frequentar o café nem que restaurantes, pizzarias e até lanchonetes de cinema não podem funcionar também como cafés e serem frequentados como tais. Mas os cafés não são os mesmos de antes. Aquilo que o governo e os velhos memorialistas querem preservar é algo que remete ou ao auge da própria cidade, leia-se, a ebulição cosmopolita dos anos 1910 e 1930, ou da época dos próprios escritores quando estes eram mais jovens, os anos da contracultura e da resistência contra a ditadura militar. Os jovens de hoje vão para qualquer café para trabalhar, encontrar um futuro namorado(a), ou levar a mãe ou a família para passear. Mas isso simplesmente se faz porque o cidadão se acostumou ao longo do tempo a fazê-lo assim.

O discurso sobre o café, então, é o discurso sobre a cidade em si e o mito da cidade como uma república europeia dentro da América Latina. Esse mito é baseado justamente nos anos dourados em que o café estava no seu auge e quando Scalabrini Ortiz escreveu sua “bíblia portenha”. Os perigos que afetam esse mito são as muitas mudanças e crises e a necessidade já histórica de se adaptar à chegada de novos tipos de imigrantes não-europeus além de migrantes das regiões menos europeias do país. Daí os cafés portenhos se tornarem uma atração turística e constarem nos guias turísticos, o que é visto ironicamente por críticas como Beatriz Sarlo, por exemplo, que retrata a revitalização de cafés antigos como uma espécie de falsificação esterilizada e a “cultura de café” como algo para a turista ver.

Em resumo, o café nem de longe deixou de existir, mas certo tipo de café pertencente a certa época, isso sim, ficou na memória da cidade e sobrevive como um fantasma do seu passado. No entanto, se o café, como instituição histórica, está ameaçado, seu legado urbano segue vivo. Entendi isso graças ao trabalho de campo que fiz.

Isso apenas ficou claro para mim graças às diferenças entre o campo carioca e portenho. No Rio de Janeiro, entrei facilmente no esquema de sociabilidade carioca, mais personalista e teatral, ao me tornar mais uma personagem do bar. Apresentei-me, aclimatizei-me e, aos poucos, fui aprendendo sobre as outras personagens do bar e seus papéis. Seu Edgar e Chico, o garçom-chefe, sempre olharam para tudo com muita atenção para averiguar melhor quem eram os atores e ver se todos estavam dentro dos papéis esperado deles. O jogo teatral é baseado em uma relação de confiança presumida. Bastava eu me mostrar disponível para jogar. Como o jogo social também implica estar imbricado nela, também eu tive mais dificuldade em me separar da Tasca e a relação se mantém, já que ainda moro no Rio.

O trabalho de campo no Rio de Janeiro também me revelou muito sobre a cidade e sobre suas hierarquias sociais. No Rio, status é vinculado a território. O bairro das

Laranjeiras, onde fica a Tasca, é um bairro de zona sul que recebeu imigrantes desde seus primórdios. Primeiro, os ingleses e franceses que se casaram com fidalgos portugueses antes da independência do país, depois os portugueses que trabalharam nas fábricas têxteis na virada do Século XX e, depois, nos anos 1950, judeus e japoneses que trabalham em profissões mais recentes como ciências exatas e humanas, foram chegando ao bairro. Há resquícios de todos no bairro, como nos bairros que o circundam como Cosme Velho e Flamengo, mas hoje em dia também há outros grupos no bairro, bem como uma circulação entre bairros. Nesse cenário, podemos entender o êxito da Tasca. O bairro não era dotado de muitos bares e seus moradores e as pessoas que trabalham no bairro nem sempre querem ir muito longe, por isso a Tasca era bem vinda. Por outro lado, o dono da Tasca, Seu Edgar, já era antigo no bairro, com sócios portugueses com história no bairro e com uma trajetória, graças a seu salão de cabeleireiro, que lhe legou muitos clientes do bairro. Como muitos dos clientes eram mulheres, o novo bar era excepcionalmente aberto a elas, pois mulheres não tradicionalmente frequentam bares. O conforto que essas mulheres sentiram ao frequentar um espaço tradicionalmente masculino provinha de uma relação pessoal, facilitado pelas características do bairro. Assim, o bar ganhou fama de “moderno” e também atraiu um público que nem sempre podia se sentir bem em outros bares.

Por outro lado, o espaço do bar em si é neutro e há muitos frequentadores que não têm nada a ver nem com gente “moderna”, nem com intelectuais ou com ex-clientes, mas a boa localização, no centro do bairro, numa junção entre bairros (subindo para Santa Teresa) e estilos de vida (o favelão, o clube Hebraica) facilita essa mistura, bem vinda pelo dono, comerciante da região, como também bem vinda pela clientela, muitos dos quais gostam de frequentar um bar com o “jeito do povo”. Em outras palavras, o espaço por si não dita quem o frequenta, mas a conjunção de fatores que fez da Tasca um bar bem frequentado também lhe permitiu uma boa mistura de clientes. Essa mistura me ajudou a distinguir dentro dela os grupos que pesquisei, ou os grupos mais intelectualizados. A curiosidade desses grupos é como eles procuram ser “povo” ao procurar um jeito despojado e simples de se vestir e ao beber cachaça, tradicionalmente visto como bebida de pobre e gente da terra. Naturalmente, como o mito de Buenos Aires europeia, trata-se de uma visão adaptada para quem a criou, pois os fregueses que provêm realmente do outro lado da cidade, ou levam os hábitos percebidos como de “suburbanos”, vestem-se de forma mais colorida, mexem mais seus corpos e não tomam cachaça, bebida “quente”, mais associado a alcoolismo do que patrimônio.

Minha tentativa de levar essas experiências para Buenos Aires obviamente foi um erro, pois se eu, entre centenas de pessoas que por acaso passaram pela Tasca, era mais uma personagem na grande peça que é a vida social no Rio, numa cidade altamente personalista em que as relações pessoais e a presumida confiança pretendem amenizar as fortes divisões sociais, em Buenos Aires a personagem principal é a própria cidade e não seus habitantes individuais. Não é que as peças do jogo não existam, como “jornalista”, “estudante”, “alternativo”, “bairro chique”, “intelectual”, por exemplo, mas essas não se arranjam no palco do mesmo jeito. Muitas vezes os sinais são trocados, pois no Rio as pessoas adoram o café, mas não tomam tanto café na rua enquanto Buenos Aires é repleta de cafês, mas a iguaria em si é mais simbólica do que parte de um gosto consagrado. A xícara, mais do que nada, decora a mesa.

O jogo portenho é apresentado ao turista (ou pesquisador antropólogo) como memória – “bairro de tango”, “café literária”, “imigrante italiano”. Já mais que um portenho masculino na faixa de 60 anos me falou que ele “é o mais portenho que há, nascido em La Boca de pais italianos (espanhóis)”, por exemplo. Nisso, a cidade tem que se esforçar às vezes por demasiado para preservar um ideal que ameaça desvanecer num mundo de transformações – de personagens, percepções, de gostos. Muitos portenhos não nasceram em La Boca nem em Buenos Aires e frequentemente aqueles que nasceram em La Boca na última geração não são nem considerados como “argentinos” e a ex-população imigrante-italiana evita o bairro, que é mais frequentado por turistas que vão para El Caminito.

O que permaneceu desse Buenos Aires hoje em dia ainda é o Urbe, o urbanismo e uma cidade cosmopolita e internacionalizada. Uma amiga argentina mais jovem me disse que gosta de Buenos Aires (nasceu no interior) porque cada um pode fazer da cidade aquilo que quer – selecionar seu lazer, seu estilo de vida, não se atrelar a olhares, expectativas, ou seguir um circuito específico. Parece-me que pela mobilidade que a cidade oferece, ela tem razão. Muitas das caracterizações que Scalabrini Ortiz fez sobre “o portenho” como um ser solitário que some entre as massas, sente-se bem na sua solidão e que procura a cidade para seu lazer ainda podem ser observadas hoje. É dessa forma que percebi o uso do café. No campo, vi pessoas solitárias trabalhando e refletindo, homens discutindo seus negócios e filhas levando suas mães para passear. Há também gente que mora no bairro, pessoas que trabalham por lá e outras que estão de passeio no dia de domingo. O café serve tanto para fugir do calor ou do frio, conhecer um estranho num lugar neutro, organizar a agenda, conduzir uma aula e assinar um contrato. Problemas familiares se resolvem, corações partidos se juntam de novo (ou se quebram outra vez), sonha-se, olha-se para a rua, conversa-se com uma amiga, faz-se uma

pausa no dia. Não importa o motivo, pois ninguém se importa enquanto se respeita a privacidade e o espaço dos outros fregueses. Até as sócias do Havanna, onde trabalhei, conversavam com seus amigos sentados a uma mesa, com uma xícara de café e em voz baixa. Mal me prestaram a atenção. A sócia apenas me falou depois que eu já havia completado três meses de trabalho de campo, quando ainda persisti com meu caderno de campo e meu café solitário. E, mesmo assim, com a curiosidade satisfeita, a conversa ficou nisso e quase nenhuma outra abordagem foi feita. Eu nem fui autorizada a tirar foto dessa sócia e ela tampouco quis qualquer retorno sobre meu projeto. As funcionárias tampouco me perguntaram alguma coisa.

Ao tentar entender melhor minhas experiências nos dois campos de trabalho, fui pesquisar sobre a história recente de cada cidade. A “natureza” portenha é essencialmente urbana com uma clara função social, como parte de uma ideologia de integração social dentro da cidade, enquanto que no Rio de Janeiro, a cidade se encontra mais segregada em termos de oferta de serviços, infraestrutura e acesso às atrações naturais, que são abundantes e apreciadas pela população. Em Buenos Aires, essa segregação começa para fora dos limites oficiais do município. No Rio de Janeiro, a segregação oficial é entre o lado sul e norte, especialmente nos subúrbios. A estrutura altamente urbanizada de Buenos Aires, já uma sofisticada metrópole nos anos 1920 do século passado, foi acompanhada por uma ideologia do indivíduo anônimo, que desaparece dentro das massas, enquanto que no Rio de Janeiro, recém-liberto da escravidão e com uma estrutura diferenciada por seu passado imperial, manteve um aspecto de certa qualidade mais familiar, baseado numa mentalidade de grupo.

Juntei então as experiências do trabalho do campo e a pesquisa sobre as cidades para entender o que significa ser de “classe média” em cada cidade. Eu queria entender por que o carioca é tão preocupado em ser “autenticamente popular” e o portenho apreciar seu estilo de vida urbana. Parece-me que foi a integração ideológica e física dentro do muro do pequeno (fisicamente) município de Buenos Aires que reforçou a cultura local de “classe média” em que todos pertenceriam a esse grupo social, como algo amorfo e difícil de qualificar – pelo menos empiricamente – sem maiores cuidados. Todos acreditam pertencer a uma “classe média”. No Rio de Janeiro, onde as divisões sociais são física e discursivamente mais agudas, as pessoas tendem a falar em termos de “ricos e pobres”. Entre um extremo e outro seria toda uma espécie de buraco negro que seria “o povo” ou “as camadas populares”. Muitos desses últimos facilmente seriam classificados como de “classe média” em Buenos Aires enquanto os indivíduos reconhecidos como “de classe média” no Rio de Janeiro seriam “de classe média alta” em Buenos Aires.

A diferença nos discursos, no entanto, também se explica pelas diferentes formas de soluções históricas dadas aos problemas que surgiram ao longo do desenvolvimento de cada cidade e país. Especificamente no Rio de Janeiro, isso incluiu o fim do status da cidade como capital federal, perdendo sua primazia política, econômica, social e cultural nos anos 1960. Isso levou os intelectuais locais a serem defensores ferrenhos da sua cultura local. Além disso, a ideologia do carioca é baseada na noção de “democracia racial” e mestiçagem, o que favorece um discurso mais “popular”, enquanto em Buenos Aires a ideologia da classe média é baseada num patrimônio de imigração europeia, de “europeísmo”, o que distingue a cidade de Buenos Aires de qualquer outra capital na América Latina.

Em resumo, não existe realmente uma “classe média”, mas, sim, discursos locais sobre quem tem direito a reivindicar esse status. No Rio de Janeiro, ser da classe média significa ser distinta das massas “populares”. Essa distinção é vinculada à fixação territorial. Por outro lado, a identidade carioca é vinculada à exaltação “do popular” – do samba, da cerveja, do botequim. Já em Buenos Aires, ser da *classe média* é a identidade do portenho, então morar em Buenos Aires já significa ser da classe média e adotar o estilo de vida condizente, ou seja, essencialmente urbano, o que significa tomar café em um café, curtir mais a individualidade que a cidade oferece. O “popular” seria o passado e o patrimônio do portenho, o tango faz parte do mito do imigrante europeu que chegou das barcas e ascendeu socialmente, se tornando “classe média”. Por outro lado, tirando o lado artístico, baseado em tradições da época de modernização, como samba e tango, coisas que seriam “autenticamente populares” no Rio de Janeiro hoje em dia, como São Jorge e comida de panela, são desprezadas como “cultura de pobre” em Buenos Aires. Isso se explica porque no Rio de Janeiro não há um contraste entre o passado e presente de um grupo social, mas ideias de uma cultura popular que tiveram que ser reapropriadas e reinventadas como um patrimônio cultural do país, na boca dos produtores de discursos locais, como o caso do “autêntico botequim”. Ambas as cidades têm seus intelectuais oriundos da área das ciências sociais, sendo que no Rio o status de professor é mais prestigiado do que na Argentina pela história de cooptação desses grupos pelo governo. O professor universitário e “intelectual”, geralmente sem vínculo público, não desfruta do mesmo status em terras portenhas nem as mesmas condições na universidade pública. Por outro lado, a hierarquização extrema no Rio permitiu a qualquer um que consiga ser reconhecido como “intelectual” (como uma amiga de origem humilde que fez o doutorado comigo) reivindicar esse status, e assim também como “de classe média”.

Foi apenas dessa maneira que percebi porque eu sempre quis investigar intelectuais, começando pelos meus próprios professores de graduação e passando pelas elites financeiras.

Quando entrei no programa de doutorado na minha faculdade, um dos professores na banca¹¹⁹ me disse que, ao trabalhar com outro tema, radicalmente diferente dos meus projetos anteriores, eu receberia novas respostas para velhas perguntas. Acredito que encontrei essas respostas ao voltar para a sociabilidade do cotidiano.

Cafés e bares, em si, não são instituições regidas pelo status social, mas são espaços essencialmente neutros que podem e efetivamente são usados por pessoas e grupos com fins variados, como verifiquei no trabalho de campo que fiz nas duas cidades. Mas, ao mesmo tempo, há um discurso específico sobre esses lugares e um público específico que os frequenta em sintonia com esse discurso. Enfim, o uso generalizado dos espaços do bar no Rio e do café em Buenos Aires não escapa à instabilidade e forte hierarquização social dessas cidades. No Rio, para escapar das “massas populares” basta que o indivíduo reivindique o status do intelectual e ser reconhecido como tal, entre outras maneiras, ao frequentar certos tipos de espaços públicos localizados em certas partes da cidade. Ao adotar um estilo e uma linguagem – um *habitus* – reconhecidos no campo de produção intelectual e artística, mesmo como apresentação pública, escapa-se do estigma de “suburbano”. Em Buenos Aires, o morador se distingue das massas latino-americanas ao viver numa cidade europeia e adotar um estilo de vida condizente a esse ambiente urbano. Tomar café num café faz parte desse estilo, mais vinculado a países europeus como Espanha, Itália e França, justamente de onde provêm os imigrantes mais desejados na Argentina. O conservadorismo de Buenos Aires, por sua vez, provém da necessidade de “preservar” um estilo de vida cujo auge foi nos anos 1920 e 1930 e que hoje, como em qualquer lugar sujeito às vicissitudes regionais e globais, não tem como se manter. Por isso, uma corrida patrimonialista.

Ser da classe média, então, não é algo empírico ou mensurável, mas um projeto de vida e a preservação de uma espécie de cidadania idealizada.

¹¹⁹ Agradeço a Paulo Gabriel Hilu Pinto pela pequena provocação que jamais me deixou durante os quatro anos que trabalhei nessa tese.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Mario de. **Antonio´s**. Rio de Janeiro: Record. Sem data.
- ADAMOVSKY, Ezequiel. **La historia de la clase media en la Argentina**: apogeo y decadencia de una ilusión, 1919-2003. Buenos Aires: Planeta, 2008.
- ARCHETTI, Eduardo P. **Masculinities**: football, polo, and the tango in Argentina. Oxford, New York: Berg, 1999.
- ARLT, Roberto. **Aguafuertes porteñas** : Buenos Aires, vida cotidiana. 1ª ed Editorial: Buenos Aires : Losada, 2000
- BOURDIEU, Pierre. **La distinction**. Paris: Minuit, 1979.
- CARDEMAN, David e CARDEMAN, Rogério Goldfeld. **O Rio de Janeiro nas alturas**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2004.
- CARMAN, Maria. **Las trampas de la cultura**: los intrusos y los nuevos usos del barrio del Gardel. Buenos Aires: Pados, 2006.
- CASAS, Fabián. **Los Lemmings y otros**. Buenos Aires: Santiago Arcos Editor, 2005.
- CHALOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- CIUDAD DE BUENOS AIRES. **Cafés de Buenos Aires**. Comisión de Protección y Promoción de los cafés, bares, billares y confiterías notables de la ciudad de Buenos Aires, 2003.
- DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.
- DEL PINO, Diego A. **Historia Sencilla de los cafés**. Buenos Aires: Turisticas, 1999.
- DESJEUX, Dominique. et. al (org.). **Regards Antropologiques sur les bars de nuit**: espaces et sociabilités, Paris, France: L'Harmattan, 1999.
- DIEZ, Fernando. **Buenos Aires y algunas constancias en las transformaciones urbanas**. Buenos Aires: Editorial de Belgrano, 1996.
- DUMAZEDIER, Joffre e SUFFERT, Annette. **Fonctions sociales et culturelles des cafés**, In: **L'année Sociologique**, PUF, Paris, 1962. p.197-249.
- DUMONT, Louis. **O Individualismo**: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**, Vol. I. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FAUSTO, Boris (org.). **História Geral da civilização brasileira**. Brasil republicana, Volume 9, Tomo III. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

FERREIRA DOS SANTOS, Joaquim. **Feliz 1958: o ano que não devia terminar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

FERRERAS, Norberto Osvaldo. **O cotidiano dos trabalhadores de Buenos Aires (1880-1920)**. Niterói: Eduff, 2006.

FRANCO, Adriana. et. al. **Buenos Aires y el rock**. Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires, 2006.

FRIJERIO, Alejandro e RIBEIRO, Gustavo Lins (orgs.). **Argentinos e brasileiros: Encontros, imagens e estereótipos**. Petrópolis: Vozes, 2002.

FURBANK. **Un placer inconfesable: o la idea de clase social**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

GAMA, Lúcia Helena. **Nos bares da vida**. São Paulo: Senac, 2008.

GARCIA, Ângela Maria. **E o verbo (re)fez o homem: estudo do processo de conversão do alcoolismo ativo em alcoolismo passivo**. 2003. 178f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2003.

GARRAMUÑO, Florência. **Modernidades primitivas: tango, samba y nación**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

GAYOL, Sandra. Conversaciones y desafíos em los cafés de Buenos Aires (1870-1910). In: DEVOTO, Fernando e MADERO, Marta (direção). **Historia de la vida privada en la Argentina**. Buenos Aires: Taurus, p. 47-69: ill

_____. **Sociabilidad en Buenos Aires: Hombres, honor y cafés 1862-1910**. Buenos Aires, Capital Federal: Ediciones del signo, 1998.

GENU, Francisco. et al. **Bip Bip: Um bar a serviço da alegria**. Rio de Janeiro: Edição dos autores, 2000.

GRIMSON, Alejandro. (Org.). **Pasiones Nacionales: política y cultura en Brasil y Argentina**. Buenos Aires: Edhasa, 2007, 634pp.

GOFFMAN, Erving. **A representação do Eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **Behavior in public places: Notes on the Social Organization of Gatherings**. New York, NY: The Free Press, 1963.

_____. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOMES, Danilo. **Antigos cafés do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Kosmos, 1989.

GORELIK, Adrián. **La Grilla y el parque: espacio público y cultura urbana en Buenos Aires, 1887-1936**. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2004.

_____. **MIRADAS** sobre Buenos Aires: historia cultural y crítica urbana. Buenos Aires: Siglo XXI editores, 2004.

GRIMSON, Alejandro. **Pasiones Nacionales**: política y cultura en Brasil y Argentina. Buenos Aires: Edhasa, 2007.

GUIDICE, Victor. **Salvador janta no Lamas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

HOLANDA, Nestor de. **Memórias do café Nice**: subterrâneos da música popular e da vida boêmia do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Conquista, 1970.

JAURETCHE, Arturo M. **Medio Pelo en la Sociedad Argentina**. Buenos Aires: Corregidor, 1996.

JOÃO ANTÔNIO (FERREIRA FILHO, João Antônio). **Ô Copacabana!**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

JOÃO DO RIO (BARRETO, Paulo). **A alma encantadora das ruas**. In: ANTELO, Raul (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LEWGOY, Bernardo. Os cafês na Vida Urbana de Porto Alegre (1920-1940): as transformações em um espaço de sociabilidade masculina. **Cadernos de Antropologia**, n. 7, p. 61-83. 1992.

LEWGOY, Bernardo. Os cafês na vida urbana de Porto Alegre (1920-1940): as transformações em um espaço de sociabilidade masculino. **Revista Iuminuras** - Publicação Eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, v. 10, p. 1-14. 2009.

LOBO, Fernando. **À mesa do Vilariño**. Rio de Janeiro: Record, 1991.

LUSTOSA, Isabel. **História do Brasil pelo método confuso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. O significado do botequim. In: KOWARICK, L. (Org.). **Cidade: Usos & Abusos**. São Paulo, Brasiliense, 1978. p. 77-114.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v.17, n. 49, p. 11-29, junho. 2002.

_____. A Antropologia e os desafios da metrópole. *Tempo Social*, São Paulo, v. 15, n.1, abril. 2003.

_____. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MARKOWITZ, Michele Andrea. *Bancos e Banqueiros, empresas e famílias no Brasil*. Rio de Janeiro, 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

MARTINS, Luís. **Noturno da Lapa**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira S.A., 1964.

MELLO, Marco Antônio. **Fazendo antropologia no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MELLO, Pedro Paulo Thiago de. **Pendura essa**: a complexa etiqueta na relação da reciprocidade em um botequim. 2003. 117f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2003.

MENDES CAMPOS, Paulo. **Os bares morrem numa quarta-feira**. Rio de Janeiro: Ática, 1980.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classes dirigentes no Brasil (1920-1945)**. São Paulo: Difel, 1979.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)**. São Paulo: Ática, 1987.

OLIVEIRA, José Carlos de. **O Rio é assim: a crônica de uma cidade (1953-1984)**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

OZLAK, Oscar. *Merecer la ciudad*: los pobres y el derecho al espacio urbano. Buenos Aires: Humanitas, 1991.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In.: VELHO, Otávio. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

PÉTONNET, Colette. L'observation flottante : l'exemple d'un cimetière parisien. **L'Homme**, cidade, v. XXII, n. 4, p. 37-47, oct.-dec. 1982.

PLOTKIN, Mariano Ben. **Freud in the Pampas**: The emergence and development of a psychoanalytic culture in Argentina. Stanford, CA: The Stanford University Press, 2001.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 1987.

_____. **Bairros do Rio**: Cosme Velho e Laranjeiras. Rio de Janeiro: Fraiha, 1998.

_____. **Rio Botequim**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000 e 2001.

PUJOL, Sergio. **La década rebelde**: los años 60 en la Argentina. Buenos Aires: Ed. Emecé, 2002.

RATIER, Hugo. **El Cabecita Negra**. Buenos Aires: Centro editor de América Latina, 1971.

_____. **Villeros y villas miseria**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1972.

SABATO, Ernesto. **Sobre héroes y tumbas**. Buenos Aires: Seix Barral, 1998.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. (coord.). **Quando a rua vira casa**: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. São Paulo: Projeto, 1985.

SARLO, Beatriz. **La ciudad vista**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2009.

SCALABRINI ORTIZ, Raul. **El hombre que está solo y espera**. Buenos Aires: Biblos, 2005.

SCHMIDT, Esteban. **The Palermo Manifesto**. Buenos Aires: Emecé Editores, 2008.

SEBRELI, Juan José. **Buenos Aires: vida cotidiana y alienación**. Buenos Aires: Sudamérica, 2003.

SENNET, Richard. **The Fall of the Public Man**. New York: Penguin, 1977.

SIMMEL, Georg. **Questões Fundamentais de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006

_____. **On Individuality and Social Forms**. University of Chicago: Chicago, 1971.

SIMÕES, Soraya Silveira. **Cruzada São Sebastião do Leblon: uma etnografia da moradia e do cotidiano dos habitantes de um conjunto habitacional na Zona Sul do Rio de Janeiro**. 2008, 444f. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2008.

SORBA, Pietro. **Bodegones**. Buenos Aires: Planeta, 2009.

SOUZA, Rolf Ribeiro de. **A confraria da esquina: o que os homens de verdade falam em torno de uma carne queimando**. Rio de Janeiro: Bruxedo, 2003.

TORRES, Horacio A. **El mapa social de Buenos Aires (1940-1990)**. Serie Difusión, n. 3. Dirección de Investigaciones, Facultad de Arquitectura y Urbanismo, Universidad de Buenos Aires, 1993.

[Klarissa 2] Comentário: Antes da sua correção estava 2006.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Senhores de si: uma interpretação antropológica de masculinidade**. Lisboa: Fim de Século, 2000.

VARGAS, Patricia Beatriz. **Diseñadores y emprendedores: una etnografía de las moralidades en el mundo del diseño**. 2009, Tese (Doctorado, Instituto de Desarrollo Economico y Social), Universidad de Buenos Aires, 2011

VELHO, Gilberto. **Nobres e anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

_____. **A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

VIZACOVSKY, Sérgio y GARGUIN, Henrique. (Org.). **Moralidades, economías e identidades de clase media: estudios históricos y etnográficos**. Buenos Aires: Antropofagia, 2009.

VIZACOVSKY, Sérgio. La constitución de un sentido práctico del malestar cotidiano y el lugar del psicoanálisis en la Argentina. Cuicuilco, México, n. 45, p. 17-47, enero-abril. 2009. ISSN 0185-1659.